

Ademar Agostinho Sauthier

# Liberdade e COMPROMISSO

*"O Tempo e o Vento"*

de Erico Verissimo:  
uma interpretação filosófica



***LIBERDADE E COMPROMISSO***

***“O TEMPO E O VENTO” DE ERICO VERISSIMO:  
UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA***





Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**Chanceler:**

Dom Dadeus Grings

**Reitor:**

Joaquim Clotet

**Vice-Reitor:**

Evilázio Teixeira

**Conselho Editorial:**

Alice Therezinha Campos Moreira

Ana Maria Tramunt Ibaños

Antônio Carlos Hohlfeldt

Draiton Gonzaga de Souza

Francisco Ricardo Rüdiger

Gilberto Keller de Andrade

Jaderson Costa da Costa

Jerônimo Carlos Santos Braga

Jorge Campos da Costa

Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)

José Antônio Poli de Figueiredo

Lauro Kopper Filho

Maria Eunice Moreira

Maria Helena Menna B. Abrahão

Maria Waleska Cruz

Ney Laert Vilar Calazans

René Ernaini Gertz

Ricardo Timm de Souza

Ruth Maria Chittó Gauer

**EDIPUCRS:**

Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor

Jorge Campos da Costa – Editor-chefe

***Ademar Agostinho Sauthier***

***LIBERDADE E COMPROMISSO***

***“O TEMPO E O VENTO” DE ERICO VERISSIMO:  
UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA***



PORTO ALEGRE

2008



© EDIPUCRS, 2008

Preparação de originais: Gabriela Viale Pereira

Revisão Lingüística: Daniela Origem

Revisão: do autor

Diagramação: Josianni dos Santos Nunes

Capa: Josianni dos Santos Nunes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S261l Sauthier, Ademar Agostinho  
Liberdade e compromisso : "O Tempo e o Vento" de Erico Verissimo [recurso eletrônico] / Ademar Agostinho Sauthier – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.  
228 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader  
Modo de Acesso: World Wide Web:  
<<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>  
ISBN 978-85-7430-753-4 (on-line)

1. Liberdade (Filosofia). 2. O Tempo e o Vento – Crítica e Interpretação. 3. Interpretação (Filosofia). 4. Verissimo, Erico – Crítica e Interpretação. I. Título.

CDD 123

Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL  
Fone/Fax: (51) 3320-3523  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
<http://www.pucrs.br/edipucrs>



## O AUTOR

*Erico Verissimo* nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, Brasil, no dia dezessete de dezembro de 1905. Casou-se com Mafalda Hafen Volpe em 1931 e teve dois filhos: Clarissa e Luís Fernando. Erico Verissimo foi farmacêutico, bancário, tradutor e, principalmente, escritor.

Com suas grandes qualidades de homem e de escritor, instaura o romance de observação e de crítica social, primeiro no ambiente das cidades e depois também do interior, perfazendo uma análise global do homem e da sociedade rio-grandense, brasileira e mundial. Seu legado e sua síntese interpretativa do real em sua globalidade podem servir de ampla fonte de inspiração para o conhecimento do ser humano e de suas vicissitudes na história.

Em 1953 EV vai para os Estados Unidos para substituir Alceu Amoroso Lima na União Panamericana e lá permanece até 1956. Alternando o tempo dedicado às visitas, aos amigos, aos pedidos de aconselhamento literário e pessoal, EV continuou incansavelmente no seu trabalho de “Contador de histórias”, como ele mesmo se chamava. Sua morte ocorreu em Porto Alegre, no dia 28 de novembro de 1975. Suas obras continuam sendo editadas e analisadas. Sua figura de homem e de escritor continua um marco indelével tanto na história brasileira como na consciência do ser humano à procura da compreensão e do sentido da vida.



## ABREVIações

A fonte básica desta pesquisa é a trilogia *O Tempo e o Vento* do autor gaúcho Erico Verissimo.

OC1 = O CONTINENTE, primeiro tomo, 24. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

OC2 = O CONTINENTE, segundo tomo, 22. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

OR1 = O RETRATO, primeiro tomo, 18. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

OR2 = O RETRATO, segundo tomo, 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1984.

OA1 = O ARQUIPÉLAGO, primeiro tomo, 13. ed. Porto Alegre: Globo, 1984.

OA2 = O ARQUIPÉLAGO, segundo tomo, 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

OA3 = O ARQUIPÉLAGO, terceiro tomo, 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

EV = Erico Verissimo. O nome será grafado assim como o próprio Autor o assinava. Quando mencionamos Verissimo ou Erico Verissimo referimo-nos sempre a Erico Verissimo.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>LIBERDADE: QUEM NÃO A DESEJA?</b> .....	12
<b>O ASSUNTO DA PESQUISA</b> .....	14
<b>INTERESSE DA PESQUISA</b> .....	16
<b>MÉTODO DA PESQUISA</b> .....	18
<b>PRIMEIRA PARTE</b> .....	21
<b>O HOMEM LIVRE</b> .....	21
<b>1 A EXPERIÊNCIA DA LIBERDADE</b> .....	21
1.1 <i>AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE</i> .....	21
1.2 <i>A LIBERDADE À FLOR DA PELE</i> .....	23
1.3 <i>A GLÓRIA DA LIBERDADE</i> .....	24
1.4 <i>SER LIVRE: EXPERIÊNCIA DA ALEGRIA DE VIVER</i> .....	26
<b>2 A NATUREZA DA LIBERDADE</b> .....	27
2.1 <i>LIBERDADE DE ESPAÇO</i> .....	28
2.2 <i>LIBERDADE DE TEMPO</i> .....	29
2.3 <i>AUTOCONSCIÊNCIA</i> .....	32
2.4 <i>REPÚDIO ÀS PRESSÕES</i> .....	34
2.5 <i>LIBERDADE COMO COMPROMISSO</i> .....	38
<b>CONCLUINDO:</b> .....	45
<b>3 DESTINO E LIBERDADE</b> .....	45
3.1 <i>OPINIÃO CORRENTE</i> .....	46
3.2 <i>REALIDADE IMPESSOAL</i> .....	47
3.3 <i>ASPECTO EMOCIONANTE</i> .....	48
3.4 <i>O ASPECTO MÍTICO-RELIGIOSO</i> .....	49
3.5 <i>FATALISMO DERROTISTA</i> .....	51
3.6 <i>FIXIDEZ E MUDANÇA</i> .....	54
3.7 <i>LUTA CONTRA A ACEITAÇÃO DO DESTINO: ANA TERRA</i> .....	56
3.8 <i>SIGNIFICADO PARADIGMÁTICO DE ANA TERRA</i> .....	59
3.9 <i>ANA TERRA NÃO MORRE NUNCA</i> .....	62



<b>4 LIMITES À LIBERDADE .....</b>	<b>63</b>
4.1 O DADO PRÉVIO .....	63
4.2 A DOENÇA .....	65
4.3 A MORTE.....	67
4.4 O MEDO .....	74
4.5 A ANGÚSTIA .....	77
<b>CONCLUINDO: .....</b>	<b>81</b>
<b>5 O FUNDAMENTO DA LIBERDADE.....</b>	<b>82</b>
5.1 ESFORÇO DE AUTO-SUFICIÊNCIA .....	84
5.2 DEUS: ENTRAVE PARA A LIBERDADE?.....	86
5.3 DÚVIDAS ENCONTRADAS: HOMEM FANTOCHE? .....	87
5.4 DESCONFIANÇA DE SER ENGANADO.....	88
5.5 SOBRE DEUS NÃO HÁ COMO INQUIRIR.....	89
5.6 UMA LIBERDADE COM DOIS FUNDAMENTOS? .....	90
5.7 NECESSIDADE DE DEUS .....	92
5.8 CARÊNCIA E PLENITUDE.....	94
5.9 DILEMA: O MAIOR ACERTO OU O MAIOR ENGANO.....	95
5.10 AFIRMAÇÃO DE DEUS COMO FUNDAMENTO DA LIBERDADE .....	96
5.11 COMO PERCEBER? .....	98
5.12 INVERNADA DA ETERNIDADE.....	99
5.13 DESENHO COERENTE DO HOMEM E DO MUNDO .....	99
5.14 UM ABSOLUTO PARA AS ESCOLHAS RELATIVAS .....	100
5.15 A SUPREMA LIBERDADE.....	102
5.16 LIBERDADE PELO AMOR .....	104
<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>106</b>
<b>1 ÀS VOLTAS COM A DECISÃO .....</b>	<b>106</b>
1.1 CARÁTER DECISIONAL DA PESSOA HUMANA .....	106
1.2 ASSÉDIO DE ESTÍMULOS: IMPERATIVO, INCITAMENTO E MOMENTO	107
1.3 MÃO NO BARRO.....	108
1.4 VIABILIDADE DO SER HUMANO .....	110
1.5 BIBIANA DECIDE DE FATO.....	111
1.6 URGÊNCIA E LENTIDÃO.....	114
1.7 O DEVIR EXIGE DECISÃO .....	115
<b>CONCLUINDO: .....</b>	<b>117</b>



<b>2 FUGAS DE DECISÃO .....</b>	<b>118</b>
2.1 A ASTÚCIA .....	119
2.2 O CONFORMISMO .....	122
2.3 TEORIAS DISTANCIADORAS .....	126
<b>CONCLUINDO: .....</b>	<b>132</b>
<b>3 FORMAS DE DECISÃO .....</b>	<b>133</b>
3.1 A DECISÃO IMPULSIVA .....	133
3.2 A DECISÃO RACIONAL .....	137
3.3 A DECISÃO PLANEJADA.....	139
3.4 AGÜENTAR O REPUXO .....	141
<b>4 A DECISÃO E OS VALORES .....</b>	<b>144</b>
4.1 NECESSIDADE DOS VALORES.....	145
4.2 HIERARQUIA.....	147
4.3 RECONHECIMENTO.....	149
4.4 OS VALORES E A LEI.....	151
<b>TERCEIRA PARTE .....</b>	<b>158</b>
<b>1 O COMPROMISSO SOCIAL .....</b>	<b>158</b>
1.1 CONCEITUAÇÃO .....	159
1.2 ALTERIDADE .....	160
1.3 EMPENHO.....	161
<b>2 TEMAS ELUCIDATIVOS DO COMPROMISSO .....</b>	<b>162</b>
2.1 A DESIGUALDADE SOCIAL .....	163
2.2 ENTENDIMENTO .....	169
2.3 NÃO-VIOLÊNCIA.....	171
2.4 REAÇÃO CONSEQÜENTE .....	175
<b>CONCLUINDO: .....</b>	<b>178</b>
<b>3 ATITUDES DESTRUTIVAS DO COMPROMISSO SOCIAL .....</b>	<b>179</b>
3.1 O ASSISTENCIALISMO .....	179
3.2 REDUÇÃO DO HUMANISMO AO PROGRESSO TECNOLÓGICO.....	181
3.3 A BELICOSIDADE .....	182
<b>4 ATITUDES CONSTRUTIVAS DO COMPROMISSO SOCIAL .....</b>	<b>188</b>
4.1 A INICIATIVA .....	188
4.2 SUPERAÇÃO DO PROVINCIANISMO.....	190
4.3 PONTES DE UNIÃO E DE AMIZADE.....	193



<b>5 CRITÉRIOS PARA UMA ADEQUADA AÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>198</b>
5.1 PRIMEIRO CRITÉRIO: AGIR SEM ESPERAR SOLUÇÕES EXTRATERRENAS .....	198
<b>CONCLUINDO: .....</b>	<b>204</b>
5.2 SEGUNDO CRITÉRIO: VALORIZAR O PASSADO SEM SE FIXAR NO TEMPO.....	204
5.3 TERCEIRO CRITÉRIO: DEFENDER A LIBERDADE .....	208
5.4 QUARTO CRITÉRIO: SERVIR AO BEM COMUM .....	210
5.5 QUINTO CRITÉRIO: RESPEITAR E PROMOVER A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA.....	214
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>221</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>223</b>



## INTRODUÇÃO

Nos livros de EV especificamente na trilogia “O Tempo e o Vento” é repensada a história do Rio Grande do Sul e também do Brasil, num período de 200 anos.

Os fatos da história ou os passos do romance não são apenas contados. São acima de tudo debatidos, analisados e criticados através da linguagem de contraposição de acontecimentos ou através de diálogos incisivos e esclarecedores. Sumamente válidos, portanto, os escritos de Erico Verissimo para encaminhar uma pesquisa ligada à realidade humana do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O desenrolar da história assume dois aspectos importantes e complementares. De um lado é a análise a partir de dentro do processo, apresentando as reações genuínas dos personagens diretamente envolvidos na ação. É a reação nativa, local, crioula e guasca. De outro lado é feita a análise e são tecidos muitos comentários a partir de pessoas com outra cosmovisão, a partir das correntes de pensamento de todo o mundo num horizonte amplo e abrangente. É o estudo mais elaborado assumindo a problemática humana em dimensões universais.

A linguagem e a fala do povo encerram e, ao mesmo tempo, expressam a maneira mais profunda de ser e de conviver. No que se refere à liberdade, à decisão, à construção da sociedade, se descobrem aí, - no linguajar de cada dia, nos contos e provérbios populares, - conhecimentos, juízos e comportamentos de grande profundidade e aderência às raízes existenciais do ser.

Cada região, povo ou cultura tem algo a oferecer e algo a receber, na complementariedade. Vamos descobrir estes dois ângulos da realidade dos pampas naqueles aspectos que se referem à filosofia.

Por que realizar um trabalho de filosofia em cima de literatura e romance? Exatamente porque o autor, mesmo não escrevendo tratados estritamente filosóficos, nem por isso deixa de fazer filosofia. O que precisa levar em conta é que a filosofia vem revestida de forma especial:

- é formulada em termos literários e populares sem grande preocupação com a exatidão “técnica” de cada vocábulo;



- desenvolvida a partir da vida e dos fatos da realidade, não seguindo necessariamente a dedutividade lógica ou a sistemática da maioria dos tratados filosóficos.

Nós corremos o risco de cultivarmos mitos importados, de não valorizarmos o esforço de pensamento de nossos patrícios. Que seja esta pesquisa mais um impulso na vontade de desenvolver um pensamento antropológico, no Brasil e na América Latina, e uma semente para que, em nossos estudos, tomemos por base a nossa realidade e, por inspiração, nossos autores.

### **LIBERDADE: QUEM NÃO A DESEJA?**

O termo LIBERDADE é a primeira palavra que aparece na bandeira do Estado do Rio Grande do Sul. A participação livre e responsável do homem na formação da sociedade é assunto muito debatido no estágio atual da filosofia, no Brasil e na América Latina. Procura-se examinar, na experiência histórica, a antinomia entre dominação e libertação a fim de descobrir e viver a própria identidade. O discurso filosófico e a produção teórica, penetrando suas raízes na realidade vital, podem encontrar fontes mais límpidas dum pensar mais genuíno, útil e adequado.

A liberdade, a decisão e o compromisso perpassam toda a obra de Erico Verissimo. Com variantes por vezes inesperadas, sempre aflora o debate sobre o homem livre, vivendo dentro duma sociedade da qual ele mesmo é responsável. Surge a necessidade de uma decisão ética, não por imposição, mas por uma exigência constante e absoluta.

Inserido num contexto geográfico e humano, a primeira e mais importante aspiração do homem é a liberdade. O homem se sente bem quando respira a liberdade, quando se faz e cresce para a liberdade, quando é tratado como um homem livre. O homem se sente mal quando não é livre, quando vive e cresce na opressão, quando é tratado como escravo. Quando o homem se torna insensível à sua digna liberdade é sinal evidente de que ele já se deixou levar pelo derrotismo e não é mais ele mesmo.



O comando não agrada, nem de exercê-lo, nem de aceitá-lo. Aquilo que é apenas mandado autoritariamente não encontra a resposta dinâmica e acaba cansando a gente. Pessoas há que quando deixam de ser mandadas já não sabem mais o que fazer. E há pessoas que quando não encontram em quem mandar já não sabem mais a que se ater.

Tudo isto me atrai para a observação e para o estudo. Por que a pessoa é assim? Que significa esta liberdade tão falada e esta decisão tão necessária? Que significa esta liberdade tão exigida e esta decisão tão temida?

Este enigma da existência e do “mecanismo” da liberdade de cada um não deixa de ser fascinante: “nossa mente – diz o padre Antônio ao padre Alonzo – é como uma grande e misteriosa casa, cheia de corredores, alçapões, portas falsas, quartos secretos de todo o tamanho, uns bem, outros mal iluminados”.<sup>1</sup>

Vamos entrar nesta misteriosa casa, que somos nós mesmos, livres para toda a surpresa e prontos para a melhor decisão.

---

<sup>1</sup> OC1, p. 26.



## O ASSUNTO DA PESQUISA

A história, de braços dados com o romance, desdobra o panorama da liberdade em tantas circunstâncias, em tantos personagens, em tantos acontecimentos que a curiosidade é convidada a estudar muitos aspectos e temas.

Poder-se-iam citar, por exemplo, em Erico Verissimo, temas de grande alcance como: o sentido da existência, o problema de Deus, caridade e justiça social, a amizade, a família, o casamento, democracia e totalitarismo, racismo, grandeza e miséria do homem, o enigma da vida e da morte, solidão e comunicação... e assim por diante. Será forçoso, pois, delimitar o tema, procurando não perder nem o encadeamento sistemático nem o envolvimento com a realidade da vida.

Será colocado em foco o *homem* que vive dentro dum determinado contexto. Tal homem é *livre*, podendo e devendo *decidir*. Sua liberdade e sua decisão repercutem na construção da sociedade onde ele se *compromete*. Em outras palavras: o centro de interesse é a pessoa humana enquanto realiza a sua experiência fundamental de liberdade e de decisão comprometida.

Será analisado o processo pelo qual o homem consegue viver a liberdade apesar de seus condicionamentos; consegue amadurecer uma decisão apesar da indiferença; consegue desenvolver sua liberdade através do compromisso assumido. Percebe-se logo que estas três qualificações concretas da pessoa, ou seja, *liberdade*, *decisão* e *compromisso* se exigem e se completam umas às outras num processo gradativo de aperfeiçoamento.

Sabe-se que Erico Verissimo escreveu muitos livros. Num só trabalho jamais será possível, mesmo dentro do mesmo tema, aprofundar o estudo de todos eles. Para esta nossa pesquisa nos limitamos à obra fundamental, que se intitula “O Tempo e o Vento” desmembrada em três partes: “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago”. Os outros livros do autor, como também a bibliografia sobre a sua produção literária, são utilizados como complementação, reforço ou enriquecimento.

Junto com a delimitação do tema, queremos realçar as dificuldades que enfrentamos diante do enfoque na pluralidade de situações, diante do tipo de



obra com a rica diversidade de recursos literários, diante da “não-univocidade” dos termos sempre à mercê dos personagens e das circunstâncias. Tudo isto leva a chamar a nossa pesquisa de uma interpretação filosófica. Será uma antropologia filosófica marcadamente dirigida aos problemas ético-sociais, aberta, é claro, a toda a crítica e a toda a sugestão.



## INTERESSE DA PESQUISA

*No autor:* sobre Erico Verissimo encontram-se muitas apreciações, livros, artigos e estudos no que diz respeito à literatura e à arte de escrever.

Desconhecemos, no entanto, um trabalho que tente elaborar *uma análise filosófica sobre a experiência e sobre a natureza da liberdade, sua concretização nas decisões significativas e no compromisso social.*

Propor e interpretar, do ponto de vista antropológico e ético, de maneira analítica e também sistemática, uma parte desta grande riqueza de dados é o passo novo que *pretendemos realizar com esta pesquisa.*

*Na realidade histórica:* muitos são os tratados, no Brasil e no mundo, versando sobre o tema do homem e da liberdade, mas, pelo que conhecemos, não há trabalho que assuma este exame preciso e especificamente no seu desenrolar histórico e situacional dentro do Rio Grande do Sul, envolvendo esta porção de povo gaúcho, neste determinado tempo, conforme Erico Verissimo expõe de maneira especial em “O Tempo e o Vento”.

*Na realidade geográfica:* não queremos afirmar que os lineamentos geográficos dum lugar determinam a cultura de seu povo. Podemos, no entanto, esperar que a vastidão das coxilhas, que a lide campeira, que o sopro do vento minuano façam nascer e temperar novas formas de encarar a vida e de equacionar o relacionamento humano. Esta análise de caráter meta-antropológico, ligando povo e chão, contribui também para a novidade da pesquisa.

*No ponto de partida:* é o filosofar sobre fatos, sobre situações em que se envolvem as pessoas e, acima de tudo, sobre comentários de outras ciências a respeito destes mesmos fatos e destas mesmas situações. Desta maneira o discurso filosófico não se estabelecerá nem progredirá somente à luz das perfeições conseguidas, do bem realizado, da verdade evidenciada, mas também através do enfrentamento de impasses, de erros e de contradições. A dificuldade enfrentada de maneira humana, isto é, enfrentada com toda a sensibilidade dos sentimentos, com toda a perspicácia do intelecto, com toda a coragem da vontade, é fonte de filosofia.



Quando trazemos, investigando com o olhar penetrante de EV, as percepções dos acontecimentos, mesmo que tenham nuances psicológicas ou sociológicas, nós não nos contentamos com a mera exposição dos dados ou o simples fluxo dos acontecimentos. Inquirimos sobre os atos humanos que envolvem o nosso tema; filosofamos a partir deles e sobre eles, procurando uma explicação global e definitiva do homem em sua liberdade. Tendo em mãos os elementos que são como que a matéria-prima, interrogamos sua origem primeira, acompanhamos seu desdobramento, sua coerência de conjunto, abrimos caminho de compreensão, de consecução dum sentido final e abrangente.

Quando trazemos as conquistas da sensibilidade ao real e dos resultados das ciências, as apresentamos, facilitados pela argúcia questionadora de EV, já com inclinação, com endereço e com interrogativos específicos da filosofia.

Em grande parte do trabalho, foi preciso dar-se o tempo de coletar dados. Alguém que tome gosto em continuar esta linha de pesquisa já encontrará, principalmente no campo da liberdade e do compromisso, muitos dados levantados e, de certa forma, ordenados. Ele poderá mais expeditamente dedicar-se à reflexão filosófica sobre os dados colhidos ou à reflexão a partir de outros ramos da ciência.

As obras de EV, seu convite respeitoso, seu apelo quase despercebido, impulsionam no sentido de interrogar-se, de procurar para o homem soluções verdadeiras e definitivas. Propus-me a examinar Erico Verissimo. Acabei examinando a mim mesmo.



## **MÉTODO DA PESQUISA**

Sendo que Erico Verissimo não tinha por intuito escrever um tratado sistemático da filosofia, ao examinar a sua obra, nos vimos obrigados, até certo ponto, a procurar um quadro lógico e coerente onde sistematizar o tema escolhido. Trata-se de recolher, no meio da pluriforme exuberância vital do romance, o fio condutor do drama da liberdade.

### **PRIMEIRO: PASSAGEM DA DISPERSÃO A UMA CONCATENAÇÃO TEMÁTICA**

Erico, exatamente para fazer pensar, quase nunca soluciona as questões, pelo menos explicitamente. Seu nobre respeito à liberdade da pessoa humana faz com que Erico Verissimo deixe o leitor bem à vontade para encontrar a solução mais acertada. Ele propõe a problemática a partir de diálogos com opiniões contrastantes, que procuram tocar o coração e influir no pensamento do leitor. Será, então, importante descobrir qual a idéia preponderante e fecunda que Erico Verissimo quis trazer.

### **SEGUNDO: PASSAGEM DA EXPLOSÃO DE IDÉIAS PARA A PROPOSTA PREPONDERANTE**

É a tentativa de dizer explicitamente o que o Autor fala nas entrelinhas ou quer significar com outras palavras ou ainda pressupõe como condição de suas afirmações. Este passo é muito importante porque não queremos simplesmente repetir o que Erico escreveu, mas queremos interpretar o seu pensamento mais profundo. Não visando um trabalho pelo menos formalmente filosófico, mas prevalentemente literário, Verissimo procura mais sensibilizar do que tematizar, mais fazer refletir do que dar soluções prontas, revelando-se sempre, porém, um pensador sutil, atento e penetrante. Nós procuramos, por isso, expor de maneira expressa e clara o que vem sendo afirmado tácita e incoativamente. Procuramos também descortinar algumas verdades, que estão implicadas nas afirmações de



Erico Verissimo e que, portanto, vêm a ser requeridas como indispensável suporte para essas mesmas afirmações.

### **TERCEIRO: PASSAGEM DO IMPLÍCITO AO EXPLÍCITO, DO AFIRMADO AO IMPLICADO**

Acontece ainda que as considerações sobre a liberdade nem sempre são expressas em termos. Muitas vezes são pressupostas em diversas atitudes ou fatos. Aí temos mais um passo para o nosso método: a passagem da situação às causas; a passagem desde os atos e fatos até às condições de sua ocorrência ou até aos seus antecedentes lógicos e necessários. De maneira que, muitas vezes, a própria opressão revela exigências e pressupostos de liberdade, que são percebidos não pela afirmação declarada, mas pela ausência sentida.

### **QUATRO: PASSAGEM DOS ATOS E FATOS AOS SEUS PRESSUPOSTOS**

Sendo assim, perceberemos três atitudes entrelaçadas na busca de entendimento do homem com ser livre: a *observação*, a *problematização*, a *conclusão de sentido*.

A *observação* perspicaz do autor tem como resultado a narração daquilo que acontece nas diferentes dimensões da vida, e, em especial, a narração daquilo que concerne à liberdade. A nós cabe captar o narrado e nos apropriar, assim, do espírito de observação que Erico possui em grande escala. Captar a observação de alguém ou, mais ainda, aprender a observar já se constitui num importante passo para a filosofia. Pensar sobre o quê, se a realidade não é captada?

Mas Erico Verissimo não se contenta em contar as ações e os pensamentos dos grupos e das pessoas. Ele passa para uma segunda atitude, que é a da *problematização*. O leitor não é um observador passivo; pelo contrário, ele se sente *envolvido* no questionamento sobre a realidade existente.

A pergunta, a exclamação, a aura de mistério, a angústia, o medo, a repulsa, a indignação, a surpresa, a curiosidade são alguns dentre tantos e tantos recursos, que aguilhoam a atenção do leitor e o levam para o questionamento e



para a reflexão. Este ponto é um dos elementos mais fortes e, pode-se dizer, mais filosóficos de Erico Verissimo, pois a filosofia não consiste somente em responder, mas em indagar e em procurar estabelecer o quadro das questões sobre a realidade global da pessoa humana.

Os mais variados ramos do saber humano e um vasto prisma de idéias constituem o ponto de referência que subministra elementos para a problematização da realidade corrente. Os reclames da consciência, o parecer de outras pessoas, o eco de reação de habitantes de outras partes do mundo (como é o caso de C. Winter), o estudo da realidade apoiado em várias ciências, a narração dramatizada dos contrastes que fazem pensar, personagens que deliberadamente retomam os fatos para os analisarem (como é o caso de Sílvia, no seu diário): eis alguns exemplos de recursos que têm por finalidade colocar o leitor em ritmo de reflexão.

A problematização revela as ambigüidades e as contradições do homem. Ela não quer resvalar para o absurdo. Pelo contrário, ela procura subir a lenta escadaria que conduz, mesmo em meio à dialeticidade, a um estágio de harmonia e de segurança.

Do torniquete do questionamento surge o suco do *sentido da vida*. Do estrangulamento das dúvidas emerge a luz de novos encaminhamentos. A angústia das encruzilhadas sugere a certeza das novas estradas. Com base numa fiel observação e com as perguntas duma sincera problematização, pretendemos chegar a estabelecer uma válida caminhada de liberdade e a maturar decisões, que façam progredir a História.

Partindo duma observação realista dos fatos que dizem respeito à liberdade, vamos bombardeá-los com o questionamento provindo dos mais variados paradigmas do ser humano, para sentir as dimensões do problema. É aí que fervilha a busca da mais ampla e sistematizada resposta para a vida do homem no desejo de viver a sua liberdade, a sua decisão e o seu compromisso com a sociedade.

A problematização põe à mostra a angustiante fraqueza da pessoa humana para que ela não se apóie em falsas seguranças, nem caia na depressão, mas procure o substrato último e definitivo da sua existência, do seu valor e de sua dignidade.



## PRIMEIRA PARTE

### O HOMEM LIVRE

*“A gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no poncho”. (OC1, p. 175).*

## 1 A EXPERIÊNCIA DA LIBERDADE

### 1.1 AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE

Pode-se declarar com toda a certeza que um dos elementos fundamentais na obra de EV é a afirmação da experiência da liberdade do homem. Especialmente em “O Tempo e o Vento” esta afirmação se torna vigorosa e perpassa toda a história do homem gaúcho para chegar a ser testemunho universal.<sup>2</sup> Igualmente vigorosa e esclarecedora é a permanente vigilância diante das ameaças à própria liberdade e o violento repúdio a toda a forma de escravidão.

A consciência da própria liberdade e a sensibilidade em defendê-la são como que duas linhas, que entretecem a malha da identidade pessoal e do conjunto da história. As figuras salientes em toda narrativa são muito ciosas

---

<sup>2</sup> Este ponto de vista é corroborado por vários autores: “O homem ocupa o centro da obra de Erico Verissimo. Deprimido, violentado, acorrentado, como Prometeu, sofredor, angustiado, mas homem. Homem livre”, In: MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul, aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 135. “A saga do Rio Grande do Sul – ‘O Tempo e o Vento’ – contém o mundo fascinante dos pampas, a flora, a fauna, a história das fronteiras, os efeitos heróicos dos farrapos, as lendas, a psicologia do gaúcho e, sobretudo, o campo aberto, a coragem sempre renovada dos anseios de liberdade” *Ibid.* “Do painel urbano de CAMINHOS CRUZADOS à denúncia política do INCIDENTE EM ATANRES, passando pela reflexão histórica traçada em O TEMPO E O VENTO, a ficção de Erico Verissimo alcançou uma notável pluralidade de perspectivas. Mas o tema itinerante, ao longo de quarenta anos de produção literária sempre foi a crise da liberdade individual em nosso mundo devastado pela violência física e ideológica” in CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p.11. (Nota prévia). O próprio Erico ressalta a importância da liberdade: “Existe na mitologia oral gaúcha uma imagem que é uma espécie de súpula de todos os heróis de sua História e de seu folclore: o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre. VERISSIMO, Erico. “Ana Terra Revisitada”, In: **Ana Terra**. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 20. Citado em Chaves, Flávio Loureiro, *Ibid.*, p. 76. “... O anseio do povo brasileiro, anseio tão profundo que enfim na obra de Erico Verissimo, até os mortos estão falando dela e sonhando com ela: é a liberdade”. CARPEAUX, Otto Maria. Erico Verissimo e o público. In: **O Contador de histórias**. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 39.



quanto à sua liberdade. Rodrigo, já doente e precisando ser conduzido por outros, ainda faz questão de mostrar a sua independência: “Enquanto eu estiver vivo ninguém me LEVA a parte alguma. Quando vou aos lugares é de livre e espontânea vontade”.<sup>3</sup>

Num sentido já mais profundo de liberdade (cuja natureza estudaremos adiante), outro personagem é louvado porque não se deixa dominar: “O padre (Romano) era dos bons. Desde que chegara a Santa Fé compreendia a situação e resolvera não se deixar dominar pelo Cel. Bento, como acontecera com o pobre Pe. Otero”.<sup>4</sup>

Se a tão profunda ânsia e a tão impulsiva volúpia de liberdade fossem mera ilusão, o homem estaria enganado radicalmente sobre si mesmo. Afirmaria ser o que não é e imaginaria ser que não pode ser. Viveria rodopiando sem apoio dentro da própria contradição. Sonhando construir-se pela opcionalidade, de fato estaria sendo conduzido por leis deterministas. A falência da liberdade implica no desconhecimento da própria identidade.

A afirmação da liberdade nasce da afirmação da pessoa humana. Mesmo dentro da monotonia mais enfadonha, quando a capacidade de mudança parece ter sido adormecida pela regularidade repetitiva, permanece sempre na pessoa o dispositivo para uma decisão nova, diferente, até desconcertante.

A afirmação da liberdade se manifesta na luta constante contra a permanente vontade de dominar, e na luta constante contra a tentação sorrateira de deixar-se dominar. O grito de liberdade é o feliz contraponto à realidade da dominação.

A liberdade pessoal não deixa de ter a sua expressão vibrante e sempre decantada<sup>5</sup> nos versos do gaúcho, como este que é colocado na boca do Capitão Rodrigo: “Sou valente como as armas, sou guapo como um leão, índio velho sem governo, minha lei é o coração”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> OA1, p. 23. Para destacar a sua importância, algumas citações do autor, mesmo não sendo longas, serão apresentadas graficamente em destaque.

<sup>4</sup> OC2, p. 580.

<sup>5</sup> Haverá momentos de análise mais profunda do linguajar hiperbólico do gaúcho. Aqui vale a passagem com afirmação incontida do sentimento de liberdade.

<sup>6</sup> OC1, p. 183.



EV retrata bem a alma do gaúcho que afirma a sua liberdade: “índio velho sem governo” e que procura ser ele mesmo o princípio de suas leis: “minha lei é o coração”.

Outra maneira de exprimir o valor da liberdade é o modo com que Juvenal apresenta o seu povo: “A gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no poncho (...)”.<sup>7</sup> O poncho é algo de muito pessoal e amigo. “Pisar no poncho” significa invadir a área de privacidade e da personalidade de outro; significa oprimir a pessoa, rebaixá-la, machucá-la naquilo que ela tem de mais próprio, de mais seu, de único e de intocável. Ninguém tem esse direito.

## 1.2 A LIBERDADE À FLOR DA PELE

O Capitão Rodrigo é trazido como elemento novo em Santa Fé. Novidade esta que se constitui justamente na quebra da rotina, tanto internamente nas idéias e mentalidades, quanto externamente no “*status quo*” de domínio e comando permanente dos Amarais. Ele quebra a rotina, porque reage ao domínio. Aprova pedidos ou sugestões quando os julga de acordo com o seu paradigma de vida. Mas não aceita ordens, porque isto o colocaria como inferior na hierarquia ou como incapaz de avaliar por si mesmo as pessoas, os acontecimentos e sua ação no mundo. “Nunca me ofendo quando me pedem. *Fico esquentado quando querem me mandar. Se me pedem com bons modos, faço. Se me dão ordens, brigo*”.<sup>8</sup>

A afirmação de liberdade nesta frase é evidente e se bifurca em duas direções: a reação enérgica, quando a liberdade não é reconhecida; a disposição de ajuda e de amizade quando a liberdade é respeitada e valorizada.

A afirmação da liberdade é tão consistente que ela nasce, por assim dizer, da própria negação. Fosse a liberdade desfeita pelo “destino”, seria reconstruída

---

<sup>7</sup> OC1, p. 175; cf. OC2 p. 496, o mesmo tema em verso: “Quando me pisam no poncho / Descasco logo o facão / E se duvidam perguntem / A moçada do rincão”.

<sup>8</sup> OC1, p. 199. Sempre que, nas citações, houver uma frase ou uma palavra em itálico, tal fato corre por nossa conta. As citações escritas com letras maiúsculas são grifadas pelo próprio Erico Verissimo.



pelo próprio fato de perceber o destino. A percepção já é um início que possibilita uma atitude sombanceira:

Ora, acontece que, queira ou não queira, eu existo nesta hora e neste lugar. Que fazer então com a minha vida?  
Por que não erguer meu penacho, lançar um desafio meio desesperado a isso a que convencionamos chamar Destino? A vida não tem sentido (...) mas vamos fazer de conta que tem. E daí? Aí eu transformo a minha necessidade em fonte de libertação e passo a ser, eu mesmo, a minha existência, a minha verdade e a minha liberdade.<sup>9</sup>

A pessoa na vida e na história conhece implicitamente o seu ser livre, que então pode passar a ser focado com reflexão temática e organizada. *A liberdade é assim: negada que fosse reflexivamente, na prática seria aceita implicitamente.* Por demais misteriosa é a liberdade: temos ânsia de possuí-la e ânsia de nos desfazer dela. Sendo ela a maior *solução*, torna-se igualmente o maior *problema*.

Floriano - Mas essa idéia de que somos livres e os únicos responsáveis por nossa vida e destino não será uma fonte permanente de angústia?

Tio Bicho - Claro que é.

Floriano - E não é a angústia o nosso grande problema?<sup>10</sup>

A problematidade longe de extinguir-se, mais aguça a afirmação de liberdade do homem. A “idéia de que somos livres” pode incomodar? Se verdadeira a incomodação, mais sentida a certeza de que somos livres.

### 1.3 A GLÓRIA DA LIBERDADE

A existência e o valor da liberdade nos são evidenciados ainda por Verissimo quando apresenta pessoas que se preocupam com ela e se julgam “gloriosos” por causa disto. Arão Stein assim narra as suas andanças pela Espanha:

---

<sup>9</sup> OA2, p. 396-397. Sobre o tema do destino e fatalismo trataremos mais adiante. A reiteração do tema da liberdade é lembrada por Flávio Loureiro Chaves: “O tema central permanece, mantendo a coerência da investigação e a problemática obsessivamente desenvolvida sob diversos ângulos: o indivíduo e o exercício da liberdade como a sua condição existencial irreduzível” In: CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 86.

<sup>10</sup> OA2, p. 397.



(...) quando (La Pasionaria) nos agradeceu por estarmos ali como HERMANOS, ajudando o povo espanhol e a causa da liberdade e da justiça social senti que tinha atingido o momento mais belo, mais glorioso da minha vida.<sup>11</sup>

Se ajudar a causa da liberdade é o “momento mais belo e mais glorioso” é sinal que ela não só faz parte integrante da vida e da história mas também se constitui em inestimável valor. Excluído o fanatismo (o qual esteriliza a liberdade, pois cancela a abertura do homem à revisão, ao acréscimo e à nova perspectiva), quer-se pôr em relevo a grande vibração, a repercussão da liberdade na realização e na alegria da pessoa.

Surge a pergunta: sendo a liberdade tão afirmada, tão evidente, e sendo inerente à pessoa, por que precisa então lutar por ela? Porque, tão evidentes como a liberdade são as pressões sobre ela. Porque, tão sentida como a liberdade são os limites que ela sofre. A liberdade é conatural à pessoa humana: a luta pela liberdade é a luta pela pessoa. Não se fere uma sem ferir a outra. Nesta linha, os momentos de omissão no empenho pela liberdade são os mais vis, antinaturais e abjetos que o indivíduo possa escolher.

Os acontecimentos impelem a intervir nos momentos históricos e nas horas decisivas. Esta hora histórica chega ao ápice, quando Sílvia dialoga com Floriano:

- Estamos numa encruzilhada. O mundo. Este país. Esta família. Eu.
- Mas a gente não está sempre a cada passo, encontrando encruzilhadas? Só um cavalo com tapa-olho não as enxerga...<sup>12</sup>

Esta última frase indica a condição do homem exercendo a sua liberdade diante dos desafios e encruzilhadas. Além disso, traz a distinção entre a pessoa humana e outros entes que podem ser impedidos de enxergarem os caminhos a escolher. O ambívio sugere parada ou escolha. Como, no devir das coisas e no

---

<sup>11</sup> OA3, p. 893. O próprio Erico em “Solo de Clarineta” se declara lutador pela causa da liberdade. O texto é tirado de sua declaração na PUC de Porto Alegre sobre a invasão da Hungria em 1956: “Não me parece lógico condenar a Esquerda pelos mesmos crimes que toleramos ou mesmo aplaudimos pela Direita (...). Odeio todos os tipos de ditadura, inclusive os chamados benignos e paternalistas. *Detesto qualquer forma de coação. A causa daqueles que lutam pela liberdade será sempre a minha causa.* Não aceito como são e válido qualquer regime político e econômico que não tenha como base o respeito pela pessoa humana.” VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 4-5. v. 2.

<sup>12</sup> OA3, p. 962.



fluxo do tempo, a parada não é possível a não ser por breve tempo, sem delongas, é forçoso escolher uma alternativa e uma direção.

#### 1.4 SER LIVRE: EXPERIÊNCIA DA ALEGRIA DE VIVER

A sensação de liberdade, no sentido mais amplo da palavra, é ressaltada nas trovas relativas ao Fandango (descrito como o tipo do gaúcho gaudério): “Eu não tenho pai nem mãe, nem nesta terra parentes. Sou filho das águas claras. Neto das águas correntes”.<sup>13</sup>

“Não ter pai nem mãe nem parentes” significa não ter por quem deixar-se dominar e também saber dirigir-se por si mesmo. Ser “filho das águas claras e neto das águas correntes” significa não estar parado, renovar-se continuamente, não ficar sempre no mesmo lugar.

A natureza, especialmente os pampas, abre espaço para a experiência da liberdade: “A paisagem lhe dava uma vertiginosa sensação de ser livre, de não ter peias nem limites”.<sup>14</sup>

E nesta outra passagem volta a sensação de liberdade tomando conta e alegrando a pessoa: “Olhando as coxilhas, sob um céu azul e límpido, teve tamanha sensação de espaço livre, ar puro e liberdade, que ficou eufórico”.<sup>15</sup>

Poder-se-ia objetar que a sensação ainda não é de fato liberdade. Com efeito, a simples sensação pode ser enganosa quanto à objetividade *daquilo* que a pessoa sente; no entanto é verdadeira, legítima e certa quanto à subjetividade *daquele* que sente. Tal sensação, quando constatada e asseverada, configura com experiência da totalidade do homem, como expressão humana envolvente e global.

É o “Sentir-se bem” da pessoa na sua unidade sem “reparti-la” em pedaços, porque *nesta experiência o homem se sente por inteiro*. É importante sentir-se livre: “Licurgo e Toríbio voltaram para o Angico, o Rodrigo ficou com a madrinha no Sobrado, o que lhe deu uma gostosa sensação de liberdade”.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> OC2, p. 496.

<sup>14</sup> OC2, p. 360.

<sup>15</sup> OR1, p. 185.

<sup>16</sup> OR2, p. 297.



É importante observar que a sensação de liberdade (mesmo superficial, como veremos adiante) é gostosa; ao contrário, a sensação de estar vigiado causa mal-estar: “Quando o velho (Licurgo, pai de Rodrigo) estava perto, não podia deixar de sentir uma impressão de mal-estar por ver um implacável olho fiscalizador permanentemente focado em sua pessoa.”<sup>17</sup>

A procura da liberdade já é uma afirmação de sua importância conforme a frase lapidar de Sílvia a Floriano: “*Sempre viveste procurando a liberdade*”.<sup>18</sup>

O Capitão Rodrigo exalta a liberdade de cada um quando afirma: “Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que *não gosto de ver homem rebaixado por homem*.”<sup>19</sup>

A experiência de liberdade envolve o homem todo e aflora em qualquer circunstância, mas é vivida e analisada principalmente diante de grandes decisões que marcam toda uma vida. A pessoa se sente gente quando se sente livre. Não há sensação que confirme com mais vigor a alegria e o sentido da vida do que a constatação da própria liberdade. Por outro lado, não há sensação mais indigesta e degradante do que o sentimento de opressão.

Mas, o que é a liberdade? Constatamos a liberdade pela experiência, vamos tentar compreendê-la pela inteligência.

## 2 A NATUREZA DA LIBERDADE

*“O homem é um ser que pode ter consciência de sua existência e portanto tornar-se responsável por ela. Assim o ser autêntico é o que aceita esta responsabilidade.” (OA2, p. 380),*

Liberdade é um dos termos mais polivalentes, seja na filosofia, seja na política, seja na literatura e na linguagem popular. Qual o sentido de liberdade que a experiência manifesta?

---

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 297.

<sup>18</sup> AO3, p. 962.

<sup>19</sup> OC1, p. 263.



## 2.1 LIBERDADE DE ESPAÇO

O primeiro nível de experiência e uma das dimensões externas da liberdade é a possibilidade que a pessoa sente de locomover-se a seu gosto. É a liberdade de espaço. É a liberdade física. Escolher um lugar, um território ou mudar de lugar ou território. Livre diz-se então da escolha de tal ou qual ambiente, *deste* ou *daquele* lugar. Esta liberdade de espaço armou grandes lutas conquistando territórios na formação do “Continente” do Rio Grande.<sup>20</sup> A liberdade de mudança física e geográfica se manifesta de maneira flagrante e sempre relatada por Verissimo, na vinda de contingentes de diversas nações e no seu estabelecimento paulatino nos diversos lugares.<sup>21</sup> Além destas mudanças de grupos maiores, além das migrações em grandes levas há também pessoas que sentem o desejo de não ficar sempre no mesmo lugar. “Ana (Terra) revoltava-se. Casar? O que ela precisava era mudar de vida, visitar de vez em quando o Rio Pardo, ir a festas, ter amigos, ver gente. Aquela solidão ia acabar deixando-a doida.”<sup>22</sup>

O habitante dos pampas é andarengo e parece que não faz questão de fixar moradia. Disso até se orgulha Chico Rodrigues: “Onde nasci não me lembro. Mas dêz que me tenho por gente ando vagando mundo”.<sup>23</sup> É muito importante como ruptura do mandonismo a decisão do Cap. Rodrigo de permanecer em Santa Fé: “*Resolvi ficar em Santa Fé*”.<sup>24</sup> As pressões em contrário mais lhe estimulam e aguçam a liberdade de ficar.

Monte a cavalo e vá embora daqui quanto antes! (...) Que diacho aquela gente tinha visto em sua cara? (...) todos achavam que

---

<sup>20</sup> Luta esta que normalmente é tida como símbolo de bravura, mas que, a par disto e sob o ponto de vista de outros povos, poderia ser revista conforme suas verdadeiras intenções. A propósito Erico lembra com certa restrição a valentia de Chico Rodrigues. “Em Santo Antônio da Guarda Velha, no Rio Grande, no Rio Verde, em Tramandaí e Vião não havia ninguém que não tivesse ouvido falar nas proezas dum tal Chico Rodrigues. E de homens como ele havia centenas e centenas. As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro”. (OC1, p. 65).

<sup>21</sup> A referida escolha dum lugar implica também no direito de outros. Está sendo reexaminada hoje em dia a maneira dominante com que foram tomadas “livremente” as terras dos povos indígenas. “E em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, arachanes, caguás, guaranis e guaranás. A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira”. (OC1, p. 65).

<sup>22</sup> OC1, p. 100.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 62.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 190.



ele ia trazer desgraça para o povoado... Mas a verdade era que quanto mais oposição encontrava, mais vontade sentia de ficar.<sup>25</sup>

O Pe. Lara (como veremos, está a mando do “chefe” do lugar) também aconselha:

- Encilhe o seu cavalo e vá embora amanhã.
- Mas por quê?
- Porque Santa Fé não é lugar para um homem de seu temperamento.<sup>26</sup>

E a liberdade de escolher um lugar (ligado é claro a outros motivos não geográficos) é sustentada perante Ricardo Amaral, o “chefão” do povoado:

- Para andar vosmecê tem toda a minha licença.
  - E para ficar?
- O capitão fez meia volta (...) e exclamou:
- Mas fico! (...)
- Dirigiu-se para a venda do Nicolau, assobiando, com o chapéu atirado para a nuca, a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico.<sup>27</sup>

A insistência com que EV apresenta esta liberdade quanto à localização e locomoção geográfica pareceria tão óbvia quanto inútil. No entanto, na trama histórica, situado em meio à liberdade e à escravidão, o homem, por sua corporeidade e mundaneidade não é livre sem a materialidade. Acrescente-se a estes conceitos de filosofia geral, a relevância concreta da luta pela terra, da conquista dum espaço na imensidão dos pampas e das coxilhas. Portanto, uma dimensão da liberdade da pessoa humana é ter trânsito e lugar na espacialidade do mundo. Não é só condição para uma liberdade mais profunda e espiritual (como quereriam os donos dos espaços), mas já é uma forma humana de verdadeira liberdade.

## 2.2 LIBERDADE DE TEMPO

A experiência da liberdade (sempre com seus limites) se desenvolve ainda na dimensão que se costuma chamar o “uso do tempo”. Não é sem motivo que

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 191.

<sup>26</sup> OC1, p. 201.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 213.



EV colocou no título da trilogia sobre a saga do Rio Grande do Sul a palavra “Tempo”. Sempre perguntado, sempre estudado, sempre vivido, nunca esgotado como tema, muitas vezes esgotado dentro dos prazos da vida.

E no viver dos personagens do romance de Erico, na passagem das gerações, nas esperas, nas realizações, nas repetições dos eventos, sempre se faz presente a pergunta sobre o que é o tempo. Sempre é atuante a liberdade do homem na sua temporalidade e na sua historicidade. Vamos apenas exemplificar algumas passagens em que se torna evidente que a *liberdade do homem* se manifesta, entre outras, *de maneira temporal*. Questões em torno do destino, do fatalismo, da inexorabilidade do tempo, em torno da morte, da imortalidade, da transcendência, da programação construtiva da sociedade e outras serão abordadas no decorrer do trabalho.

A própria tentativa de domínio do tempo indica que o homem tenciona nele realizar sua liberdade. “Não olhe demais para o relógio, nem para a folhinha. Tempo é como criança, quanto mais a gente dá atenção a ele, mais ele se mostra.”<sup>28</sup>

É possível agir com liberdade dentro do tempo de vida, com sujeito da própria realização. Se a angústia diante do futuro revela o domínio do tempo sobre o homem, ao mesmo nível revela o esforço deste de sujeitar o tempo e utilizá-lo para a sua felicidade.

Há um tipo de angústia do qual jamais nos livramos porque ela é inerente à nossa existência. É o preço que pagamos por nos darmos o luxo caríssimo de ter uma consciência, por sabermos que vamos morrer, e por termos um *futuro*.<sup>29</sup>

Quem não foge da vida assume o tempo e o seu “conteúdo”: “Vem-lhe (a Floriano) um desejo repentino de fugir de tudo isto, do que *já é* e *principalmente do que poderá vir a ser*. Mas não! Basta de fugas.”<sup>30</sup>

O suceder-se das gerações, as passagens de ano, as celebrações de aniversários, as lembranças de datas históricas, as horas decisivas da vida, são

---

<sup>28</sup> OA1, p. 274. Este é o conselho de Maria Valéria para Flora. O tempo demorava a passar porque estavam em guerra. De nada adiantou: “Flora ficou a olhar para o mostrador do relógio como que hipnotizada”.

<sup>29</sup> OA2, p. 397.

<sup>30</sup> OA1, p. 23.



tantos e tantos motivos de retomada da responsabilidade e liberdade de homem “dentro” de seu tempo.

Rodrigo só queria saber se no novo século (séc. XX) as pessoas iriam mudar, se a cara dos dias ia ser a mesma... será que a gente nota alguma diferença no sol, no céu, no ar? (...) Rodrigo sabia de muitas mudanças importantes em sua vida que o novo século ia trazer.<sup>31</sup>

A dimensão duma liberdade dentro do tempo é manifestada de modo eloqüente pelo assim chamado “aproveitamento do tempo”: “O tempo é um parrelheiro que não pára nunca. E como corre! Quero espremer a vida como um limão, tirar dela todo o suco que puder, e depois jogar fora o bagaço, sem remorso.”<sup>32</sup>

É na temporalidade, dentro de um dado tempo histórico, que o homem dispõe de sua iniciativa e criatividade. A ânsia de aproveitar o tempo e de “espremer a vida como um limão” revela que o homem está incerto de sua duração. A imortalidade dilatária indefinitivamente o tempo de decisão e não faria o tempo ser tão precioso. Mas a certeza sentida de que “seu” tempo termina, leva a pessoa a ter cuidados e a procurar ser “dona” de seus dias, “o melhor é aproveitar a vida enquanto ela dura. O resto é conversa”.<sup>33</sup>

Quanto mais a pessoa se realiza, mais ela preenche a medida do tempo através de seu crescimento. O tempo é indicador, o homem é o agente e o titular de sua própria vida.

Toríbio – Te dou três meses para mudares de idéia.

Rodrigo – Não sejas bobo. Nem em trinta anos não vou me entregar...<sup>34</sup>

Neste diálogo percebe-se claramente que o homem se coloca no papel de sujeito e autor das iniciativas; o tempo é mero sinalizador. E Bibiana joga com o tempo, planejando a reconquista do Sobrado (através do casamento de Bolívar com Luzia): “Agora não havia pressa. Era mulher, tinha paciência, estava acostumada a esperar... Que era um ano, dois anos, dez anos?”<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> OR1, p. 57.

<sup>32</sup> OA2, p. 444.

<sup>33</sup> OR1, p. 175-176. Estas afirmações serão transpassadas pela ânsia incontida de transcendência.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 175-176.

<sup>35</sup> OC2, p. 367.



## 2.3 AUTOCONSCIÊNCIA

Chegamos ao ponto em que a liberdade mais perfeitamente desvenda o que ela é. Com efeito, no decorrer dos acontecimentos o homem experimenta a liberdade não somente em relação ao seu espaço, nem somente em relação ao tempo, no conjunto das circunstâncias, *mas principalmente em relação a si mesmo e em si mesmo*.

Tomada de posse, pelo menos reflexa, sobre os próprios sentimentos, sensações, atos, decisões, defeitos, afirmações, em suma: *consciência de si mesmo em sua inteireza*. Ou, pelo menos, vontade de ser livre em si mesmo, na totalidade de seu “eu”.

O homem se distingue, sem se isolar, afirma-se a si mesmo sem negar o outro. É convidado, portanto, a ser ele mesmo. E pode ser ele mesmo. Este poder ser de seu próprio jeito é muito importante em toda a obra “O Tempo e o Vento”. Este “poder ser ele mesmo” é tão livre que brota da natureza como um “imperativo” de realização. É tão livre e conatural que quem não o desenvolve se sente preso e diminuído. Sente-se preso e inibido quem não segue este imperativo. Sente-se livre e aberto quem lhe obedece. Não há dúvida que realidade tão forte terá seus exageros. Mas se é dela que podem surgir desvios, certamente, é desta consciência que advêm as mais altas perfeições humanas. Em concreto, se é verdade que é da consciência de seu próprio “eu” que o homem descamba para o egoísmo, é também desta consciência que ele se eleva para toda a doação.<sup>36</sup> O homem pode chegar a si e encontrar a chave secreta deste “feixe de emoções”.

Nos personagens de Erico, pela sua caracterização impecável, sempre se faz presente, seja tácita, seja expressamente, a intensa consciência de si mesmo. Olhem só a simplicidade e a profundidade do velho Fandango:

Pois eu não preciso de desculpa para me divertir. Quando estou com vontade de dançar, danço. Quando estou com vontade de

---

<sup>36</sup> Cumpre aqui acenar para a questão antropológica que se abre nos dias de hoje. Poder-se-ia formulá-la assim: qual é o princípio originário e fundante da realização da pessoa? Será a consciência do indivíduo com sua racionalidade, na linha do “eu penso”? Será o encontro intersubjetivo onde se realiza o encontro e a plenitude humana, numa linha da alteridade? Será a participação mais profunda no ser que une todos os entes? Será a análise da linguagem para desfazer todos os equívocos da comunicação?



cantar, canto. Este peito não conhece tristeza (...) Vocês não fazem nada sem muito discurso. Chô égua!<sup>37</sup>

Roque Bandeira, conversando com Floriano, diz:

Resignando-nos a uma pobre subvida estamos assassinando, ou melhor, impedindo que nasça o nosso EU verdadeiro.<sup>38</sup>  
O homem é o ser que pode ter *consciência de sua existência e portanto tornar-se responsável* por ela.<sup>39</sup>

Vamos examinar esta frase-chave da liberdade. A consciência aqui é tomada como ponto de conhecimento reflexivo e, portanto, ponto de reconhecimento e de responsabilização do próprio eu.

O ser humano tem condições de fazer como que um “replay” de seus atos, e nele “topar” com o seu ser. Tornar transparente o seu ser.

Num fato cognitivo aparece como objeto explicitamente conceituado aquilo que eu penso. Mas, conjuntamente, na surdina ou de forma implícita aparece aquele que pensa, o sujeito que pensa. Logo, em toda a afirmação são afirmados de maneiras diferentes o objeto e o sujeito. Aquilo que se afirma e aquele que afirma. Acontece que a *afirmação do sujeito é mais consistente* como certeza, *do que a evidência do objeto*. Isto porque, mesmo quando erro sobre o que eu digo, eu não erro afirmando que sou quem digo.

Assim, a consciência de si mesmo com auto-experiência da pessoa não pode se enganar. O homem não pode se enganar como sujeito e objeto de sua autoconsciência<sup>40</sup>. Esta *certeza sobre si mesmo é a base indivisa do conhecimento e da liberdade*. Um ente indistinto dos outros não poderia conhecer-se numa unidade de sujeito. Um ente indefinido não poderia pensar dizendo “eu” e nem mesmo querer dizendo: “Eu” quero. Segue daí que a autoconsciência é o princípio e base da liberdade.

Toda a afirmação de algo, supõe a afirmação de si mesmo. A decisão sobre algo supõe, de certa maneira, a posse de si mesmo. Um homem diluído em

---

<sup>37</sup> OC2, p. 570.

<sup>38</sup> OA2, p. 379.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 380.

<sup>40</sup> Esta importante afirmação autoconsciente do sujeito que afirma é explicada assim pelo Prof. Salvino Biolo: “dado que eu, mesmo na hipótese do meu erro e respeito dos objetos, me sinto existente, não é possível que eu erre também a respeito da existência de minha pessoa, quando pelo menos permanece esta certeza de que o sujeito interior, que é o meu eu, existe mesmo havendo o erro”. **La coscienza nel De Trinitate di S. Agostino**. Roma: Libreria Editrice dell’Università Gregoriana, 1969, p. 27.



si mesmo não tem onde agarrar-se, não tem onde firmar-se, não tem onde decidir-se, *não sabe onde começa ele mesmo ou onde começa o transcender-se*, porque não sabe os contornos, não sabe onde começa “o outro”, não distingue a própria ipseidade. *Confuso consigo mesmo, será confuso com todos os seres e confundido por todos os seres por falta de identificação.*

*Segue que a autoconsciência afirmada, é a base co-fundadora de todo o conhecimento, de toda a escolha, de toda a liberdade do homem.*

A consciência, presença de si para si mesma, é certa como afirmadora de existência, mas ainda não é garantia de realização plenificante do ser pessoa. Nesta base é que a consciência de si se abre para a pergunta, para a angústia, para a escolha, para diversas possibilidades, para a liberdade com a chancela de si mesmo. Com o aval do ser autoconsciente.

Esta continuada presença (amiga, hostil) em si, para si próprio, é apresentada por EV com a figura do espelho em que a pessoa fala consigo mesma, presentificando-se ao nível do ser, do conhecer, do deliberar, do agir e da autocrítica em todos estes níveis<sup>41</sup>.

Por isso, salientamos, para todo o nosso presente trabalho sobre a liberdade, esta colocação de EV: “O homem é um ser que pode ter consciência de sua existência” e, sublinhamos de novo, “*portanto* tornar-se responsável por ela”.

## 2.4 REPÚDIO ÀS PRESSÕES

A autoconsciência afirmada eleva a pessoa à condição de poder aceitar influências, *mas rejeitar as pressões*. Aceitar as influências porque a pessoa exerce a sua liberdade no tempo e no espaço e junto com outras pessoas. Rejeitar as pressões porque do contrário perderia sua própria identidade.

---

<sup>41</sup> “O meu amigo mais íntimo é o que vejo todas as manhãs no espelho... Estabelecemos diálogos mudos... com certa frequência entramos em conflito... bem feitas as contas nos queremos um grande bem. Estamos habituados um ao outro. Envelhecemos junto”. Este é um trecho da apresentação que o autor faz de si mesmo, no prefácio do livro Solo de Clarineta. VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1973. Prefácio. Em “O Arquipélago”, já com pendor ético: “ali está (ele mesmo: Floriano, no espelho) um sujeito que o conhece melhor que ninguém: o olho implacável que lhe vigia e critica pensamentos, gestos, palavras e até sentimentos. Como seria bom poder-se livrar desse incômodo anjo de guarda, desse capanga metafísico!” (OA2, p. 549).



Interessa-nos afirmar com EV que, existindo pressões, faz parte da própria natureza da liberdade rejeitá-las. Ser livre é ter a conservar a própria capacidade interna de “dizer não”. É o suporte do sinal de alerta.

A pressão pode ser feita por meio de coerção física, levando à perda da liberdade física, mas imediatamente sendo percebida e rejeitada pela consciência da liberdade. A pressão pode ser feita subrepticamente por meio de elementos psicológicos ou processos subliminares; neste caso a pessoa não se dá conta de que está sendo pressionada e portanto não percebe que está agindo contra a sua liberdade. Às vezes tem até a impressão de agir livremente, quando de fato age a partir de um heterocomando. Mas a natureza da liberdade permanece intacta na sua procura de veracidade e *reage* com veemência assim que descobre que foi manobrada.

Para abolir o seu sentimento de solidão, de alienação, de falta de segurança, na minha opinião o homem *não necessita entregar sua liberdade*, sua vontade e seu futuro ao Estado Totalitário, ou a um ditador paternalista, nem dissolver-se, anular-se no grupo, escravizando-se aos seus tabus e às suas máquinas.<sup>42</sup>

Quando a pessoa não reage mais ao domínio de fora ela se torna inautêntica: “O ser inautêntico é aquele que vive subordinado aos outros, governado pela tirania da opinião pública.”<sup>43</sup>

A garantia da liberdade é também o cuidado de não ser ludibriado: “Comecei então a perguntar a mim mesmo se (...) todos nós não passamos de simples fantoches nas mãos dum manipulador que se diverte à nossa custa.”<sup>44</sup>

O sinal vermelho de alarme se acende na consciência quando algo ou alguém tenta cancelar a liberdade. Ana Terra com sua auto-afirmação coloca um “mas” ao destino:

(Ana Terra) vivia com medo no coração, sem nenhuma esperança de dias melhores, sem a menor alegria... Tudo isso

---

<sup>42</sup> OA1, p. 233. No dizer de Flávio Loureiro Chaves “no confronto do indivíduo com a sociedade nasce o gesto da rebelião em que se traduz a busca da liberdade”. CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 52.

<sup>43</sup> OA2, p. 380.

<sup>44</sup> OR2, p. 491.



por quê? Porque era a sua sina. *Mas* uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem. Pode e deve.<sup>45</sup>

No célebre encontro (ou melhor desencontro) entre o Capitão Rodrigo e o Cel. Ricardo Amaral observa-se claramente a prerrogativa da liberdade pela capacidade de autodefender-se. A vigilância sobre si mesmo faz parte da própria natureza da liberdade. A liberdade possui um auto-alarme em caso de defeito.

(...) homem também se doma, como cavalo.  
- (...) se vosmecê é potro que não se doma, muito bem, é porque não pode viver no meio da tropilha mansa. Seu lugar é no campo. Neste potreiro de Santa Fé, moço, só há cavalo manso. *Chegam xucros, mas eu domo eles e boto-les a minha marca.*<sup>46</sup>

O capitão Rodrigo “estava resolvido a não deixar-se convencer nem enfurecer-se”<sup>47</sup>. Neste trecho significativo com sotaque gauchesco EV apresenta claramente a reação diante do poder impositivo: “nem todos” se deixam domar. Ele estava resolvido e não “deixou-se convencer”. Neste caso a objeção seria: como é que é da natureza da liberdade a reação diante das pressões, se existe, ao lado dos livres, a “tropilha mansa”? É que, neste caso, a tropilha mansa significa os que perderam a sua liberdade, são presos, são domados, são cabresteados. Para isso acrescenta-se que os potros “chegam xucros”. Isto quer dizer, transpondo agora para outro terreno, que os seres humanos por natureza são xucros. Pela própria índole, pela própria criação, por si mesmos são indomados e indomáveis, porque sempre autônomos como um ser em si mesmo. No entanto, a inautenticidade e a fraqueza deixam com que outro lhes “bote a sua marca”.

E Juvenal se revolta, perde o medo e enfrenta os Amarais (personagens dos “tiranos” da região) dizendo a verdade, que incrimina tanto os “ditadores” quanto os que se deixam “encilhar”: “Ninguém diz nada. Ninguém faz nada. *Hai anos que a gente vive aqui encilhado pelos Amarais.*”<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> OC1, p. 127. Mais adiante haverá uma colocação sobre o dilema entre destino e liberdade. Agora cabe registrar que a pessoa, pela natureza da própria liberdade, cuida dessa mesma liberdade podendo se opor a toda a dominação.

<sup>46</sup> OC1, p. 209-210.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 231. “Encilhado: laçado nas livres coxilhas; preso pelo freio; apertado pelos arreios.” Transpondo para a esfera da pessoa humana, “encilhado” é aquele em quem já se praticou todos os passos que levam à dominação e já não reage mais.



O grito de reação é o grito buscando acordar a verdadeira natureza livre do homem<sup>49</sup> que tem um substrato autoprotetor. A reação faz parte da própria natureza da liberdade afirmada e consciente, quando se percebe ferida e negada.

Com mais uma expressão na linguagem campeira, afirma-se que a pessoa deveria reagir e não se deixar levar por forças que, no fim das contas, nem são tão fortes: “Vocês são como bois que não têm consciência da própria força e se deixam levar por qualquer criança.”<sup>50</sup>

É da própria natureza da liberdade do homem, não somente afirmar sua existência pela autoconsciência, mas também defender sua existência livre contra toda a empulhação e todo o desvirtuamento. É da própria natureza da liberdade humana não “viver na estratosfera” mas situada no meio das pressões que, naturalmente, deverá saber enfrentar e vencer. O exercício de uma convivência apenas “submissa” vai terminar na atrofia ou na morte da liberdade.

- Se nós votamos contra o governo – justificou-se o rapaz – o subdelegado persegue a gente (...)
- Mas isso é um absurdo! Estamos num país livre em que cada cidadão pode e deve votar em quem bem entender!<sup>51</sup>

O alerta de que são “um absurdo” as represálias contra a liberdade traz à tona o que estava oprimido, mas não esquecido; anestesiado, mas não aniquilado: o sentido originário da liberdade e a *percepção conatural da postura contraminante\_frente a qualquer ataque*. A verdadeira liberdade tem uma alergia conatural a toda a sorte de tentativa de dominação. “Manter-se irreduzível” significa não deixar-se reduzir a simples joguete dos outros e manter-se naturalmente na força que a liberdade representa. É o caso de Juca Cristo:

“Quero que se mudem hoje mesmo” disse o Senhor do Sobrado. O caboclo molambento, encardido, descalço pregou o olhar no chão e balbuciou: “não carece doutor. A gente está bem aqui!”. Rodrigo tentou todos os meios suasórios, e quando viu que não

---

<sup>49</sup> O que não é fácil porque aquele que se deixa encilhar já está bem domado. O dono tem como certo de poder fazer dele e com ele o que quiser. A natural liberdade emerge na pessoa de Vasco na ultrapassagem do “círculo de giz”: “Quando vivia no Brasil a minha vida de sonhos insatisfeitos, comparava-se ao peru, que segundo se diz, metido no centro dum círculo traçado a giz no chão, se julga irremediavelmente prisioneiro dele. Um dia achei que devia correr para a liberdade, saltando o risco de giz. Cortei as amarras que me prendiam a todas as convenções sociais e a esse manso comodismo dos hábitos. Dei o salto...”. VERISSIMO, Erico. **Saga**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1984, p. 147.

<sup>50</sup> OR1, p. 235.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 284.



conseguia nada, tornou-se ameaçador, falou em autoridade e em polícia. Mas Juca Cristo manteve-se irredutível. Sua arma agora era o silêncio.<sup>52</sup>

A natureza inexpugnável da liberdade não lhe serve somente de autodefesa, mas o impulsiona à aceitação construtiva da alteridade.

## 2.5 LIBERDADE COMO COMPROMISSO

Junto com a autoconsciência chegamos agora à descrição do *ponto mais alto* do que é a liberdade segundo o pensamento do EV. Indubitavelmente, todos os aspectos anteriores fazem parte, mas não chegam a constituir em harmonia nem a configurar em plenitude a natureza da liberdade. Nem a liberdade de espaço, nem a de tempo, nem a da autoconsciência, nem a da reação às pressões expressam totalmente a liberdade. Todos estes aspectos juntos, quanto menos um por um isoladamente, não perfazem a idéia plena da liberdade.

*A liberdade de espaço e de bens poderá ser apenas epidérmica ou extrovertida e dominadora. Ela clama por introspecção e partilha.*

*A liberdade de tempo poderá tornar-se ilusória, procrastinadora, inativa e vazia. Ela chama por projetos, decisões, ações e ideais.*

*A liberdade de “ser-eu-mesmo” (autoconsciência) poderá tornar-se individualista, auto-suficiente, obstinada, fechada, solitária e triste. Ela clama por abertura, intersubjetividade, encontro, colaboração e alegria.*

*A liberdade de reação a qualquer pressão poderá tornar-se retraída, defensiva, choramingona, queixosa e meramente introspectiva.*

Em que consiste, pois, a verdadeira liberdade? Qual o aspecto fundamental, que não anula, mas que engloba todos estes ângulos numa unidade? Qual a face inconfundível que não destrói, mas retoma, valoriza e direciona todos estes pontos para um sentido coerente?<sup>53</sup> É o aspecto do

---

<sup>52</sup> OA2, p. 573-574.

<sup>53</sup> Este aspecto receberá novas luzes ainda no item “fundamento da liberdade”. É bom observar também que no decorrer da história e do romance não existe a liberdade com todo o brilho de seus aspectos harmoniosos. O que existe é o homem concreto, limitado, livre apesar de tudo, um “feixe de contradições”, à procura de sua plena realização na liberdade. “Se existir é estar potencialmente em crise, se o homem não chega nunca à posse de si mesmo e de seu mundo, se não é um feixe de elementos estáticos, como descrevê-lo no ato de existir senão em termos dinâmicos?” (OA2, p. 399).



*comprometimento assumido*. A tentativa de viver a liberdade sem a dimensão do compromisso faz com que ela se torne vazia, sem conteúdo, e, no final das contas, sem razão de ser<sup>54</sup>. O personagem mais elucidativo neste ponto vem a ser Floriano. “Floriano pensa sua contínua e prolongada luta em busca da liberdade.”<sup>55</sup>

É a realidade dinâmica e progressiva da liberdade, não somente como um “dom” já pronto da natureza, mas principalmente como conquista pela atuação do homem. “Desejou sempre com tal ardor ser livre, que acabou *escravo da idéia de liberdade*, tendo pago por ela quase o preço de sua humanidade.”<sup>56</sup>

Esta frase esclarece que quem não se acerta na questão decisiva da liberdade, *não se acerta e não se realiza na vida*, pagando o preço “de sua humanidade”. Depreende-se ainda desta frase que há “idéias” ou maneiras de pensar e de viver a liberdade que não são, por si só, completas e suficientes. Segue-se que os aspectos vistos até aqui, sem serem anulados, são todavia retomados, revistos e julgados insuficientes.

Sabe agora que conquistou apenas uma liberdade negativa, que pouco ou nada serve ao homem e ao escritor. (...) Mas ser livre será apenas gozar da faculdade de dizer não aos outros (e às vezes paradoxalmente a si mesmo) – um eterno negar-se, um obstinado esquivar-se, um estúpido ensimesmar-se?<sup>57</sup>

O poder livre de reação e repúdio à dominação deve ser completado por um projeto não menos livre e participativo de ação: “será gozar apenas da faculdade de dizer não aos outros”? “Dizer não aos outros” revela aqui também o sentido de não aceitar o convite dos outros para uma participação mais efetiva num projeto bem pensado. É um “obstinado esquivar-se”<sup>58</sup>. “Um estúpido ensimesmar-se” significa o erro de levar ao exagero, ao orgulho, à auto-

---

<sup>54</sup> Ou sem “paixão” de ser, como disse EV pela boca de Pepe Rodrigues.

<sup>55</sup> OA2, p. 377.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 377.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 377. Existe o “dizer não” para alguma coisa para escolher uma outra. Tal “não” implica num “sim” e numa escala de valores. Mas existe um “dizer não” que consiste em não assumir nenhum grande compromisso na vida. Este “não”, aqui descrito por EV, se baseia numa forte autoconsciência, que, no entanto, permanece doentia, porque vazia de compromisso.

<sup>58</sup> Tal tema será mais elaborado quando se tratar das “fugas” do compromisso. Lembramos ainda este texto: “seu horror (de Floriano) a qualquer espécie de fanatismo não o livrara, entretanto, do fanatismo da liberdade. E o desejo de permanecer física e espiritualmente livre, a fruir com orgulhosa volúpia a sua solidão, acabara por transformá-lo quase num fugitivo da vida e por fazê-lo prisioneiro da própria idéia de liberdade”. (OR2, p. 604).



suficiência, a prática, em si necessária e legítima, do “ser-eu-mesmo”. É “estúpido” porque a *consciência de si mesmo, longe de levar ao super-homem e à auto-suficiência, leva de fato à humildade e à co-participação na igualdade*. O narcisismo é prejudicial e afasta do compromisso: pensa que tudo e todos devem se voltar e se preocupar com “o narciso”. Continua Floriano aprendendo da vida: “Haverá alguma vantagem em ter uma liberdade de caramujo: defensiva, encolhida, medrosa, estéril?”<sup>59</sup>

Caramujo é o símbolo do indivíduo ensimesmado, que não “sai de sua casa” para transcender-se. E também tem “casca grossa” e proteção para não se deixar influenciar. Este cultivar uma existência, livre a seu modo, mas sem fruto para a comunidade resulta numa “liberdade estéril”<sup>60</sup>.

Chega-se à conclusão que aquele que não assume um compromisso, não é verdadeiramente livre. Ou por outra: é da natureza da liberdade assumir um compromisso. A liberdade não é somente o livre arbítrio ou a permanente capacidade de escolher; é também a atuação do livre arbítrio e o ato duma escolha concreta, significativa, com conteúdo e objeto determinado. Esse compromisso ou “conteúdo” da liberdade é chamado também de responsabilidade. Rodrigo pergunta a Floriano: “Como é que explicas a necessidade que o povo tem de governos fortes?”<sup>61</sup>. Este responde: “Eu acho que para a maioria das pessoas a liberdade, com a *responsabilidade que a envolve*, é um fardo excessivamente pesado.”<sup>62</sup>

A observar, mesmo que EV não se preocupe com termos técnicos ou acadêmicos, que o verbo “envolve” certamente quer significar que a responsabilidade reassume, plenifica e dá sentido à liberdade. Se a responsabilidade não fizesse parte conatural do ato livre ela estaria acima da própria liberdade, que seria então uma mera capacidade de escolher entre várias coisas ou escolher ou não escolher. Dir-se-ia que a responsabilidade contém e abrange a liberdade e não vice-versa. Tal é a importância dum assumir responsável para compreender o que é a liberdade. Não chegando ao

---

<sup>59</sup> OA2, p. 377.

<sup>60</sup> Em sentido oposto dá-se a maravilha do próprio crescimento: “O caramujo abandonou a concha e move-se entre os outros bichos, convive com eles, e está admirado não só de continuar vivo e incólume, como também de sentir-se à vontade sem a carapaça protetora”. (OA1, p. 230).

<sup>61</sup> OA1, p. 216.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 216.



compromisso, não é ainda verdadeira liberdade. Chegando ao compromisso perde-se a liberdade em sua noção falsa ou incompleta. Quem delibera só por deliberar, colocando em uso a liberdade apenas como treino dum livre arbítrio inconseqüente, acaba por autodefinir-se do seguinte modo: “O que não tem nada com o peixe. Sente, então, mais do que nunca o que há de falso, vazio e absurdo nesta posição.”<sup>63</sup>

O que é “falso, vazio e absurdo” é também explicado por Verissimo (através de Roque Bandeira) como caricatura ou ser inautêntico:

Sim. Somos pobres caricaturas. Por muito tempo pensei que pudesse levar a vida na flauta.<sup>64</sup>

(...) Achei que viver meio leviana e aereamente sem enfrentar o Problema era uma solução para a angústia de viver. Mas não é. Te asseguro que não é. É antes uma fuga covarde e suicida.<sup>65</sup>

A liberdade cresce progressivamente com a pessoa humana chegando aos grandes momentos de revelação, assim expressos na linguagem pampiana: “Precisamos agarrar o touro a unha mesmo que isso nos leve a posturas ridículas. As pessoas em sua grande maioria são demissionárias da espécie humana. Vivem existências inautênticas.”<sup>66</sup>

Aqui “agarrar o touro a unha” não quer dizer somente um ato esporádico de bravura e menos ainda de exibicionismo. Quer dizer autenticar a vida no que ela tem de mais perfeito: assumir livremente um projeto, um ideal de vida, mesmo que seja difícil e não esquivar-se eternamente. A caricatura e a amostra do ser não são ser de verdade, nem livre de verdade. “Mas o que é ser autêntico? É muito simples – murmura (Roque Bandeira). O homem é o ser que pode ter consciência de sua existência e, portanto, tornar-se responsável por ela.”<sup>67</sup>

Até aqui tomamos este trecho para expor a natureza autoconsciente da liberdade. Mas a frase segue e se completa com o *ser-eu-mesmo não somente*

---

<sup>63</sup> OA1, p. 14-15.

<sup>64</sup> Viver na flauta: liberdade sem nenhum compromisso.

<sup>65</sup> OA2, p. 379. O problema com P maiúsculo significa para EV o grande momento da liberdade, na decisão sobre o assunto de vital importância.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 379.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 380.



*para se conhecer ou refletir mas também para se assumir: “Assim o ser autêntico é o que aceita esta responsabilidade.”*<sup>68</sup>

Da mesma maneira com que em qualquer afirmação está asseverado implicitamente o sujeito que afirma, *em qualquer decisão (ou omissão) está responsabilizado implicitamente o sujeito que decide*. Vir a ser livre é chegar a assumir esta responsabilidade. Sabendo que existe, o homem se sente responsável pela continuidade e pelo aperfeiçoamento da existência deste ser, dentro do mundo, junto com outros, em meio a condicionamentos. Afinal, quem está mais à mão para se conhecer e se ajudar é ele mesmo<sup>69</sup>.

Que o comprometimento real faça parte indispensável do desenvolvimento da natureza da liberdade vem sendo ainda esclarecido através do termo “amadurecer” e onde se faz também a *distinção entre o que nos é dado sem escolha e o caminho responsável, que podemos realizar daí para a frente*.

Na minha opinião (Roque Bandeira explicando a Floriano), AMADURECER é aceitar sem alarme nem desespero essas contradições, essas... condições de discórdia que nascem do mero fato de estarmos vivos. Não escolhemos o corpo que temos (olha só o meu ...) nem a hora, o lugar ou a sociedade em que nascemos... nem nossos pais. Essas coisas todas nos foram IMPINGIDAS, digamos assim, de maneira irreversível. O homem verdadeiramente *maduro procura vê-las com lucidez e aceitar a responsabilidade de sua própria existência* dentro dessas condições temporais, espaciais, sociológicas, psicológicas e biológicas.<sup>70</sup>

Esta assertiva de que a responsabilidade faz parte e vem a completar a natureza da liberdade aparece muitas vezes em “O Tempo e o Vento”. Não querera EV desfazer a idéia dum liberalismo individualista, que supervaloriza “as liberdades individuais”, mas não apresenta serventia plenamente humana?

---

<sup>68</sup> OA2, p. 380. Logo, vale a pena repisar: quem não aceita a responsabilidade indicada pela autoconsciência é inautêntico e cultiva uma liberdade sem compromisso. EV trazendo nos diálogos pensamentos da “Filosofia da Existência”.

<sup>69</sup> A pergunta salta: será que o homem, mesmo consciente e responsável, tem em si a força e a capacidade de se “ajudar” definitivamente a si mesmo? É bem provável que ele perceba a sua responsabilidade, mas perceba aí mesmo seus limites de “responder” totalmente, cabalmente por si mesmo. Qual será o fundamento do ser e da liberdade do homem? “El ser-ahi es deuda en el fundamento de su ser.” “O ser-aí é dívida no fundamento de seu ser” Heidegger, Martin. **El ser y el tiempo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, 311 p.

<sup>70</sup> OA2, p. 381. “Este último (Floriano) atingiu a dolorosa consciência de que a liberdade individual não é sinônimo de liberdade individualista; e daí nasce a necessidade de integração e comunicação com a mesma sociedade que é denunciada e criticada, pois o afastamento será simplesmente uma alienação de responsabilidade”. CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realidade e sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 125-126.



Mantivera-se (Carl Winter) livre, disponível sentimentalmente intocado.

Mas que uso fizera de sua liberdade?

Guardava-a apenas como algumas daquelas famílias de Santa Fé entesouravam jóias antigas dentro de um escrínio, no fundo de uma gaveta, não as usando nunca, nunca se desfazendo delas nem mesmo nos momentos de maior necessidade.

Um luxo inútil, enfim.<sup>71</sup>

Preservar demais a “liberdade” e não lutar acaba sendo um erro maior até mesmo do que errar, mas lutando. O exagerado resguardo da liberdade vai deslustrar a verdadeira face do homem, sujeito dessa liberdade porque ela existe não para a conservação intacta e “sem uso”, mas para ser praticada especialmente nos momentos de necessidade.

A liberdade é a posse do ser não para exibição e luxo mas para a doação e para a participação. Na vida a doação parece incerta e a retenção parece mais garantida. Entretanto, quanto mais alguém procura garantir sua liberdade na retenção e no resguardo tanto mais se expõe a perdê-la, isto é, a inutilizá-la: “luxo inútil”. A liberdade cultivada só em si, “acha” que tudo e todos devem servir a ela... e ela acaba não servindo a ninguém e para nada.

Optando por não optar, o homem *opta como subjetividade mas se encerra no subjetivismo*, porque não opta com intencionalidade objetivante. Opta sobre si mesmo escolhendo sempre o mesmo. Isto acaba por torná-lo arredo, amargo, repetitivo, descontente. Ator de uma “fútil paródia”:

Surpreendo-me vazio, inclusive de passado, (...) não passo dum *projeto do meu eu verdadeiro* (...). Começo a desconfiar que me tornei *prisioneiro da minha própria liberdade*. Que no fim das contas não é uma liberdade autêntica, mas uma fútil paródia.<sup>72</sup>

Vazio do passado porque sempre se incluiu, mas nunca incluiu nada, além dele, nas decisões. Excluindo tudo, preservando-se somente a si, ele se sente vazio e sozinho. Não sendo aprovada esta maneira de querer ser livre, porque “não autêntica”, conclui-se que a verdadeira liberdade consiste no assumir um compromisso. Na prática, nem sempre esta visão é clara:

---

<sup>71</sup> OC2, p. 637. Em geral EV acentua fortemente a liberdade individual, mas aqui não deixa de pôr em relevo o seu necessário desdobramento interpessoal e comunitário sem o qual a liberdade, mesmo fontalmente existente, não preenche seu autêntico sentido.

<sup>72</sup> OA3, p. 868.



Vinham-lhe de quando em quando impulsos de misturar-se com os OUTROS; confundir-se no grupo, pertencer a alguma coisa ou alguém. Eram, porém, sentimentos débeis que desapareciam ante o *seu horror a compromissos definidos que pudessem redundar numa perda da liberdade*.<sup>73</sup>

Como arremate, trazemos a frase de Sílvia dirigida a Floriano, para não deixar dúvida:

Sempre viveste procurando a liberdade. Descobri que a *verdadeira, a grande liberdade é a aceitação dum dever, duma responsabilidade*. Não há no mundo ninguém menos livre do que o egoísta... ou o homem DETACHÉ.<sup>74</sup>

Esta frase encerra o mais alto grau de apuramento e, por assim dizer, a quintessência do conceito de liberdade, segundo Erico Verissimo:

- a constatação de que a liberdade é imprescindível e não dá para tapear, mesmo quando não é formalmente objetivada, ela é coexistencialmente percebida e virtualmente vivida: “*Sempre viveste procurando a liberdade*”.
- a liberdade se baseia na autoconsciência de duas maneiras. O verbo “*descobri*” nos leva a *duas dimensões*. Aquela dimensão da liberdade que já é *vivida mesmo anteriormente à descoberta*, mas existe de verdade, tanto que pode ser descoberta: esta é a base, portanto, da autoconsciência concomitante. E a outra dimensão da liberdade que se baseia na consciência reflexa sobre si mesma e sobre a vida: esta autoconsciência é o *próprio ato da descoberta*.
- o terceiro ponto desta frase – aquele que neste momento mais diretamente nos interessa – é que não há verdadeira nem grande liberdade sem compromisso: “*a verdadeira, a grande liberdade é a aceitação dum dever, duma responsabilidade*”. A última parte da frase é uma explicitação da terceira: o egoísta ou o “*détaché*” (que poderíamos chamar de desligado, “*não tô nem aí*”) quereria ter e viver o “*melhor*” da liberdade, entretanto, não é livre de verdade.

---

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 828.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 962.



## CONCLUINDO:

Liberdade é a capacidade do homem de obter o seu espaço, organizar o seu tempo, tomar posse de si mesmo, repudiar as pressões e assumir com responsabilidade sua vida e sua história. Destes cinco elementos na descrição da natureza da liberdade podemos elencar os dois mais fundamentais: *autoconsciência como posse de si mesmo e a assunção responsável do verdadeiro compromisso com a vida.*

Liberdade é o princípio interno que capacita o homem a assumir uma responsabilidade. Procurando definir melhor: *liberdade é a autoconsciência de poder assumir um compromisso; é a autoconsciência, enquanto responsável.*

Veremos, na segunda parte, que o processo de decisão completa este quadro, quando se perceberá que a decisão é a autoconsciência de *dever* assumir um compromisso. A autoconsciência não só traz presente ao homem que ele *pode*, mas também que ele *deve* assumir e decidir.

Olhando a natureza da liberdade, no que concerne à sua manifestação e ao seu exercício, concluímos que liberdade é a aceitação consciente duma responsabilidade.

A junção do binômio autoconsciência-compromisso, na interação concreta de ambos, se constitui no núcleo permanente da liberdade verissiana.

O compromisso não é o peso, mas a salvação da liberdade, assim como a responsabilidade não é o peso da autoconsciência, mas o seu mais profundo sentido.

## 3 DESTINO E LIBERDADE

*“Ana estava agora decidida a contrariar o destino. Uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem. Pode e deve” (OCI, p.127).*

Se há um tema que não pode faltar na vida de cada brasileiro é o destino. Por mais que a pessoa pense, acontece o inesperado, por mais que se previna, acontece o imprevisível, por mais que planeje, acontece o aleatório. O homem, por mais que tome consciência de si mesmo e de seus poderes, sente dolorosamente que nem tudo está sob o seu comando.



Serão as forças, que se abatem sobre o homem, cegas e indecifráveis como a sorte ou o azar de uma loteria? Diante de uma resposta afirmativa a esta pergunta o homem estaria enredado num fatalismo conformista ou amedrontador. Conformista se o homem se sujeita passivamente e despreocupadamente às determinações do destino, pensando que isto é o melhor para ele. Amedrontador se o homem sente que a sorte lhe prepara o pior e, ainda que se rebele, não consegue afastar as injunções dos fados.

Serão as forças que comandam os homens, não cegas nem desordenadas, mas, além de opção pessoal, frutos dum conhecimento, dum carinho, dum plano, duma providência dum Ser Superior? Diante de resposta afirmativa a esta pergunta, o homem aceita a Providência, mas lhe fica o enigma quase insolúvel na conciliação de duas liberdades concorrendo, agindo no mesmo objeto e no mesmo mundo. São dois sujeitos agindo num mesmo objeto, que, no caso do homem, também é sujeito.

### 3.1 OPINIÃO CORRENTE

A existência de energias imponderáveis que guiam cada pessoa é crença comum na maioria da população. Ao lado de todos os cuidados e providências que o homem toma, sempre há um espaço de apreensão diante da indefinível e do emocional. “Pedro Terra erguendo os olhos para Bibiana, ficou a contemplá-la com uma mistura de carinho e pena. Que destino estava reservado para aquela criaturinha de Deus?”<sup>75</sup>

É a opinião geral que toda a pessoa tem um destino. Isto nem se questiona. O que Pedro Terra quer saber é qual o destino. O destino já está reservado, quer dizer que há uma predeterminação, não se sabe na mente de quem e nem no âmago de que elementos. O certo é que o destino seria superior aos planos de cada um ou da sociedade.

Não que ele quisesse fazer da filha uma dessas mulheres sem serventia que passam o dia dormindo, comendo, passeando. O que ele não queria é que um dia ela fosse obrigada a trabalhar como uma escrava.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> OCl, p. 185.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 185.



O destino às vezes colabora, às vezes dificulta, às vezes trunca os planos da pessoa. Quando aceito sem relutância, alimenta o fatalismo e parece não poder conviver com a liberdade. “O homem se agita e a humanidade o conduz. Os vivos são sempre cada vez mais governados pelos mortos. O Dr. Rodrigo não poderá fugir ao seu destino.”<sup>77</sup>

Estas três frases concatenadas visam deslocar o centro de decisão para fora do próprio homem. A liberdade é diminuída e até anulada diante do conjunto dos seres humanos, diante dos antepassados e diante do destino.

### 3.2 REALIDADE IMPESSOAL

O destino como princípio ativo é aquela força impessoal e indescritível que, segundo se diz, determina como é a vida de cada pessoa.

O destino nem se prova, nem se desmente. Não se pode provar, porque não se pode identificá-lo. E, pelo mesmo motivo, não se consegue desmenti-lo. É irrecorrível. Não tem nome, nem endereço. E quanto mais é aceito mais ele comanda. E quanto menos é aceito menos ele comanda. É sinal que o “destino” não tem força por si mesmo. O destino existe, em seu efeito, em todas as pessoas que o admitem como causa, mesmo que ele não seja a causa. Ele é apenas o nome da falta de conhecimento de causa que o homem sofre em relação a si e ao universo.

O destino tem algo de específico, enquanto ele consegue efeitos reais sem ser causa real. Existe na idéia, como falta de idéia, e produz efeitos na realidade. Existe na imaginação e produz efeitos concretos. O fatalismo comanda o homem pela introjeção da idéia de falta de poder nele mesmo; os acontecimentos bons ou maus são atribuídos a alguma entidade ou ser superior ou mesmo ao acaso. “Não adianta pensar. O que tem de ser traz força. Mas acho que ainda é tempo da gente salvar o homem.”<sup>78</sup>

“Traz força”: quer dizer que acontece, quer queiramos quer não. Acontece com ou sem compreensão do fato. Acontece com ou sem o esforço, “não adianta pensar”.

---

<sup>77</sup> OR2, p. 304.

<sup>78</sup> OR1, p. 121. Refere-se, aparentemente, à incrível falência de Babalo.



E é dentro deste “roldão” da realidade que é preciso procurar um lugar criativo para a liberdade. “É tempo da gente salvar o homem”: quer convidar para a iniciativa, a fim de não se deixar dominar completamente pela avalanche dos acontecimentos. Mas parece que, dentro da imensa gama dos possíveis, o que realmente acontece não está somente ao alcance do homem:

Bibiana - Se o Bolívar não tivesse sido assassinado pelos capangas do Amaral, ele decerto tinha ido para essa guerra e talvez já tivesse morrido.

C.Winter - Também podia ter morrido de cólera morbo em Porto Alegre...

Bibiana - Ou podia ter nascido morto.

C.Winter - É como lhe digo sempre: Não adianta a gente se preocupar! O que tem de ser traz força!<sup>79</sup>

Muitas são as possibilidades, mas uma só vai ser a efetivação. A efetivação de alguma coisa ou de algum jeito em detrimento de outro tem uma força inarredável. Não é somente o fato comprovado e indiscutível do que já passou; mas é a tendência inerente do concurso de todas as energias para chegarem, não só a hipóteses, mas a fatos reais.

“Não adianta a gente se preocupar!” Será um consolo? Será um derrotismo fatalista? Será um conformismo desalentador? EV é o primeiro a se *insurgir contra a estagnação da história* causada por um providencialismo escravizador. No entanto, transmite com tamanha fidelidade o espírito facilmente fatalista do homem brasileiro que parece, às vezes, lhe dar razão. Uma destas forças indomáveis que “trazem forma ao que tem de ser” é o instinto das pessoas ou grupos ou ainda a evolução auto-seletiva da matéria no que se refere à guerra.

### 3.3 ASPECTO EMOCIONANTE

A guerra: eis um dos elementos mais atribuídos ao destino e paradoxalmente mais dependentes do homem. A guerra é tão instintiva, necessária, inevitável que não precisa de razão. Ainda mais se é entre a Argentina e o Brasil (como dois tigres):

---

<sup>79</sup> OC2, p. 532. Diante deste irracionalismo, como garantir que a liberdade seja humana? Como construir a sociedade?



- E será preciso razão para começar uma guerra?
- Bom. Por algum motivo as guerras começam...
- Diga-me uma coisa. Quando dois tigres se defrontam e agriem na floresta, há alguma RAZÃO para isso?<sup>80</sup>

A inevitabilidade é inerente ao destino, porque ele se realiza à revelia do saber e do querer: “O Brasil e a Argentina são adversários naturais, competidores natos... uma guerra entre ambos é uma fatalidade.”<sup>81</sup>

“Adversários naturais” significa que são assim pela própria evolução e natureza, não por algum fator consciente ou volitivo das pessoas e povos. São adversários pela determinação do destino. Mas como saber se a causa é o destino? Não pode ser um truque atribuir ao destino aquilo que não se sabe ainda a que atribuir? Como se sabe que algo é “natural”? Não pode ter sido adquirido por um certo tipo de educação? Será que tudo o que está fora do alcance da liberdade é destino? Mas que liberdade? Só a minha? A dos outros?

A partir destas considerações deparamos com o que poderia ser uma dimensão do destino: aquilo que o homem é por seu gênio, instinto e caráter. O temperamento inato e hereditário que orienta os passos da pessoa. E quando ela sente que não está de acordo com o que quer, atribui tal fato às forças ocultas ou declaradas do destino<sup>82</sup>.

### 3.4 O ASPECTO MÍTICO-RELIGIOSO

A fatalidade, portanto, sempre inclui a idéia duma força além do alvitre da vontade. Esta força superior pode ser entendida a partir duma entidade mítico-religiosa (Guia-demiurgo-deus), a partir da conjunção fortuita dos vários elementos que compõem a realidade (astros, situação social, trabalhos), a partir da natureza de cada ser humano (instinto-genes).

---

<sup>80</sup> OR1, p. 243.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 243. É claro que EV não esposa esta idéia do nietzscheano tenente Rubim.

<sup>82</sup> O destino também é lembrado para justificar um ato querido fazendo-o passar por instintivo e determinado. Eis a explicação de Rodrigo para si mesmo diante de seu romance com Antônia Weber: “compreendi que a Toni tinha sido feita para mim, que não podia pertencer a ninguém mais, que aquilo tudo estava acontecendo por determinação do Destino (OR2, p. 577). Em contraste, porém, com esta afirmação do Destino está a constatação do remorso (depois do suicídio de Toni), o que indica a possibilidade de ter agido diferentemente, logo com fundamental liberdade. “Não sobrou nada - pensa Rodrigo - nem a minha dignidade. Mas que é que vai ser de minha vida daqui por diante com essa morte na consciência?” (OR2, p. 581). Como podem conviver junto a determinação do Destino e a constatação de culpa?



Quando Rodrigo suplantou o bandido Dente Seco, o terror da redondeza, todos comemoraram. Os parabéns se dirigem a Rodrigo, “com votos de que sua estrela jamais se apague”<sup>83</sup>. Que o destino de cada um seja traçado, parece ser admitido pela maioria do povo sem maiores objeções. Até o oficial confirma: “Não há nada que possa com uma boa estrela”<sup>84</sup>.

Que conseqüências práticas traz este modo de ver as coisas? Primeiro, é uma desculpa fácil de acomodação para os que se julgam destituídos de uma “boa estrela”. Segundo, pode levar ao orgulho e à afoiteza aquele que se julga sempre protegido por sua “estrela”.

Donde surge este modo de pensar? Da experiência de vida, onde de fato alguns têm mais chances do que outros. Para alguns dá tudo certo. Para outros tudo errado. Vamos conferir a pergunta de Zé Pitombo, o armador de Santa Fé. Ele disse:

A vida é assim mesmo, nasci na mesma cidade que Rodrigo nasceu, sou de carne e osso e nervo como ele, o pai dele não era melhor que o meu, no colégio tirei sempre notas melhores que as de Rodrigo. E no entanto, *Cuca, porque é que o nosso destino foi tão diferente, ele tendo tudo e eu quase nada? Por quê?*<sup>85</sup>

Erico Verissimo vai descartando sucessivamente possíveis causas razoáveis e cognoscíveis da diferença entre ambos:

- localização geográfica: “nasci na mesma cidade”;
- evolução biológica: “sou de carne e osso e nervo como ele”;
- hereditariedade: “o pai dele não era melhor que o meu”;
- quociente de inteligência e aplicação no estudo: “no colégio tirei sempre notas melhores”.

Rejeitadas as causas plausíveis, chega-se, pelo caminho da negação, àquilo que está acima do conhecimento, além do poder da vontade, fora do domínio da liberdade do homem: o destino. A pergunta: “Por quê” deixa em aberto duas possibilidades. A primeira possibilidade é de continuar indagando se não há outras causas não conhecidas ainda, mas desveláveis com o tempo. A segunda possibilidade é de parar por aí e simplesmente acreditar no destino. Não

---

<sup>83</sup> OR1, p. 265.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 265.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 41.



é esta a atitude de Zé Pitombo. Ele persevera na sua indagação: a origem da diferença entre os dois não poderia se estabelecer a partir do comportamento honesto? Isto até favoreceria a ele, o Pitombo: “Nunca desgracei moça nenhuma, nunca me meti em politicagem, ganho honestamente a minha vida e trabalho como um cavalo. Mas veja o que eu tenho e o que Rodrigo tem.”<sup>86</sup>

No final, Zé Pitombo parece render-se ao destino, estribado nas sentenças da opinião pública, mas não cessa de perguntar “por quê”:

Quando ele morrer o retrato dele vai aparecer em todos os jornais do Brasil com elogios deste tamanho e todos vão dizer “era um grande homem, um grande patriota”. Quando o Pitombo morrer, o mais que podem dizer, meio rindo, é: ‘O Defunteiro’ esticou a canela! Por quê, Cuca?<sup>87</sup>

### 3.5 FATALISMO DERROTISTA

Esta pergunta sobre os contrastes nos destinos da vida se alarga e se espalha num mar de tristeza quando a pessoa, apesar de remar contra a corrente, se vê envolvida pela sensação de monotonia e de inutilidade. Por mais que se faça e que se lute, são baldados os esforços. Esta resignação quase fatalista da vida toma conta de Flora, quando medita sobre mais uma “fatalidade” que é a revolução:

(Flora) sentia uma tristeza resignada e lânguida. Aquela revolução não lhe dava muito medo... (...) A tristeza lhe vinha da compreensão a que chegara da inutilidade de todos os gestos, da monotonia com que os fatos se repetiam. Os homens insistiam nos mesmos erros. Pronunciavam frases antigas com entusiasmo novo. Encontravam justificativas para matar ou morrer e estavam sempre dispostos a acreditar que “desta vez a coisa vai ser diferente.”<sup>88</sup>

Esta frase lembra a citação do Eclesiastes, no início do primeiro tomo de “O Continente”:

---

<sup>86</sup> OR1, p. 41.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 41. Cuca é o Cuca Lopes, o mexeriqueiro da vila.

<sup>88</sup> OA3, p. 692. A repetição sem novidade é experimentada também em “Saga”: “a vida não passa de uma série numerosa de círculos de giz concêntricos. A gente salta por cima de um para verificar depois que está prisioneiro de outro, e assim por diante. É a condição humana”. (VERISSIMO, Erico. **Saga**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1984. p. 147).



Uma geração vai e outra geração vem, porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte, continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos.<sup>89</sup>

A tristeza e o questionamento sobre a vida não é para os que não entendem. Acomete justamente aqueles que enxergam com mais profundidade. O otimismo fácil pode ser até falta de visão ou fogo de palha. É por isso que muitas pessoas, mais dia menos dia, inevitavelmente, se encontram com esta visão mais panorâmica, de toda a existência. As repetições, a sensação dum “eterno-retorno” vem diluir entusiasmos e desalojar euforias. Conseqüentemente, enquanto a pessoa não se agarrar em algo mais profundo e esperançosamente existente, ela vai sentindo a sua própria inutilidade dentro duma luta estéril visando um mundo inatingível “porque tudo fica na mesma”.

Conversando com as pessoas e conferindo os próprios sentimentos percebe-se que essa sensação não é desejada, não é escolhida pela liberdade, mas vem “de sopetão”, ou chega sorrateiramente, corroendo as fibras da vontade e se instalando na medula da autoconsciência. Dirá alguém que é uma fuga inconsciente para justificar a própria incapacidade de inovação e de enfrentamento. Mas que surgem estes momentos (... e para os mais pensativos são como eternidades) é um fato constatado pela experiência. Nestes termos o destino se expressa numa aceitação rotineira da vida em que nada merece afirmação, entusiasmo e dedicação definitiva.

Noutra passagem, é Rodrigo quem cai em si ao perceber a distância entre sonho e realidade. A descrição da simplicidade, quase diria banalidade, em que se desenrola o noivado de Rodrigo demonstra como ele fica profundamente chocado. No sonho ele pensava em algo grandioso e solene. A realidade é simples e corriqueira. O sonho é o que se quer. A realidade é o destino. Resultado do choque: a mágoa, “era a mágoa de verificar que nem todos os seus belos sonhos se faziam realidade.”<sup>90</sup>

A quebra repetida dos sonhos pode levar à estagnação ou indiferença; mas é uma grande escola de realismo. “Rodrigo (na casa do noivado) olhou em

---

<sup>89</sup> Eclesiastes, 1, 4-6.

<sup>90</sup> OR2, p. 358.



torno e não via viva alma. Um grande acontecimento o meu noivado – refletiu com amargura – um formidável sucesso.”<sup>91</sup>

Continuando nesta linha de consideração entre planejamento e destino, EV, lembrando um personagem do livro “Crime e Castigo” de Dostoiévski, apresenta a figura de Arão Stein.

Rodrigo: - vais passar o resto da vida atrás de um balcão de ferro-velho? (...)

Arão: - talvez seja este o meu destino murmurou o rapaz com uma dignidade triste. (...)

- Pois fica sabendo – sentenciou Rodrigo – que nós é que fazemos o nosso destino.<sup>92</sup>

Este diálogo recoloca o tema da vida corriqueira e banal, indicada pelo trabalho numa loja de “ferro-velho”. Isto quer simbolizar o que há de mais desprezível, o restolho de qualquer profissão, o último lugar onde alguém iria por própria vontade ou iniciativa. Por que Arão vai? Forçado pelo destino. Sua dignidade é triste porque ele assume, mas não é bem o que ele queria. É a afirmação do que seria o destino interferindo na vida de cada um.

A terceira idéia do diálogo é a de que *o destino não tem a última palavra*. O homem tem condições de “fazer o seu destino”. Mas o próprio comentário sobre esta afirmação vem trazer de novo a dúvida. A possibilidade de dominar o destino parece mais um apoio momentâneo do que uma verdade válida em todas as circunstâncias e para todas as pessoas. “Ele próprio (Rodrigo) não sabia se estava ou não de acordo com o que acabara de dizer. A coisa lhe viera assim de repente, a idéia lhe parecia boa.”<sup>93</sup>

A inexorabilidade do destino ou melhor a aceitação do destino como sendo inexorável é, em Verissimo, ao mesmo tempo uma *constatação e uma denúncia do fatalismo*. Há sempre alguém que rebate ou pelo menos questiona as colocações abertamente estáticas que não permitem orientar ou alterar o curso dos acontecimentos:

---

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 358. A mágoa e a amargura são um capítulo à parte para alguns povos. Às vezes nos comprazemos na mágoa, ficamos curtindo ou procuramos alguém para “chorar as mágoas”. Muitas vezes não tomamos medidas para que a mágoa não nos domine. A admiramos e a cultivamos. Quem tem mágoa julga-se (inconscientemente talvez) digno de pena, e, sendo digno de pena, poderá receber a atenção dos outros (que são paternalistas). Bem no fundo, a mágoa e a amargura representam a situação incerta, saudosa e dolorida da existência humana.

<sup>92</sup> OR1, p. 81.

<sup>93</sup> OA1, p. 81.



Arão Stein – “Quando é que esses pica-paus, maragatos, borgistas, assististas, monarquistas, vão descobrir que estão matando e se odiando por causa de mitos?

Roque Bandeira – Mas a coisa não foi sempre assim desde que o mundo é mundo?

- O que não é razão para a gente achar que não pode mudar tudo.<sup>94</sup>

Estar à mercê do fixismo determinista e repetitivo tem outra faceta que leva a acreditar na tradição de adágios, crendices, superstições e “simpatias” que reforçam o elo de dependência do homem. Nesta base, não há lugar para uma escolha livre porque não há existência lógica, não há nexos entre causa e efeito, e não há onde se ater para uma deliberação. Acontece porque “era para ser assim”.

Não presta varrer a casa de noite – afirmava – porque os antigos diziam que isto pode causar a morte da pessoa mais velha da família. Vestir roupas às avessas pode virar a sorte dum vivente. Quando via alguma criança a caminhar de costas Maria Valéria gritava: “Não caminhe assim, menino, senão teu pai morre.”<sup>95</sup>

Acreditar em efeitos não ligados logicamente a nenhuma causa, senão certa, pelo menos provável, implica em desmanchar toda a coerência. *Não haveria lugar para uma ciência organizada pelo conhecimento das causas e das constantes.* A linguagem seria aleatória. O “milagre” se tornaria a única esperança, e a falta deste a mais completa desgraça.

### 3.6 FIXIDEZ E MUDANÇA

Apesar destas crendices<sup>96</sup>, Maria Valéria na questão das guerras não abre espaço para o recurso explicativo do destino.

Rodrigo – Mas ele (Floriano) tem de compreender, Dinda.

Maria Valéria – Compreender o quê?

- Que a vida é assim mesmo.

- Assim como?

- De tempo em tempo os homens vão para a guerra e as mulheres não têm outro remédio senão esperar com paciência.

(...)

---

<sup>94</sup> OA2, p. 342.

<sup>95</sup> OR1, p. 125.

<sup>96</sup> Crendices estas que para o povo simples são apoio e segurança e mereceriam um estudo mais aprofundado, também sobre os valores que elas encerram.



- Mas por que tem de ser assim?
- Porque é uma lei da vida.
- *Foram os homens que fizeram essa lei.*<sup>97</sup>

A expressão “TEM de ser” ou “é a lei da vida” significa determinações que fogem às decisões das pessoas. Saber distinguir entre as leis inerentes à vida e às convenções estabelecidas pelos homens é o passo inicial para saber como reagir diante de ambas. E Maria Valéria reage: “foram os homens que fizeram esta lei”, logo, não “TEM que ser assim”.

Mais uma vez estão entrando em cena o Padre Lara e o capitão Rodrigo. A aceitação passiva dum mundo cujo desenvolvimento é pré-determinado, volta nesta frase: “Mas o mundo não é o que a gente quer. É o que é”<sup>98</sup>.

“É o que é” pode significar o realismo na teoria do conhecimento. As coisas são reais e concretas, são o que são, independentemente da idéia, do conceito, logo, do conhecimento que se tem delas.

Não é, a meu ver, neste sentido que Erico Verissimo coloca esta expressão na boca do padre Lara. “É o que é” está em oposição ao “não é o que a gente quer”, esclarecendo que a nossa capacidade de ação, nossos projetos, nossas estratégias e nossas inovações não vão alterar a grande marcha do mundo, onde tudo já está previsto. O homem, neste caso, não teria condições de interferir sociológica, criativa e eficazmente no desenrolar dos acontecimentos. Este posicionamento estático é logo rejeitado com firmeza:

Eu sei que ele é o que é.  
Mas a gente não deve se entregar.  
Não há muita gente disposta a dar.  
Às vezes é preciso tirar à força.<sup>99</sup>

“A gente não deve se entregar”: o destino está dentro das coisas e pessoas revestido de inércia e de entropia. Deixando tudo seguir como está, com certeza o destino não terá dificuldade de reinar. É aí que surge o ser humano capaz de superar a mesmice e de criar algo de novo e promissor.

Que, às vezes, seja preciso “tirar à força” não seria um apelo à violência? De modo algum. É que decisão livre para um compromisso concreto dificilmente

---

<sup>97</sup> OA1, p. 253.

<sup>98</sup> OC1, p. 261.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 261.



se realiza sem pressões e sem oposição. Levar à frente um projeto requer fortaleza, energia e vigor. “Tirar à força” é colocado como necessário “às vezes”, o que indica não se tratar de um princípio geral nem de um ideal. Entretanto, lutar por algum bem objetivo é muito mais humano do que estar de braços cruzados na permanente prostração da mediocridade<sup>100</sup>.

### 3.7 LUTA CONTRA A ACEITAÇÃO DO DESTINO: ANA TERRA

Em Ana Terra, uma das mais salientes figuras de mulher, vemos dum lado a força do destino e do outro lado a plena vitória da pessoa sobre ele.

*Com Ana Terra o Rio Grande sai do mito e entra na História. Sai do mito, aqui entendido, numa visão de mundo repetitivo, sacral, rotineiro e guiado pelo destino. Entra na História, no sentido de que a pessoa humana quebra o “eterno retorno”, desfaz as cadeias que a prendem ao que “sempre foi”, e começa a criar um mundo a partir de suas convicções, seus planos, sua criatividade. Rejeita a passividade imposta pelo destino e assume a sua vida nas mãos. É a coragem da inovação diante da rotina da repetição. É deixar na saudade as seguranças dum mundo fixo, preestabelecido e caminhar na insegurança dum novo mundo aberto e, por muitos aspectos, imprevisível.*

Ana Terra é um hino de liberdade. É o divisor de águas entre o homem “velho” e o homem “novo”, servindo de parâmetro para o homem de todos os tempos.

Ana Terra, primeiro, sente o fechamento cíclico e repetitivo do tempo e do espaço.

Para ela (Ana Terra) a vida estava terminada pois um dia era a repetição do dia anterior – o dia de amanhã seria igual ao de hoje, assim por muitas semanas, meses e anos até a hora da morte.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> Complemente-se esta idéia com o que diz o filósofo José Ingenieros: “El mediocre no inventa nada, no cree, no rompe, no engendra; pero en cambio, custodia celosamente la armazón de automatismos, prejuicios dogmas acumulados durante siglos. (Los hombres mediocres) carecen de iniciativa y miran siempre al pasado, como si tuvieran los ojos en la nuca”. INGENIEROS, José. *El hombre mediocre*. 6.ed. Buenos Aires: Losada, 1972, p. 48-49 e p. 53-55, In: FRONDIZI, Risieri. **El hombre y los valores en la filosofía latinoamericana del siglo XX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

<sup>101</sup> OC1, p.113.



A repetição robotizada e simétrica não é desenvolvimento, não é história de verdade, não é vida de um ser humano porque contrai o horizonte de liberdade. Conclusão: “a vida estava terminada”, não haveria mais nada a não ser o que já houve, apenas à guisa de cópia e de imitação.

Ana enfrenta a realidade na mais ampla e desalmada solidão depois do massacre perpetrado pelos arrieiros: “Agora ela tinha enterrado o pai e o irmão e *ali estava, em casa, sem amigos, sem ilusões, sem nada, mas teimando em viver.*”<sup>102</sup>

“Ali estava” não significa somente um “ali” geográfico mas um “*ali*” que resume todo o questionamento do ser humano e autoconsciente no conhecimento de sua situação frente a si mesmo e o mundo: seu lugar, seu poder, seu tempo, seu espaço, seu apoio, sua segurança, sua solidão. O homem é um ser “atirado” no mundo e lançado sobre si mesmo.

“*Sem casa*”: pode-se transcender a imagem do objeto casa, para expressar todo um conjunto material e físico que propicia segurança e uso para a pessoa. A “casa” é tudo que Ana construiu ou ajudou a construir numa harmonia entre a materialidade, o espaço e a sensação de bem-estar da pessoa. Quando a pessoa se sente bem, se diz que está como em sua casa. Estar sem casa e desalojado significa, para quem já teve moradia, uma ruptura com o mundo anterior, um salto para o desconhecido. A “casa” é onde a gente se acostuma a não estranhar o mundo e habituar-se com o ser “atirado” na existência.

“*Sem amigos*”: é lembrada e sentida a outra dimensão de apoio e segurança sem a qual a pessoa não consegue se compreender, se situar e se realizar devidamente. A filosofia da linha personalista veio ressaltar o quanto é importante, até anterior ao próprio “eu”, a pessoa e a presença do outro, o inter-humano. O desenrolar dos fatos históricos quando vem interferir na presença dos amigos interfere na profundidade de cada um, em que a transcendência do ser-com-o-outro estabelece uma possibilidade de vida. Em que, porém, a imanência plena do ser consigo mesmo, sem o encontro com o outro na intersubjetividade, estabelece uma solidão insuportável. Por falta de eco humano a pessoa não se entende.

---

<sup>102</sup> OC1, p. 127.



Dentro deste conjunto universal de outras pessoas e de coisas é que o ser humano vai elaborando seus planos para viver e para enfrentar dignamente a existência. Ana Terra, perdendo as coisas e os amigos, junto com tais perdas vê desmoronar também os seus projetos. “*Sem ilusões*”: significa os projetos em deformação, isto é, significa que os projetos e ideais que realmente havia já não vigoram mais. Ilusão não é colocada como sinônimo de engano, mas como hipóteses desejadas na construção da própria vida.

O resumo, digamos assim, de todas essas carências circunstanciais colocam Ana diante do nada. “*Sem nada*”: significa a situação-limite em que Ana recomeça a construir sua liberdade. “Nada” paradoxalmente para Ana é o ponto mais alto da criatividade. É lá onde a pessoa encontra recursos, onde não há mais recursos. É o questionamento que a vida faz “para ela mesma”, onde Ana vai sentir o *ponto máximo de sua autoconsciência e posse de si mesma*. Não é por nada que EV diante deste “nada”, que representa tudo o que poderia entravar uma caminhada, apõe *um MAS, “mas teimando em viver*”. “Mas” quer dizer o posicionamento da pessoa como tal. Da liberdade em seu mais alto grau de purificação. Liberdade na sua máxima dimensão e na sua mínima dependência. Liberdade, diante das maiores pressões e, igualmente, com a maior resposta de autonomia. *Liberdade tanto mais afirmada quanto mais contradita*. Liberdade brilhando na mais preciosa gema, quando limpa das deturpações que a envolvem, quando peneirada da sujeira que a esconde e a obscurece.

“Teimando” em viver, mesmo diante da maior insensibilização a que pode se ater a pessoa: a indiferença. A indiferença seria a abdicação do próprio poder livre de opção. É a dormência do livre arbítrio e da auto-afirmação. Ana quase chegou lá. “Ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase a ser indiferença. Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar.”<sup>103</sup>

Onde há menor facilidade emerge mais pura a liberdade: “nem de rir nem de chorar” são termos extremos que vem a indicar a totalidade dos atos e atitude da vida. Sobre todas as coisas paira não uma indecisão, mas uma decisão retraída de não decidir mais, porque “tanto faz como tanto fez”.

---

<sup>103</sup> OC1, p. 127.



É nesta situação que surge a visualização mais genuína da liberdade. É o recurso da vitória pessoal. Recurso que, em geral, é *o último a aparecer no processo da ablução depurativa da vontade; mas é o primeiro a existir na constituição básica do homem como ser livre.*

Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que por pior que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como as que já tinha sofrido. Este pensamento dava-lhe uma grande coragem.<sup>104</sup>

O sofrimento e a penúria fazem com que o passado não a agarre, não a segure, não a detenha. E, principalmente, que a lance em direção ao futuro. O passado foi o que foi. O futuro tem abertura, tem horizontes, poderá ser escolhido: “as coisas que estavam por vir”. Nem o espaço a retém:

Ana Terra – Vamos embora daqui.  
Eulália – Mas para onde?  
Ana Terra – Para qualquer lugar. O mundo é grande.<sup>105</sup>

O compromisso com a vida do filho volta como ponto importante da liberdade: “(...) queria viver, isso queria em grande parte por causa de Pedrinho.”<sup>106</sup>

Mas o ponto alto do hino à liberdade, que envolve o espaço, o tempo e o amor pelo filho numa dimensão vitoriosa, é a luta contra o assim chamado destino.

### 3.8 SIGNIFICADO PARADIGMÁTICO DE ANA TERRA

Ana, pela sua vitória contra o fatalismo, não somente assume o filho, mas assume e liberta todas as pessoas que, porventura, estejam inclinadas a se deixarem dominar pelo destino, vivendo na resignação e na indiferença.

*É nesta postura que Ana Terra simboliza, para todas as pessoas, o progresso da passagem do mundo mítico-determinista para o histórico-*

---

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 127.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p.126-127.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 127.



*construtivo*. “Mas queria viver também de raiva, de birra. A ‘sorte’ estava sempre virada contra ela. *Pois Ana estava agora decidida a contrariar o destino.*”<sup>107</sup>

Tudo indicava que o seu futuro era definhar aí e deixar as coisas acontecerem. O fato de Ana Terra tomar consciente em suas mãos toda a sua energia de viver e contrariar o estado de coisas que a envolvia é o ponto crucial e a fonte onde vai beber todo homem livre. Veja-se a importância desta atitude no Brasil, e talvez no mundo inteiro, onde muitas liberdades são jogadas no sorvedouro do fatalismo. O fatalismo não se refere somente a um ato concreto, mas ele envolve o conjunto das atitudes da pessoa humana. Logo, revisar a resignação submissa ao fatalismo implica em reverter as atitudes da pessoa humana como um todo. Por isso Ana Terra fez parte de toda a família gaúcha.

As próprias palavras “raiva” e “birra” assumem aqui uma conotação encantadora porque desfazem o derrotismo e fazem emergir aquela identidade pessoal que é característica do ser humano no seu melhor momento, na sua mais perfeita configuração. Assim também a palavra “*teimosia*”, neste trecho, é altamente significativa do último *reduto inexpugnável da persistência da afirmação da própria liberdade*. “Sim. Era pura teimosia. Chama-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula.”<sup>108</sup>

A expressão “gênio de mula”, extraída da comparação corrente das sociedades agropastoris entre o homem e os animais, vem esclarecer ainda mais “a teimosia”. “Gênio de mula” representa o que há de mais serviçal e, ao mesmo tempo, de mais resistente e altivo que possa existir. É o gênio de quem, quando quer de fato, se entrega de corpo e alma à causa abraçada. Mas também é o gênio da pessoa que, por não querer ou por notar que é coagida ou explorada, não move um dedo e ninguém a faz mudar de comportamento. Ainda: quanto mais alguém insiste em forçar ou pressionar, mais aumenta a tomada de posição inarredável.

Esta tomada de posição contra a corrente e contra o “destino”, salvo melhor juízo, é o ápice da personalidade valente e querida de Ana Terra. Quem se apaixona por Ana Terra se apaixona pelo melhor ideal que tem para sua vida. Como Ana Terra representa um dos pontos mais significativos da figura da

---

<sup>107</sup> OC1, p. 127.

<sup>108</sup> OC1, p. 127.



mulher e do ser humano, tem-se por certo que o fato de alguém tomar corajosamente o destino e a história em suas próprias mãos é o máximo de liberdade.

Conclui-se, portanto, como Erico Verissimo, através do exemplo paradigmático de Ana Terra, que o homem naturalmente tem o poder de ser livre. Logo, é livre e tem capacidade de exercer esta liberdade. É “naturalmente” livre porque, quando cessam aparentemente todas as circunstâncias favoráveis ao exercício de liberdade, mesmo assim ela tende a aparecer de fato, como em Ana Terra, a liberdade é amplamente vivida e comprovada. Quando cessam todos os favorecimentos circunstanciais, revela-se o que o homem é em si mesmo, sua natureza, seu “eu”.

Já que este exemplo representa o auge da liberdade, já que o ser humano tende a realizar o melhor de si, conclui-se que tal realização, quanto mais plena, é um dever da pessoa.

Vivia com medo no coração, sem nenhuma esperança de dias melhores sem a menor alegria<sup>109</sup>... Tudo isso por quê? Porque era a sua sina.<sup>110</sup> *Mas uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem. Pode e deve.*<sup>111</sup>

Sublinho dois verbos fundamentais dentro de nossas considerações. “Uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem”. É a afirmação inequívoca da capacidade que o homem tem de ser livre e de exercer, em linha de princípio, esta capacidade mesmo em situações adversas e em situações comumente tidas como impossíveis.

O segundo verbo é de capital importância, pois enuncia um princípio ético que incumbe toda a pessoa humana, que direciona as decisões humanas para uma autêntica responsabilidade pessoal e histórica: “*Pode e deve*”. É uma afirmação concisa, clara, inquestionável, que chega a ultrapassar os limites de tal ou qual parecer de indivíduos ou grupos para estabelecer-se como norma diretiva e libertadora para toda a humanidade.

---

<sup>109</sup> Antes da decisão histórica de “dar a volta por cima”.

<sup>110</sup> Sina: termo que vem do latim: “signa”. Indica o destino predeterminado de cada um.

<sup>111</sup> OC1, p.127.



### 3.9 ANA TERRA NÃO MORRE NUNCA

Procurando resumir este item sobre a liberdade e o destino, cadenciamos quatro passos:

- a) aceitação factual dum destino para cada um, conforme atestam os dados da experiência. (Exemplos de Pedro Terra, Maria Valéria, Zé Pitombo, Arão Stein).
- b) Abrangência da aceitação do fatalismo:
  - a partir da decisão superior de alguma entidade numinosa ou divina;
  - a partir de uma determinação natural evolutivo-materialista;
  - a partir do próprio instinto e caráter estabelecido na vida de cada ser humano.
- c) A reação histórica contra o destino (Cap. Rodrigo, Rodrigo e principalmente Ana Terra).
- d) Significado desta reação contra o fatalismo para a História do Brasil e para toda a pessoa humana. Superação do ciclo da natureza, do ciclo sacral, guinada antropocêntrica. Homem sujeito da História.

Em que se baseia EV para superar o fatalismo e o destino?

- na própria força intrínseca da liberdade. Esta não subsistiria nem como conceito nem como realidade diante da aceitação dum destino determinista. Isto aparece claramente em Juca Cristo, em Rodrigo e, sobretudo, em Ana Terra, em Bibiana, em Sílvia e em Floriano. Liberdade é a autoconsciência enquanto capaz de assumir responsabilidade. Ora, tal capacidade de responsabilização seria impossível se viesse a ser admitida a aceitação dum destino determinista. Logo, EV pelo seu próprio conceito de liberdade rejeita a idéia do destino determinista.
- na experiência inegável que o homem faz no sentido de perceber que está atuando livremente com capacidade e superação dos influxos fatalistas. Tanto em si mesmo como na construção da sociedade, o ser humano é apto a dar-se conta de que o “status quo” ou a situação vigente assim o é não pela força do destino, mas como resultado da ação ou da omissão do homem.



## 4 LIMITES À LIBERDADE

*“Esta idéia de que somos livres e os únicos responsáveis por nossa vida e destino não será uma fonte permanente de angústia?” (OA2, p.397).*

### 4.1 O DADO PRÉVIO

O dado, que se antolha imediatamente à consciência, não é construído e elaborado, nem escolhido. Ele não cai na esfera da liberdade, enquanto dado. É condição, campo e ao mesmo tempo limite de liberdade. “Aceitamos as pessoas e as situações por que elas ESTÃO AÍ.”<sup>112</sup>

A um dado momento o homem se defronta com um “presente” que ainda não foi objeto de sua interferência. No diálogo entretecido entre o dado e o construído se desdobrará a liberdade.<sup>113</sup>

Acontece ainda que o próprio sujeito, o homem consciente de si mesmo, é também um dado. É um dado que existe e é um dado que é sujeito. Em outras palavras, ele está *de tal maneira constituído, que não pode deixar de ser sujeito e de ser sujeito consciente do objeto que é ele mesmo*. O homem é um sujeito que tem por objeto a si mesmo: explicitamente, se ele quiser e atentar para isso; implicitamente, pela sua natureza, sempre, em cada ato de conhecimento ou de liberdade. No entanto, ele permanece sempre sujeito não completamente objetivável. Sua autoconsciência é um dado e sua auto-avaliação inescapável. Ora, no seu autoconhecimento e na sua auto-avaliação, ele se sente forte suficiente para poder ser livre e se sente fraco necessitando ser livre.

Surge, assim, um estranho desejo não só de romper com os limites, *mas de interceptar a fonte de percepção dos limites*. “O melhor seria descobrir uma fórmula mágica para promover a fusão das duas partes do seu eu. *Deixar de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto*. Unificar-se (...).”<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> OA3, p. 919. Já foi citado no capítulo sobre a experiência da liberdade este claro texto: “Ora, acontece que, queira ou não queira, ou existo nesta hora e neste lugar. Que fazer então com a minha vida?” (OA2, p. 396).

<sup>113</sup> É importante esta situação para não recairmos numa posição de passivismo fatalista veementemente rejeitada por nós e por Erico Verissimo.

<sup>114</sup> OA2, p. 550.



O fato de o homem não poder “deixar de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto” é o dado inicial de todas as peripécias de liberdade. É o “já posto” anterior à educação consciente. Este dado é terreno, é mola, é limite da liberdade. “Melhor seria” indica uma hipótese para se livrar dum dado irrevogável da realidade. O homem é o ser responsável por si mesmo, mas até que ponto? Poderá ele, na sua escolha, refazer-se completamente? A sua liberdade dá-lhe o condão de fazer-se outro? Será o homem um agente livre de sua própria metamorfose? Pode ele configurar-se a partir do código genético em outro genoma?

O homem não tem escolha em relação à sua natureza como um dado, mesmo que tenha em seu poder a capacidade de transformá-la. Mas mesmo transformando a sua natureza o homem a utiliza como base da própria mudança. O homem, através da liberdade, consegue ser arquiteto de si mesmo, não na formação originária de seu substrato, mas na orientação, preenchimento e finalização de substrato natural dado. A dinamicidade mutacional do ser humano não anula, mas pressupõe tal plataforma inata de constituição.

Tanto pelo pensamento quanto pelas ações o homem, na sua liberdade, é limitado. Se não pára, é porque falta algo; se falta, não é ilimitado.

A liberdade do homem é tal que não consegue, mesmo que quisesse, transmutar-se radicalmente. O homem consegue, às vezes, mudar os seus pensamentos, mas não consegue fazer-se um ser não pensante. O homem consegue orientar os seus sentimentos, mas não consegue eliminá-los. O homem consegue, às vezes, mudar os seus valores e suas escolhas, mas não consegue mudar-se num ser que não escolhe. O homem consegue (ou é obrigado a) mudar de lugar, mas não consegue fugir da espacialidade. O homem consegue trocar de amigos e interlocutores, mas não consegue fazer-se um ser que não precisa de amigos e de comunicação. O homem pode modificar datas e calendários, mas não pode evadir-se da temporalidade.

A escolha recai sobre a modificação do dado e não sobre o dado. Assim mesmo, a escolha é muito grande porque o dado não é fixo, mas sumamente flexível e aberto, exatamente pela liberdade que lhe é inerente. O que é limite é também condição propulsora da liberdade. Limite, enquanto o dado não é objeto de escolha. Condição propulsora, enquanto o dado é sujeito da escolha.



*A liberdade é o dispositivo conatural à pessoa para que ela não seja fixa e determinada, isto é, para que não seja um simples dado. Assim o homem é um ser constituído para constituir-se, arquitetado para arquitetar-se, pensado para pensar-se, querido para querer-se, programado para programar-se, projetado para projetar-se, criado para desenvolver-se.*

#### 4.2 A DOENÇA

Quais serão, em EV, os limites mais sentidos e dolorosos frente à liberdade? A liberdade como compromisso pessoal, situado na história, no tempo e no espaço, sente-se tolhida pela doença. Bem que o povo diz, muitas vezes, de maneira resignada, “tendo saúde, vai tudo bem”. Não queremos dizer que a doença é sempre um limite, quando sabemos que, não raro, ela vem proporcionar ao homem a ocasião de ultrapassar os limites que o prendiam anteriormente.

Há muitas narrações sobre doenças, como aliás não poderia deixar de ser, também porque EV trabalhou em farmácia. As mais destacadas se encontram na vida do Dr. Rodrigo, contrastando, de certo, com seu gosto pela vida. “E aqui está o Dr. Rodrigo Cambará doente, atirado em cima numa cama, reduzido a uma imobilidade exasperante. E esquecido!”<sup>115</sup>

A doença reduz, limita a mobilidade espacial que, mesmo completa, é sempre restrita. A imobilidade é “exasperante” porque tolhe e embarga uma série de possibilidades costumeiras. “Esquecido” significa que a sua lembrança e o seu valor ficam na dependência dos outros. Ter que depender totalmente de outrem, bloqueado pela doença, é um dos maiores baques dos auto-suficientes e um dos maiores constrangimentos daquele que não querem incomodar ninguém. Tal revolta diante da doença, quando o indivíduo é “entregue” aos exames e decisões de outra pessoa, vem carregada de inconformidade: “Desde que ele (o enfermeiro) veio para seu serviço, há dois dias, o doente (Rodrigo) o detesta, como se a criatura fosse o culpado de toda esta situação.”<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> OA1, p. 201.

<sup>116</sup> OA1, p. 194.



A tentativa de colocar a culpa em outra pessoa vem trazer a idéia de quanto é difícil admitir os cortes e as limitações da própria posse de si mesmo. Pergunta-se, ainda, lembrando seus afazeres:

Nesta hora em que eu poderia estar na rua fazendo essa campanha e ajudando o Getúlio, não é uma injustiça eu estar aqui fechado neste quarto, como um mutilado, um inválido? Floriano sacode afirmativamente a cabeça.<sup>117</sup>

Tudo o que vem quebrar os planos tolhe a liberdade. Principalmente se o projeto é centrado na supervalorização de si mesmo. A doença pode decretar o fim dum tipo de participação pessoal, mas não é o fim da causa pela qual se luta<sup>118</sup>.

Como veremos no texto a seguir, também a doença de outras pessoas revela os limites entre o querer e o poder. A amplidão da liberdade e o horizonte da decisão efetiva são correspondentes ao “tamanho” do ser. A liberdade do homem acompanha a sua finitude. O querer e não poder (contrariando em parte um conhecido provérbio popular) revela a situação genuína e autêntica do desarme e da finitude do ser humano. A doença desvela de maneira factual rude e indesmentível esta deficiência da liberdade humana, no próprio agir e na inadimplência da esperança dos outros.

O pior de tudo eram aqueles olhos (referindo-se à filha Alicinha. Ela doente, ele médico). Ela me olhava. Ela *tinha confiança em mim. Parecia que estava pedindo para salvá-la. E eu ali sem poder fazer nada*. Tu sabes o que é isso? Impotente, vendo minha filha em convulsões na cama, se acabando aos poucos e... aqueles olhos pedindo, suplicando... olhos espantados de quem não sabia porque tudo aquilo estava acontecendo.<sup>119</sup>

Alicinha estava possivelmente ainda na fase em que acreditava que o pai podia tudo. A doença evidencia a implosão do poder decisório no abismo entre o querer e o poder. Pois o querer e a liberdade não se situam tão somente na potencialidade sonhada, mas também e sobretudo na efetivação realizada.

---

<sup>117</sup> OA2, p. 577.

<sup>118</sup> Em muitos casos a doença diminui a liberdade quanto à intensidade da ação, mas aumenta a liberdade quanto à intensidade da doação.

<sup>119</sup> OA2, p. 418. Este comentário falando da doença não quer nem de longe ser fatalista. Num país, onde há tantas doenças endêmicas e crônicas, o homem não pode resignar-se à passividade. Sentir e reconhecer os limites que a doença revela não significa submeter-se illogicamente a ela, mas vencê-la o mais possível com projetos concretos e saudáveis.



A doença é um dos dados que compõem a circunstância humana, reduz os planos, revela a dependência em relação aos outros, esclarece o lugar da pessoa humana situando-a na finitude do seu ser, na distância entre os seus desejos e suas realizações.

#### 4.3 A MORTE

Se a doença nos revela tudo isso, o que não nos revelará a morte? Se a doença, que tolhe a ação, já representa um limite, quão sentido será o limite-morte que oculta o ser<sup>120</sup>. A morte é co-presença antecipada já durante a vida, ou melhor, é a “co-ausência” de si mesmo já presente durante a vida. É surpresa prevista; é o “golpe de morte” para a liberdade ou o cadinho de sua purificação. Ela ajuda o homem a decidir para quê e para quem ele pretende viver.

Eis as considerações de Bibiana:

Haverá coisa mais corriqueira do que a morte? Desde criança a gente sabe que um dia tem de morrer. Toda a hora ouve falar em morte. Mas a gente se habitua com a morte? Não. Quando ela chega sempre é uma surpresa.<sup>121</sup>

Como “surpresa” ela se situa fora dos planos de existência de alguém; como certeza inapelável do “tem de morrer” se situa acima do poder seletivo da liberdade. Esta surpresa é de difícil preparação: “A triste e fria verdade – pensa Floriano – é que todos nós, em maior ou menor grau, estamos sempre preparados para aceitar a morte dos outros.”<sup>122</sup>

Tal acontece porque a morte dos outros não envolve totalmente a nossa liberdade. Mesmo assim, vejamos a dificuldade de Fandango vendo-se obrigado a contar aos outros a morte do seu amigo Florêncio: “Credo cruz! Dar notícia de morte é a coisa pior do mundo. Logo eu, o Fandango, o gaiato, o festeiro, o bom de farra... Como é que eu vou dizer?”<sup>123</sup>

---

<sup>120</sup> Trata-se da morte no sentido fenomenológico, procurando o seu “noumenon”.

<sup>121</sup> OC2, p. 423. “A obsessão da morte atravessa toda a obra de Erico Verissimo”. CHAGAS, Wilson. **Mundo velho sem porteira**. Porto Alegre: Movimento, 1985. p. 25.

<sup>122</sup> OA1, p. 13

<sup>123</sup> OA2, p. 669.



A dificuldade em contar provém da dificuldade inerente de o homem ser assim: datado, limitado, mortal. A morte é o ponto mais evidente da finitude e da temporalidade do homem. É compreensível, então, que quanto mais evidente a finitude, mais seja difícil olhá-la de frente e aceitá-la. A evidência, todavia, é tão insustentável, sem nenhuma explicação, que o homem sempre procura um sustentáculo. Fandango, consigo mesmo, ensaia a sua explicação:

Mas não se aflija, dona, a vida é assim mesmo. Todos morrem mais cedo ou mais tarde. *A morte não pede licença* para entrar na casa da gente. Seu pai era mais moço que eu, seu pai era melhor que eu. Me desculpe por eu estar ainda vivo... Quem manda é o Velho lá em cima.<sup>124</sup>

Aí está a fronteira da liberdade da pessoa humana: “a morte não pede licença...”, por isso não entra dentro das coordenadas de deliberação e de escolha do homem. “A vida é assim mesmo”. Este poder sobre-humano da morte, truncando a liberdade, é muitas vezes simbolizado pelo vento que “maneia o tempo”<sup>125</sup> e vem anunciando, na sua fúria indômita, a dor e a morte.

Mas por que será que o tempo custa tanto a passar quando há guerra? Decerto não pode andar ligeiro, tropeçando num morto a cada passo. *E por que às vezes o vento geme tanto que parece ferido? Decerto porque viu muito horror no seu caminho.*<sup>126</sup>

Os atos da vontade são escolhidos pela liberdade, mas a duração desta vida, que é a base de todos os atos, não está plenamente no âmbito de minha escolha, só de minha aceitação.

O que me assusta é a idéia de NÃO CONTINUAR VIVO. Não posso morrer. Preciso terminar minha missão. Que missão? Ora, a de viver! Haverá outra mais bela e mais legítima?<sup>127</sup>

Na descrição da cidade e dos habitantes da imaginária Santa Fé, Erico Verissimo destaca o “defunteiro” (armador) Zé Pitombo. Destarte, Erico relembra no conjunto das realidades da vida, a presença da morte. Mesmo rejeitando esta presença, ela vem sempre de novo sendo reafirmada como algo que não se

---

<sup>124</sup> OA2, p. 669. Heidegger analisa diretamente e longamente o “ser-aí” como “ser relativamente à morte”, no livro “El Ser y el Tiempo”. *Op. cit.* p. 258-283. EV certamente não desconhece.

<sup>125</sup> OC1, p. 19.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 312. Cf. OC1, p. 72 e 152.

<sup>127</sup> OA1, p. 197.



deseja, mas que inexoravelmente aparece. Observe-se o desabafo de Rodrigo, querendo afastar a casa do armador para longe de sua moradia: “Se houvesse um jeito eu tirava o defunteiro daí. Não preciso ter todos os dias nas ventas esse lembrete da morte.”<sup>128</sup>

A expressão “*nas ventas*” indica algo que aborrece e irrita, mas que sempre está aí, querendo ou não querendo. É uma força superior à vontade da pessoa, que passa a ser “obrigada” a perceber e a admitir seus limites. “O armador encolheu os ombros filosoficamente murmurando: ‘Não morreu? Paciência. Seu dia chegará’. A morte é a única coisa certa que há na vida.”<sup>129</sup>

A certeza da morte pode ser estratégica e falsamente usada para influenciar em certos hábitos da vida. Pode ser ocasião de amedrontamento, manipulação e até de exploração. A ameaça de morte pode ser uma violenta agressão dominadora para conseguir alguma coisa do ameaçado<sup>130</sup>. O enfrentamento da morte pode ser também um apelo significativo: coragem ou fuga, emoção ou medo. “Querida achá-lo ridículo (o cerimonial do enterro), antiquado, medieval, mas na realidade a coisa toda o comovia e ao mesmo tempo o atemorizava.”<sup>131</sup>

Para EV a morte impede a liberdade de querer viver. Lenta ou inesperada, querida ou odiada, é sempre um enigma insolúvel. Talvez seja exatamente por causa de seu caráter indecifrável, revelador e desafiador que o romancista discorre tão longamente sobre ela. Florêncio, ao visitar o túmulo dos pais, expressa a pergunta de todos:

Uma grande pergunta, de repente, cresceu dentro dele. Para quê? Para que tudo isso? Para que tanta trabalhadeira, tanta doença, tanta desgraça, tantas andanças, tanta aflição? Para quê, se um dia a gente vem parar mesmo numa cova de sete palmos onde fica servindo de comida aos bichos da terra?<sup>132</sup>

Sem resolver o problema da morte o homem não tem em mãos a chave da verdadeira liberdade, não tem em mãos a posse e a decisão sobre si mesmo,

---

<sup>128</sup> OA1, p. 71.

<sup>129</sup> OR2, p. 487.

<sup>130</sup> As religiões podem também se “utilizar” da morte para a respectiva implantação nas vidas das pessoas. Uma coisa é se “utilizar” interesseiramente, outra bem diferente é admitir a morte realisticamente.

<sup>131</sup> OR2, p. 488.

<sup>132</sup> OC2, p. 481.



sobre seu tempo, sobre o seu futuro. Não se sente dono porque não só o que ele tem, mas o que ele mais é, lhe é subtraído. O mundo, as pessoas, os amigos, tudo e todos são envolvidos, mas ninguém explica:

Saí desesperado porta afora, andei sem destino por essas ruas, com aqueles gritos (de Alicinha desenganada) nos ouvidos, pensei em me matar, em bater na porta da casa dos meus amigos, em acordar todo o mundo. Queria que alguém me explicasse porque era que toda aquela monstruosidade estava acontecendo.<sup>133</sup>

A morte rompe com os planejamentos, é inatingível através da força de decisão e deixa a liberdade insatisfeita diante de sua insuficiência. “A morte de Alicinha precipitou Rodrigo num desespero tão profundo que o Dr. Camerino chegou a temer pelo equilíbrio mental de seu amigo e protetor.”<sup>134</sup>

A insolvência dos planos e projetos, à revelia dos propósitos do homem, revela a impossibilidade de superar a contingência e a incapacidade de continuar a ser, na hora que mais seria necessário. “Se soubesses os planos que eu tinha para Alicinha...”<sup>135</sup>. Depois comenta:

Tinham sido todos uns incompetentes. Ele, Carbone, Camerino e aqueles dois médicos que mandara vir às pressas de Porto Alegre. Todos uns charlatães. Não sabiam nada. A medicina era uma farsa. A doença matara Alicinha em menos de dez dias. Era estúpido. Era gratuito. Era monstruoso.<sup>136</sup>

Ressaltar ou até exagerar a falta de capacidade quer significar que na hora em que mais se deveria resolver com sabedoria e eficiência, mais chama atenção a ineficiência. No mais fácil, o homem é capaz. No mais difícil, decisivo e absolutamente necessário, ele não arregimenta forças à altura. A liberdade decide sobre o inútil e o supérfluo enquanto que o mais necessário – a duração do próprio ser – está fora de seu alcance. Seria como um relógio que é bom para tudo, menos para marcar hora. É chamado de imprestável. De maneira semelhante, o ser que é capaz de muitas coisas, menos de ser, quando mais

---

<sup>133</sup> OA2, p. 417. A verdade sobre a morte, imediatamente proposta e assumida, não pode ser omitida e certamente contribuirá para o bem da pessoa. Nem a tapeação nem a obsessão ajudam à solução do problema.

<sup>134</sup> OA2, p. 409. O transtorno de Rodrigo foi tanto que pode ser interpretado também em parte pelo golpe ao orgulho que era sustentado pela beleza e presença de Alicinha.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 418.

<sup>136</sup> OA2, p. 410.



quer ser, pode ser chamado de imprestável. É por isso que Rodrigo desafoga: “(...) e cinco animais, cinco quadrúpedes diplomados, ao redor dela sem poderem fazer nada. Pensa bem. Não é estúpido? É tudo absurdo. A vida não tem sentido. É uma miséria, uma mentira!”<sup>137</sup>

E Rodrigo tomou o diploma e os livros de medicina e queimou-os à vista de toda a família.

O que é dado ao homem só não cai na sua preocupação enquanto ele tem certeza que lhe não será tirado. A consciência do limite, manifestada pelos símbolos, o oprime e enche de cuidados. “Rodrigo sentiu algo de opressivo no peito. Detestava velórios, luto, choro – tudo, enfim, que se relacionasse com morte.”<sup>138</sup>

Se é opressiva a idéia de não ter sempre saída, de não ter sempre amigos, de não ter sempre memória, não será uma concentração subitânea de todas essas preocupações o sentimento de não “ter” sempre o ser?... Não será opressivo o fato de não ser sempre, ou por outra, o *fato de ser não sempre*? Por isso tudo é que a coragem ao enfrentar a morte é a mais fundamental e definitiva. Quando o padre visitou o Cap. Rodrigo para que se confessasse, ele não aceitou: “Se eu me confessasse e não morresse ia ficar com uma vergonha danada de me ter entregado *só por medo da morte*. Todo o mundo ia dizer que afrouxei o garrão.”<sup>139</sup>

Por que a maior bravura do homem é não ter medo da morte? Porque é a superação – ou pelo menos a tentativa de superação – do maior limite ao ser livre. Obviando este limite, a liberdade venceria a sua maior prova e se abriria para a mais ampla perspectiva. Há, no entanto, uma frase, dita para passar o tempo nas longas horas da costura, que lembra o parco domínio do homem na vida frente à sorte, e a ausência de poder frente à morte:

Coso a roupa  
Mas não coso a sorte  
Coso a vida  
Mas não coso na morte.<sup>140</sup>

<sup>137</sup> OA2, p. 417.

<sup>138</sup> OR1, p. 299. Os símbolos lembram o limite, mas também a superação.

<sup>139</sup> OC1, p. 242. A coragem de enfrentar a morte sem medo é também apanágio do índio tupi: “Tu choraste em presença da morte? Na presença de estranhos choraste? Não descende o cobarde do forte; Pois choraste, meu filho não és!” Gonçalves Dias, “*I-Juca-Pirama*”, in *Nossos Clássicos*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 41.

<sup>140</sup> OR1, p. 125.



No tecido da existência, na urdidura da vida, a pessoa humana não se encontra totalmente. Chega um ponto em que “perde o fio da meada”. O que a pessoa pode fazer é apresentado pela afirmação “coso a roupa”: faço, ajo, delibero, uso, relaciono, progrido, planejo, produzo alguma coisa. Mas não consigo costurar, alinhar, concatenar, trazer para mim, dominar todo o conjunto da realidade da existência: “*não coso na morte*”. Há uma força, superior a mim, que coloca um fim na trama da vida; ou melhor, há uma progressiva falta de força que já não consegue se manter no ato permanente de existir.

Duro como o limite é a consciência do limite. Em Erico Verissimo os personagens, às vezes, tentam “pré-imaginar”, antecipar em sonho ou em pensamento a morte ou o estado “post-mortem”. Não será o desejo recôndito esta barreira que ameaça e desfaz todos os sonhos, lutas, realizações? Surge a imaginação da morte para, de certa maneira, ir se acostumando com esta realidade? Ou não será a imaginação despertada exatamente porque a realidade da morte não está sendo superada?

Lá estava (segundo a imaginação) dentro do mausoléu da família Cambará uma nova placa de mármore com letras douradas: Dr. Rodrigo Terra Cambará, 1886-1923. Morto em combate pelo Rio Grande! Quis apagar a imagem. Não pôde.<sup>141</sup>

A esta altura já estamos percebendo que a mesma experiência de viver alegre e briosamente a liberdade, constata que ela sofre limitações de toda a espécie em seu exercício.

Além disso, a sensação é de que a liberdade morre na morte. No fato que ela mais enfrenta, ela mais recua. No fato em que ela mais se afirma (ou se afirmaria...), ela também se apaga. A liberdade se apresenta envolta na mortalidade, pois ela não garante *por si mesma* a sua sobrevivência.

Vida depois da morte? A idéia predominante em EV é de uma grande e espinhosa incerteza, que certamente entrevê e suspira por uma chance de futuro além-túmulo, mas, mesmo assim, atenaza o homem sem parar. O esforço de esquecer a morte indica a importância da interrogação que ela traz. Do ponto de vista teórico, a concepção de liberdade em EV clama por um Infinito, que tenha o poder de garantir a vida na imortalidade.

---

<sup>141</sup> OA2, p. 319.



Rodrigo, aturdido pela morte de Alicinha, fala abertamente de uma outra forma de vida:

Em alguma parte do universo ela vive – dizia-se ele em pensamento. (...) Era uma esperança, um consolo... Por que não tinha pensado naquilo antes? Que estúpido! Aceitaria como um idiota a idéia da destruição total e irremediável de sua princesa, como se ela fosse apenas corpo, apenas matéria. Deus era bom. Deus era grande. Deus era justo.<sup>142</sup>

Esta confissão de Rodrigo – cumpre-me dizer amparado pelo contexto – mais parece um desabafo de um sentimento do que uma verdadeira afirmação intelectual. No entanto, EV aponta o caminho de que não há uma resposta *para a vida se não há uma resposta para a morte*. E para esta resposta o homem encontra dois fulcros de sustentamento. Primeiro, a natureza da pessoa humana, que não é “apenas corpo, apenas matéria”. Segundo, a solução do problema se encontra definitivamente no poder, na grandeza e na bondade de Deus: “Deus era bom. Deus era grande. Deus era justo”.

Podemos dizer que EV nos deixou uma vasta e profunda análise das reações do homem diante da morte e, conseqüentemente, indica o quanto é crucial e importante este problema. No entanto, o grande escritor cruzaltense, dada a insegurança dele mesmo diante do Enigma, não quis pronunciar-se abertamente além da insegurança além da problematização que ela aponta. Nosso louvor e nossa estima à tão grande franqueza é nossa valorização ao legado que ele nos deixou. Contudo, se a insegurança é sentida subjetivamente e admitida intelectualmente, é claro que ela indica um *descontentamento radical*, e, por conseguinte, ela supõe uma *continuação da procura, a qual não poderá indefinidamente parar na insegurança, mas deverá atracar em um porto seguro*, que supere todos os portos intermediários, não voltando a repisar toda a trajetória de interrogações e que se aquiete finalmente e participativamente numa resposta definitiva.

---

<sup>142</sup> OA2, p. 422.



#### 4.4 O MEDO

Uma das tantas situações de medo<sup>143</sup> é referida na reação de Floriano ao ser intimado pelo pai a lutar junto no ataque à Guarnição Federal de Santa Fé (Revolução de 1930).

(Floriano) estava gelado, com a impressão de que a garganta se lhe havia fechado e uma garra lhe apertava o diafragma. Não tinha a menor dúvida. Era um medo subterrâneo que lhe convulsionava as tripas, lhe amolecia os membros e a vontade.<sup>144</sup>

Este medo, por assim dizer físico, diante dum objeto conhecido ou duma situação determinada, envolve todo o ser humano: “lhe amolecia os membros e a vontade”. É um entrave à liberdade porque o medo toma conta e as situações passam a ser enfrentadas, não pela lucidez da deliberação, mas pela premência do medo. O medo pode ser até um entrave reduplicado na medida em que é censurado e não é admitido. O receio de que o pai não o aceitasse por ser medroso foi mais forte do que a sinceridade em declarar-se medroso e explicar os motivos do medo. Esta atitude vem demonstrar que “o não aceitar-se como se é” ou “o não mostrar-se como se é” significa deixar-se ainda manobrar por outrem. O que leva a dois sofrimentos: o de ter medo e o de ter medo que outros vejam o nosso medo:

Pela sua cabeça perturbada haviam cruzado milhares de pensamentos, planos, estratégias, resoluções (...) Tudo isso, porém era vago, inconsistente, efêmero. Só havia uma realidade implacável: o seu medo. Envergonhava-se dele e achava-se mais covarde ainda por não ter coragem de aceitar o próprio medo e proclamá-lo ao mundo inteiro, usá-lo como uma espécie de símbolo (...) da sua maneira de sentir, de viver, de ser...<sup>145</sup>

EV confiando na pessoa, quer refletir e ressaltar o lado humano, bom, alegre, faceiro e positivo da vida. No entanto, não deixa de trazer também o homem em estado de abandono, de solidão, conseqüentemente de medo.

---

<sup>143</sup> EV dará também espaço para Floriano justificar o seu medo e expor sua índole pacifista. O medo, sob certo aspecto é saudável como indicador dum mundo desajustado.

<sup>144</sup> OA3, p. 672.

<sup>145</sup> *Ibid.*, p. 672-673. O medo apresenta, a par do imponderável, também o seu ângulo de “construído” pelo homem ou pela sociedade.



O que mais nos ilude será o medo ou a coragem?<sup>146</sup> Será a perturbação menos verdadeira do que a harmonia? A realidade última do homem é de segurança ou de abandono? A companhia é a última palavra, ou a solidão? E a própria coragem não será uma proteção ilusória para encobrir o medo radical da existência?

Viera de inopino (na mente de Rodrigo) a idéia culposa de que tinha “abandonado” a filha, e de que a menina estava encerrada no mausoléu. Sozinha e com medo. Sozinha e com medo! Esta impressão foi intensa e perturbadora.<sup>147</sup>

Neste trecho se pensa numa possível solidão depois da morte. Quer dizer que não vale para o momento presente? Mas se há solidão depois da morte, há uma solidão radical e indestrutível, dado que a companhia e o apoio são passageiros e efêmeros. Se o que sobra é a solidão, o que manda é a solidão. *Se o que permanece é a solidão, o que predomina é a solidão.* O que resulta de tudo é definitivo. O resto será uma construção acessória, contingente e, até certo ponto, ilusória.

Liberdade é “ter” um ponto ou alguém onde se firmar, ou “ser” um ponto onde se firmar. O medo parece negar que esse ponto exista de fato. Nesta passagem da vida da corajosa Bibiana, percebe-se o confronto com o medo e a solidão. “Encolhida de frio e de medo, ela começa a rezar automaticamente.”<sup>148</sup>

A pessoa se defronta com os momentos cruciais do “valer-se a si mesma” fulcrada no “ser-em si-mesma”. “Rezar automaticamente” expressa um dado comum na história dos povos: *a ligação conatural e visceral da pessoa com um eixo vital acima de si, dando-lhe continuidade no ser e realização em si mesma*<sup>149</sup>.

O “ser-em-si-mesmo” não resiste à idéia do “ninguém” e do “nada”:

---

<sup>146</sup> Parece que, como não se sabe certo se há um sentido, se faz um sentido para a vida. Por outro lado, o medo sem sentido de saída, isto é, o medo não resolvido leva ao pânico, ao atabalhoamento e à descompostura.

<sup>147</sup> OA2, p. 436.

<sup>148</sup> OC1, p. 72.

<sup>149</sup> Este dado constatável do recurso ao sobrenatural, quando refletido sob exame crítico, não pode ser descartado como um gesto disconforme com a natureza humana. Pelo contrário. O lamento do homem acabrunhado não indica somente a sua finitude, mas também a grandeza de sua esperança. Não haveria lamento na limitação se não houvesse, pelo menos virtualmente, a idéia e a esperança de plena realização na felicidade.



Maria Valéria! grita ela. Maria Valéria! Licurgo! Nenhuma resposta. Só o gemido do vento, o frio e a escuridão. (...) Onde estão todos? Por que não vêm me contar nada? Nunca ninguém me conta nada. Valéria! Curgo! Rodrigo! Toríbio! Nada. Ninguém. Só o silêncio do casarão, o vento nas vidraças e o tempo passando...<sup>150</sup>

A palavra “*nada*” lembra a possibilidade do menor poder do homem. Sua nulidade de escolha e de liberdade por falta de objeto e por falta de sujeito. Por que existe o ser antes do nada? Valerá mesmo o ser, a afirmação, a liberdade, ou prevalecerá a negação de tudo isso? As coisas sensíveis ainda trazem a consciência da vida, mas em poder de forças indomáveis: “o vento nas vidraças”, “o frio”, “a escuridão”. A liberdade não domina, em última instância, todos os fatores que nela influenciam e muito menos domina os fatores que a baseiam ontologicamente. “E o tempo passando” significa o fluir de algo que não está totalmente sob a coordenação da liberdade. O tempo convencional vai passando e a intensidade do tempo psicológico e personalizado não consegue fazer-se e refazer-se só de memória. O “hoje” de grandes realizações não é mantido pela cronologia nem eternizado pela força de vontade.

A palavra “*ninguém*” indica a falta que faz o outro para a segurança da pessoa humana. Evoca toda a linha do personalismo, privilegiando não o egocentrismo, mas a presença e valorização do outro na realização da pessoa. Bibiana manifesta, pela falta que sente, o quanto é decisiva a presença do interlocutor para se sentir gente, para se sentir participante do “ser”, co-participante da vida e da intercomunicação humana.

Esta experiência da Bibiana não representará uma orientação universal e válida para toda a pessoa?

Vamos ver no Fundamento da Liberdade que a plenitude da aspiração humana inclui a presença de Deus na vida da pessoa. Tal presença ilumina o caminho, além do medo e da morte, sem desfazer nenhuma prerrogativa da liberdade no espaço intramundano e interpessoal. Por que EV fala tanto do medo em “O Tempo e o Vento”? Há vários fatores que concorrem para isso: primeiro, a influência da leitura de autores existencialistas, levando para a introspecção e para a radicalidade da solidão no enfrentamento da existência; em segundo lugar, conjugado com estas influências, está o espírito profundo e reflexivo de

---

<sup>150</sup> OC1, p. 72.



EV, que não deixa de pensar e de fazer pensar nas antinomias que a vida traz consigo.

Com muita atenção, é preciso também lembrar que EV é um escritor que sabe cativar a atenção do leitor. Ele não deixaria de se fazer valer deste enorme potencial e do grande recurso literário, que o medo representa a todas as pessoas. O suspense, a insegurança, a pergunta, a vertigem diante do abismo do ser, a incerteza diante da imprevisão das atitudes dos personagens, tudo isso é de tal maneira bem elaborado em EV que o medo não somente consiste numa realidade, que atinge a todos, mas também se constitui num instrumento a mais na pena de um hábil escritor.

Saliente-se, pois, que o medo em EV não tem a marca da pusilanimidade, mas tem a marca de um olhar profundo sobre a finitude e sobre as incongruências da pessoa e da história. A descida nas profundezas da decisão não dá lugar ao sorriso fácil das soluções simplistas e superficiais. O homem, ontologicamente, inicia “fora de si” e se completa “além de si”. A adesão ao Ser Supremo, amoroso e providente, pode não eliminar o medo no seu aspecto psicológico, mas soluciona a sua espinhosidade preenchendo-o de sentido e de superação. Na trajetória para a Transcendência o medo não é afastamento, mas é chamada e aproximação.

#### 4.5 A ANGÚSTIA

A par da solidão na falta das coisas intramundanas (“nada”) e na falta da companhia dos outros (“ninguém”), a pessoa vive momentos *em que sente a falta de si mesmo. Sente que o próprio “eu” é frágil e não lhe assegura tudo o que em arroubos promete*. O choro, a pena, o descontentamento consigo mesmo é causado pela fragilidade inerente ao ser humano. Não é a tristeza por um ou outro acontecimento, esta é passageira. É a tristeza e a mágoa permanente que subjaz a toda a insegurança e a todo acontecimento. *É o fato de que o homem não é para si o fundamento cabal de sua felicidade.*

Invadiu-o então uma súbita, trêmula pena de si mesmo. As lágrimas começaram a escorrer-lhe geladas pelas faces. Foi-se ficando para trás para poder chorar à vontade sem que os outros



o vissem. E já não sabia ao certo *se chorava de pena do pai ou de si mesmo*.<sup>151</sup>

Rodrigo chorava a perda do pai que tinha um caráter forte de comandante. A sua perda o deixava mais à própria feição para escolher os rumos da vida. Talvez este receio o amendrotasse e abrisse caminho para um olhar mais introspectivo, que não encontrou somente segurança.

Há uma tristeza fininha que convive bem lá dentro de cada um. Há um choro que toma conta da gente não por algum fato (embora superficialmente causado por um fato) que é mais a melancolia vaga e indefinida, nascida na certeza da finitude e na constatação de não bastar-se a si mesmo. O sentimento da inutilidade da vida, erros acordados, culpas redivivas, desprezos engolidos, sonhos quebrados, ânsias recalçadas, maldades não corrigidas, esperas sem esperança, amores separados, tudo isso vai formando ondas e mares que deixam a pessoa à deriva de si mesma, perdida e submersa. A mágoa não acontece por uma derrota; mas *provém da precariedade existencial que subjaz a todas as derrotas*. A mágoa não provém de uma ilusão; ela nasce da constatação da finitude que está na base de toda a ilusão.

A melancolia por um acontecimento até que o tempo suaviza. A melancolia existencial o tempo reaviva. Diante de muito tempo o homem apela, diante de pouco tempo o homem pode resistir em si mesmo, diante de muito tempo o homem apela por outro. No relato de EV, o acontecimento que desencadeia o choro circunstancial é a morte do pai e a revolução. Mas a ocasião lhe desperta na profundidade do ser, num “*ictu temporis*”, a própria insuficiência existencial. A tristeza é de certo modo a melhor consciência inicial de quem se é<sup>152</sup>. É melhor consciência porque *apreende a um tempo o conhecimento da fragilidade e a dor que a fragilidade traz*. A angústia é a tristeza existencial declarada, absorvida e assumida, enquanto não prevê claramente um encaminhamento de solução. Por

---

<sup>151</sup> OA2, p.367. Por outro lado é bem melhor que Deus seja fundamento de nossa felicidade. Se fôssemos nós, que surpresa teríamos? Estaríamos sempre envoltos em nossa insignificância.

<sup>152</sup> Esta situação depressiva encontra uma resposta muito mais ensolarada, quando o “nada” que a gente é, se sente assumido no Tudo que é o Outro. Neste caso num “*ictu temporis*” riquíssimo e extasiante, sente-se o “nada” que a gente é, nadando em gratidão diante de Tudo que o Outro comunica. Recordamos as palavras de Sílvia: “Se Ele me conceder a graça de sua presença estou certa de que minha vida mudará para melhor. Em suma NECESSITO que Deus exista” (OA3, p.882). E ainda: “Não compreendeste ainda que o único pai que jamais te abandonará e jamais te decepcionará é Deus? Pensa nisso!” (O Ir. Toríbio a Sílvia, em OA3, p.911).



outro lado, a angústia, exatamente por ser angústia, pressupõe uma idéia que pode ser vaga, imprecisa e virtual, mas profunda, real, “ad-traente” e subentendida em toda a mais simples ação tendente a superar os limites e estabelecer uma realização humana à altura de sua dignidade. Tal angústia é individual: “Angústia. Tio Bicho fala no ANGST dos filósofos alemães. Minha angústia é menor. Angustiazinha nacional e municipal. Tem um mérito que é ao mesmo tempo um inconveniente. É minha.”<sup>153</sup>

Tanto é “minha” e personalizada esta angústia, que não pode ser repassada para os outros, tornando difícil a comunicação:

Nenhum homem é uma ilha. O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros, reside quase toda a angústia de existir.<sup>154</sup>

É possível comunicar pensamentos e trocar coisas, mas o próprio fato de não bastar-se a si mesmo é incomunicável. A responsabilidade de cada um para si mesmo é intransferível. O ser humano individual não é único no fato de não se explicar integralmente, mas é o único que tem de arcar com a realidade de sua própria auto-insuficiência. O angustiado de certa maneira não é livre, porque a sua angústia provém da realidade de ele não se possuir e se bastar totalmente a si mesmo. Não dispondo de tudo o que ele precisa para si e para sua tranqüilidade, ele se angustia pelo cuidado que sente dever ter consigo mesmo. O homem sente *a premura de cuidar-se integralmente e ao mesmo tempo sente a sua incapacidade para tal. Este abismo entre a premura e a inoperância é a sua angústia.*

Esta deficiência na fonte originária do próprio existir significa a falta de liberdade quanto ao planejamento de existir. Ninguém é antecipadamente perguntado ou consultado, porque o inexistente não pode ser consultado. A angústia do homem é que sua escolha não é antecedente, mas subsequente e conseqüente ao existir.

O ideal de liberdade se apresenta como um poder de comando ou de mudança em relação à natureza e aos acontecimentos. “Se eu fosse dono do

---

<sup>153</sup> OA3, p. 881, do Diário de Sílvia.

<sup>154</sup> OA1, p. 219.



mundo”, exclama o Cap. Rodrigo em “O Continente”, “fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito”<sup>155</sup>.

Este “se”, no condicional, indica pelo menos duas afirmações subjacentes: a primeira que, de fato, o homem não é totalmente livre; a segunda esclarece que o homem, apesar de sentir-se dominado, *quereria ansiosamente e ciosamente ser dono de tudo. O homem, pela liberdade, é puxado para além de si mesmo.*

Não corre, desta maneira, o homem o perigo de assumir mais do que pode? Ou assumir-se mais do que pode? E não correrá o perigo de então, quando lhe falecem as forças, cair na depressão?

Floriano – Esta idéia de que somos livres e os únicos responsáveis por nossa vida e destino, não será uma fonte permanente de angústia?  
Roque B. – Claro que é.<sup>156</sup>

A angústia, como fruto da consciência da liberdade, dum lado instiga a liberdade a se afirmar; por outro lado, indica que a liberdade não é sempre eficaz. Se o fosse sempre, nunca estaria insegura.

Floriano – E não é a angústia o nosso grande problema?  
Roque B. – Homem, há um tipo de angústia do qual jamais nos livraremos, *porque ela é inerente à nossa existência.* É o preço que pagamos por nos darmos o luxo de ter uma consciência, por sabermos que vamos morrer, e por termos um futuro. Assim sendo o mais sábio é a gente habituar-se a uma coexistência pacífica com esse tipo de ansiedade existencial, fazendo o possível para que ele não tome nunca um caráter neurótico (...)  
- E tu achas que esta atitude é uma solução?  
- Que solução? Não há solução. (...) Estamos condenados a sermos heróis.<sup>157</sup>

Este longo trecho encerra muitas afirmações:

- a) a angústia é inerente à existência, não dependendo superficialmente de uma outra circunstância.
- b) A angústia nasce da autoconsciência.
- c) A angústia deveria ser ministrada pelo homem para dominá-la, não ser neurotizado por ela.

---

<sup>155</sup> OC1, p. 259.

<sup>156</sup> OA2, p. 397.

<sup>157</sup> *Ibid.*, p. 397.



d) A angústia não é totalmente “ministrável” porque é radicada na própria natureza do homem e não somente na atuação certa ou errada.

Se a mais profunda, ampla, radical e permanente opção do homem (o assumir-se; querer ser o próprio fundamento) lhe traz angústia então de fato é indesmentivelmente séria a sua situação. Ele terá que conviver com a angústia. *Como deixar de assumir, se o próprio fato de nada assumir tem que ser assumido?* Haverá outra maneira de enfrentar a vida que seja ao mesmo tempo diferente e válida? Precisa ser uma opção diferente porque do contrário não liberta da angústia. Precisa ser uma opção válida porque, do contrário, seria melhor ficar com a atual, mesmo se angustiante.

Já que assumir-se como próprio fundamento angustia, *porque não fundamentar-se em outra coisa ou outra pessoa?* Seria uma outra opção alternativa para a angústia existencial? Mas, mesmo admitindo que o outro (ou outra coisa) fosse teoricamente o fundamento e a explicação da vida do homem, ainda assim sobrariam duas perguntas básicas:

- como experienciar e saber se, realmente, o outro (ou outra coisa) pode e quer ser o fundamento da minha existência?
- como sair de mim, que não sou meu fundamento, mas sou identificado comigo mesmo para fundamentar-me em outro?

A pergunta se algum outro pode e quer ser meu fundamento não é também uma angústia? E o salto, a passagem de mim-não-fundamento para um outro que seja fundamento, não será uma perda de identidade e fonte de maior angústia?

Logo, o limite da liberdade se depreende do próprio fato de o homem angustiar-se diante da liberdade. Se ele se angustia, não pode tudo, o seu gemido é o alarme do seu limite e sua ânsia da superação.

## **CONCLUINDO:**

O processo de conhecimento e de atuação do homem revela os limites de sua liberdade, que na pena de Verissimo, são percebidos pela psicologia, pela sociologia e pela experiência de tantos acontecimentos da história. No entanto, os limites, na sua mais diferenciada tonalidade ou intensidade, apresentam um



filão comum e constante de interrogativos, despertam um veio profundo e convergente de aspirações humanas que, em última instância, envolvem e superam a psicologia, a sociologia e outras ciências apenas de verificação. É neste ponto que a criatura humana, num esforço mais concentrado, atinge as fontes primeiras da feitura de seu ser, que também é o ápice de chegada da peregrinação humana.

## 5 O FUNDAMENTO DA LIBERDADE

*“Talvez pense que entregar-se a Deus seja um compromisso demasiado sério para quem como ele tanto deseja ser livre. Mal sabe o meu querido amigo que a aceitação de Deus é a suprema liberdade.” (OA3, p. 931).*

Terá o homem somente em si mesmo a explicação e a justificação cabal da liberdade assim como EV a descreve em sua natureza? Será a idéia e a natureza da liberdade projeto, obra e fruto do ser humano? Ou, perguntamos, tanto para o seu desdobramento quanto para a sua compleição ontológica: necessita a liberdade de um fundamento extrínseco que lhe dê início, consistência e sentido?

Vamos estudar, depois dos limites, o fundamento da liberdade, porque EV, mesmo insistindo na sua tonalidade pessoal, não isola nem absolutiza a liberdade do ser humano. Altiva diante da agressão, criativa e imprevisível na atuação, vinculada em sua natureza, assim é a liberdade. Disse da certa feita Rodrigo: “Pois eu pediria a Deus uma coisa muito simples e ao mesmo tempo muito grande. Pediria que me desse uma vida longa. O resto ficava por minha conta...”<sup>158</sup>

O que “fica por conta” do ser humano pode ser muito importante, mas é chamado de “resto” como poderia também ser chamado de conseqüência. O que o homem pede (e, *se pede, é sinal que não tem por si mesmo*) é “muito simples e ao mesmo tempo muito grande”. Logo, a liberdade do ser humano supõe um

---

<sup>158</sup> OR1, p. 182. Sobre a Fé em Deus, mais no aspecto teológico leia-se um bom livro, prefaciado pelo próprio EV: POMPERMAYER, Malori J. **Erico Verissimo e o Problema de Deus**. São Paulo: Loyola, 1968. Segundo este livro, se EV tivesse tido mais contato com uma atualizada explicação da Bíblia e com outra teologia da imagem de Deus, numa linha de Deus-Amor, certamente ele teria o caminho facilitado para uma clara resposta da fé.



princípio basilar, anterior a ela, nada mais nada menos do que Aquele que pode conceder aquilo que é “muito simples e ao mesmo tempo muito grande”.

O fundamento da liberdade deverá ser buscado na razão e no princípio que a tornam definitivamente real.

Ao homem é dado ter um princípio básico e ativo da liberdade em si mesmo, que é a sua vontade. Mas o princípio intrínseco não se explica totalmente a si mesmo. *O que é dado e recebido não é seu último fundamento.* Portanto, o homem não precisa ter explicitamente Deus como objeto de sua mais importante escolha, mas precisa tê-lo de fato *como fundamento de qualquer escolha.*

Por que estudar o fundamento da liberdade? Porque a experiência da liberdade pergunta por ele. Sim, a liberdade tão inabalavelmente experimentada e confirmada não deixa de ser muitas vezes pressionada, manobrada, adormecida e abafada. Resistirá ela aos ataques na base de que fundamento? Renascerá ela com a força de qual energia? A liberdade, resistindo, finca pé e se aprofunda até a sua base mais sólida e consistente. A liberdade, avançando, protende para além de si mesma, sem desfazer seu lastro basilar. A liberdade, resistindo, se reforça na sua constituição. A liberdade, avançando, se abre para a transcendência. Por todos os lados o homem *está cercado, ou melhor, libertado de Infinito.*

A liberdade, em suma, consiste naquilo que o ser humano *é de mais próprio, autônomo e pessoal, e, ao mesmo tempo, consiste naquilo em que o ser humano é mais participante, dependente e relativo.* Tal a dimensão da liberdade, tal a percepção de seu fundamento.

A perspectiva de fundamento da vida em Deus, é bom salientar, não é comum a todos os personagens de EV. A maioria deles permanece na dúvida ou na crença com alguma dificuldade. Poucos negam explicitamente a influência de Deus na vida e na liberdade. Alguns, como estamos estudando, apresentam explicitamente a existência e a influência de Deus, nas pessoas, no Universo e na História. E Erico Verissimo pessoalmente?

Tenho encontrado esta dificuldade a explicar a amigos e leitores a minha posição em face a Deus. Repetirei que sou um agnóstico, isto é, um homem que não se encontra na posse de provas convincentes que lhe permitam negar ou afirmar a existência dum Criador. Posso, no entanto, afirmar que não sou



destituído de sentimento religioso, pois tenho uma genuína, cordial reverência por todas as formas de vida e um horror invencível à violência.<sup>159</sup>

### 5.1 ESFORÇO DE AUTO-SUFICIÊNCIA

Será que a autoconsciência nos garante plena auto-suficiência? Eduardo, filho de Rodrigo, reforçando esta última dimensão afirma que “o homem é um produto da própria atividade. Ele conquistou sua liberdade no plano social e no plano da História”<sup>160</sup>. A afirmação de que o homem “conquistou sua liberdade no campo social e da História” evidencia, sim, uma dimensão de senhorio, mas deixa em aberto a vastidão do poder de “passagem” do não-ser para o ser. O que vem a demonstrar que o homem não se basta completamente a si mesmo<sup>161</sup>.

Dentro da dúvida ou controvérsia, pelo sim ou pelo não, a maior probabilidade de acerto está na linha da máxima fundamentação possível em si mesmo. O fato de estar aí é indiscutível, por que então procurar “mais longe”? É mais acertado partir não daquilo que é “abstratamente verdadeiro” (afirmações universais), mas daquilo que é “existencialmente real”:

Acontece que há um abismo entre as coisas que são abstratamente VERDADEIRAS e as coisas que são existencialmente REAIS. Ora, acontece que, queira ou não queira, eu existo nesta hora e neste lugar. Que fazer então com a minha vida? (...) A vida não tem sentido... mas vamos fazer de conta que tem. E daí? Bom, aí eu transformo a minha necessidade em fonte de liberação e passo a ser, eu mesmo, a minha existência, a minha verdade e a minha liberdade.<sup>162</sup>

Segundo este trecho, o homem, por via das dúvidas, se apóia na certeza de sua autoconsciência e dispensa outro fundamento. Percebe que, de fato, tem em mãos sua destruição ou sua construção; percebe que pode desfigurar-se em

---

<sup>159</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 311. 2 v.

<sup>160</sup> OA2, p. 588. Mais adiante neste capítulo serão comentados os pressupostos para o conceito da liberdade em EV. Tais pressupostos são de tal ordem que implicam na existência de um Absoluto.

<sup>161</sup> Aqui volta a pergunta: pode o homem, convém ao homem fazer-se essencialmente diferente do que ele é? E, fazendo-se diferente, será indefinidamente mutável? Mas diferente de quê, se não há um paradigma ou quadro de referência? Pode ele interferir no “genoma” e fazer-se diferente do que agora é, inclusive no tocante à liberdade?

<sup>162</sup> OA2, p. 396-397.



caricatura como também configurar sua verdade; percebe que pode ser prisioneiro de si mesmo como também seu próprio libertador.

A primazia da certeza da própria existência como ponto de partida e fundamento de si mesmo é declarada neste diálogo entre Don Pepe (o artista d'O Retrato) e Rodrigo:

- E tu don Rodrigo en que crees? En el Dios Todo-poderoso... en la Santa Madre Iglesia?

- E por que não?

Mas intimamente tinha uma convicção que não ousava formular em voz alta:

- Eu creio em mim mesmo. Deus que me perdoe, mas eu creio é no Dr. Rodrigo Terra Cambará.<sup>163</sup>

Para chegar a uma decisão livre, o homem tem que forçosamente acreditar em si mesmo do contrário jamais poderia dizer: eu quero. Mesmo errando no que quer, é certo de seu querer e é certo de que há alguém que quer. Desta maneira se evidencia que o homem, ao decidir, não poderá duvidar radicalmente de que ele é o sujeito e autor da decisão.

Portanto, "crer em si" pode significar objetivamente estas duas dimensões: Posso afirmar pelo conhecimento algo de certo; posso decidir pela vontade algo de bom. E ambas estas dimensões objetivas comportam subjetivamente a certeza autoconsciente e concomitante de mim mesmo como conhecedor e como deliberante. Logo, o homem como sujeito de conhecença e volição é fundamento de sua atuação livre. Viver nesta e desta certeza não significa, *ipso facto*, excluir totalmente um fundamento mais radical quanto à origem do homem como ser livre. Aliás, esta hipótese parece admitida quando o homem, muito confiante em si mesmo, confessa com certo receio de ferir a Deus: "Que Deus me perdoe". Logo, autoconfiança não quer dizer auto-suficiência. Mas Deus criou a pessoa humana para a auto-estima e para a grandeza, não para o apequenamento e para a humilhação. Deus criou o homem para ser no bom sentido "auto-suficiente" e não precisar, a toda hora, estar implorando os seus favores.

---

<sup>163</sup> OR1, p. 183-184. O perigo do providencialismo, colocando as garantias do homem e do bem-estar social só em Deus, é de escamotear os conflitos e manter os privilégios. Este ponto é muito importante e tudo se torna diferente conforme a visão que se tem de Deus e de sua revelação na História. Voltaremos ao assunto no capítulo sobre os critérios de construção da sociedade (Terceira Parte).



## 5.2 DEUS: ENTRAVE PARA A LIBERDADE?

A idéia de que a negação de Deus facilite a liberdade e de que colabore com a grandeza do homem não tarda a se expressar na vida de Rodrigo: “Negando Deus ele (Rodrigo) se sentia mais adulto, mais corajoso, mais sábio e ao mesmo tempo mais livre.”<sup>164</sup>

Arvorando-se em seu próprio fundamento o homem não teria como errar e, muito menos, precisaria dar explicações. Nesta hipótese, ele não tem exemplo a imitar, nem paradigma a seguir, nem critério a aplicar. Ele fabrica a sua medida, seu critério, sua lei. Não terá nem prêmio, nem castigo; nem apoio, nem constrangimento. Seus atos serão revestidos de gratuidade e de plena afirmação de si mesmo.

Sua vontade e seus atos caridosos ganhavam um sentido singular, porque uma vez que não existia nem Deus, nem Céu ou prêmios para os justos e bons, todos os seus atos de bondade, justiça e caridade se tornavam esplendidamente gratuitos.<sup>165</sup>

Acontece que na sua experiência o homem não se sente tão seguro quanto pensa e chega a viver uma alternativa entre a auto-suficiência e a transcendência: “Toda a vez que ele (Rodrigo) entrava numa igreja e sentia a presença invisível de Deus, o Pai dos pais, ele se apequenava num ato de contrição.”<sup>166</sup>

A oscilação do homem entre a veleidade de ser seu próprio fundamento e a necessidade sentida de procurar um apoio existencial além de si mesmo é uma constante em EV. *A própria oscilação entre o engrandecer-se e o apequenar-se revela insegurança e busca de complementação.* Liberdade com fundamento duvidoso ou movediço não é suficiente liberdade<sup>167</sup>.

---

<sup>164</sup> OR1, p. 100.

<sup>165</sup> OR1, p. 100. Nesta frase, Rodrigo sempre supõe que a bondade e a justiça são coisas boas e válidas, não pela ação gratuita nem pela independência do homem, mas em si mesmas. Como se sabe disso? Onde adquirem elas tal garantia de significação ética? E como sabe ele que ações de bondade e de caridade praticadas sem Deus são mais gratuitas? São conhecidas as afirmações de Sartre neste sentido. Não haveria lugar para duas liberdades se entenderem. Na verdade é um grande ponto de indagação: como pode a liberdade infinita compartilhar a existência e colaboração com a liberdade participada?

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>167</sup> Em Santo Agostinho lemos: “Nulla enim re fruitur anima cum libertate, nisi qua fruitur cum securitate”. “A alma não frui de nada com liberdade a não ser daquilo de que frui com segurança” (De Lib. Arb. II. 13,35.36 ML 32, 1260).



O Chantecler dos contos de Rostand, pretensamente auto-suficiente, passa do orgulho para a depressão por falta de estabilidade em si mesmo:

Chantecler estonteado verifica que o sol já vai alto. Então o sol pode nascer sem que ele cante? Não é ele, o Galo, quem regula o curso do rei do dia? Em vão a bem-amada lhe recita ao ouvido belas palavras de amor. Chantecler morre de vergonha e de humilhação.<sup>168</sup>

“Estonteado” vem a simbolizar o homem que caiu em si e foi apeado de seu pedestal de arrogância. Tal homem já perdeu a anterior segurança que se baseava em sua auto-suficiência, mas ainda não encontrou o caminho da transcendência. Ele é assaltado pelas dúvidas e jogado pela oscilação dos seus pensamentos.

### 5.3 DÚVIDAS ENCONTRADAS: HOMEM FANTOCHE?

Antes de chegar à afirmação mais explícita de que em Deus se encontra a explicação última da liberdade, são muitas as interrogações, grandes as dúvidas.

Ir. Zeca - ... em compensação Deus deu ao homem o que negou ao resto dos animais: uma inteligência e uma sensibilidade capazes de distinguir o Bem do Mal.  
 Floriano - Eu só não compreendo o PORQUÊ do jogo. Deus precisa dele para existir?  
 Tio Bicho interveio  
 - Acho que em última análise o Universo não passa de um HOBBY do Todo-poderoso.<sup>169</sup>

Se a vida é uma diversão, tal jogo supõe: insegurança do resultado, insegurança do fato em si (pode ser de brincadeira ou de verdade), desconhecimento das intenções do inventor, a existência de manobras (logo, falta de liberdade ou exercício da liberdade para tomar o pulso da situação). Supõe, em resumo, a sensação de liberdade através duma decisão apenas aparente. Numa reunião acontecida sem querer, durante um velório, a conversa gira em torno da morte e do sentido da vida; então Rodrigo pondera:

Comecei a perguntar a mim mesmo se essa coisa que se chama vida tem um sentido, uma finalidade, ou se todos nós não

<sup>168</sup> OR2, p. 308.

<sup>169</sup> OA3, p. 939.



passamos de simples fantoches nas mãos dum manipulador que se diverte à nossa custa.<sup>170</sup>

*Se a vida não tem sentido a liberdade não existe. Seria uma escolha esvaziada de antemão. A decisão do homem a respeito da vida seria aparente e inexistente. A liberdade seria fingida não por parte do homem mas por parte de quem lhe outorga ardilosamente a sensação de ser livre. O homem seria apenas um inocente comparsa da farsa.*

Entretanto, se o inventor da vida não usa de sua criatura para a diversão d'Ele, Ele mesmo pode, na sua bondade, preencher de significado a vida do homem. Pode dar-lhe uma razão de ser intrínseca e um livre arbítrio para corresponder a tal sentido e razão de ser. Nesta perspectiva, tanto a vida como o dom da liberdade são dependentes, mas reais.

#### 5.4 DESCONFIANÇA DE SER ENGANADO

De fato, conforme o costume e código de honra de um povo, o que o homem mais sente é de ser enganado. Se Deus desse ao ser humano a ilusão de ser livre e de agir por própria conta, mas de fato, nunca assim agisse, o homem se sentiria mais ofendido nos seus brios pelo fato de ser iludido do que pelo fato de ser comandado. O homem livre é cioso de sua liberdade e tem medo de perdê-la não tanto por ela mesma mas por ele mesmo. Ser ludibriado e “passado para trás” seria sua maior vergonha e humilhação. Logo, um *deus promotor duma liberdade ilusória seria para o homem maior desaforo existencial.*

É assim: o homem, mesmo quando manobra outras pessoas usando da liberdade como isca, ao se tratar dele mesmo, treme de receio diante da possibilidade de ser enganado por meio do seu maior orgulho, a isca da “liberdade”<sup>171</sup>. EV, conhecendo muito bem o coração altaneiro, volta a explicar ainda com mais detalhes a desconfiança do homem diante da possibilidade de ser mero brinquedo de Deus.

Deus não seria fundamento da liberdade, mas fundamento de ilusão da liberdade. Rodrigo disse:

---

<sup>170</sup> OR3, p. 491.

<sup>171</sup> Aqui sim, pode-se dizer que o manipulador projeta em Deus a ruindade que ele tem.



Às vezes tenho a impressão de que Deus, o movedor inamovível é um jogador de xadrez e nós somos as pedras. Uns poucos reis, rainhas, bispos e torres, mas uma infinidade de pobres peões. Ele joga apenas para se distrair e, a fim de tornar o espetáculo mais divertido, dá-nos a ilusão de que nós é que nos movemos por vontade própria... Agora! nossa tendência é acreditar que ele nos move com um propósito certo e que o jogo todo tem um grande sentido.<sup>172</sup>

A desconfiança de que possa haver um engano em torno da existência da liberdade surge da suspeita de que a tendência daquele que é livre seria inclinada a favorecer indevidamente a si mesmo. O Homem seria juiz egoísta em sua própria causa<sup>173</sup>. Além disso, pode ser que Deus dê a ilusão e não a liberdade, porque, na verdade, tudo já está previsto; inclusive há diferenças estabelecidas: “uns poucos reis, rainhas, bispos e torres, mas uma infinidade de peões”. Diante desta suspeita chega-se a perceber que, em questão de liberdade, Deus é o máximo fundamento ou a máxima ilusão.

### 5.5 SOBRE DEUS NÃO HÁ COMO INQUIRIR

Ademais, diante desta suspeita de manipulação por parte de Deus o homem não tem como inquiri-lo. O homem na sua limitação não consegue levar adiante o inquérito para ver se Deus ilude ou não ilude. Mesmo “sob suspeita”, Deus paira sempre acima de qualquer suspeita. Diante desta suspeita, jamais verificável, o homem terá que se posicionar, não através duma certeza pela averiguação, mas através dum “crédito” de confiança.

Em suma, (Deus está) numa posição muito cômoda. Uma verdadeira sinecura, um posto de comando sem superiores hierárquicos nem patrão. Não é de admirar que Deus possa dar-se ao luxo de ser bom e justo e perfeito como os teólogos afirmam. Tem carta branca e está acima de qualquer tribunal.<sup>174</sup>

A frase é evidentemente provocadora tentando comparar a liberdade do Ser Supremo com uma pretensamente total liberdade do homem: libertar-se de

---

<sup>172</sup> OR2, p. 491.

<sup>173</sup> Ao propor esta idéia, Rodrigo talvez não tenha presente que a liberdade pode ser mais oblativa do que egocêntrica e pode ser individual sem ser individualista.

<sup>174</sup> OR2, p. 466. Será que daria para dizer assim: não é porque algo é bom que Deus o realiza? É porque Deus o realiza que é bom? Deus não precisa de nenhum critério de bondade fora dele mesmo, ao passo que o homem sim.



tudo o que possa ser superior, questionador, avaliador, orientador ou juiz. O ideal que o homem preconiza para si mesmo de mandar “livremente” (“fazer e desfazer”) é sonhado como uma conquista agradável, gratificante e triunfadora por isso é “transferida” para Deus. *Não será uma pontinha de “inveja” do homem porque Deus exerce a liberdade sem esforço... sem atravessadores e sem conselheiros? A “inquestionabilidade” da liberdade divina vem de certa maneira atrapalhar a liberdade humana, que sempre tem seus limites e seus opositores. Além disso, a liberdade do homem é mantida ou acrescida através da vigilância e do esforço. O homem livre é grande porque opta e se esforça para crescer, mas é pequeno porque precisa crescer.* Deste modo, o fato de a liberdade de Deus ser inquestionável poderá representar um estorvo para uma ânsia de liberdade absoluta, mas representará um apoio para uma liberdade comprometida.

Deus incita mais o homem a ser o sujeito de seu desenvolvimento *deixando-o indeterminado e aberto* do que se o esclarecesse e o influenciasse tanto que o homem não encontraria mais nenhum enigma, nenhum dilema, nenhum caminho inédito para a sua liberdade, Deus é fundamento incentivador e não predeterminador. Se tudo fosse determinado, não haveria liberdade. Deus imprime o máximo incentivo deixando ao homem a mais alta “performance” da liberdade.

## 5.6 UMA LIBERDADE COM DOIS FUNDAMENTOS?

Trata-se da dificuldade em conciliar o fundamento próximo (homem) e o fundamento último (Deus) da liberdade humana.

O Cap. Rodrigo constata os erros aceitando a conflituosidade. Existe o perigo de procurar Deus como fundamento para eximir-se da liberdade. As pessoas, então, se refugiam na ordem pré-estabelecida e não precisam de coragem para fazer História.

Cap. Rodrigo - Vosmecê deve ter razão, padre. Eu lhe peço desculpas por ser tão atrasado e tão herege. Pode ser que eu mude um dia... - acrescentou sem nenhuma convicção.

Pe. Lara - Se Deus quiser!

Cap. Rodrigo - E se eu tiver tempo.<sup>175</sup>

---

<sup>175</sup> OC1, p. 203.



A expressão antropocentrista “se eu tiver tempo” manifesta a inclinação evidente de desvalorizar a exagerada tendência de atribuir tudo tão facilmente ao poder de Deus. Ainda mais se dentro desta atribuição a Deus se inclui a solução dos problemas da sociedade do momento. Fundamentar tudo e, especialmente, a liberdade em Deus pode ser sinal de imobilismo:

A sociologia do menino era cristalina: os ricos moravam nas ruas e nas praças principais, os remediados nas ruas transversais, os pobres no Barro Preto, na Sibéria e no Purgatório, os negros conheciam seu lugar. As coisas tinham sido, eram e sempre seriam assim porque essa era a vontade de Deus. Amém.<sup>176</sup>

Esta descrição sociológica, extremamente real no Brasil, quer revelar o que afirma com o intuito de mudar o que afirma. Deus, segundo esta concepção, seria o fundamento não da liberdade, mas da escravidão. Quer mudar o que afirma no sentido de fazer ver que as coisas estão assim não pela vontade de Deus, mas pela ação e pela omissão do homem. Quer mudar o que afirma, vale a dizer, quer desfazer não só a maneira alienada de olhar a realidade, mas também quer mudar a própria realidade. Não é, pois, sem perigo de esvaziamento ou desvirtuamento da própria liberdade que o homem afirma que Deus é o seu fundamento. O Pe. Lara teve que fazer uma ginástica para contornar uma pergunta de Bibiana.

Pe. Lara - Nenhuma pessoa foge ao destino...  
 Mal havia dito estas palavras o padre percebeu que estava fazendo uma afirmação herética.  
 - Vosmecê também acredita no destino? perguntou a Bibiana.  
 - Destino é o nome que a gente dá à vontade de Deus.<sup>177</sup>

Este diálogo demonstra como na mentalidade popular a idéia do destino está “perto” da idéia da vontade de Deus. E como é fácil admitir tal proximidade e ligação entre destino e vontade divina que tornaria a pessoa totalmente sem iniciativa!

Por outro lado este diálogo indica exatamente aquele ponto do binômio destino-vontade de Deus que deve ser bem compreendido. Revela aquela

---

<sup>176</sup> OA1, p. 58. O imobilismo não provém de Deus, porque Ele faz com que as criaturas façam. As criaturas, porém, correm o perigo de esperar de Deus aquilo que a elas compete realizar. Conferir, na terceira parte, o primeiro critério de atuação na sociedade.

<sup>177</sup> OC1, p. 297. Haverá no capítulo seguinte maior esclarecimento quanto ao destino em relação à liberdade.



distância entre destino-vontade de Deus que deve ser sempre mantido. *É no espaço desta distância que se move a liberdade do homem.* Entre o “dado” e o construído não existe o destino: existe a vontade do homem e a vontade de Deus. Existe a vontade de Deus que o homem tenha vontade livre. Existe a liberdade de Deus de incentivar o homem livre. O maior sinal, exemplo, prova de que Deus é livre é que Ele não determina a vontade do homem. *Se Deus fosse, por hipótese, menos livre certamente ele seria mais “dominador”.* Quanto mais livre é alguém mais pode “deixar” livre.<sup>178</sup>

Logo, Deus manifesta maior liberdade deixando livre do que determinando, como Ele demonstra maior poder distribuindo do que retendo. Por isso veremos que Deus pode ser entendido qual fundamento da liberdade sem que o homem confunda a vontade de Deus com o destino.

Pensar que há um destino e confundir o destino com Deus é a pior concepção do homem e a pior concepção de Deus, em termos de liberdade. Ora, EV pensa a liberdade do homem não como domínio, mas como compromisso e como serviço construtivo do bem comum. Assim pensando, ele inspira e fundamenta como única possível tal concepção de Deus, que exemplifique tal serviço e que repulse tal domínio ditatorial. Portanto a maneira verissiana de propor a liberdade só pode ser fundamentada por um Deus-que-ama, nunca por um deus-que-escraviza.

## 5.7 NECESSIDADE DE DEUS

Diante desta alternância e até hesitação do homem, tanto na fundamentação em si mesmo como na fundamentação em um Ser Superior, nasce a procura de melhor entendimento. Nesta procura há diferentes atitudes. Uma, que se contenta em sentir os acontecimentos, aqui e agora, sem lhes interrogar as causas: “O fenômeno da luz em si mesmo”. Outra que indaga sobre a origem do fato, suas causas, suas condições, seus antecedentes lógicos e históricos: a lâmpada que produz a luz, os fios, a corrente elétrica, o dínamo.

---

<sup>178</sup> A propósito vale lembrar o poeta Rabindranath Tagore: “Neste mundo aqueles que me amam procuram com todos os meios segurar-me agarrado a eles. O teu amor é maior que o deles e no entanto me deixas livre”. TAGORE, Rabindranath. **Poesie**. Roma: Newton Campton, 1984, p. 70.



Uma terceira atitude procura um sistema de interpretação do fato dentro dum contexto mais amplo, visando uma explicação sempre mais verossímil e cabal da realidade.

Roque Bandeira - Tu és desses que diante duma lâmpada acesa querem estudar o fenômeno da luz em si mesma sem jamais querer procurar saber nada da lâmpada que produz a luz, dos fios a ela ligados, da corrente elétrica que passa por esses fios, e do dínamo que produz essa corrente.

- E assim por diante até Karl Marx - sorri Bandeira.

Zeu - Até Deus - corrige-o Zeca.<sup>179</sup>

A procura dum fundamento sem oscilações leva o homem a fazer de sua necessidade uma exigência. É uma tentativa de fugir da insegurança por dois caminhos:

1. Primeiro, o homem pressiona “fazendo com que Deus exista” por força do homem, como resultado do pedido, da súplica e da exigência do próprio ser humano. Tal deus não existiria, seria apenas uma “projeção” da ansiedade e da falta de base existencial que o homem sente. Neste caso, deus seria o efeito e o homem a causa.
2. Segundo, o homem existente e concreto, por sua própria constituição, pressupõe e exige, para explicar e fundamentar a si mesmo, a existência e a ação dum Ser Infinito. Neste caso Deus é a causa e o homem efeito.

Ao despedir-se (de Sílvia) Zeca sorriu e disse: ‘Deus tem de existir nem que ele não queira. Porque está comprometido conosco, não, Sílvia’?... Resolvi (Sílvia) que Deus não pode deixar de existir. *Porque eu preciso dele. Porque o mundo precisa dele. Duas boas razões, não é mesmo?*<sup>180</sup>

A procura de Deus, na linha da necessidade ainda manifesta mais atenção em si do que na transcendência. Manifesta, contudo, abertura para alguma possível e esperada maior plenitude e denota a sensibilidade para uma possível, esperada e significativa Presença.

Afinal de contas, onde está mesmo Deus? Não sei. Sinto que ainda não o avistei. Se Ele me conceder a graça de Sua

---

<sup>179</sup> OA2, p. 589-590.

<sup>180</sup> OA3, p. 922-923. Neste sentido indicamos o livro: KUNZ, Edmundo Luis. **Deus no espaço existencial**. Porto Alegre: Sulina, 1975.



presença, estou certa de que minha vida mudará para melhor. Em suma NECESSITO que Deus exista.<sup>181</sup>

Precisar de Deus será uma fraqueza ou uma força da pessoa humana?

Precisar de Deus será uma descoberta no fim da caminhada? Ou é o começo e o fundamento de tudo? *O homem descobre por último que Deus é o Primeiro.* Último no reconhecimento, primeiro na realidade. A carência indica o que falta ao ser humano, a abertura procura o que o completa. A procura enseja a percepção da Presença procurada, fundadora e gratuita: “se Ele me conceder a graça de Sua presença”.

### 5.8 CARÊNCIA E PLENITUDE

Esta procura dum fundamento ou dum deus será por motivo da insuficiência radical que o homem sente ou será por carências circunstanciais de afeto ou compreensão?

Examinando o Diário de Sílvia<sup>182</sup> não se pode fugir a algumas perguntas: Será que Sílvia procura Deus porque lhe falta a figura dum pai? Ou, pelo contrário, será que ela, procurando um pai, não o procura como se procurasse Deus?

Esta segunda maneira de plantear o problema parece estar sugerida por EV. A pessoa humana, além de suas carências particulares e acidentais, revela sua limitação radicada na própria natureza. *Tanto a insatisfação a partir de distorções circunstanciais, quanto a insatisfação a partir da finitude radical, anseiam legitimamente por preenchimento e plenitude, cada uma, é claro, dentro de suas proporções.* Com este direcionamento EV reverte em grande parte a sensação de que o homem tão somente andaria a procura de Deus quando lhe faltam, ou porque lhe faltam, os afetos humanos e o sucesso na sociedade.

Há dias que me contaste (Sílvia) que tua mãe destruiu a imagem ideal de teu pai que tinhas no coração. Agora me contas de tua desilusão com o teu pai adotivo... Está claro que desde menina tens andado em busca de um pai. (...) Será preciso que te abra os olhos para o fato de que durante toda a tua vida o que tens buscado mesmo é Deus?<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup> OA3, p. 882.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 881-932.

<sup>183</sup> OA3, p. 910-911.



A partícula adverbial “*mesmo*” tem grande significado aqui. Significa que há uma busca real, objetivada, explícita de resolver algum problema ou falta ocasional. Mas que nessa busca, no bojo desta atitude de busca, se esconde uma procura mais profunda. Pode não ser logo percebida, pode ser implícita, mas é verdadeira e autêntica. A procura de Deus não se dá (somente) por causa da decepção em relação aos pais, *mas por causa da originária e ontológica impossibilidade de o ser humano* (tanto Sílvia como os pais) *se constituir no tudo de sua existência*. Tanto assim que, procurando nos pais tudo, procura-se (às vezes, sem saber) aquele Tudo que é tudo para eles também. “Porém mais cedo ou mais tarde, por uma razão ou por outra (ou sem nenhuma razão) eles nos decepcionam...”<sup>184</sup>

Na linha do nosso pensamento o que é mais importante nesta frase aqui é o que está entre parêntesis: “(ou *sem nenhuma razão*)” isto é, os pais não decepcionam por alguma razão, por alguma falha a apontar. É que eles não têm aquela consistência de ser que completa todo o ser. Não é falta nem erro dos pais, eles *são* assim. São seres humanos, finitos, não são resposta para tudo. “E não os podemos censurar por isso, porque afinal são humanos como nós.”<sup>185</sup>

Quer dizer que todos participamos da *finitude radical que instaura uma busca fundamental*. “Não compreendeste ainda que o único pai que jamais te abandonará e jamais decepcionará é Deus? Pensa nisso! Pensa nisso!”<sup>186</sup>

*Não procuramos Deus, em primeiro lugar, porque o finito não nos basta. Procuramos Deus porque o Infinito nos basta*<sup>187</sup>. *Em última análise, não é a negatividade que nos impele, mas a Plenitude que nos atrai.*

## 5.9 DILEMA: O MAIOR ACERTO OU O MAIOR ENGANO

Nesta maneira dinâmica de ir encarando a vida, o homem vai delineando seu quadro de referências e possibilidades. A necessidade de ir discernindo e

---

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 911.

<sup>185</sup> OA3, p. 911.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p. 911.

<sup>187</sup> Completando com a Revelação em Jesus Cristo, dizemos: Procuramos a Deus porque Ele nos amou primeiro e se revelou como dom.”Nisto consiste o amor; Não em termos nós amando a Deus, mas em ter-nos Ele amado primeiro”(I Jo 4,10) . “Amemos, portanto, a Deus, porque Deus nos amou primeiro.” (I Jo 4,19).



escolhendo vai se afunilando naquilo que é mais importante, vai peneirando todos os “ciscos” e pormenores que não influem decisivamente na existência.

É assim que o irmão Toríbio expõe os progressos de Floriano:

O nosso querido amigo parece estar começando a preocupar-se com dois problemas. Um é o da sua ansiedade diante do Nada, do não-ser, da morte. O outro, o da extensão e da natureza de sua responsabilidade para com as criaturas humanas. Responde-lhe que (...) na minha opinião esses dois problemas, apesar de terem uma importância enorme, *não passam de subsidiários do supremo problema, isto é, o da situação do homem perante Deus.*<sup>188</sup>

Poderia o homem em sua filosofia aceitar resignadamente, ou melhor, autenticamente sua temporalidade e o seu encaminhamento para a morte. O seu máximo seria este mínimo bem vivido. Estaria, então, resolvido o seu maior problema. Poderia o homem julgar-se completo na escolha e atuação quando mais perfeita fosse sua responsabilidade para com os semelhantes. Feito isso, o maior problema estaria solucionado. No entanto, segundo a visão transcendente de Toríbio, há uma problemática mais fundamental.

Assim que EV, no decorrer e no crivo da existência, traz inapelavelmente o problema de Deus. Contudo, chegado a Deus o homem se achega ou do seu melhor fundamento ou do seu pior engano. Quanto maior o tema, mais importante a dúvida. Assim também no campo da liberdade: ou Deus é sua melhor origem, ou o seu mais completo abafamento, ou seu melhor incentivo, ou seu eterno entrave.

#### 5.10 AFIRMAÇÃO DE DEUS COMO FUNDAMENTO DA LIBERDADE

Não queremos afirmar que todas as idéias referidas pelas personagens de EV sejam também referendadas por ele. Mas afirmamos que o seu conceito e a prática da liberdade, assim como EV os expõe, não só não excluem, mas também, pelo menos subjacentemente, apelam e apontam para um fundamento absoluto que é chamado de Deus.

---

<sup>188</sup> OA3, p. 222.



Quanto à existência de Deus, EV se afirma agnóstico e sempre deixou em aberto esta questão. E mais: de todo o conjunto de “O Tempo e o Vento” pode-se inferir que as expressões de Sílvia, de Floriano e de outros, afirmam a necessidade de Deus não só de maneira verbal, mas principalmente como pressuposto lógico e coerente do conceito verissiano de liberdade.

Isto porque a liberdade se baseia numa experiência do “já-existente”, quando ela vem a ser descoberta pela reflexão. Se “já-existente” é também recebida. E se recebida, o será de Alguém.

E outra razão. O homem sente, segundo EV, na sua liberdade um inarredável imperativo de compromisso, que ultrapassa a sua mera vontade. Onde tanta exigência de compromisso? Não só do homem, porque ele nem sempre deseja tal exigência. Não só das pressões externas porque o imperativo interno continua, mesmo quando elas não pressionam. Alguém, portanto, no projetar a liberdade humana a dotou de tal imperativo de compromisso.

Floriano, mesmo no afã de ser completamente livre, sente a necessidade de ser aceito e de ser aprovado. Apesar de criticadas, não representa esta atitude uma incapacidade radical de bastar-se a si mesmo na liberdade? Não representa isto um apelo, uma aspiração indelével para a Transcendência, duma aceitação, duma aprovação última, definitiva, sobre o valor e o sentido da própria vida? O homem, recebendo a liberdade, já anseia, inata e secretamente, por uma apreciação justa e amorosa desta mesma liberdade. *O que ele mesmo se diz não basta. O monólogo existencial é insustentável.* O ser humano precisa de um TU que lhe diga alguma coisa e que lhe diga sobretudo da valorização das proezas da liberdade do homem. Mas, vamos ao texto:

Estou convencido de que a maior pedra de tropeço que tenho encontrado na minha busca de autenticidade é o desejo de ser aceito, querido, APROVADO... É uma inclinação que me vem da infância e que acabou entrando em conflito com outra obsessão minha não menos intensa: a de ser completamente livre. São ou não são desejos contraditórios?<sup>189</sup>

Não o desejo doentio, enfraquecido, de atenção e de aprovação, *mas a inextinguibilidade da aspiração de um diálogo com Outro* vem demonstrar que a

---

<sup>189</sup> OA2, p. 381.



liberdade não é independente, mas vinculada a um Absoluto, ponto de referência de seu valor e de sua atuação:

Estás mais perto de Deus do que imaginas. Não sei se por orgulho, preguiça, ou MEDO DE CRER, *ergueste entre tua alma e o Criador uma parede feita de livros e preconceitos*. Mas a parede é tão frágil que qualquer dia os ventos da vida vão derrubá-las...<sup>190</sup>

### 5.11 COMO PERCEBER?

O homem percebe que Deus é fundamento de sua liberdade pelo contraste entre mudança e imutabilidade. O homem *se altera e, percebendo-se alterado, nota que não é suporte suficiente e último* de todas as deliberações.

Mas... E se Deus estivesse morto. Morto Deus, o mundo estava perdido, não haveria nem sol, nem a esperança, nem amanhã. Mas Deus não podia morrer. Se pudesse não seria Deus. E se ele não fosse Deus? E se Deus tivesse enlouquecido? Quem está ficando louco sou eu.<sup>191</sup>

Este desabafo, no momento de angústia de Rodrigo, mostra que o homem quer encontrar o início do novo da vida lá onde as coisas começam e, em última análise, se decidem. Na vida o confronto com o Eterno é inevitável e o mutante é o homem. *Ser em mudança pode significar a liberdade em andamento mas não em fundamento*. É necessária uma continuidade-base para uma mudança-efeito, pois a base da continuidade-homem é a imutabilidade-Deus.

Surgiu em novo 'possível amor' no meu horizonte espiritual: Deus. Através da correspondência que mantivemos entre 1936 e 1937, Floriano com o seu agnosticismo muito fez (inconscientemente, claro) para afastar de mim esse possível rival. Meu amigo cessou de me escrever, mas Deus continuou onde estava.<sup>192</sup>

---

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 1088. De outra feita, Erico faz Roque Bandeira dizer a Floriano (e de certa maneira a si mesmo): "O simples fato de teres puxado o assunto (no caso: um romance enraizado no chão da vida) indica que o problema te preocupa e que andas em busca de uma solução". OA3, p. 56. Pode-se aferir, então, que para EV puxar um assunto significa interessar-se por ele e procurar uma saída para o problema. Ora, EV muitas vezes puxa o assunto sobre Deus e sobre o sentido da vida ligado a Ele. Chega-se a concluir que o problema de Deus fazia parte das reflexões e das preocupações de EV e que ele buscava ardentemente uma solução.

<sup>191</sup> OR2, p. 591.

<sup>192</sup> OA3, p. 882.



Aqui nota-se a falta de estabilidade dos outros, mesmo dos amigos. Em contraposição, “Deus continua onde estava”. O “cessar” é pertinente à liberdade, quando é inevitável ou inesperado. Logo, quem sofre um “cessar” procura um ponto de apoio acima daquele que “cessa”. A interrupção chama pela continuidade. A garantia da continuidade é a eternidade. ‘Deus continuou onde estava”.

### 5.12 INVERNADA DA ETERNIDADE

É pensamento comum das pessoas que, mesmo cessando esta vida, continua um espaço de liberdade. Será baseado em que fundamento? No dono das invernadas da eternidade. Isto transparece no discurso de Rodrigo para o Fandango, símbolo do gaúcho. “Um homem como tu não pode se acabar. (...) Num pingo de estimaço imagino-te cruzando num trote faceiro as invernadas da eternidade.”<sup>193</sup>

As “invernadas da eternidade” significam o domínio de Deus em que o homem se sente livre, porque pode cruzar “num trote faceiro”. E ainda mais pode se sentir livre porque ele é convidado a entrar: “Entre compadre, sente e tome um mate, faz de conta que a casa é sua.”<sup>194</sup>

O ambiente de Deus é onde o homem se sente em casa. Livre e participante.

### 5.13 DESENHO COERENTE DO HOMEM E DO MUNDO

Dentro da inconstância e mutabilidade o homem precisa, para exercer sua liberdade, de um certo ponto de apoio ou quadro de referência, para sopesar com coerência e harmonia as decisões. Sílvia afirma que “o conhecimento e o amor de Deus me deram olhos para descobrir um *desenho coerente*, um *sentido* na vida”<sup>195</sup>. O desenho coerente, dum lado é descoberto, quiçá construído pelo

---

<sup>193</sup> OR2, p. 368-369.

<sup>194</sup> OR2, p. 369.

<sup>195</sup> OA3, p. 960.



homem, mas também nas mãos do fundamento das condições da liberdade. Sem o dado de base o elaborado se confunde. É a experiência do Ir. Toríbio:

Só a aceitação de Deus é que pode dar à criatura humana um absoluto de ordem moral e um sentimento de verdadeira responsabilidade para com a própria vida e para com a do próximo.<sup>196</sup>

Esta afirmação é a conclusão mais lógica e condizente com a natureza da liberdade como a descreve EV.

#### 5.14 UM ABSOLUTO PARA AS ESCOLHAS RELATIVAS

Impensável seria o fato de viver como se as idéias de cada pessoa fossem absolutas. Isto equivaleria a relativizar o absoluto e, multiplicando os fundamentos, perder a unidade. E, perdendo a unidade, destruir o ambiente da liberdade: “Sem Deus nossos valores<sup>197</sup> passam a ser apenas projeções de nossos apetites e ambições”<sup>198</sup>.

Pois bem, para distinguir “valores” de “apetites e ambições” o homem precisa transcender a si mesmo e deixar-se iluminar por critérios que não são somente os seus. Ora, aqui se afirma que este referencial ultrapassando a si mesmo como fundamento requer outro fundamento mais universal. Sem este apoio mais amplo: “(...) sem Deus... *o bem será tudo quanto desejamos e o mal tudo quanto não nos agrada ou não nos convém.*”<sup>199</sup>

Será possível para o homem ser fundamento de sua liberdade e ao mesmo tempo não ser egoísta? Será que o homem, sendo sua própria explicação e sua única reserva, não seria menos ansioso, menos inseguro e mais generoso? Em tese, talvez. Na prática, a história ensina que sem um fundamento referencial para a liberdade... “(...) o mundo nada mais será do que a arena em que nossos egoísmos se entrecrocaram. O resultado de tudo isso é a violência, a crueldade, o caos.”<sup>200</sup>

---

<sup>196</sup> OA3, p. 941.

<sup>197</sup> Sobre os valores, teremos mais aprofundamento quando se tratar da Decisão.

<sup>198</sup> OA3, p.941.

<sup>199</sup> *Ibid.*, p. 941.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 941.



Não é somente o estreitamento da vontade, o egoísmo que clama por superação, mas também a precariedade da razão humana:

Estava fora de qualquer dúvida que Deus existia - raciocinava ele (Rodrigo). O universo sem Deus não tinha explicação nem sentido. Havia uma razão divina acima de nossa pobre e primária razão humana, que não admitia fenômeno sem causa. Deus devia ser o princípio e o fim de todas as coisas.<sup>201</sup>

Deus não é somente alguém que nos dá a existência da liberdade e nos dá os objetos reais e possíveis para a escolha, não. Além de tudo isso, *Deus é aquele diante do qual nós devemos decidir*. "... problemas (...) não passam de subsidiários do supremo problema, isto é, o da situação do homem perante Deus"<sup>202</sup>.

Deus, que nos dá a faculdade de escolher, aceita se tornar objeto de nossa escolha, não para decidir sobre ele, mas sobre nós em relação a Ele. Deus que criou a inteligência aceita ser examinado e julgado pela inteligência. Deus que criou a inteligência aceita ser negado pela inteligência. Deus que criou a vontade aceita ser querido pela vontade. Deus que criou a vontade aceita ser repellido pela vontade criada por ele mesmo. A liberdade é pequenina na sua constituição ontológica e grande no seu objeto intencional. Diante de tudo isso, "Rodrigo encolheu-se todo num súbito calafrio"<sup>203</sup>, e procura desconversar: "Estou ficando gelado, padre. Deve ser o frio da madrugada... Vamos até o sobrado tomar um traguinho de conhaque."<sup>204</sup>

Na hora em que decidimos sobre as coisas, sobre a ação na história, sobre Deus, estamos na verdade decidindo sobre nós mesmos. Eis a causa do "calafrio".

Mas como poderá Deus ser fundamento da liberdade se ele é objeto da escolha desta mesma liberdade? Deus pode ser escolhido ou rejeitado como especificação, não como fundamento existencial.

Sílvia - Floriano continua um agnóstico, mas repete que sente "a nostalgia duma religião que nunca teve". Curioso, não conheço ninguém mais preparado que ele para aceitar Deus. Acho que

---

<sup>201</sup> OA2, p. 435.

<sup>202</sup> OA3, p. 922.

<sup>203</sup> OR2, p. 493.

<sup>204</sup> *Ibid.*, p. 493.



tem na sua alma um belo nicho vazio, à espera de uma imagem.<sup>205</sup>

“Nostalgia duma religião que nunca teve” significa que, implicitamente, na escala do ser, há uma base para a nostalgia que é real, mas não trazida ao nível do conhecimento reflexo e da opção consciente. O “nicho vazio” significa a abertura para o Absoluto e ao mesmo tempo a falta d’Ele. Sentir falta é a maior afirmação daquele Alguém do qual a gente sente falta. É distingui-lo de todos os outros. É valorizá-lo. E, até, (...) amá-lo.

### 5.15 A SUPREMA LIBERDADE

Mas há um grande receio. Entregar-se a Deus não acarretará a perda da própria liberdade?

Sílvia - Talvez (Floriano) pense que entregar-se a Deus seja um compromisso demasiado sério para quem como ele tanto deseja ser livre. *Mal sabe o meu querido amigo que a aceitação de Deus é a suprema liberdade.*<sup>206</sup>

Esta frase pode ser enunciada dentro de nosso tema como ponto mais alto da síntese do pensamento e do sentido da liberdade em EV. *Esta afirmação para Sílvia é uma realidade, para Floriano (e para Erico) um recôndito desejo, um enigma e uma atração.*

São, a meu ver, três os passos fundamentais:

- descartar o conceito banal da liberdade que consiste em não assumir compromisso. “Compromisso demasiado para quem como ele tanto deseja ser livre”, isto é, sem compromisso;
- reafirmar que a verdadeira liberdade passa pelo comprometimento concreto, em última análise, diante do Absoluto: “entregar-se a Deus”. “Entregar-se a Deus” pode ter o aspecto de relutar até não poder mais e no fim ceder diante da força invencível de Deus. Isto vem a calhar com o espírito orgulhoso e altivo do “chantecler” gaúcho que não se dobra diante de ninguém; guarda ciosamente sua liberdade pessoal até à última

---

<sup>205</sup> OA3, p. 931.

<sup>206</sup> *Ibid.*, p. 931 do Diário de Sílvia.



possibilidade. “Entregar-se a Deus” pode revestir o significado de sentir a sua presença em todo o universo, em todas as pessoas, de tomar a iniciativa de aceitar sua influência, cultuá-lo e segui-lo. Mas aqui o aspecto mais saliente é o de aceitar a vida como dom de Deus, portanto com uma finalidade, uma missão, um compromisso. *Deus é sempre aquele que chama pelo sentido da vida a ser conquistado pela participação livre do homem.*

- Afirmação evidente de que Deus não só não limita a liberdade *do homem*, *mas ilustra sua verdadeira natureza e lhe é o máximo fundamento.* “A aceitação de Deus é a suprema liberdade”. “Suprema” liberdade; esta palavra “suprema” indica que na vivência da liberdade há diferentes estágios, desde o mínimo até o mais desenvolvido. Toda a liberdade, mesmo com o mínimo de suas características fundamentais, é liberdade. Mas há uma gama infinda tanto de aspectos mais acentuados como de degraus mais subidos e altos. A aceitação de Deus representa o que há de mais genuíno. É o aspecto que mais faz brilhar a liberdade do homem. É a liberdade na sua maior expressão.

Se a liberdade, além de incluir este aspecto, o cultiva em alto grau, então o homem chegou ao ápice de seu desenvolvimento através da liberdade e está perto de realizar ao máximo o sentido de sua vida. Nesta maneira de ser livre o homem não só tem Deus como fundamento ontológico de sua liberdade dada, mas também tem Deus como exemplo de sua liberdade em ação.

Nisto o homem imita a liberdade de Deus que é livre não só pela autoafirmação, mas pelo amor. Tem tanta autoposse que, ao se relacionar com outro, não precisa reforçar e garantir sua autoposse, mas quer vitalizar a existência de outros. *Deste modo Ele cria a alteridade sem destruir a ipseidade.* Aceita o diferente sem diminuir a identidade. E afirma sua ipseidade sem destruir a alteridade. Neste ponto ideal de liberdade vigora o máximo compromisso com o máximo de opção livre. O máximo de compreensão com o mínimo de explicação. O máximo de relacionamento com o mínimo de julgamento.



## 5.16 LIBERDADE PELO AMOR

Para chegar ao máximo todos os “mínimos” e “médios” são ultrapassados e, como que, destruídos.

Sílvia - Hoje (...) já não sou mais senhora da minha cidadela. Recolho-me a uma torre, último reduto que estou decidida a defender a qualquer preço. É a torre do amor. Do amor que não julga, que não pede explicações nem definições. Do amor que se basta a si mesmo.<sup>207</sup>

O que o homem recolhe, decantando todas as suas experiências da liberdade, é o amor. É o ingrediente necessário de toda a ação livre.

O amor, *sendo auto-afirmação sem auto-suficiência*, é a experiência de ser livre. Irradiando claridade aos outros sem perder a luz.

Quando Floriano sente a ânsia de “acabar de nascer”, de fazer-se homem livre, lhe é sugerida por Roque Bandeira uma atitude na linha do amor:

Se queres mesmo acabar de nascer tens de ajustar contas com teu pai no sentido mais cordial e mais legítimo de expressão, através da aceitação plena do que ele o é. Não se trata de ir pedir-lhe perdão ou levar-lhe o teu perdão. O QUE TU TENS DE FAZER, HOMEM, É UM GESTO DE AMOR, UM GESTO DE AMOR! Diz estas palavras quase a gritar e sua voz ergue-se na noite quieta.<sup>208</sup>

Recolhendo as idéias-chave de EV sobre o fundamento da liberdade, poderíamos resumi-las nos seguintes passos:

- a) Primeiro passo: experiência com dificuldades e com afirmação informal sobre Deus:

A idéia corrente é de que há um Deus, fundamento de tudo e também da liberdade, mesmo que não haja reflexão deliberada sobre isso. É a carência do homem clamando por plenitude; a contingência procurando um absoluto. Em geral esta idéia corrente liga Deus ao destino.

- b) Segundo passo: reflexão com oscilação ponderativa:

Quando se começa a refletir formalmente sobre o tema, surgem muitas dúvidas quanto à fundamentação da liberdade do homem em Deus. A hesitação

---

<sup>207</sup> OA3, p. 926.

<sup>208</sup> OA2, p. 393-394



oscila entre a vigorosa afirmação de si mesmo e o mistério de Deus. A afirmação da liberdade própria tende à auto-suficiência, à confiança em si, à gratuidade por opção, o homem desconfia de ser um joguete, de ser iludido, não vê como inquirir e ter certeza sobre o conhecimento e sobre as intenções de Deus.

c) Terceiro passo: afirmação explícita e refletida.

Deus é o fundamento da existência da liberdade e o homem é o fundamento das escolhas desta mesma liberdade. Deus é fundamento porque é imutável (em meio às desistências humanas), tem um desenho coerente da Realidade (frente às parcialidades dos homens), é Absoluto (centro das relações das relatividades e conflitos), é Princípio e Fim (causa e atração). A transcendência como aceitação de Deus não desfigura a afirmação do homem em si mesmo porque *desliga a liberdade do destino e une a liberdade ao amor.*



## SEGUNDA PARTE

*“Nenhum homem digno deste nome pode passar a vida em branca nuvem. Acho que tua hora chegou” (OA3, p. 668).*

### 1 ÀS VOLTAS COM A DECISÃO

A pessoa humana vivencia a liberdade através de continuado exercício que vem a se expressar de modo especial na decisão. As sucessivas decisões da pessoa irão se constituir numa conquista sempre mais plena de liberdade. A falta de decisão ou a impossibilidade da mesma induzem à escravidão. A decisão, pois, é a ponte entre a pluralidade de opções e a nova ordem dos acontecimentos. O leque de possibilidades reais passa pela escolha que estabelece, daí para frente, um novo começo e nova caminhada. O processo decisório como que acolhe a inumerável gama dos possíveis para concentrar-se num ponto concreto, que vai principiar uma nova causalidade e uma nova cadeia de conseqüências. A decisão é o nascedouro do novo em meio à repetição do mesmo.

Para EV a decisão é importantíssima. A liberdade se concretiza na decisão, e esta, por sua vez, faz florescer a liberdade. Esta é o seu melhor fruto e mais digno coroamento. Deste modo o conjunto e o encadeamento das decisões humanas configuram o panorama e a paisagem da história.

#### 1.1 CARÁTER DECISIONAL DA PESSOA HUMANA

Caráter decisional (decisório)<sup>209</sup> significa a dimensão e a capacidade *de optar, entre muitas, por uma das alternativas* ou de optar mesmo quando se apresenta uma única possibilidade concreta e prática. Caráter decisional significa outrossim a *premência* com que o homem é levado a decidir, tanto pelo movimento interno da vontade quanto pelo encaminhamento compulsivo das

---

<sup>209</sup> “Decisional”, “decisionalidade: empregamos estes termos apesar de não constarem nos Dicionários da Língua Portuguesa, porque pensamos, que para o nosso intuito filosófico, eles sejam adequados e esclarecedores”.



circunstâncias. A decisão é fruto do caráter decisional e não deslança somente por evidências especulativas. A decisão tem também sua hora. Vem sendo amadurecida pelos acontecimentos, sem obrigatoriedade quanto ao objeto, mas com urgência inescapável quanto ao fato de decisão.

## 1.2 ASSÉDIO DE ESTÍMULOS: IMPERATIVO, INCITAMENTO E MOMENTO

A pessoa que não vive na indiferença, na involuntariedade, encontra no seu dia-a-dia situações normais de escolha ou decisão. Estas são as atitudes comuns facilitadas, até pelo hábito, que sobrepassa a necessidade sempre repetida da deliberação consciente. Há, no entanto, casos em que a deliberação é aflitiva, tanto pelas incertezas quanto pelas repercussões.

A neutralidade é impossível. Na hora em que nasce, o homem entra inescapavelmente na História. Desde o primeiro minuto da vida começa a sentir pressões de toda a sorte. O ato de nascer é um engajamento. Um compromisso que outros assumem tacitamente em nosso nome e do qual *jamaís poderemos fugir* nem mesmo pelo abandono voluntário da vida, pois o suicídio seria um compromisso terrível com a eternidade.<sup>210</sup>

A “neutralidade” significaria o caráter não decisório em que a pessoa pudesse se eximir de escolher. Decidindo, o homem se historiciza fazendo parte não somente dos fatos acontecidos, mas fazendo parte do engendramento de novas situações: “o homem *entra inescapavelmente na História*”. Deste modo a decisão lembra tanto a dimensão e o poder inerente à natureza humana “desde o ato de nascer” quanto a escolha concreta duma ação ou atitude perante si mesmo ou perante a sociedade.

E tu, meu filho, - fala Rodrigo para Floriano – já estás na idade de tomar algum interesse pela política. Vives num mundo excessivamente livresco. Precisas plantar os teus pés no nosso chão, no chão do Rio Grande. Esta é uma hora em que ninguém pode ficar indiferente.<sup>211</sup>

A insistência com que EV apresenta a urgência de tomada de posição nasce tanto da natureza do “ser homem” como também da oportunidade.

---

<sup>210</sup> OA3, p. 876.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 653.



Rodrigo – Com quantos anos estás?

Floriano – Dezenove...

Rodrigo – Bom. Quase vinte. Não ignoras que no Rio Grande nenhum homem digno desse nome pode passar a vida em branca nuvem.

Mais tarde ou mais cedo tem de se submeter ao batismo de fogo... Acho que tua hora chegou.<sup>212</sup>

“Tua hora chegou” ressalta a conjugação dos acontecimentos para confluir na oportunidade. “Nenhum homem digno desse nome” significa que *faz parte da natureza humana* o fato de não poder passar a vida “em branca nuvem”, isto é, sem enfrentar dificuldades, tormentas e céu borrascoso. Neste caso, a decisão, além de ser uma exigência da vida, adquire ainda uma conotação de brio e coragem como “batismo de fogo” e prova diante da sociedade. Há outra expressão que indica tanto a bravura de enfrentar quanto a celeridade e agilidade de resposta.

Suponhamos que a vida é um touro que todos temos de enfrentar.

O que te falta como romancista, e também como homem, é agarrar o touro a unha...<sup>213</sup>

“A unha” significa sem subterfúgios distanciadores e sem mediações conciliatórias, sem racionalizações escorregadias. É o contato direto e inescusável com a dificuldade.

### 1.3 MÃO NO BARRO

Esta é outra figura que afirma veementemente o carácter decisório da pessoa humana:

Roque, (fala Floriano) te lembras da carta que me escreveste a respeito do meu último livro? (...) Disseste que era “um romance aguado” (...) O que me desagrada nos teus romances é a posição de turista que assumes. Entendes? O homem que ao visitar um país se interessa apenas pelos pontos pitorescos *evitando tudo quanto possa significar dificuldade... Não metes a mão no barro da vida.*<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> OA3, p. 668.

<sup>213</sup> OA1, p. 55.

<sup>214</sup> OA1, p. 53-54.



“Romance agudo” vem indicar uma postura indefinida e inautêntica, não se delineando o verdadeiro produto. Os “pontos pitorescos” que o turista procura são os ângulos da existência que já estão à disposição para serem observados e admirados. Representam ao turista uma digressão e um distanciamento da realidade da vida e do trabalho. Para a maioria, os “pontos pitorescos” acontecem raramente ou nunca. O que todos enfrentam é o “barro da vida”, sua dureza e concretude, a vida como ela é. A vida que não está pronta, mas que do meio da dificuldade, clama por decisão e trabalho concreto e empenhativo. A decisão é ineludível; ninguém passa pela terra tão somente como turista. O homem não é um visitante do mundo, mas um ser no mundo. “*Só um neutralismo absoluto nos poderia manter de mãos limpas*. E, nesta hora, a minha opinião, a neutralidade é uma covardia.”<sup>215</sup>

Há decisões que podem até ferir os outros: “Afim de contas preciso acabar com essa idéia pueril de que é possível atravessar a vida sem ferir ninguém nem sujar as mãos.”<sup>216</sup>

Como centro dinâmico de relações ativas, o homem se desenvolverá livremente em sua totalidade, conquanto que não fuja das decisões. Quem escolhe vai encontrar oposição ou apoio, tanto porque decide como pelo que decide. A imperfeição de quem procura conservar intacta a sua imagem vem exatamente incriminar aqueles que por medo, “prudência” ou alheamento, não se “rebaixam” a “sujar as mãos”. “*Ninguém pode viver impunemente*. Existir e estar aberto a todas as paixões do mundo e às suas conseqüências...”<sup>217</sup>

“Ninguém pode viver impunemente”. Todos passam pelas angústias e horas cruciais de decisão, e se todos passam, é sinal de que faz parte da natureza do homem o seu caráter decisional. “Impunemente”: não se refere a uma punição moral, mas à luta exigida a quem quer ser alguém. Existir é estar

---

<sup>215</sup> OA2, p. 595. Ernani Maria Fiori diz: “O mundo não é apenas espetáculo, mas convocação” ...

<sup>216</sup> OA2, p. 553.

<sup>217</sup> OA3, p. 960. Cai através desta janela uma réstia de luz sobre as aparentes contradições do homem. Ele deve ser forte, mas é fraco. Deve responder por si mesmo, mas precisa dos outros. Se se apóia em si mesmo é auto-suficiente. Se se apóia nos outros é protegido. Se leva a vida a sério, é um chato. Se não leva a sério, é um louco. Se se ama, é narcisista. Se não se ama, é masoquista. Se responde por si mesmo, é orgulhoso. Se não responde, é covarde. Se decide sozinho, é cabeçudo. Se decide com outros, é manobrado. Se chama atenção, é extrovertido. Se não chama atenção, é retraído. Se ele faz o que gosta, é destemperado. Se ele não faz o que gosta, é recalçado. Se ele se arrisca, é temerário. Se não se arrisca, é medroso. Se tem persistência, é fanático. Se não tem persistência, é lunático. Não há como ser homem total; há sempre uma brecha para o ataque e uma abertura para o crescimento.



“aberto”, não prefixado, mas com possibilidade sempre nova de se determinar e de se revisar. “A todas as paixões”, pelo que entendo, não são colocadas aqui apenas como limite, mas como a capacidade de se apaixonar por grandes causas, tarefas ou ideais; é a sensibilidade de não ser frio, calculista e defensivo, mas de viver a vida com todos os seus arroubos, seus fracassos e suas grandezas. Destrinchar-se em meio às enredanças da vida requer lucidez e agilidade para ater-se ao melhor. Existir é coexistir num emaranhado de informações, influências, afeições, expressões, incentivos, ataques; há muitos “sim”, muitos “não” e tantos “talvez”. Ninguém foge disso. *A decisão restabelece o sentido, a conexão e a correlação de todas as coisas sob a orientação da pessoa humana.* No vai-e-vem e na voragem da existência, quem não decide, marcha.

#### 1.4 VIABILIDADE DO SER HUMANO

Em tudo isto aflora o peso da decisão. Peso que é, ao mesmo tempo, importância e dificuldade<sup>218</sup>. A decisão é a retomada da identidade do homem para unir-se em si mesmo e não ser simplesmente um feixe de contradições. A decisão é a retomada do senhorio, não isolado, mas harmônico e vinculado do homem em relação ao mundo. Não conseguindo tal domínio, por falta de clarividência e de energia decisória, se sente “esmagado pelo próprio ridículo”<sup>219</sup>.

*A viabilidade da vida e do projeto-homem depende deste poder de decisão.* Vencido, ele se perde no redemoinho de forças indomáveis e será joguete ao léu de circunstâncias imprevisíveis. Quando se anda na onda, cuide-se que alguém fez a onda e está sabendo para onde ela vai levar. Quando alguém é dócil demais acaba desativando seu poder de decisão e então “amarra-se o burro à vontade do dono”<sup>220</sup>. Não existe oportunidade de decisão que não seja tomada ou pelo primeiro interessado (que muitas vezes não se interessa) ou por outro. O processo de decisão está sempre afirmado: por parte de um, pela omissão que lhe é atribuída; por parte do outro, pela oportunidade que ele

---

<sup>218</sup> Note-se a este respeito a lapidar frase de Simões Lopes Neto: “A alma é um peso entre o mandar e o ser mandado”. Em **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1984. p. 150.

<sup>219</sup> OA2, p. 315.

<sup>220</sup> OR2, p. 434.



usurpa. Curto ou comprido, o “amarrar” será decidido pelo dono. Neste tipo de submissão *o dominado não chega nem mesmo a poder ser indeciso*. Não chega a tomar posse de sua decisonalidade. Vegeta na tranqüilidade do pré-decisório, sem conhecer a angústia da opção nem a serenidade amadurecida na escolha de verdadeiros valores.

É o caso de Dna. Pichucha Terra Fagundes, que nem é consultada a respeito de seu casamento: “Me casei muito menina com um tropeiro de Caçapava. Quem me escolheu marido foi meu pai, sem pedir minha opinião. Quando vi, estava noiva.”<sup>221</sup>

### 1.5 BIBIANA DECIDE DE FATO

EV relata a decisão pessoal e única de Bibiana a respeito de seu casamento com o cap. Rodrigo. Parece que se pode instalar um paralelo entre *Bibiana e Ana Terra. Esta última não aceita a dominação do destino, enquanto que a primeira não aceita a intromissão de outros na decisão sobre o seu casamento*. Era costume acatar-se à orientação do pai, por isso a atitude de Bibiana vem abrir caminho para uma nova prática social nas famílias rio-grandenses. O cap. Rodrigo espera pelo assentimento livre de Bibiana.

Sou desses que quando querem as coisas fazem, sem pedir licença a quem quer que seja. Mas aqui tenho baixado a cabeça. (...) Gostei de sua irmã e decidi que ela tem de ser minha mulher. E lhe digo mais. Hei de casar com Dna. Bibiana custe o que custar.

Juvenal – Mesmo que ela não queira?

Cap. Rodrigo – Bom. Isso é diferente. Se ela não me quiser monto a cavalo e vou embora. Com dor de coração, mas vou.<sup>222</sup>

“Decidi”, esta palavra tem um peso especial. Revela a paixão que envolve as grandes causas e empresta um colorido todo típico às ações. Revela a racionalidade, tentando convencer-se e convencer os outros da seriedade e da durabilidade de opção. Revela um compromisso ético e um dever de não agir futilmente como acontecera em outras ocasiões:

---

<sup>221</sup> OC1, p. 310.

<sup>222</sup> OC1, p. 216-217.



Já tinha feito isso com outras mulheres, em outros lugares. Mas com Bibiana ia ser diferente. Queria a moça para esposa.<sup>223</sup>  
*Decidia* que estava cansado de guerras e andanças e que já era tempo de sentar juízo e cuidar do futuro.<sup>224</sup>

O assentimento livre de Bibiana constata os elementos de sua decisão e exprimem um significado que ultrapassa as individualidades em jogo, para chegar ao seu significado universal para toda a criatura humana.

Pedro pôs-se de pé e gritou: - Bibiana! A moça apareceu.  
- É verdade que vosmecê gosta deste tal cap. Rodrigo?  
Bibiana baixou os olhos. (...) *Tinha chegado a hora decisiva*. Se mentisse, perderia o homem que amava. Se dissesse a verdade poderia perdê-lo também, mas pelo menos ficaria com o consolo de não ter mentido. Aconteça o que acontecer – *resolveu* – vou dizer a verdade. Sem erguer a cabeça balbuciou:  
- Gosto, papai.  
- E vosmecê sabe que eu não gosto dele?  
- Sei, sim senhor.  
- E mesmo assim quer casar com ele?  
- Eu não sei se ele quer casar comigo...  
- Está visto que quer! Mas vosmecê *está resolvida* a arriscar a ser infeliz?  
Ela ficou em silêncio por alguns segundos.  
- Estou, disse, erguendo o rosto e encarando o pai.<sup>225</sup>

Trata-se clarissimamente de uma decisão. EV a enfatiza com alguns termos: “hora decisiva”, “resolveu” (colocado entre barras), “vosmecê está resolvida?”. A deliberação é clara pelo condicional e subjetivo dos verbos: “Se dissesse... se mentisse”; “aconteça o que acontecer...” A deliberação é subentendida ainda no “silêncio de alguns segundos”.

O auge da deliberação concentra Bibiana sobre si mesma, não é nem o parecer do pai e nem o perigo de infelicidade que especificam a sua determinação. Palavras curtas, conscientes, decididas: “Estou”, “sei o que sinto”, “Eu quero”<sup>226</sup>. Ela aguarda somente a proposta do outro diretamente interessado no assunto. O fecho da decisão se completa ainda pela crescente autonomia de Bibiana, manifestada na sua expressão corporal: primeiro ela “baixou os olhos”, mas, no final – “Estou – disse, *erguendo o rosto e encarando o pai*”. Não se queira dizer que as circunstâncias e as opiniões dos outros são sejam valiosas ou

---

<sup>223</sup> *Ibid.*, p. 217.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 217.

<sup>225</sup> OC1, p. 248-249.

<sup>226</sup> *Ibid.*, p. 249.



quem sabe até indispensáveis. *Todos os fatores, exatamente porque contribuem para uma tomada de posição, supõem que a pessoa humana tenha, radicalmente, o poder de discernimento e escolha*<sup>227</sup>.

O próprio padre Lara, intermediário do casamento e testemunha do diálogo, percebeu assim o momento: “O padre agora via na moça a decisão de Ana Terra: o mesmo jeito de falar, quase a mesma voz.”<sup>228</sup>

O caráter dramático da decisionalidade se mede também porque acarreta consigo outras decisões na convivência das pessoas. “Posso ser um pouco teimoso, mas não sou nenhum animal. (...) Vou consentir nesse casamento para não dizerem que sou um tirano, mas acho que minha filha vai ser infeliz.”<sup>229</sup>

O preparo em arrostar as conseqüências vem, por seu turno, demonstrar a existência, ou pelo menos, a exigência de decisão.

- Dou o meu consentimento com tristeza, mas amanhã quando Bibiana vier bater à nossa porta dizendo “Papai, vosmecê tinha razão, meu marido não presta”, não quero que ninguém me culpe do que aconteceu. Está tudo bem entendido? Por alguns instantes ninguém falou. Finalmente Bibiana fez um esforço e disse:

- Vosmecê sabe que nunca me queixo de nada e de ninguém.<sup>230</sup>

Os silêncios de novo, o tremular da voz, o clima que se cria neste diálogo mostram que algo importante está em jogo e que este algo está na dependência da opção da pessoa. Tudo evidencia que a existência e a história não são uma enxurrada de coisas que se atropelam por si, mas que *há uma propriedade de poder manter, sustar ou modificar o curso dos costumes, dos hábitos, das tendências, das normas, dos eventos, do futuro da vida humana*. O tremor e a coragem em separado, ou até juntos, elucidam indubitavelmente a decisionalidade humana. De Bibiana sabe-se depois que de fato tanto o pai tinha

---

<sup>227</sup> Este episódio com Bibiana revela ainda a pessoa como responsável última da decisão. Outra faceta da qualidade decisional que Bibiana desenvolve é o da maturidade. É a liberdade interior de grande envergadura. *Assume a decisão com coragem, mas sem ódio e sem recalques*: - “Vosmecê alguma vez falou com esse home? – tornou a perguntar Pedro Terra. – Nunca, papai. – E se eu lhe proibisse de falar com ele que é que vosmecê fazia? – Obedecia. – E ficaria triste? – Ficava. – Ficava com raiva de mim? – Como é que a gente vai ficar com raiva do pai?” (OC1, p. 249).

<sup>228</sup> OC1, p. 250.

<sup>229</sup> *Ibid.*, p. 250.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 250.



as suas razões quanto ela se manteve até o fim com toda a firmeza de acordo com aquilo que decidiu.

## 1.6 URGÊNCIA E LENTIDÃO

Quando o modo de vida de um outro tipo de personagem (Floriano) quer prostrar a decisão, EV insiste na urgência de optar por alguma coisa. O fato de decidir pela abstenção de opção, na verdade já é uma atitude que revela o caráter decisional; mas ele é mais reforçado e mais exigido ainda porque a pessoa, não se realizando pelo adiantamento indefinido da decisão, é convidada a colocar em ação a sua índole decisória em face da vida. “Quem era? Que procurava? Por que e por QUEM esperava? *Era preciso tomar uma decisão antes que fosse tarde demais.*”<sup>231</sup>

*A expectativa da decisão se desdobra diante da própria existência pessoal: “quem era?”. Diante das coisas materiais e empíricas: “que procurava?” Principalmente em relação ao outro, na intersubjetividade: “por QUEM esperava?”. Deste modo Erico Verissimo, além de supor a decisionalidade em Floriano, ainda abre o leque de seu horizonte, de sua relevância e de sua dramaticidade. Parar na deliberação sem escolher nada em concreto não completa, na sua integral feitura, a decisionalidade humana:*

Eu tendo pensado..., murmura Floriano (deliberando sair do Rio de Janeiro).

Toríbio – Mas não basta pensar. É preciso decidir a coisa numa vez, antes que seja tarde demais.<sup>232</sup>

A insuficiência do mero “estar pensando” é clara. E a atuação da decisionalidade é solicitada com veemência. “*É preciso decidir*”. A influência de fatores revela o caráter decisional porque, do contrário, o homem seria apenas refratário ou apenas acolhedor das sugestões, sem a mínima participação de assentimento ou negação. Se há elementos que influenciam, é evidente que há um terreno próprio para receber os influxos e colocá-los no crivo da valorização.

---

<sup>231</sup> OA3, p. 830.

<sup>232</sup> *Ibid.*, p. 833.



Tal terreno propício é o chão onde se pesam os fatores, é a qualidade decisional do homem. Vejamos:

Floriano – Assisti o comício sentado ali perto da janela...  
 Eduardo – É uma posição que bem simboliza a tua atitude diante dos problemas sociais. Sentado à janela do Sobrado com a cabeça para fora e o corpo para dentro... Com a cabeça, com a inteligência compreendes que o sistema econômico e político em que vivemos é errado, está podre e deve ser destruído. Mas com o corpo estás escravizado aos confortos e molezas de vida burguesa, cujos hábitos e vícios tens no sangue, nos ossos. Teu comodismo te impede de ir para a Praça Pública como soldado da Revolução.<sup>233</sup>

Aqui não se trata de observar a diferença entre a teoria e a prática, ou entre o corpo e espírito, mas de constatar que *um sujeito captador consciente de influências é lugar de maturação e de expectativa duma tomada de posição*. Além disso, como as idéias são contrastantes e, às vezes, contraditórias requer-se um ponto de convergência decisional numa síntese superior de unidade. As influências não podem vigorar permanentemente em contraste, por isso eles chamam pela atuação decisória do ser humano. O dualismo tende, através da performance da decisionalidade, a encontrar a coerência integral e integradora da pessoa humana frente à história.

### 1.7 O DEVIR EXIGE DECISÃO

A existência da decisionalidade não só faz parte do devir, mas lhe é, pelo menos em parte, causa, impulso e direcionamento. A criatura não é somente paciente dos eventos, mas, por meio de suas decisões, ela inicia e orienta um novo começo, uma nova atuação que dinamiza a realidade e entra na corrente da História. “Esta noite debaixo da figueira da praça, quando Tio Bicho falava no contínuo devir que é a criatura humana, raciocinei assim: Se (...)”<sup>234</sup>

Havendo o devir da criatura humana, só não haverá determinismo irreversível em relação a ele se houver uma resposta autônoma, mediatizada pela decisionalidade.

---

<sup>233</sup> OR2, p. 608.

<sup>234</sup> OA2, p. 399.



(...) raciocinei assim: Se existir é estar potencialmente em crise, se o homem não chega nunca à posse de si mesmo e do seu mundo, se não é um feixe de elementos estáticos, como descrevê-lo no ato de existir senão em termos dinâmicos?<sup>235</sup>

“Estar potencialmente em crise” significa viver num “regime” de decisionalidade que é a origem do dinamismo, não somente para equilibrar-se em meio aos empurrões da evolução mas, principalmente, para dirigir o curso dos acontecimentos. Se não houvesse nada a fazer escolhendo, não seria necessária a decisionalidade. Se estivesse tudo feito e definitivamente escolhido, igualmente inútil seria a decisionalidade humana: “Neo-humanismo? Detesto rótulos, Zeca. Porque eles são estáticos, ao passo que as criaturas humanas estão em *constante devir*.”<sup>236</sup>

De fato, os “rótulos” não são ajustáveis à pessoa humana devido aos “imprevistos” de seu caráter decisional. A pessoa tem o direito de decidir e também de decidir mudar de decisão, o que invalida duplamente a “rotulação”. A pessoa está em movimento de percepção gradual, progressiva de si mesma e da realidade circundante. O devir supõe ou determinismo ou escolha. O julgamento “rotulante” é, em parte, determinista<sup>237</sup>.

A decisionalidade da pessoa é tão importante que, se ficar em desuso, não desfigura e inutiliza somente a si mesma, mas o próprio ser humano que a mantém. O ser humano, enquanto ser, mantém a decisionalidade. O ser humano enquanto humano é mantido por ela. O poder de decisão será egolátrico e rebarbativo caso permaneça narcisisticamente mirando-se a si mesmo. A consulta de Sílvia supõe e respeita a capacidade de decisão de Floriano, mas, ao mesmo tempo, sem querer, o agride a indecisão: “Fica certo de que *só tu podes dar uma resposta decisiva* a esta pergunta. E o que quer que digas estaria bem.”<sup>238</sup>

---

<sup>235</sup> OA2, p. 399.

<sup>236</sup> OA3, p. 944.

<sup>237</sup> No entanto, para haver entendimento, a feição com que alguém aparece, a forma que alguém se fenomenologiza, deve ser de algum modo colhida num conceito e transformada em linguagem ou código. Neste sentido, o momento ou a pessoa são como que “fotografados”, como que “rotulados”. É a idéia sobre algo ou sobre alguém. Mas a rotulação é a fixidez exagerada dum conceito sobre alguém. Sem conceitos e linguagem não poderia haver comunicação nem colaboração livre entre as pessoas. Por outro lado, com a rotulação, não haveria respeito ao ser livre, diferente e mutável de cada pessoa. Para obviar este último perigo, é possível não somente estar aberto à mudança de conceito sobre alguém, mas também cultivar a relação imediata e gratuita entre o Eu e o Tu.

<sup>238</sup> OA3, p. 806.



E a reação: “Floriano leu e releu a carta numa confusão de sentimentos (...). *A necessidade de tomar uma decisão definitiva deixava-o conturbado.*”<sup>239</sup>

A criatividade em levantar muitas alternativas e projetos de ação se, de um lado, ilumina a decisão, por outro lado pode obstaculizá-la, já que a quase igualdade entre as propostas não chega a inclinar significativamente o homem para uma alternativa. Nas páginas 806 e 807 do “O Arquipélago” nota-se Floriano mais confuso ainda diante de suas variadas conjeturas, mas nenhuma de molde a lhe atrair e apaziguar<sup>240</sup>. Por último, trazemos uma sentença do livro “O Prisioneiro”, sobre a guerra do Vietnã, recolocando magistralmente a índole de constante decisão que envolve a vida humana. A professora esclarece ao suposto dominador a necessidade de posicionamento:

Mas tarde ou mais cedo você terá que tomar uma posição. Nestes nossos tempos a neutralidade não é possível. Não existem mais esconderijos físicos ou psicológicos no mundo. É a hora do compromisso.<sup>241</sup>

## CONCLUINDO:

Toda a insistência de EV sobre o caráter decisional da pessoa humana indica a importância e a riqueza da decisionalidade. A decisionalidade é o ponto alto da pessoa humana, porque é o resumo de todas as suas qualidades ou a raiz de todos os seus defeitos. É o sustentáculo de sua realização ou a mantenedora de sua perdição. É o ornato glorioso de seus esforços ou um retrato de sua inércia. O “bom funcionamento”, digamos assim, da decisionalidade é a pedra de toque da realização da pessoa como também de seus projetos sociais.

A decisionalidade, de certa maneira, vem a ser outro nome da liberdade, contudo ela esclarece um aspecto central em “O Tempo e o Vento”. É o aspecto da liberdade como sendo a autoconsciência, não somente de poder, mas também de dever assumir um compromisso. É a autoconsciência mais

---

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 806.

<sup>240</sup> Pelo fato de EV privilegiar o homem decidido não se concluirá que ele admire a veleidade ou a temeridade sem a devida ponderação e conhecimento de causa.

<sup>241</sup> Citado em GONZAGA, Sergius. Erico Verissimo. **Letras Rio-grandenses**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1986, p. 23(a).



especificamente dirigida ao imperativo moral que ela sente brotar em suas profundezas.

EV como escritor ressalta o caráter decisional da pessoa por sua atmosfera de drama, de suspense, de grandeza, de miséria, de impacto e de mistério. O homem, o pensador EV explica que a decisionalidade dimensiona a totalidade da vida dos seres humanos e, junto com a autoconsciência, é como que um radar indicador, programador e coordenador dos passos e do direcionamento do ser humano na sua Travessia de realização.

## 2 FUGAS DE DECISÃO

*“Vem-lhe um desejo repentino de fugir de tudo isto, do que já é e principalmente do que poderá vir a ser. Mas não! Basta de fugas.” (OA1, p.23).*

O homem pode suspender uma decisão urgente, omitir uma decisão devida, ou ainda especificar-se de maneira não comprometedora frente a uma interpelação empenhativa. Fuga ou subterfúgio são as estratégias empregadas para a pessoa se esquivar de uma decisão, especialmente se a decisão é comprometedora e de vital importância. Esconderijos, álibis, pretextos ou evasivas são outros tantos nomes que se conferem a todas estas dissimulações, a todo este escapismo, a todas estas desculpas.

É que a decisionalidade, embora sendo uma das dimensões do homem, diz respeito e envolve o homem todo. O fato de termos que refletir sobre nós mesmos para nos conhecer e nos decidir é, de um lado, uma qualidade, mas de outro lado é um limite. Nesta reduplicação e sucessividade subentra a inclarividência e a possibilidade de erro ou de manobra. A diafaneidade não é cristalina nem total, de modo que as reentrâncias muitas vezes são procuradas como esconderijos. O mesmo atributo – a decisionalidade – que serve para assomar à existência e dizer “sim”, serve também para retrair-se e dizer “não”.

Assim como EV dá muito realce ao homem livre e decidido, assim também ressalta com muita ênfase a falta desta qualidade. Quem abdica de seu poder decisório (autodecisionalidade) ficará – conforme expressão gaúcha – “em cima do muro”, na neutralidade, e “andar de arrasto” na passividade.



## 2.1 A ASTÚCIA

Os rodeios para chegar a um assunto podem colher aquele momento em que o homem se encontra indeciso. Este momento é percebido pelo Cap. Rodrigo na conversa com o padre Lara: “É melhor vosmecê ir logo dizendo o que quer. Isso de dar voltas é lá com o Rio Ibicuí. Gosto de gente que vai direto ao assunto. Que é que vosmecê quer mesmo comigo?”<sup>242</sup>

Para “dizer o que quer” alguém deve estar decidido sobre o que dizer. Por isso veio também a pergunta “o que vosmecê quer *mesmo*?”. “Querer mesmo” significa identificar bem o que se tenciona. A palavra “mesmo” indica a exigência de exatidão, de franqueza sem evasivas. A dissimulação, aliás, é tão indigna que o próprio Cel. Ricardo Amaral se coloca em guarda, depois de orgulhar-se de sua altivez frente ao Governador José Marcelino de Figueiredo (“Sou potro que não agüenta carona dura de ninguém” – dissera), engrandece ainda sua própria sinceridade: “(...) fui mui franco, porque não sou como quero-quero que canta para um lado e tem ninho para outro. Dissimulação não é comigo.”<sup>243</sup>

Neste caso, o ardil consiste não no fato de não estar decidido, mas no fato de inviabilizar o caminho do conhecimento da decisão para não ter que enfrentar as exigências decorrentes desta mesma decisão<sup>244</sup>.

EV, na sua fina ironia, percebe e aponta a evasiva muito característica do brasileiro, pelo lado do humor. Assim descreve a reflexão de Floriano sobre suas decisões sérias e vitais.

É sempre assim. Todas as suas auto-análises acabam em farsa. (...) sabe que suas *fugas pela porta do humor* nada mais são que a tentativa de pregar um rabo de papel colorido nos seus problemas, pintar um bigode caricatural na face dramática da vida, em suma, eliminar ou atenuar o caráter ameaçador de tudo quanto – por misterioso, estranho, hostil ou insuperável – lhe possa aumentar a angústia de existir.<sup>245</sup>

---

<sup>242</sup> OC1, p. 199.

<sup>243</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>244</sup> De maneira nenhuma desfazemos o direito à privacidade. Acontece que a simulação pode recair sobre si mesmo, transmutando-se em “máscara”. Mas o real prevalece sobre o fictício e, na hora de tirar a máscara, a pessoa como que se perde para se encontrar. Perde o que não era senão fictício. Encontra o que nada é senão realidade. Encontro cruel e salvador. Cruel, porque desfaz aquilo que se tinha como proveitoso. Salvador, porque refaz o que é verdadeiramente valioso.

<sup>245</sup> OA2, p. 550.



Neste trecho é utilizada expressamente a palavra “fuga” que se reveste de dois sentidos. Fuga daquilo que o homem conseguiria enfrentar, porque ao alcance de sua decisão. Fuga, por outro lado, daquilo que está além do poder decisório: “misterioso”, “insuperável”. A crítica que o próprio Floriano faz a esta fuga é que ela pode camuflar, adiar, mas não resolver as causas do problema: “Sim, não se levando a sério e não levando a sério as suas situações, ele se exime da responsabilidade de viver a sério.”<sup>246</sup>

“*Levar-se a sério*” vem a ser o esforço de encontrar para si mesmo e em si o que há de melhor através do conhecimento de si mesmo. “Levar a sério as situações” vem a ser o esforço da pessoa no sentido de decidir não somente sobre as coisas mas também sobre os eventos da história; vem a ser o esforço de verificar a reciprocidade de influxos dos elementos entre o homem e as circunstâncias de molde a perceber, optar e caminhar para situações de vida mais humanas e mais harmoniosas para o gênero humano. “Viver a sério” é o exercício da responsabilidade de decidir com liberdade e coerência sobre o que fazer de si mesmo dentro da totalidade do real. Esta mesma saída de “levar na brincadeira” pode ser uma válvula de escape, com o intuito de dizer o que de outra maneira seria censurado, mas também pode ser pretexto para manter a ordem vigente e para não atacar de frente os problemas:

Eduardo fala ao grupo:

- É nisso que está toda a vantagem de vocês: a *irresponsabilidade nacional*. Oh! Somos todos bons moços, *nada é sério*, ninguém mata ninguém, o país foi descoberto por acaso (...) Tudo termina em abraços, em carnaval... porque é sabido que o brasileiro tem bom coração.<sup>247</sup>

Na verdade, junto com o subterfúgio de levar tudo “na esportiva”, subentra ainda, para neutralizar a decisão sobre os problemas, o mito de que o brasileiro “tem bom coração”, isto é, não vai chegar a medidas e decisões que possam prejudicar alguém.

---

<sup>246</sup> *Ibid.*, p. 550. Mas Erico não deixa de apontar o valor de saída humorística: O levar-se demasiadamente a sério não oferecerá riscos maiores? A incapacidade de duvidar, de rir dos outros e de si mesmo não poderá levar um homem à intolerância e ao fanatismo? Há uma frase muito conhecida: “Feliz daquele que sabe rir de si mesmo. Ele nunca cessará de ter motivos para se divertir”.

<sup>247</sup> OA1, p. 143. É o famoso “jeitinho”.



“Nada é sério” no que tange aos problemas nacionais é uma afirmação paliativa na constatação dos conflitos, para não acirrar a exigências de mudança na solução. A “irresponsabilidade” é o objetivo de quem alimenta as fugas e a “vantagem” é o fruto de quem manobra, para que ninguém decida em plenitude. A eloquência, o “falar bonito” é outra maneira astuciosa de não se decidir e de não se comprometer. EV cita Emmanuel Mounier, afirmando: “A palavra separada do ENGAGEMENT resvala para a eloquência.”<sup>248</sup>

“Engagement” significa a decisão efetiva com participação ativa do sujeito, caso contrário, a palavra, a comunicação que deveriam servir de veículo e de entendimento para a decisão são instrumentos de fuga da decisão e de refúgio para um encastelamento demagógico e opressor. Aplica-se, além disso, uma espécie de reviramento na verdade, para que ela não leve a decidir ou, pelo menos, para que oriente a decisão para um terreno favorável ao interessado. Esta é a manobra de certos “intelectuais”: “Esses intelectuais são um caso perdido. *Transformam suas deficiências em virtudes e suas inclinações em leis.* Floriano (...) nunca foi de briga, logo, procurou negar o valor da coragem física.”<sup>249</sup>

O valor, como já vimos, é móvel da decisão. Baseados nisso, cada um procura facilitar ou dispensar novas decisões jogando com aquilo que leva a decidir: o valor. Combinando intelectivamente as virtudes e os valores e colocando-os onde se “quer”, joga-se com o próprio poder de decisão. O homem “decide” pintar os valores em vez de se deixar colorir por eles. Ele procura deslocar os valores para seu proveito e não se desloca para o lado dos verdadeiros valores. Tenta *mudar a escala de valores para não modificar a sua vida.* A astúcia lhe apresenta idéias para alterar ardilosamente os valores, já que a coragem não lhe apresenta forças para recompor sinceramente sua vida. O homem ladino, astuto e malandro, se vale da neutralidade para estar sempre “em cima do muro”, em condições de saltar para o lado que mais interessa ou que é menos perigoso.

---

<sup>248</sup> OA2, p. 593.

<sup>249</sup> OA3, p. 861.



Rodrigo encarou o filho mais velho (Floriano):

- E tu? Não te pergunto em quem vais votar porque és um homem sem compromisso. Nem esquerda nem direita nem centro. Sempre AU DESSUS DE LA MELÉE, não? Uma posição muito cômoda.

Floriano sente quatro pares de olhos postos nele.<sup>250</sup>

“Au dessus de la mêlée”, expressão francesa tão ao gosto de Rodrigo, que sonhava ir a Paris. Pode-se traduzir assim: estar por cima da confusão, da mistura, da realidade sócio-política, sem se envolver com nada. “Por cima”: indica uma posição de superioridade de quem não se rebaixa a conviver com pessoas que estão com a mão na massa. Também lembra a intocabilidade ou a inacessibilidade que alguém quer manter, para não ser colhido pelas contingências do comum dos mortais. “Mêlée”: mistura ou confusão: situação ambígua da vida e da história na sua dinamicidade, exigindo cada vez mais novas decisões frente aos mais variados problemas. O astuto quer deixar de lado ou passar por cima da problematidade dramática da vida em todas as suas dimensões. É por isso que Rodrigo diz: esta é uma posição “muito cômoda”. Conseguirá o homem manter sempre esta neutralidade? Tudo indica que não. Mais dia menos dia, ele cai em si e se dá de cara com a existência. O homem – como já vimos – é por natureza decisional. A própria decisão de não se imiscuir na perplexidade da luta pela vida já é uma decisão e, como tal, exigirá suas explicações. Eis porque esta questão é de grande importância em “O Tempo e o Vento”: “quatro pares de olhos estavam postos nele” reclamando e suplicando por uma explicação cabível. O homem procura fugas, mas no final das contas, não tem escapatória.

## 2.2 O CONFORMISMO

A fuga pelo conformismo acontece quando alguém não reage mais diante da situação percebida como inaceitável. Tal monotonia conformista se apossa da pessoa quando ela já não tem mais “ilusões” ou ainda quando os sonhos foram altos demais e completamente irreais.

---

<sup>250</sup> OA1, p. 217.



Na adolescência, inspirado por histórias sublimes, comecei a alimentar conscientemente um sonho: ser o homem exemplar, o que por um esforço de autodisciplina consegue acorrentar a besta e liberar o anjo, o que se choca acima dos instintos animais: enfim, um produto acabado, uma espécie de cristal puro e imutável...<sup>251</sup>

A tentação para Floriano agora é deixar tudo ir correndo por conta. Quebrado o sonho, desfeito o plano em que pusera sua confiança, não encontrava facilmente coragem para refazer sua vida dentro dum ideal mais realista. O sonho de autoperfeição acabada e intocável acaba por acorrentar o homem. O ideal de autoaperfeiçoamento progressivo e participativo o liberta. O conformismo é a falsa quietude entre as forças do bem e do mal que se aninham em cada pessoa. Uma decisão nova vem sacudir o torpor e bulir nas águas tranqüilas daquele sonho de ser “produto acabado” e “cristal imutável”. Então, aquele esforço de “acorrentar a besta (o mal) e liberar o anjo (o bem)” passa por uma crise e procura um novo posicionamento global diante da vida. O conformismo é a falta de decisão ou a passagem inadequada e incompleta de uma decisão para a outra. O sonho do homem em ser um cristal puro e imutável:

(...) não só é impossível como também indesejável. Indesejável porque tal criatura seria apenas o Grande Chato. E impossível porque o homem não é um produto acabado mas um processo transitivo, um permanente DEVENIR...<sup>252</sup>

O conformismo se dá na escolha duma opção sem vida e na aceitação duma *vida sem opção*. O equilíbrio sem envolvimento é a tentativa de decidir tudo sem decidir nada. No fim das contas tudo permanece como está:

(Floriano) Compreendia agora que o preço do equilíbrio é a monotonia. A preocupação de não se deixar envolver pelas pessoas, pelos problemas e pelas paixões havia-o levado a uma espécie de quietismo que no fundo não passava de contemplação inútil e palerma do próprio umbigo.<sup>253</sup>

O “quietismo” conformista de Floriano se caracteriza pelo egocentrismo: “contemplação inútil e palerma do próprio umbigo”. Surge o quietismo duma trílice fuga que é a “preocupação de não se deixar envolver”. Surge a fuga:

---

<sup>251</sup> OA2, p. 383.

<sup>252</sup> *Ibid.*, p. 383.

<sup>253</sup> *Ibid.*, p. 604.



- *das pessoas*: porque elas trazem a interpelação concreta diante das atitudes vitais.
- *dos problemas*: porque são os impasses da realidade que questionam permanentemente as soluções já propostas.
- *das paixões*: que aqui são colocadas como positivas no sentido de sensibilidade em deixar-se tocar pela realidade e pelo arrebuo entusiasmado em fazer alguma coisa.

O conformismo ou “quietismo” seria a supremacia dum falso e frio intelectualismo armazenando razões para não se assumir como homem inteiro dentro duma realidade assim como ela é. *A decisão concreta e apaixonada pode se esvair dentro duma extremamente prolongada ponderação e duma carinhosamente acalentada tergiversação.* Tudo termina como as ondas do mar que de tanto se balançaram dum lado para outro vêm “morrer na praia”<sup>254</sup>. Querendo alonjar-se o mais possível do fanatismo (que é uma decisão sustentada por si mesma, sem motivos), Floriano pressente que incorre na mania de se abster de decidir:

Seu horror a qualquer espécie de fanatismo não o livraria, entretanto do fanatismo da liberdade. E o desejo de permanecer física e espiritualmente livre, a fruir com orgulhosa volúpia a sua solidão acabara por transformá-lo quase *num fugitivo da vida e por fazê-lo prisioneiro da própria idéia de liberdade.*<sup>255</sup>

Esta frase contundente pode ser considerada um “leitmotiv” na contextura do pensamento de EV sobre a liberdade e sobre a exigência de decisão sem fugas. Indica que:

- a liberdade, entendida somente como livre arbítrio (liberdade da “indiferença”, ou capacidade de escolha entre alternativas sem coação externa e ficar descomprometido), não é toda a liberdade e não satisfaz plenamente à pessoa humana. Por que não é “toda a” liberdade? Porque é válida, mas incompleta. Pode levar a “fugir” da vida e a aprisionar-se “à idéia” da liberdade; enquanto a liberdade é entrar de cheio na decisionalidade da vida factual e não teórica.

---

<sup>254</sup> Quando, em trabalhos de grupo, se aventam as possibilidades, as propostas são muito numerosas. Quando vem a hora de “amarrar” uma decisão a dificuldade é bem maior, porque envolve a pessoa por inteiro.

<sup>255</sup> OR2, p. 604.



- que a liberdade, por si só, pura e simplesmente como um fim em si mesma, acaba por asfixiar-se. A liberdade é meio para a realização da pessoa e não um fim para que a pessoa viva para ela. *A liberdade está para a pessoa e não a pessoa para a liberdade.* A luta pela liberdade é uma finalidade que passa dentro duma finalidade mais abrangente: a pessoa humana.
- que o desejo de “manter a lógica” e de “manter a cabeça fria” também pode virar fanático, doentio e aprisionador.
- que o cuidado de permanecer livre no sentido de não assumir compromissos é de raiz egoísta e faz do homem um “fugitivo da vida”, isto é, um medroso diante das decisões reais. No entanto, quem está na vida é para viver, como quem está na chuva vai se molhar.

Aqui, “fugitivo” da vida é ainda mais grave do que conformismo. O conformismo é também um jeito de enfrentar a vida enquanto que o “fugitivo” nem mesmo quer enfrentá-la. Mas, em última análise, ambos se encontram em igualdade na fuga diante das decisões que possam definir uma vida; a capacidade de decidir é feita para optar não apenas para ponderar. Até Bibiana, que não tinha nada com o conformismo, cedeu terreno a ele no final da vida:

Bibiana – Até o Vigário ficou assanhado com a música!  
 Licurgo – Não é só música, vovó. É o grande dia!  
 (Dia da Abolição da Escravatura no Sobrado).  
 Bibiana – Quando vassuncê chegar a minha idade, vai ver que no final das contas todos os dias são iguais.<sup>256</sup>

“Todos os dias são iguais”: lembra que as decisões do homem não modificam quase nada e que o homem tem apenas a ilusão de fazer algo de “grande” e de influir no rumo dos acontecimentos. A sensação de incapacidade leva ao conformismo. O entusiasmo de Licurgo supera a tentação de fuga das decisões com a consciência de realizar algo de novo na sua realidade.

---

<sup>256</sup> OC2, p. 575.



### 2.3 TEORIAS DISTANCIADORAS

Muita gente tem a idéia de que a filosofia afasta da realidade e não enfrenta os verdadeiros problemas da vida. Especialmente nas ciências e na filosofia circulam teorias que acabam por sacramentar esta opinião, corrente na voz do povo. EV retrata muito bem este pensamento crítico do povo em relação às teorias e se torna quase que uma constante em sua obra o apelo para uma filosofia engajada e atuante e a condenação das elucubrações meramente livrescas e inúteis. Clama por uma filosofia – e nisto sublinha muito o aporte marxista à história – que seja ativa, concreta, vital e transformadora. Ressalta o desejo de concretude e eficiência tão ao gosto do positivismo com a “Ordem e o progresso”<sup>257</sup>. Vezes sem conta são lembrados com altivez o homem e a mulher do Rio Grande, que não vão “atrás de conversa”, que agem, que decidem, que lideram e não gostam de ficar somente pensando e teorizando. Nas lutas pelas fronteiras, nas guerras, nas alterações municipais, estaduais e nacionais não era vitorioso o intelectual, mas o lutador. Isto não impede que EV, certamente inclinado à meditação e à curiosidade pelas últimas causas, sempre abra um longo espaço para o debate filosófico. Para isto também corroboram as suas críticas àqueles que querem vencer mais com “as patas” e com a violência do que com a ponderação e a inteligência. Distanciar-se da vida através de teorias, que não levam a decisões efetivas, equivale a escrever histórias onde faltava o “cheiro de suor humano e da terra”<sup>258</sup>. O conteúdo destas histórias “tendia mais para os artifícios que para a arte, fugindo sempre ao drama essencial do homem”<sup>259</sup>. “O ser humano” e “terra” é o chamariz da realidade que a “arte” retrata com fidelidade e que o “artifício” pinta com teorização e escamoteação. É

---

<sup>257</sup> A repetida insistência de EV sobre a necessidade de teorias que possam servir de fato ao concreto e real desenvolvimento da sociedade, como também a sua renovada lembrança do aporte positivista e marxista neste sentido, não indicam que EV não tenha conhecimento da genuína ética cristã. Pelo contrário, ele a conhece e, em sua qualidade original, a valoriza. Tal conhecimento depreende-se até através das críticas mordazes que são dirigidas às pessoas e às entidades que fazem uma caridade meramente exibicionista e meramente assistencial, não procurando as causas e, sobretudo, não modificando e tentando impedir que se modifiquem as causas estruturais de subdesenvolvimento. Ora, se EV manifesta um olhar crítico, é evidente que ele tem por onde basear as suas afirmativas.

<sup>258</sup> OR2, p. 595.

<sup>259</sup> *Ibid.*, p. 595.



por isso que EV retoma por este ângulo o tema da fuga: “*fugindo ao drama essencial do homem*”.

O mal de vocês intelectuais apolíticos é que não querem enxergar os dramas da vida real e ficarem a criar personagens e problemas imaginários. *Fazem tudo para fugir à realidade* porque no dia em que encarassem de frente e a sério o drama social, seriam *obrigados pela própria consciência a tomarem uma posição de combate (...)* o que os arrancaria do comodismo da criminosa e covarde indiferença em que vivem.<sup>260</sup>

Esta crítica que EV faz até para si mesmo, conclama a um “tomar posição”, a um “sair da indiferença” que seriam frutos duma revisão de atitudes e de enfrentamento dos problemas a resolver. “Fugir da realidade” pela tangente dum intelectualismo afastado dos problemas do povo é mais um subterfúgio para não tomar decisões adequadas e para continuar manejando com idéias e pensamentos belos, quem sabe, mas inoperantes. Assim agem “(...) os intelectuais chamados puros que se compraziam em estéreis jogos de idéia e paradoxos, num cerebralismo doentio que os *afastava do povo* e da própria vida.”<sup>261</sup>

“*Cerebralismo*” indica o exagero de valorização da dimensão racional do homem. O exagero consiste não num direcionamento de razão mas numa separação, num desligamento e até num desprezo das outras dimensões que compõem, estruturalmente, a totalidade que é o homem. Dever-se-ia procurar o máximo de razão enquanto coordenadora de todo o conjunto, mas não como disjuntiva das outras energias vitais do homem. Arão Stein verbera assim o seu amigo Roque Bandeira: “Se és o racionalista que imagino, não podes ir atrás dessas baboseiras de assisismo e borgismo.”<sup>262</sup>

O racionalismo é apresentado aqui como uma das explicações para não entrar nas lutas e brigas concretas entre os adeptos de Borges de Medeiros e os de Assis Brasil. Tais lutas concretas são até chamadas depreciativamente de “baboseiras”. Está subentendido que o racionalista não se rebaixa, ele julga estar em nível mais alto. Procura refugiar-se no seu trono julgador, no mundo da especulação e na sua pretensa neutralidade. O mesmo Stein adverte a Roque

---

<sup>260</sup> *Ibid.*, p. 597-598.

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 598.

<sup>262</sup> OA1, p. 181.



Bandeira de que discorrer ou falar bonito sobre posições e teorias ainda não é tomar uma decisão. “Arão Stein – Faz a tua ironia se a coisa te diverte. Mas chegará a hora em que todo o mundo terá de falar sério, tomar uma posição, inclusive tu mesmo.”<sup>263</sup>

Conhecer uma teoria é um passo, mas não é uma tomada de posição, assim como falar sobre a fome não é “ter” fome ou engajar-se numa luta para superá-la. Desvendar e expor todas as teorias sobre a água ainda não é integrar-se num grupo ecológico lutando contra a poluição. Não é de estranhar, pois, que EV traz uma continuada crítica a certa prática filosófica. Ela é muitas vezes entendida como alheamento ao compromisso e, ainda por cima, ela procura a justificativa para tal alheamento através da dimensão especulativa do homem. Dimensão esta que, segundo EV, deveria estar sempre a serviço do homem.

Roque Bandeira – O meu problema é outro  
Rodrigo – Que problema? És um filósofo. Levas tudo na flauta.  
Não tens responsabilidade nem compromissos. És um homem livre.<sup>264</sup>

Esta aceção corrente do “filósofo” e do “homem livre” vem demonstrar o quanto seja fácil e perigoso desviar-se da realidade, fugindo de tomar decisões, com a desculpa de conhecer as teorias a respeito. A esta altura desponta com muito relevo a presença de Eduardo, o filho mais novo de Rodrigo.

Eduardo – (falando a Zeca, irmão marista): Essa tua deformação profissional, vamos dizer assim, te faz torcer todos os argumentos para enquadrá-los na filosofia escolástica. Nenhuma filosofia funciona quando se trata de problemas reais, sentidos e sofridos por pessoas que estão vivas aqui e agora.<sup>265</sup>

Sem ter a intenção de criticar toda a Escolástica, EV apresenta como ela pode ser utilizada, qual álibi, onde se reduz a realidade a um sistema (enquadramento), em vez de tentar descobrir um meio para seguir mais de perto os passos da realidade. A realidade seria cooptada ao sistema e não vice-versa. A segurança da vida se basearia não numa luta concreta para vencer os impasses reais da existência, mas numa tentativa de compreensão deles dentro da racionalidade com esquemas já consagrados. *A fuga não consiste em querer*

---

<sup>263</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>264</sup> OA2, p. 454.

<sup>265</sup> OA2, p. 587.



*compreender, mas em parar na intelecção.* A isso Eduardo chama de “deformação”. E coloca, de fato, um desafio aos filósofos negando sua utilidade prática, porque, segundo ele, toda a filosofia seria uma evasiva, pois não “funciona diante de problemas reais, sentidos e sofridos”<sup>266</sup>. O “aqui e agora” não deixa de relativizar o valor dado ao “geral” e ao “universal” em detrimento do homem concreto e situado na singularidade de cada um. Como fazer, então, que a filosofia não seja uma fuga nem pelas generalidades universais nem pelas particularidades desconexas? Eduardo sugere o “homem total” que, segundo ele, abrange tudo sem fugir de nada que seja importante para o homem:

O homem total? (...) É claro que esta noção existe e é de Carl Marx. Não se trata de uma definição filosófica e abstrata do homem, dessa safada escamoteação teológica que transfere as dificuldades humanas do plano do tempo histórico para o da eternidade, fugindo à solução dos problemas que todos os dias nos esbofeteiam na cara.<sup>267</sup>

Novamente surge a prática da fuga: “*fugindo à solução dos problemas*”. “Todos os dias” significa os problemas concretos e eles nos “esbofeteiam na cara” porque são agressões reais à pessoa e não apenas perguntas formais, acadêmicas e gerais. “Esbofeteiam todos os dias” vem ainda lembrar a urgência da decisão, o que não ocorre com o estudo dum assunto, mas ocorre da dureza da vida. Aqui a fuga é caracterizada por um certo tipo de filosofia e um certo tipo de teologia que correm o risco de se despegarem da realidade e tornarem-se lugares de alienação<sup>268</sup>.

---

<sup>266</sup> A expressão pode parecer enérgica demais. Na verdade representa o pensamento de muitos. No contexto é entendida pelo calor da discussão e para enticar o Irmão Zeca. Não obstante isso, é forçoso dar grande margem de razão a EV e convir que, *no que se refere à base teórica propulsora da mudança para a justiça social e para a valorização da história*, muitos se inclinam mais para o fixismo do que para a transformação.

<sup>267</sup> OA2, p. 587.

<sup>268</sup> Apresentamos aqui a tangente da fuga sem entrar em todo o mérito da questão. É claro que cada um acusa de “fuga” aquilo que ele não valoriza. Trata-se de ver de fato o que é verdadeiro ou não. Basear-se naquilo que é verdadeiro, sempre observadas as vinculações e relações, não é fuga, mas “bom-senso”. Quanto à eternidade vale a pena trazer um texto com outra perspectiva: “Antes de ser moderno ou antigo – o homem é eterno. O eterno é o que fica, é o substancial. É o que se opõe ao efêmero, ao acessório, ao accidental. (O homem) pode ou não ser moderno no sentido em que empregamos o termo – mas não pode deixar de ser eterno. E isso porque não pode deixar de ser homem. O eterno, pois, não é uma categoria acrescentada ao homem, como é a modernidade, e sim um estado inato, consubstancial ao homem. LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Ataíde). **Obras completas**, v. XXVII, Rio de Janeiro, Agir, p. 187-197. Citado em FRONDIZI, Risieri. **El hombre y los valores en la filosofía latinoamericana Del Siglo XX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1974, p. 178.



É por isso que Roque Bandeira, embora admitindo a facilidade de fuga pelas portas da teoria, não pede a supressão da filosofia como tal, mas almeja a vinda duma filosofia militante e atual: “Sempre digo que precisamos duma filosofia do homem total, de algo prático, militante, existencial que funcione no plano da realidade cotidiana.”<sup>269</sup>

Conforme esta frase, conciliatória em relação ao rompante de Eduardo, não é a filosofia como tal que é alienante, mas certas maneiras de filosofar, que servem de esconderijo para evadir-se das decisões difíceis ou dramáticas. “Práticas” se refere ao campo da decisão ativa, não somente da deliberação interpretativa. “Militante” se refere às novas conquistas a partir dos impasses duma situação insuportável, como posição contrária à pacificação irreal. “Existencial” se refere ao valor não somente do território vago e generalizado mas da realidade do dia-a-dia. Com efeito, EV não quer trazer nos seus diálogos um esclarecimento quanto à legitimidade desta ou daquela corrente filosófica. O que ele pretende e consegue é desmascarar uma filosofia puramente acadêmica e “inofensiva” diante das injustiças vividas pela pessoa humana, tendo em vista a dignidade da pessoa humana como tal. *Aquela que se presta para fugas não é verdadeira filosofia.* Os amigos da sabedoria são amigos da pessoa e não fujões<sup>270</sup>. A uma escola filosófica ou a alguma instituição que adota determinada linha de pensamento é muito difícil não ter segundas intenções veladas, inconscientes ou confessas. A filosofia, quando não pré-programada nem atrelada, é um instrumento idôneo para fazer esta “leitura” das intenções; *é dela, portanto, que mais se esperaria a verdade e menos do que qualquer outra coisa se haveria de esperar a fuga e o descompromisso.* Por se esperar muito da

---

<sup>269</sup> OA2, p. 587. Neste ponto, onde se acentua com razão a busca de incidência prática da filosofia, julgamos oportuno o cuidado de não cair no pragmatismo. Há valores de contemplação e na contemplação, que não levam o homem a fugir dos problemas e nem renegar a sua solidariedade com os outros. Pelo contrário, lhe complementam o “ser gente” e o lançam com mais brio e mais lucidez na resolução dos problemas humanos.

<sup>270</sup> Para concretizar este perigo de fugir dos problemas em nome de teorias, coloca na boca de Eduardo este exemplo que, novamente, diz respeito à filosofia e à Igreja: “É muito fácil o Pe. José apascentar suas ovelhinhas da Sibéria, do Barro Preto e do Purgatório (vilas pobres de Santa Fé), dizer a estes miseráveis que agüentem com paciência a sua desgraça, porque a verdadeira felicidade está no Céu e não aqui, neste “vale de lágrimas” e que os que sofrem nesta vida serão automaticamente recompensados na outra. É uma operação puramente retórica que tem a vantagem de ser conveniente à Igreja e ao mesmo tempo de não custar nada à burguesia apatacada, que o clero prestigia e defende...” (OA2, p. 587).



filosofia, muito se lhe criticam as falhas, quando não exerce a sua contribuição para as decisões justas e construtivas para a sociedade.

Fechando este quadro que expõe um tipo de fuga baseado em teorias distanciadoras da realidade, trazemos a figura de Floriano. Ele, mais uma vez, é caracterizado assim: “Havia ainda Floriano, o grande ausente, o demissionário da vida, pensativo, distraído, com seu eterno ar de réu.”<sup>271</sup> Pensativo, porque no pensar ele acha terreno para indecisão. Ou procura terreno para não precisar decidir. *Distraído*: à primeira vista aparece contraditório ser ao mesmo tempo distraído e pensativo. A distração – salvo melhor juízo – não quer significar aqui o afastar-se de determinadas idéias, mas o alonjar-se de tomar decisões, tornando-se assim “demissionário da vida”: “com seu eterno ar de réu”. O ataque sem tréguas contra si mesmo provém do descontentamento consigo mesmo por falta de coragem. Os motivos que distanciam o homem das decisões vitais preenchem o cérebro, mas não satisfazem ao homem inteiro. Deixam-lhe o amargor da derrota. *Quem não assume o compromisso, assume as desculpas para não assumir, e assume o resultado das desculpas que lhe causam um “ar de réu”. É o homem cheio de desculpas e vazio de decisões.* Ele terminará não gostando de si próprio. Terminará acusando a si mesmo. Floriano “(...) chegou à conclusão que, por obra e graça desse medo de comprometer-se, na realidade ele se comunica apenas TECNICAMENTE com os outros seres humanos.”<sup>272</sup>

Todo o acúmulo de conceitos, idéias, pensamentos, pode representar não uma aproximação para captar o valor da pessoa inteira, porque pode distanciar do real. Todo o saber pode incrementar, com racionalidade e frieza, os recursos técnicos de relacionamento; mas pode afastar as pessoas por uma comunicação “apenas técnica”. Em que consiste a fuga? Consiste no medo de ultrapassar o mero relacionamento técnico e protocolar. *Ultrapassando o relacionamento protocolar chega-se e aproxima-se ao relacionamento pessoal. Esta proximidade cria laços, modifica a vida, propõe e solicita decisões, em suma, leva a assumir compromissos.* As teorias facilmente ensinam o relacionamento “técnico” e dificilmente adentram no espaço maravilhoso e imprevisível do coração humano.

---

<sup>271</sup> OA3, p. 820. “Corri mesmo o risco – desabafa a Roque Bandeira – de passar o resto da vida como observador remoto e desligado, que olha a Terra dum outro planeta” (OA3, p.706).

<sup>272</sup> OA2, p. 377.



## CONCLUINDO:

Qual será o mecanismo ou quais serão as razões filosóficas que levam o homem a refugiar-se no escapismo? O que subjaz a todas as reações psicológicas, sociológicas e, até, religiosas, parece ser a vontade inercial do homem que se caracteriza pelo desejo de encontrar um mundo objetivamente acabado e um “eu” subjetivamente perfeito. Não havendo, no chão inclemente da vida, o encontro abençoado com o mundo já pronto e maravilhoso como aquele do sonho primordial, é bem mais fácil projetar um mundo de evasivas do que encarar a realidade que aí está. Na dimensão objetiva, projeta-se um mundo fictício onde se pode viver sem trabalhar, contemplar sem transformar, decidir sem se compromissar. Na dimensão subjetiva, projeta-se um “eu” também idealizado e imaginário – diferente daquele eu imperfeito da realidade – que não precisa lutar, nem crescer, nem se “queimar” diante dos fracassos e dos sofrimentos.

*O mundo fictício e o “eu” inautêntico se completam maravilhosamente e sem problemas. O mundo real e o eu real não se realizam e não se completam sem grande esforço e persistência. E o homem, sempre manhoso e candongueiro, não demora a encontrar em si uma brecha para enveredar ladeira abaixo na sua fuga existencial.*

Mas a fuga não pode ser a última palavra. A justificação da fuga seria declaração da inviabilidade do projeto-ser-humano-como-tal. Por mais que o homem tentasse se arrumar, ele não conseguiria desfazer os inatos contrastes de seu ser. A consciência, chegando às bordas de si mesma, não encontraria um “eu” tranqüilo, seguro e harmonioso; encontraria, sim, um “eu” desinquieto, aloucado e contraditório. Em EV, a constante que subjaz a todos os subterfúgios e distorções é a certeza de que *há uma liberdade interna, intacta, inviolável, que sente poder e dever superar todas estas falhas e evasivas*. Justamente porque estes obstáculos são identificados como fugas, significa que, na base de tudo, existe a consciência, pelo menos implícita, de que há uma linha fundamental de referência para a decisão a envolver, acompanhar e dignificar o homem. Se não houvesse um encaminhamento direcional de base, não haveria donde fugir. Se não há caminho, não se percebe o desvio.



Na base de todos estes acertos e fugas em torno da liberdade está o apelo interior, indestrutível, de crescimento e de bem-estar da pessoa humana. O mesmo impulso de base, que leva para o escapismo, leva também para a realização. Por isso a fuga é um desejo de crescer que se desenvolve de modo imperfeito ou errado. O alvo da realização indica para onde o homem tende; o alvo da fuga indica de onde ele se afasta. Mais uma vez se descobre, no fundo de todas as mesquinhas e de todas as evasivas, um resíduo, pelo menos, de qualidade inatacável e renovadora, um princípio congênito, constante, que impele o homem para a sua própria realização; ninguém pode fugir desta lei fundamental. Tal princípio interior não foi inventado pelo homem, mas está radicado no homem. A descoberta desta lei fundamental, exatamente porque não é da autoria do homem, o impulsiona para além de si mesmo para saber de onde lhe advém tal dom, tal tarefa e para se encontrar com Quem, no dizer de EV, “num feito realmente prodigioso”<sup>273</sup> criou o homem e o Universo.

### 3 FORMAS DE DECISÃO

*“Outra verdade poderosa era de que ela tinha dois filhos e haveria de criá-los direito nem que tivesse de suar sangue e comer sopa de pedra” (OC1, p.309).*

Em cada narrativa sobre alguma opção dentro da história e do romance de EV patenteia-se um certo jeito de pensar, decidir e agir. Há decisões de todos os matizes de acordo com as pessoas que as tomam: inconstantes, persistentes, intempestivas, coerentes, elaboradas, inarredáveis, individualistas, participativas, maleáveis, medrosas, corajosas, rotineiras, emotivas, funcionais, personalizadas e assim por diante. Saber decidir é um aprendizado. O mais importante da vida.

#### 3.1 A DECISÃO IMPULSIVA

A decisão impulsiva é aquela em que a tônica, o elemento mais pronunciado são os sentimentos. Nem sempre são atos completamente irrefletidos, mas em que prepondera a ação ou a retração baseadas no primeiro

---

<sup>273</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta II**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 312.



impulso. O homem tende a querer dominar os seus sentimentos e reduzi-los a objetos de sua decisão. No entanto *eles influenciam fortemente nas decisões*. Acheguemo-nos aos exemplos concretos. A presença dos sentimentos é assim descrita na pessoa do Zeca, Irmão Marista:

Nem sempre, porém, consegue o Irmão reprimir certos *impulsos* e paixões, que Tio Bicho classifica como o “potro interior”. Há momentos em que o animal se liberta, empina-se, nitre, solta um par de coices e foge a todo galope...<sup>274</sup>

Ressaltamos com clareza nesta passagem, ainda mais com a comparação local “potro interior”, a grande força que exerce no homem a sua impulsividade<sup>275</sup>. Mas na verdade o elemento constante a salientar, anterior à repressão ou julgamento, é a sentimentalidade do ser humano. Esta constatação se torna ainda mais evidente pela procura em ver nele (no Zeca) as reações violentas dos Cambará: “Floriano observa Zeca, procurando descobrir nele algo de Cambará.”<sup>276</sup>

Um repente agudo e impetuoso invade o Cap. Rodrigo quando percebe sua situação:

Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo. Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito. Quando o caboclo lhe pedira uma “réstia de cebola” ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava.<sup>277</sup>

A sua decisão, pois, de quebrar a rotina foi nascida da dimensão da sensação, do desejo e na reação instantânea dum “de repente”. O “fogo”, o “formigueiro”, o “pontapé”, o “dizer nomes” salientam a agitação de atos quase que descontrolados e apressados. “A torto e a direito” significa sem pensar, sem se preocupar com o certo e o errado. O estado subjetivo prevalece sobre os fatos. Outra fachada da decisão gerada preponderantemente pelo estado emotivo é o retraimento. Ele é manifestado em Sílvia:

---

<sup>274</sup> OA2, p. 587.

<sup>275</sup> EV completa esta visão de autodomínio do Irmão Zeca: “Entretanto estas explosões – na maioria das vezes puramente verbais – são de curta duração. O marista consegue de novo laçar o potro, prendê-lo à soga e tudo nele volta à habitual aparência de calma” (OA2, p. 587).

<sup>276</sup> OA2, p. 587.

<sup>277</sup> OC1, p. 273-274.



O respeito humano, a minha timidez, e principalmente este sentimento de obediente inferioridade que sempre senti diante da “gente grande” do Sobrado, da mistura com gratidão e afeto – tudo isso fez com que eu ficasse muda e paralisada...<sup>278</sup>

Trata-se da paralisação diante dum eventual contrato de casamento com Floriano. Tal bloqueio encerra um jeito de decidir “não decidindo”, o que não deixa de ser uma decisão. Mas esta maneira de decisão é causada, sobretudo, pelo sentimento: “*sentimento* de obediente inferioridade” e “mistura de *gratidão* e *afeto*”. A autoconsciência do próprio valor se deixa embaraçar pelo sentimento de inferioridade e este acaba influenciando poderosamente no tipo de opção. Em geral a combatividade explosiva se ressentida diante da continuidade. A forma persistente duma decisão é fruto da coragem sem temeridade. É o velho Licurgo que tenta acalmar o feroso Rodrigo: “Já lhe disse mais duma vez que não confunda coragem com temeridade.”<sup>279</sup>

Temeridade vem a ser o atributo duma decisão impensada, baseada mais no orgulho e na supervalorização individual do que na objetividade dos fatos. Mas aí é que entra um elemento filosófico riquíssimo da impulsividade: o decidir e o agir mesmo sem ter inteira segurança intelectualizada de tudo nos seus mínimos detalhes. Na escola da história há que enfrentar o novo que se delineia como possibilidade. *A possibilidade é mais ampla do que a realidade “já posta” e se apresenta numa certa penumbra do ponto de vista intelectual, quando já pode se apresentar como luz e esperança do ponto de vista emocional.* Tal decisão não se elabora ainda no âmbito do plenamente certo ou do errado, mas no âmbito do *embrionário e do intuitivo.*

O sentimento é quem vem trazer, de maneira toda sua, este elemento do impulso. Pode ser exagerado pela temeridade ou apagado pela retração, mas tem um papel importante na sociedade. A história do Rio Grande e do Brasil propende muito para o impulso sentimental como despertar das decisões. A reflexão e orientação intelectualizada vêm depois. As pessoas muitas vezes são mais afeitas e guiadas pela simpatia ou pela improvisação do que pela relação

---

<sup>278</sup> OA3, p. 885.

<sup>279</sup> OR1, p. 247.



fria, planejada e eqüidistante<sup>280</sup>. Eis porque se passa facilmente da grande euforia para uma enorme depressão e vice-versa. Que legitimidade tem o sentimento em ponderar sobre os outros elementos decisórios em muitas opções? Tem a legitimidade do fato embora não tenha sempre o aval expresso da mente. Tem a legitimidade de levar à frente um processo que seria muito mais parado sem o aguilhão permanente do impulso para novas ações. É, creio eu, neste sentido que Bibiana diz: “*o que é do gosto regala a vida*”<sup>281</sup>.

“De gosto” não significa tão somente caprichos ou manias, mas aquilo que no conjunto é percebido sobretudo através dos sentidos e da intuição como adequado à natureza integral do homem e oportuno no momento. Se é desventurada muitas vezes a sorte de muitos que perderam a cabeça deixando-se levar pelo impulso, não menos infeliz é a sorte daqueles que *a posteriori* se lamentam com recalque pelo fato de não terem tido coragem de serem eles mesmos em várias oportunidades.

Caberia ao pintor don Pepe, dentro de suas extravagâncias, a ocasião de ressaltar o lado apaixonante do homem:

Rodrigo – Fale com sinceridade, será que o velho tem mesmo razão?

Don Pepe – Pero no se trata de tener razón, hombre, sino pasión. Berrou: Pasión.<sup>282</sup>

Este elemento sempre emerge nos personagens de EV: a paixão impulsionadora, a volúpia prorrompante, os sentidos sedentos, os sentimentos profundos. O homem, na sua decisão integral, não se deixa acantonar pela frieza e pelo calculismo da razão, nem pela sistematização do pensamento discursivo. Para os temas se busca entendimento racional. Diante dos fatos se vive a emoção. Frente às pessoas e aos ideais a resposta é de apaixonada presença e envolvimento. A pessoa não se enquadra totalmente nos caixilhos da

---

<sup>280</sup> Vejamos o pensamento do médico alemão Carl Winter: “sou um intruso... tenho de calar a boca mesmo quando sinto vontade de sacudir essa gente da sua apatia exasperante. Mas é preciso reconhecer que essa apatia se revela apenas no que diz respeito ao *trabalho metódico e previdente*, pois quanto ao resto nunca vi gente mais ativa. Estão sempre prontos a laçar, a domar, parar rodeios, correr carreiras e principalmente a travar duelos e ir para a guerra”, OC2, p.391.

<sup>281</sup> OC2, p. 407. Segundo Erico, fazem época os que sabem aliar a sensibilidade com a reflexão; nem os de “sangue muito quente”: estes não persistem, nem os que têm “sangue de barata”: estes são insensíveis, inativos e indiferentes.

<sup>282</sup> OR1, p. 222.



racionalidade. Não vamos hipervalorizar a forma impulsiva da decisão, queremos apenas dizer, como EV, que ela tem o seu lugar, a sua larga ocorrência e, no todo do homem e da história, a sua legitimidade.

### 3.2 A DECISÃO RACIONAL

Estariamos, contudo, longe da realidade e longe da fidelidade ao conceito de pessoa humana em EV se nos fixássemos na decisão com prevalência emotiva. Verifica-se em tantas e tantas decisões a preponderância velada ou declarada da dimensão racional do ser humano. São as decisões vinculadas a conhecimentos e, antes de tudo, a princípios. O movente da decisão se desloca do seu peso emocional para fazer valer a motivação pelos princípios. Vemos que Rodrigo se enfurecia porque eram os seus sentimentos que, em última análise, comandavam. O furor é a estratégia daquele que não quer (ou não pode) em suas decisões passar de predomínio do impulso para o predomínio da razão. “No entanto (Rodrigo) sabia que o *pai tinha razão*, era exatamente isso que o enfurecia.”<sup>283</sup>

O “furor” é um sentimento a mais, indicando que nem todas as decisões se fazem através dele. *Se o fator impulsivo, além de prevalente fosse único nas decisões, ele não sentiria o seu limite e não apelaria para outra instância.* Com referência à situação social há também um modo de encarar a partir de princípios refletidos:

(Rodrigo) achava impossível *amar* a “humanidade sofredora” pois ela era feia, triste e mal-cheirante. No entanto – *refletia*, quando ficava a sós no consultório com seus melhores pensamentos e intenções – TEORICAMENTE amava os pobres e, fosse como fosse, estava fazendo alguma coisa para minorar-lhes o sofrimento.<sup>284</sup>

Esta passagem ressalta o elemento racional para uma decisão especialmente nas palavras “refletia”, com seus “melhores pensamentos” e “TEORICAMENTE”. Aqui nota-se uma certa desvalorização, ou melhor, dificuldade de chegar a uma decisão racional pela forte presença da

---

<sup>283</sup> OR1, p. 221.

<sup>284</sup> OR2, p. 311-312.



sensibilidade. Mas o texto não opta pela inexistência da dimensão racional, antes lhe sublinha a necessidade e apresenta o esforço por conseguir colocá-la em primeiro plano.

No diálogo de acerto das vidas entre Floriano e Rodrigo aparece claramente a necessidade de raciocinar para reencontrar o caminho:

Rodrigo – Por que fizeste isso, meu filho?

Floriano – Ora, foi um desses impulsos de que o raciocínio não participa. O senhor não negará que teve centenas deles na sua vida...<sup>285</sup>

Neste trecho nota-se a referência à decisão impulsiva, que acabamos de ver no item anterior. Mas aparece ainda mais evidentemente que a decisão impulsiva é incompleta. Neste sentido se dirige a pergunta de Rodrigo: “por quê?”. E ainda mais. Se Floriano diz que teve “um desses impulsos de que o raciocínio não participa”, é sinal que normalmente o raciocínio participa. Se, por outro lado, Rodrigo os teve às “centenas” tais impulsos são agora catalogados, entendidos, refeitos e iluminados por uma visão mais ampla que leva à decisão racional.

A decisão do Tenente Quaresma, longamente descrita, foi fechada na base de princípios e não se deixou levar pela amizade e pela insistência contrária de Rodrigo:

Rodrigo – Ora, Bernardo, não vamos fazer drama. (...) Nós te damos tempo para pensar.

Bernardo – Não preciso de tempo. Já decidi. Sou soldado. Defendo a legalidade.

- Essa é a tua última palavra? Perguntou

- É sim senhor.<sup>286</sup>

Trata-se de uma decisão refletida e tomada pela referência ao princípio da “legalidade”. A expressão “não precisa de tempo”, neste caso, não indica pressa e impulsividade, já que o princípio para ele estava claro, não haveria de mudar com mais tempo de reflexão. Entendeu também o Tte. Quaresma que a sua decisão não iria mudar pela interferência do sentimento de amizade que o unia com Rodrigo e com os outros adeptos da revolução. Portanto, caracteriza-se aqui, uma decisão racional.

---

<sup>285</sup> OA3, p. 964.

<sup>286</sup> OA3, p. 646.



### 3.3 A DECISÃO PLANEJADA

Nomeamos de planejada aquela decisão que considera imprescindível dentro do processo decisório um contato com a realidade do momento. Trata-se de situar-se em determinada conjuntura de tempo, de espaço e de relacionamentos sociais. A decisão planejada *não despreza a impulsividade, mas a valoriza como sensibilidade e propulsão; não despreza a racionalidade, antes a desvia da racionalização* e a compõe como elemento integrador do itinerário decisional. O distintivo da decisão dentro dum plano é, como se deduz, o fato de ser uma decisão com “os pés no chão”. Já é bem conhecida a vibração do Padre Romano, lembrando a fogosidade das decisões mais temperamentais.

Desde que chegara a Santa Fé compreendera a situação e resolvera não se deixar dominar pelo Cel. Bento (...). Embora não pertencesse ao Clube Republicano, o vigário simpatizou com a idéia nova e era francamente partidário da abolição.<sup>287</sup>

“*Compreendera a situação*” indica a sagacidade no conhecimento da engrenagem duma sociedade com sua feição própria em dado momento, em determinado lugar geográfico. “*E resolvera não se deixar dominar*”: as luzes para a sua resolução provêm não somente de princípios, mas do conhecimento dos meandros do edifício social. A análise situacional, os princípios norteadores e a coragem são elementos que perfazem a decisão. A elaboração planejada de uma decisão em particular ou em conjunto é muitas vezes narrada de acordo com os diferentes lances da História. Aparelhar-se para uma revolução é com planejamento: “Aquela noite os chefes reuniram-se numa das salas da casa onde discutiram a organização da Coluna. Rodrigo tinha já um *plano elaborado* no papel.”<sup>288</sup>

Não se trata primordialmente do fato de haver reunião ou planejamento, mas do fato de se tomarem decisões à luz do discernimento criterioso sobre a realidade. Ana Terra, a partir de sua experiência e entrosamento com os

---

<sup>287</sup> OC2, p. 580. A necessidade de maior planejamento foi vivamente sentida pelo médico Carl Winter. “Os campos se achavam despovoados e ele tinha a impressão de que ninguém tinha plano, *ninguém pensava no futuro; os continentinos viviam ao acaso das improvisações, confiando sempre na sorte*” OC2, p. 390.

<sup>288</sup> OA1, p. 266. Em outra ocasião Rodrigo dirá: “Não contem comigo. Como é que vou me meter numa revolução cujo programa não conheço?” OA2, p. 438.



acontecimentos reais, decide conservar a tesoura tendo em mente uma previsão ancorada na realidade:

Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura pensando assim: um dia ela vai ter a sua serventia. E teve. Foi quando uma das mulheres da vila deu à luz uma criança e Ana foi chamada a ajudar. Desde esse dia Ana Terra ganhou fama de ter “boa mão” e não perdeu mais parto naquelas redondezas.<sup>289</sup>

Por sua praticidade, ânimo e largueza de pensamento, Ana Terra é considerada a mãe das novas gerações que vêm ao mundo para construí-lo com a mesma coragem que ela ostenta. É vivência previdente olhando o futuro: “um dia”. É ação para o bem dos outros: “vai ter serventia”; “chamada a ajudar”. É para Flora que Maria Valéria dirige alguns bons conselhos no sentido de não deixar de lado e de não deixar de ouvir a realidade a fim de que as decisões e atitudes não sejam ilusórias.

Eu sei, você não quer ouvir todas essas histórias porque tem medo. Prefere se iludir. Mas uma mulher nesta terra tem que ser preparada para o pior... (...). Se eu lhe digo essas coisas não é por malvadeza. *Quero que você se prepare para agüentar.*<sup>290</sup>

Malvadeza é subtrair a alguém o conhecimento fiel dos condicionamentos e acontecimentos quando se trata de uma decisão. Ao contrário, é bondade proporcionar todos aqueles dados da realidade que não podem faltar num processo decisional. Assim como ninguém quer ser enganado, ninguém quer viver desinformado sobre a situação que o envolve.

É, portanto, imprescindível o conhecimento da realidade para chegar a uma decisão. Subtraí-lo equivale a enganar. Não levá-lo em conta equivale a equivocarse. O direito à informação é fundamental para a pessoa humana. Com as informações e a clarividência possível no momento, Rodrigo, logo depois da formatura, planejava sua vida à procura dum sentido:

Cumpriria os seus propósitos acontecesse o que acontecesse. Sentiu-se forte, nobre e bom. Se realizasse todas as coisas que “*projetava*, sua passagem pela terra não teria sido em vão. A vida era boa, a vida era bela, a vida tinha um sentido”.<sup>291</sup>

---

<sup>289</sup> OC1, p. 137-138.

<sup>290</sup> OA1, p. 277-278.

<sup>291</sup> OR1, p. 129.



“Acontecesse o que acontecesse”: a dimensão da realidade não pode ausentar-se da decisão. Neste trecho ela é citada na indeterminação do ainda-não-acontecido. Mas é sempre nela e, de certa maneira, a partir dela que o homem decide alguma coisa. “Projetava” revela uma forma de decisão com a participação harmoniosa e ordenada de todos os passos e de todas as dimensões que fazem parte integrante dum ato decisório: captação do real, reação sensível, quadro de referências, escolha decisória, efetivação, contentamento, sentido.

### 3.4 AGÜENTAR O REPUXO

Pouco ou nada adianta uma decisão em rompante sem a seqüência ativa da execução. Pouco ou nada adianta uma execução apressada e exagerada no início se falta ânimo e fôlego para persistir com regularidade. O termo final é quem fornece elementos para discernir uma opção. Neste sentido até Ricardo Amaral apresenta de muito valioso em forma de provérbio: “Cavalo bom e homem valente a gente só conhece na chegada”<sup>292</sup>. Aqui está a diferença antropológica entre querer por veleidade (ligado ao primeiro parecer ou primeiro aparecer) e o querer efetivo (aliando sentimento, vontade e planejamento). “Chegada” é o mesmo que a finalidade concreta a que se propõe uma decisão, é o término, não o início. A valentia, pois, não está nas promessas, mas no cumprimento. A falta de autoconsciência ou a falta de conhecimento das resistências da realidade levam a pessoa a decidir sem equilíbrio. O próprio Erico explica este dito popular: “Os que não perduram na decisão são bem como homens que se mostravam valentes na arrancada inicial, mas no meio da peleja ‘cantavam da galinha’.”<sup>293</sup>

A persistência se baseia em dois alicerces: a qualidade intrínseca do próprio processo decisório e a qualidade da pessoa, que é agente da decisão. “A peleja” a que se refere o Autor significa as durezas e as lutas da vida. Este fato é sempre revivido pelos habitantes do pampa, seja em guerras de verdade, seja para simbolizar o homem existencialmente sofredor e jogado num mundo onde

---

<sup>292</sup> OC1, p. 134.

<sup>293</sup> OC1, p. 134.



quem não enfrenta a vida com coragem se perde na poeira<sup>294</sup>. Nas lutas revolucionárias, ambos os grupos beligerantes pressupõem que os outros tenham galhardia e persistência até o fim. Pensar em rendição é desmerecer o adversário. O padre sugere um armistício: que o Cap. Rodrigo ou o Cel. Amaral voltassem atrás de sua decisão. O Cap. Rodrigo responde: “Se alguém me convidasse para me render eu ficava ofendido. Um homem não se entrega.”<sup>295</sup>

A vontade persistente do homem é apresentada, nesta frase, de duas maneiras: primeiro, através de motivo de ofensa. Qual será este motivo? É exatamente a suspeita e a insinuação velada de que o outro poderia ser fraco. Segundo, a forma duma decisão persistente é ostentada positivamente pelo conceito do homem, o sujeito duma decisão pode ser considerado como tal, somente se ele não se negar a si mesmo desfazendo sua decisão. A decisão representa ao outro e a ele mesmo quem ele de fato é. Voltar atrás seria desmanchar a imagem de si impressa na decisão e seria desdourar a si mesmo como agente de decisão. A meu ver, é assim que se entende a frase: “um homem não se entrega”, “um homem”: a pessoa humana na mais perfeita acepção da palavra, construindo-se na autoconsciência, liberdade e decisão. “Não se entrega”: faz parte da acepção mais perfeita de homem à qualidade de não se entregar, de decidir bem e lutar até o fim. O ser humano é persistente. Evidentemente, sem fanatismo.

A tenacidade é colocada à prova pela oposição. A desconfiança que o Cap. Rodrigo fazia nascer nos habitantes de Santa Fé e o desassossego diante do novo tipo de pessoa que ele era vêm reforçar ainda mais a consistência de suas opções. “A verdade é que quanto mais oposição encontrava, mais vontade sentia de ficar.”<sup>296</sup>

---

<sup>294</sup> Relembrando a decisonalidade dramática da vida do homem. Enfrentar a peleja é sinal de vida, conforme o provérbio popular muitas vezes repetido: “Não tá morto quem peleia”.

<sup>295</sup> OC1, p. 305. Diferente é o comentário de alguém a respeito de um recém-chegado voluntário para Coluna Revolucionária de Santa Fé: “Tomara que eu me engane, mas acho que esse moço não vai agüentar o repuxo...” (OA1, p. 268). De outra feita era Florêncio que caía na depressão e desânimo. Era depois da guerra e a própria filha não o reconheceu de tão desfigurado que estava. “Procurava interessar-se de novo pelas pessoas e pelas coisas, mas não conseguia. Não sentia a menor vontade de trabalhar, só queria ficar parado, calado, pensando, lembrando-se das coisas do passado, e concluindo sempre que nada, nada mais valia a pena. Meu lugar também é aqui no cemitério, pensou. Eu também estou morto. Mal, porém, pensou estas palavras a imagem do pai se lhe desenhava no espírito... Ele, (Juvenal Terra) *não desanimava nunca*, estava sempre pronto a recomeçar” (OC2, p. 484).

<sup>296</sup> OC1, p. 191.



Não há dúvida de que o simples fato de haver oposição ou de enfrentar a oposição ainda não credencia totalmente a qualidade de uma decisão ou de um decisor. Mas lhe apresentam uma faceta muito significativa e apontam para um elemento imprescindível de uma tomada de posição. Nos costumes e tradições gaúchas a expressão de ser uma pessoa “de palavra” é um dos maiores louvores que se pode dirigir a alguém. Do mesmo modo constitui-se no maior orgulho de auto-apresentação diante dos outros, como é o gesto de Maneco Terra, pai de Ana Terra. “Terra tem uma só palavra” – costumava dizer e era verdade. Quando ele dava a sua palavra, cumpria, custasse o que custasse.”<sup>297</sup>

“Palavra” não é apenas um termo semântico, mas a expressão da pessoa, é a forma de comunicação pessoal de quem revela quem é e o que pretende realizar. Negar a alguém o poder de dizer a sua palavra ou dar a sua palavra é colocá-la na escravidão. Eximir-se propositadamente de dizer a sua palavra ou não cumprir com a palavra “dada” é faltar com a tarefa primordial da pessoa humana na terra. Na palavra, neste sentido, está em jogo a pessoa. Há, contudo, em “O Tempo e o Vento” muitas pessoas que não levam a sério sua palavra e não sustentam o que afirmam. Estes não causam preocupação para aqueles a quem procuram atemorizar, mas causam apreensão para aqueles que esperam algo deles. O sargento Bocanegra, a falar do Tenente Bernardo – erroneamente pelo que se sabe depois – assim se expressa: “É um garganta. Proseia mas não sustenta. Não se preocupe com ele.”<sup>298</sup>

“Proseia” utiliza palavras não com o sentido no seu conteúdo, mas como lugar de ostentação de si mesmo. *Não é um comprometer-se através das palavras, mas um fugir do compromisso através de vocábulos.* Por esse motivo, ele “não sustenta”, ele não tem persistência. Mas como a “prosa” demonstra quem ele é, ninguém precisa se preocupar nem com suas frases e nem com ele mesmo. “Garganta” é aquele que se baseia mais na sonoridade, impressão e aparência do som exterior do que no aprimoramento de disposição interior.

---

<sup>297</sup> *Ibid.*, p. 177. Veja-se ainda: - “Aquele menino é teimoso como uma mula. – É um Terra. – Está roendo um osso duro *mas não se entrega*. É tão orgulhoso que não quis aceitar nenhum auxílio meu” (OC2, p. 531).

<sup>298</sup> OA3, p. 649. A persistência, que se ancora na galhardia pessoal, se manifesta paradoxalmente, às vezes, na mudança ao ter de começar tudo de novo: “Ana Terra pensou no cofre. (...) ainda lhe sobraría algum dinheiro para comprar alguns alqueires de terra. Podiam principiar tudo de novo”. (OC1, p. 128).



Vejamos a decisão perseverante no exemplo de Bibiana<sup>299</sup>: “Outra verdade poderosa era de que ela tinha dois filhos e havia de criá-los direito nem que tivesse de suar sangue e comer sopa de pedra.”<sup>300</sup>

Conteúdo de decisão: “criar direito os filhos”. Forma persistente e corajosa: “*nem que tivesse de suar sangue e comer sopa de pedra*”. A afirmação do compromisso livremente assumido salta aos olhos nesta frase. *Ele é reafirmado não na euforia da facilidade, mas no rigor da dificuldade*. “Comer sopa de pedra” significa privações exteriores e materiais, quais sejam o alimento, o vestuário, a moradia, o conforto. Assumir um compromisso neste sentido leva a decidir com persistente prioridade de compromisso frente a toda a sorte de contrariedades de fora. “Suar sangue” significa não somente as privações do bem-estar intramundano, mas especialmente o esquecimento de si mesmo, o esvaziamento de si mesmo. Significa *o esvair-se construtivamente como oferta para a vida*.

Decidir com tal ousadia significa pospor os próprios interesses, caprichos, em suma, a própria vida, ao compromisso livremente assumido. Ou melhor, é orientar a própria vida, no mais profundo de sua autoconsciência, para realizar o compromisso.

#### 4 A DECISÃO E OS VALORES

*“Eu queria ter feito por amor o que só fiz por um sentimento de dever. É isso que me dói”. (OA3, p. 908).*

Segundo nosso romancista e pensador cruzaltense, a autoconsciência, pelo próprio fato de ser responsável, não pode deixar de ser avaliadora e valorativa.

A decisão humana se movimenta atrás daquilo que é um valor ou daquilo que é julgado com tal. Como vimos, o caráter decisório da vida atua-se por um alguém responsável, que decide sobre o seu mundo e sobre si mesmo. Para exercer tal atuação de escolha o homem se baseia naquilo que o faz pender para

---

<sup>299</sup> Ela, que foi tão citada quanto à sua decisão em relação ao casamento, merece destaque no que diz respeito à sua perseverança nos trabalhos de cada dia. Bem diferente do Cap. Rodrigo, que, apesar das promessas, não mantinha suas boas intenções: “Bibiana tomava conta dos filhos, alimentava-os, lavava-os, vestia-os e afligia-se quando eles adoeciam. Rodrigo não ajudava em nada”. (OC1, p. 267-268).

<sup>300</sup> OC1, p. 309.



esta ou para aquela especificação da escolha: o *valor*. A validade da eleição se baseia no valor objetivo das coisas e na sua compreensão subjetiva. O motivo que leva alguém a decidir é o resultado da junção do valor objetivo com a sua respectiva captação subjetiva. Ou, por outro, é a configuração subjetiva à procura do valor objetivo.

Notamos na obra de EV uma variedade imensa de referências valorativas, tanto na essência como no colorido e na intensidade. Por mais diversos que sejam os valores, são sempre eles que fazem inclinar a balança do processo decisório. Aqui, não discutiremos, ainda, a genuína “validade” dos valores, mas da sua influência, quaisquer que eles sejam, na deliberação e, finalmente, na decisão humana. O ato de decisão é movido por valores. Sem a perspectiva avaliativa de coisas, atitudes e pessoas não haveria a decisionalidade, nem o sujeito responsável, nem inclinação dos sentimentos, nem compromisso; não haveria decisionalidade, mas indiferença; não haveria sujeito responsável, mas neutralidade impessoal, os sentimentos não teriam inclinação nenhuma, seriam frios e avessos à luta, por causa da permanente relativização de todas as coisas.

No caso de vigorar o determinismo (impensável para EV) poderia até haver “valor” objetivo, mas nenhuma consciência ou escolha do suposto “valor”. Não haveria, portanto, liberdade, nem decisão.

#### 4.1 NECESSIDADE DOS VALORES

A absoluta incapacidade do homem de decidir, sem pelo menos um lampejo de valor, se manifesta numa pergunta do Cel. Jairo:

Que panorama oferece a nossa época? – Perguntou. O da mais profunda e desoladora anarquia moral e mental. Ninguém acredita em mais nada, não se adora nem sequer a deusa Razão, como os revolucionários de 1789, mas a deusa Dúvida...<sup>301</sup>

“Ninguém acredita em mais nada” quer abranger um sentido não só cognoscitivo, mas vital. Um sentido de julgamento avaliativo da falta de valores onde motivar uma decisão mais ampla. Tal situação é “desoladora”. Há uma

---

<sup>301</sup> OR2, p. 537. No contexto o que Jairo mesmo queria era a ditadura positivista, mas vale a constatação da necessidade de valores para a decisão.



dúvida entre alternativas que até favorece ao exercício decisório, mas há uma dúvida cética por falta de alternativas, que desmerece, diminui e chega a esterilizar a liberdade. Há uma dúvida, ainda, causada pela destruição arrasadora ao nivelar por baixo qualquer motivo maior para decisões de grande envergadura. Nas páginas 232 e 233 de “O Arquipélago”, EV apresenta os valores do neocapitalismo personificados em Sandoval. Vai aqui uma amostra:

Floriano: - Me digam, qual é o objetivo principal do homem numa sociedade cada vez mais furiosamente competitiva como a nossa?

Tio Bicho: - Obter sucesso – (...) galgar posições, ganhar dinheiro para comprar essas bugigangas e engenhocas que dão conforto, prazer e prestígio social.<sup>302</sup>

“Objetivo” neste contexto pode ser entendido como um valor que se tem em vista; é um valor enquanto entra na intenção de ser conquistado. Nota-se que, mesmo numa sociedade desinteressada em formar para o espírito crítico, o homem se movimenta conforme sua tábua de valores. Sabendo disso, a sociedade o bombardeia com toda a sorte de engodos com fisionomia de valores para serem queridos e desejados pelo maior número possível. Aquilo que a sociedade quer “vender” passa a ser “importante”. É o que “importa”. Tem peso. Leva para algum lugar, leva para alguma coisa é importante, tem valor e sentido. Do contrário, não é importante, é desvalorizado, não leva para nada. “Para ele é importante pertencer a clubes grã-finos, ter seu nome na coluna social dos jornais...(...) Telefonemas para o figurão (...): o que importa é agradá-lo, incensar-lhe a vaidade...”<sup>303</sup>

Observa-se claramente que a pessoa humana é levada a escolher, a se posicionar a partir de certos paradigmas, cada um com suas ideologias, diante de presumíveis ou verdadeiros valores.

Desde pequeno, Pedro Missioneiro, que depois se une com Ana Terra, observa com curiosidade todos os mistérios da vida. “Em tudo isso ele via, de uma maneira obscura, manifestações de luta entre o bem e o mal.”<sup>304</sup>

O “bem” representa aquilo pelo qual vale a pena optar; “o mal” representa aquilo que pode iludir a escolha. A decisionalidade humana na história é que vai

---

<sup>302</sup> OA1, p. 232.

<sup>303</sup> *Ibid.*, p. 232-233.

<sup>304</sup> OC1, p. 44.



estabelecer os contornos e o rumo desta “luta”. E há de precaver-se contra o maniqueísmo, sabendo que o bem e o mal, que o joio e o trigo estão misturados em todas as pessoas e empreendimentos. Momentos ocorrem em que é necessário tomar decisões para preservar valores considerados como já adquiridos:

Flora: - Mas por que tu, TU tens de ir (para a revolução)?

Rodrigo: - Porque já me comprometi em público... Um Cambará nunca faltou com sua palavra.<sup>305</sup>

“TU”, em grifo, indica a insistência numa pergunta personalizada aguardando uma resposta pessoal baseada em alguma razão poderosa, que para Flora não era clara.

Flora: - Que é que ganhas com isso?

Rodrigo: - Que é que EU GANHO? (...) Não se trata de GANHAR, obter vantagens pessoais, mas de livrar o nosso Rio Grande dum ditador e de bandidos e ladrões como o Madruga. Estamos lutando por um mundo melhor para os nossos filhos.<sup>306</sup>

Neste trecho salientamos duas coisas: Primeiro, valores de lucro e prestígio individual, egoísta, identificados no “GANHAR” e valores de cunho social, altruísta, expressos no “mundo melhor”. Segundo, cabe observar que há uma previsão em vista de futuros valores. Resulta que o homem se sente potencialmente realizador da história movido por decisões e juízos de valor.

#### 4.2 HIERARQUIA

As distinções estabelecidas pelo homem em torno daquilo que ele julga ser mais digno de sua existência denotam a construção duma escala de valores. Nesta hierarquia se baseia a deliberação para optar por um ou por outro lado, descartando o menos condizente ou preferindo o mais apropriado. Florêncio, ajuizado sempre e pacato, responde a Licurgo que decidiu entrincheirar-se no

---

<sup>305</sup> OA1, p. 190.

<sup>306</sup> *Ibid.*, p. 190. Apesar destas respostas, a pergunta de Flora tem muita procedência porque, logo após, o próprio Rodrigo se questiona: “Até que ponto estás sendo sincero?” Por aí se nota que pode haver uma grande distância entre os valores declarados e os valores realmente escolhidos. EV coloca o “GANHAR” em negrito porque Flora sabia e Rodrigo desconfiava que o fato de ganhar vantagens, mesmo negado, era o valor mais procurado. Seja como for, sempre há valores justificando uma decisão.



Sobrado e não pedia favor ao inimigo (maragato) mesmo com perigo de vida da mulher que estava para dar à luz um filho. “Que importa o que eu penso? Vassuncê sempre faz o que entende. *A vida dum mulher ou dum criança é coisa muito mais importante do que qualquer ódio político.*”<sup>307</sup>

Num primeiro lance observamos o valor que Licurgo dá às próprias opiniões, decidindo segundo “ele mesmo entende”. Estabelece uma hierarquia de valores e, ainda por cima, a partir de si mesmo. Mais diretamente salta aos olhos a escala de valores (ou desvalores, conforme o ponto de vista) na contraposição entre o “ódio político” e a “vida dum mulher e dum criança”. A graduação de valores está expressa no comparativo “mais importante”<sup>308</sup>. Mais uma vez, desta feita falando da guerra de 1914-1918, EV se mostra contrário à violência como valor ou como defesa de valores. É o próprio Cel. Jairo que reflete assim: “A guerra em si mesma já é a maior das monstruosidades. Pode parecer estranho que eu, um militar, faça tal afirmação. *Mas é que antes de ser militar sou uma criatura humana.*”<sup>309</sup>

Evidencia-se o fato de ser “criatura humana” confere uma visão diferente dos valores do que o fato de ser isto ou aquilo profissionalmente, ou pelo fato de estar investido deste ou daquele encargo social. A expressão “Antes” aqui não se refere prevalentemente ao tempo, mas à importância e ao valor. A natureza humana na sua fundamentalidade oferece uma referência mais basilar para toda a realização do homem do que a função que ele exerce.

Havendo diferença na comparação dos valores haverá hierarquia de influência na decisão. É bem parecida com esta conclusão que se tem ao ler o conselho de Roque Bandeira ajudando Floriano a avaliar as pessoas. “Pensa bem no que vou te dizer. É um erro subordinar a existência à função.”<sup>310</sup>

“*Subordinar*” alguma coisa à outra significa formar um quadro de referência com variadas possibilidades. Na igualdade não há subordinação de uma

---

<sup>307</sup> OC1, p. 14.

<sup>308</sup> De fato, no desenrolar da história, Aurora, filha de Alice, nasceu morta. O fato parece uma desaprovação à atitude radicalizada de Licurgo. No entanto, tal idéia não é expressa. A apreciação é deixada ao leitor, chamado sempre a se posicionar diante de si e dos fatos.

<sup>309</sup> OR2, p. 458. O Ir. Toríbio explica de maneira explícita a culminância de sentido que Deus confere a todos os valores iluminando a criatura humana. “Sem Deus nossos valores passam a ser apenas projeções de nossos apetites e ambições” (OA3, p. 941).

<sup>310</sup> OA2, p. 393. É necessária a viração na hierarquia de valores quando não é baseada em legítimas referências à pessoa humana, mas apenas em instituições, sistemas ou caprichos.



dimensão para a preferência de outra; em igualdade de valores não haveria “erro” na prevalência de um sobre o outro. Logo, as decisões se fazem a partir de valores escalonados ou escalonáveis de acordo com uma ordem de predileção. *Não há preferência sem referência.* Assim como não há verdadeira liberdade sem compromisso, não há decisão sem relação ao valor. E como todo o compromisso encerra um valor, a liberdade não permanece apenas formal, mas protendida para a decisão. É tão natural o entrelaçamento entre valor e decisão que a pessoa muitas vezes apõe ou superpõe aos valores de utilidade (nos utilizáveis de cada dia) outros valores na perspectiva da honestidade e da justiça. “(Rodrigo) podia, ou melhor, DEVIA usar esse diploma como o Cap. Rodrigo usara a espada: na defesa dos fracos e oprimidos.”<sup>311</sup>

Além do aproveitamento comum dos objetos, “espada”, por exemplo, são-lhes atribuídos símbolos ou valias que interferem no processo de decisão e qualificam (ou desqualificam) a correspondente atitude do homem.

#### 4.3 RECONHECIMENTO

Tanto na necessidade de valores como na hierarquia dos mesmos, a pessoa humana não se encontra somente com objetos, idéias e ideais, mas também, diria, principalmente, *com outras pessoas*. A genuína intersubjetividade leva a pessoa humana a caminhar no sentido de basear-se em valores condizentes com a sua dignidade.

- Queres então dizer que os atos de bravura do cabo Lauro Caré (morto na Itália, na guerra) e tantos outros para ti não têm valor nenhum...
- Claro que têm. Um imenso valor, mesmo na gratuidade e no absurdo. Valem em si mesmos numa afirmação do homem pelo homem, na sua capacidade de enfrentar o perigo, de dominar o medo, de lutar e arriscar-se pelo que lhe parece justo e bom.<sup>312</sup>

Nesta frase aparecem três ordenamentos do valor. Antes de mais nada o valor em si: “*valem em si mesmos*”. São os objetos, pessoas, atitudes ou ideais que são entendidos como valores permanentes da civilização. Em segundo lugar,

---

<sup>311</sup> OR1, p. 54.

<sup>312</sup> OA2, p. 571.



aparece o valor avaliado e avalizado por aquele que cumpre a ação que ele avalia. No caso é o valor que ao Cabo Lauro *“lhe parece justo e bom”*. Como terceiro ordenamento de valor, temos o parecer daquele que julga à distância, não diretamente envolvido no assunto: *“para ti não têm valor nenhum...”* A decisão é o ponto onde todos influenciam e donde todos podem ser influenciados. *A decisão é o ponto onde todos os valores pesam, mas também são pesados.* A decisão é o ponto para onde os valores confluem e de onde emanam com nova força; ou se guardam na reserva ou se jogam no sorvedouro da inutilidade.

O Cap. Rodrigo se vale do “louvor” para obter a benevolência pondo em evidência a tábua de valores do Cel. Ricardo Amaral. “Você não me manda prender porque não tem motivos para isso. E vosmecê não me manda enforcar por uma razão muito forte. É porque é um homem justo e bom.”<sup>313</sup>

Esta frase evidencia que a pessoa humana age por motivos e razões e que a apresentação ou retomada dos motivos vai interferir no ato decisório levando para esta ou aquela direção. Mas o entendimento se faz na imprevisibilidade porque os valores não dominam como soberanos absolutos, mas passam pelo crivo da decisonalidade humana. Relembrar ou indicar valores, fornecer motivos é incrementar uma decisão.

Bem diferente é o princípio básico da avaliação que Bibiana põe em prática na sua vida. Já vimos, no tocante à decisonalidade, como ela não vai atrás do “diz-que-diz-que” e do falatório: “As outras moças não entendiam como ela rejeitava o melhor ‘partido’ de Santa Fé...”<sup>314</sup>

Isto se devia a que: “Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces, principalmente a *avaliar* pessoas.”<sup>315</sup>

Está declarado que é muito importante “principalmente” avaliar pessoas. Subentende-se que nem todos sabem, porque ela tinha *aprendido* de Ana Terra. Na dinamicidade da vida e na inarredável necessidade de convivência a pessoa não pode fugir à decisão a “respeito” de pessoas e a decisões “em conjunto” com outros e mesmo a decisão “contra” atitudes de outros. O aprendizado de avaliar

---

<sup>313</sup> OC1, p. 209.

<sup>314</sup> *Ibid.*, p. 186.

<sup>315</sup> OC1, p. 186.



peças é indispensável na complexidade da orientação da vida da pessoa e dos rumos da História e deve ser distinto da avaliação de qualquer outra coisa.

Na intersubjetividade há uma avaliação única e diferente de todas as demais. Não é decisão a partir da avaliação das coisas, não é a apreciação de pessoas sem relacionamento de encontro e de proximidade. Diante do mistério da pessoa calam-se as musas que cantam o valor das coisas, retrocede o julgamento em tom universalizante e *crece um valor específico e irreduzível a outros elementos: o valor da pessoa*. É nesta linha que se pode entender a frase de Sílvia sobre o livro e a pessoa de Floriano: “*Não posso ser uma crítica imparcial duma pessoa que estimo tanto.*”<sup>316</sup>

“Estimo” quer dizer avalio positivamente e atribuo um conceito de muito valor. Ora, exatamente nesta apreciação, Sílvia não consegue garantir imparcialidade porque subentra na decisão a dimensão da intersubjetividade. *Não está em jogo uma intersubjetividade meramente lógica, por isso ela se sente incapaz de uma crítica “imparcial”*. A pessoa humana é indevassável, portanto sempre rodeada de imponderabilidade de modo que a estima em relação às pessoas é baseada na confiança e na transcendência. Os valores, que servem de base e de objetivo de decisão em face às pessoas, levam a marca específica da confiança a qual vai além da ciência e além da lógica.

A decisão é atuada por valores seja quando ela se dirige às coisas, seja quando ela diz respeito às pessoas. Estará a legislação à altura dos valores?

#### 4.4 OS VALORES E A LEI

EV tende a desconfiar da lei e ressaltar a criatividade individual mais diretamente orientada pelos valores. É sobremaneira urgente fazer uma revisão nas instituições que se baseiam em leis já distanciadas dos valores que, outrora talvez, as justificavam. Tratamos aqui *das leis objetivas e positivas* quais moventes das atitudes humanas. Há, sim, a “*lei*” da *consciência*, que parece ser, para Erico, mais confiável e mais renovável do que as leis objetivas. O princípio da liberdade e da dignidade da pessoa é universal, inquestionável. O homem

---

<sup>316</sup> OA3, p. 911.



será mais perfeito quando se animar, regular e decidir por objetivos, subordinando a lei positiva aos valores. É visível a diferenciação de característica dos personagens, alguns pendendo mais para o legalismo, outros mais para a deliberação dos valores, outros ainda mais inclinados a seguir as impulsões do momento. Dentro desta diversidade de atitudes transparece, a meu ver, a constante de que *são mais maduras as pessoas que, mesmo sem desprezar a lei positiva, não a consideram nem a principal nem a última instância da decisão*. A instância mais decisiva é o valor.

Ao lado da lei objetiva e escrita, é muito salientado o assim chamado “código de honra” ou tábua de valores tradicionais das gentes do Rio Grande do Sul. Uma reavaliação progressiva coloca sob uma crítica bem candente este “código de honra” para preservar as suas verdadeiras e genuínas contribuições. O “código de honra”, quando aplicado sem revisão, reforça o fixismo, mas quando totalmente rejeitado, deixa a pessoa na moleza, no marasmo, na apatia e na descaracterização. O fixismo leva à decisão sem espírito crítico, o desprezo do “código” assim no mais, leva ao espírito crítico vazio de decisão.

Sim, às vezes Jango me irrita pelas suas qualidades positivas (prático e decidido) que põem em relevo as minhas negativas (teórico e pensativo). (POSITIVO e NEGATIVO entende-se de acordo com a tábua de valores do Rio Grande).<sup>317</sup>

“Positivo e negativo” indica o ponto de vista e o julgamento para uma afirmação ou decisão. “Tábua de valores do Rio Grande” é o quadro de referência para poder discernir aquilo que é positivo ou negativo dentro dum quadro cultural. Há, pois, no comportamento das pessoas e dos povos leis ou “tábuas” de valores que não estão escritas, mas que regem as atitudes e especificam as decisões.

Ali está – continua a refletir Floriano – um homem (Jango) que tem objetivos claros. Viver a sua vida, ter filhos, criá-los à sombra de sua autoridade e dentro de seus princípios...<sup>318</sup>

Para Erico a vinculação entre esta lei (tábua de valores) e os verdadeiros valores não é evidente nem permanente. Maria Valéria, às vezes, começa um

---

<sup>317</sup> OA2, p. 558.

<sup>318</sup> OA2, p. 559.



processo de separação entre lei e valor. É interessante observar que, do ponto de vista teórico, para dar um passo à frente é necessário, pelo menos provisoriamente, desvincular a lei do valor. Mas, na vida prática, para dar um passo à frente e fazer as coisas andarem é necessário religar o valor à lei. O valor quanto mais valioso em si e quanto mais consciente no procurante, tanto menos precisa de normas para ser valorizado. Mesmo assim, as pessoas, no dia-a-dia, não podem fazer sempre todo o processo crítico a partir dos valores e são guiadas normalmente pelas leis. Além disso, as pessoas não dependem nas suas decisões somente de seu próprio processo decisório, mas convivem num conjunto de sociedade onde a lei é fruto do entendimento comunitário. É, pois, importantíssimo que as leis contenham valores. Mas, no momento de reavaliação, cultive-se o valor antes do que a lei.

Rodrigo: - De tempos em tempo os homens vão a guerra e as mulheres não têm outro remédio senão esperar com paciência.  
(...)

Maria Valéria: - Mas por que TEM de ser assim?

Rodrigo: - Porque é uma lei da vida.

Maria Valéria: - Foram os homens que fizeram essa lei.<sup>319</sup>

Maria Valéria relativiza e desvincula a lei daquilo que é tido como um valor (a guerra), porque ela descobre e aponta os verdadeiros autores, conseqüentemente, aponta a *possibilidade* de *mudança*, aponta *aqueles que podem modificar* a lei. Desta maneira ela mostra que não é a “lei da vida” que obriga imutavelmente sem a intervenção do homem. Com isso Maria Valéria preconiza o verdadeiro valor para o bem dos povos sem a aceitação passiva duma “lei da vida” puxando para a guerra. Às vezes, apesar da mente estar esclarecida, os hábitos são de tal maneira arraigados que a transição não é possível no momento.

Te irrita um pouco não poderes fugir a essa tábua de valores que intelectualmente repudias. No entanto todas essas regras de comportamento, esses tabus, esses “não presta”, “não pode”,

---

<sup>319</sup> OA1, p. 253. Esclarece este ponto de vista a sentença de Santo Agostinho: “Pondus meum amor meus; eo feror quoumque feror”. “O amor é o meu impulso. Por ele sou atraído para onde quer eu me conduza” Confissões, L. XIII, cap. IX. **Obras de San Agustín**, BAC, Tomo 18, Madrid, 1959, p. 304. Ou a já conhecida frase: “Dilige, et quod vis fac” “Ama e faze o que queres”. **Exposição da Epístola aos Partos**, Tratado VII, n. 8. Este é o sentido de que a realização da vida é buscada não primeiramente na lei, mas sobretudo no valor e no amor.



“não deve”, “não é direito” (...) estão incrustados no teu ser como um cascão do qual gostarias de te livrar.<sup>320</sup>

Um novo aspecto desta questão toma parte de nossa consideração. É que a assim chamada “tábua de valores”, muitas vezes não apresenta valores, mas desvalores. São tidos como valores por um determinado modo de viver e recebem, para sua continuidade, apoio de “leis” e costumes. Neste caso, a distinção e a desvinculação entre lei e valor deve ser ainda mais perspicaz e atilada. Nas leis há que ver quais os “valores” que a autoridade quer animar ou preservar e com que finalidade. É muito ilustrativo a este respeito o diálogo entre o Cap. Rodrigo e o padre Lara, que são amigos, mas têm diferentes opiniões. Transparece ao longo do diálogo a necessidade de *distinguir* entre lei por lei, lei pela autoridade e lei por valor.

Pe. Lara – como militar vosmecê sabe que num batalhão tem de haver disciplina, o soldado tem de obedecer ao seu superior.

Cap. Rodrigo – Naturalmente.

Pe. Lara – Desde que o mundo é mundo sempre houve os que mandam e os que obedecem, um servo e um senhor. O mais moço obedece ao mais velho...

Cap. Rodrigo – Isso depende.

Pe. Lara – Deixe-me terminar. O filho obedece ao pai, a mulher obedece ao marido. Se as coisas não fossem assim o mundo seria uma desordem...

Cap. Rodrigo – Mas quem foi que lhe disse que o mundo não é uma desordem? (...)

Pe. Lara – Assim como cada casa tem um chefe, cada cidade também tem uma autoridade. (...) Se você chega a um povoado como o nosso não *pode proceder como se ainda estivesse num campo sem dono e sem lei*.

Cap. Rodrigo – Quem é a autoridade aqui?

Pe. Lara – O Cel. Ricardo Amaral Neto.<sup>321</sup>

Deste longo e perfeito diálogo queremos destacar algumas partes. A primeira subordinação da lei aos valores é feita pelo Cap. Rodrigo quando diz: “Isso depende”; “depende” quer dizer que precisa distinguir que não é tão simples assim, não está “sempre” certo que uns mandam e outros obedecem... A segunda lembrança de subordinação da lei aparece na pergunta sobre a “desordem” no mundo. A lei, por si só, mesmo na sua plena observância, não tira a desordem do mundo. A “ordem” muitas vezes é aventada para a manutenção

---

<sup>320</sup> OA2, p. 390.

<sup>321</sup> OC1, p. 199-200.



do “*status quo*” e não sempre para o encaminhamento do mundo segundo a justiça numa genuína escala de valores. O terceiro modo de subordinação da lei aos valores consiste no dar-se conta de quem é o legislador, *do que ele pretende com a lei, com quem e para quem ele estatui as leis*: “Quem é a autoridade aqui?”.

A pessoa humana, portanto, não utilizará a lei positiva ou a ordem vigente e estabelecida como última instância para as suas decisões. Superará a lei, conferindo-lhe validade, através da procura dos verdadeiros valores. O elemento que rompe a indissolubilidade do conúbio entre lei e valor pode ser mal visto pelos conservadores inveterados, mas será compreendido e estimado por aqueles que anseiam por uma nova ordem de coisas. No discernimento dos valores para uma decisão é preciso sempre descontar os condicionamentos do lugar social para que o resultado da decisão seja, o quanto mais possível, isento. Neste sentido Arão Stein fala para Rodrigo: “Seu coração generoso, no fundo bate pelo proletariado, pela fraternidade universal, mas o senhor está preso pelo *hábito*, pela *educação* e por *laços econômicos* profundos ao patriciado rural.”<sup>322</sup>

O que impede Rodrigo de optar de verdade pelos valores reconhecidos é em primeiro lugar o “*hábito*”. Hábito é um costume talvez outrora, talvez nunca originado através da decisão consciente. O hábito, destarte, supõe valores ou desconhecidos ou esquecidos. O hábito age mais pela tendência repetitiva do sujeito do que pela força atrativa dum objeto. A “*educação*” é enumerada como segundo fator de opções a vida. Educação é o aprendizado para viver segundo verdadeiros valores. Mas muitas vezes ela é feita com objetivos predeterminados influenciando poderosamente na decisão. Em terceiro lugar, EV cita os “*laços econômicos*” como fator duma correspondente perspectividade na visão dos valores para as decisões. Deste modo, seja o hábito, seja a educação, sejam os laços econômicos, todos estes fatores apresentam ao homem normas de comportamento e valores de apreciação carregados de enorme influência na decisão.

Conclui-se que em “o Tempo e o Vento” o autor privilegia o valor sobre a lei. Sem desmerecer as normas, mais importante é o valor a que elas visam. A

---

<sup>322</sup> OA1, p. 94.



primazia do amor não é desdouro para o dever: “Eu queria ter feito por amor o que só fiz por um sentimento de dever. É isso que me dói.”<sup>323</sup>

Uma frase tão bonita só pode ter surgido do amadurecimento vital de Sílvia. O dever vai na linha da lei. O Amor vai na linha do valor. A admissão de que só o dever não satisfaz, indica que o dever (lei) pode ser um bom fator de decisão, mas que o amor (valor) perfaz mais totalmente a decisão humana. “É isso que me dói”: “doer” significa uma imperfeição sentida, uma ferida não curada, uma perfeição não atingida. Dói a decisão sem amor porque ela não é plenamente humana. “Dói” indica a sensibilidade diante do ferimento duma decisão feita sem valor. “Dói” indica a reação humana diante da frieza calculista duma decisão sem amor.

Em face do dever meramente legalista é suficiente que o resultado da lei seja atingido. Em face do amor é necessário que todo processo decisório seja coerente, embebido e impregnado de valor. O amor envolve a decisão toda inteira. O antes, o durante e o depois. O amor está presente na motivação, no ato decisório e no resultado efetivo. O dever pode alcançar um resultado perfeito no objeto de atuação. O amor aperfeiçoa conjuntamente o sujeito que decide e age.

“Dói” indica ainda que uma permanente e continuada decisão somente por dever não traz para o homem aquele estado a que ele tanto anseia e tem direito: o contentamento radiante e a alegria de viver. A decisão pelo amor, mesmo na dificuldade, traz satisfação e felicidade. A decisão só na base do dever facilmente descamba para o azedume, para a insatisfação e para a exigência doentia em relação aos outros.

Porque, *primeiro, assim como a liberdade é a autoconsciência de poder ser responsável,*

*segundo, assim como a decisonalidade é a autoconsciência de dever assumir um compromisso,*

*terceiro, assim a perfeição da liberdade consiste na autoconsciência de ser feliz em “fazer por amor” aquele compromisso que está ao alcance do poder e sob o imperativo do dever.*

Realizar uma escolha cientemente assumida como um dever eticamente percebido, com o gosto de quem ama realizar o que decidiu, eis o auge da

---

<sup>323</sup> OA3, p. 9087.



liberdade. “Dói” a Sílvia o fato de não ter chegado a tal grau de perfeição. Bendita dor que nos revela tão grande profundidade da compreensão da pessoa e da liberdade. *O habitat, a atmosfera, o ambiente onde a autoconsciência e o compromisso se sentem bem, podem sorrir para a vida é o amor.* O “eu” de Sílvia, indica a sua autoconsciência. O “dever” indica o seu compromisso. O repensamento de suas decisões, na linha do “queria ter feito por amor o que só fiz por um sentimento de dever” indica a superação dum auto-afirmação egocêntrica, aponta a superação dum compromisso moralmente legalista, e, acima de tudo, plenifica maravilhosamente o sentido da liberdade, conforme o pensamento de Erico Verissimo.



## TERCEIRA PARTE

*“Descobri que a verdadeira, a grande liberdade é a aceitação dum dever, duma responsabilidade. Não há no mundo ninguém menos livre do que o egoísta” (OA3, p. 962).*

### 1 O COMPROMISSO SOCIAL

Para EV a liberdade não é solitária e a decisão não é intimista. Ambas devem confluir poderosamente para a construção de uma sociedade melhor. Nas obras de Erico e, em especial, em “O Tempo e o Vento”, a perspectiva de contribuição do homem para a construção duma nova sociedade assume proporções insistentes e fundamentais. Nos seus muitos e variados personagens no desenvolver-se da história do Rio Grande, sempre está em debate, a par da liberdade e da decisão, uma envolvente atitude de participação na formação da sociedade emergente. É impossível ler atentamente “O Tempo e o Vento” sem entrar num processo de questionamento sério sobre a própria liberdade, sobre as próprias decisões e sobre a atuação no meio em que a gente vive. “O Tempo e o Vento” constitui “uma verdadeira reflexão sobre a marcha da História e o sentido da temporalidade no destino humano<sup>324</sup>. Aprender a viver e a viver plenamente é das artes a mais fundamental, a mais necessária e, quase sempre, a mais difícil. A História do mundo e do Brasil indica “que custamos tanto a aprender a viver... quando aprendemos”<sup>325</sup>. EV, nesta ampla enquadramento da dimensão social, apresenta o dom e a conquista da liberdade não confinados no individualismo, mas realizados na abertura para o outro e para o bem-estar geral da sociedade.

Segundo EV, o núcleo da liberdade consiste na autoconsciência de poder assumir um compromisso. Tal compromisso é aberto a todo o campo do ser, tal responsabilidade é aberta a todo o vasto horizonte das possibilidades. Tratando da decisionalidade, observamos que o compromisso não somente aparece no quadro da consciência como uma contingência remota, mas que se impõe como um dever do qual ela não consegue se desculpar.

---

<sup>324</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo, Realismo e Sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 24.

<sup>325</sup> OA3, p. 996.



## 1.1 CONCEITUAÇÃO

Dentro de todo o horizonte da existência, o que vem a ser, então, este compromisso social que o homem pode e deve assumir? Para EV o compromisso social consiste na efetivação do poder e do dever realizar alguma coisa de construtivo – indissociavelmente do cuidado de si mesmo – *para o proveito da sociedade*. Compromisso social é a assunção de uma tarefa concreta em vista do bem comum. É tomar sobre si – em entendimento e em colaboração com os outros – de maneira criteriosa e decidida, uma responsabilidade séria no sentido do desenvolvimento da própria localidade, povo e nação. Neste sentido compromisso social é a *vontade efetiva e co-participante de construir uma sociedade de acordo com a dignidade do ser humano*. Simultaneamente, é a tomada de posição contra toda a ofensa e contra toda a violação da dignidade da pessoa humana. Esta efetividade no realizar um compromisso prometido, vem a se tornar um dos pontos altos da alegria de viver. Isto é, aquela satisfação e felicidade de ter realizado o compromisso social percebido como possibilidade, como apelo e como dever.

Compromisso social é a ação que a consciência percebeu como realizável em benefício da sociedade e que a vontade decidiu concretizar para o mesmo fim. É a tarefa de mudança ou de incremento da sociedade enquanto percebida e assumida pela pessoa humana. É engajamento. O ato de decisão ao se especificar por alguma atitude caracteriza o compromisso. Acrescentamos o adjetivo “social” ao substantivo “compromisso” não porque entendamos que a liberdade humana seja inteiramente absorvida pelo corpo social, mas porque EV trata da dimensão social como um terreno inescapável do homem livre. A dimensão social da liberdade não é única, mas é indispensável. Sem dizer que a maturidade do homem livre, quando comprovada no campo social, é aquela que mais lhe confere verificabilidade e credibilidade<sup>326</sup>. Assim, o compromisso social

---

<sup>326</sup> Pelo aqui exposto, torna-se bem claro que o termo “compromisso” é empregado no sentido construtivo de participação social. Descartamos a conotação de “fazer concessões a alguém”, mesmo com desabono da própria honestidade, quase sempre com fito de conseguir favores. Como também não utilizamos o vocábulo “comprometer” ou “comprometer-se” no sentido de pôr em risco, de pôr em perigo ou de danificar a alguém, mas no sentido de assumir uma responsabilidade séria e dignificante perante a vida e perante os outros.



é o crivo avaliador, é convocação instigadora, aplauso aprovador da verdadeira humana liberdade.

## 1.2 ALTERIDADE

O compromisso social é o dado concomitante com a consciência da verdadeira alteridade. A presença do outro é uma experiência não apenas justaposta e paralela, mas também coexistente, con-formante e co-responsabilizante da consciência de cada um. De modo que, para EV, a liberdade responsável no sentido interpessoal torna-se também liberdade responsável no sentido social. Assim, de fato, ele não poderá tender para a realização de si mesmo sem a realização dos outros, ou seja, sem o seu compromisso no campo inter-humano.

Tratamos do compromisso social que incumbe à pessoa humana pelo próprio fato de ser pessoa e de conviver com os outros. Por isso, não fazemos distinções conforme os diversos encargos políticos, profissões ou vocações, mas nos atemos àquele dever que é concretíssimo da cada um, exatamente porque atinge a todos, e ninguém pode se eximir de responder por ele. Na vida de Rodrigo, EV exemplifica a abertura para o compromisso social a partir de sua profissão de médico. O compromisso se manifesta ainda como sonho juvenil, mas apresenta a vontade de superação do individualismo na direção de uma solicitude social:

Não se conformaria em ser um simples médico da roça, desses que enriquecem na clínica e acabam criando uma barriguinha imbecil. (...) Podia, ou melhor DEVIA usar esse diploma como o Cap. Cambará usara sua espada: na defesa dos fracos e oprimidos.<sup>327</sup>

É importante no que tange ao compromisso social, primeiro a sua percepção da realidade onde exercerá a sua função, segundo, dentro da situação

---

<sup>327</sup> OR1, p. 69-70. Como se sabe Rodrigo não sustentou tais propósitos, mas eles indicam um direcionamento para a dimensão social. Por outro lado, concreto significa uma superação do medo das agruras do engajamento. Ninguém nasceu para ser “peça solta”: “(Floriano) sempre se considerava uma peça solta na engrenagem do Sobrado, de Santa Fé, do Rio Grande. Era um habitante solitário dum mundo criado pela imaginação e no qual se asilava para fugir a tudo quanto *no outro, no real*, lhe era desagradável, difícil, desinteressante ou ameaçador” (OA3, p. 673).



real ele percebe o que pode fazer: “*podia*”; esta possibilidade é uma das tantas aberturas da atuação que a autoconsciência oferece. Mas a liberdade não pára aí: “*podia, ou melhor, DEVIA*”. O apelo interior da liberdade vai além do simples leque de propostas, para chegar a ser uma percepção de obrigação. Tal obrigação não é forçada de fora, mas é forte pelo seu impulso interior, como demonstram suas nuances da frase: “*podia, ou melhor, DEVIA*”. O sentido de dever enriquece o “poder”, por isso também o dever é colocado em grifo por EV. Em terceiro lugar, esta frase mostra a tendência para um problema concreto do compromisso social, quando fala da “defesa dos fracos e oprimidos”. Se a maneira de solucionar o problema era a mais acertada, veremos logo mais. Agora nos interessa identificar que a experiência de toda a pessoa é de que a *sua liberdade e a sua decisionalidade não estão completas sem uma abrangência social do seu compromisso*.

### 1.3 EMPENHO

EV imprime em quase todos os seus personagens a tendência de realização no campo social. Quando tal preocupação com o conjunto da sociedade não acontece é porque, sempre segundo Erico, alguma falha existe na vivência da liberdade deste personagem. A abulia, o retraimento, a fuga, a desilusão sempre são colocados como desafio a superar, mesmo diante das mais desesperançosas situações. “Quando nos negamos à luta, - intervém o Ir. Zeca numa discussão – estamos condenando milhares de seres humanos à desgraça. Estamos pecando por omissão.”<sup>328</sup>

“Luta” neste contexto significa o esforço conjunto e continuado para um mundo melhor. O abandono da luta é considerado como “omissão”, isto é, como uma falta daquilo que é devido ao mais completo desenvolvimento da liberdade.

---

<sup>328</sup> OA2, p. 595. O mesmo termo de “luta” e a mesma dimensão de comprometimento com o social aparece na frase de Rodrigo: “estamos lutando por um mundo melhor para os nossos filhos”, OA1, p. 190. Complete-se esta visão para o engajamento: “A educação é um processo que oferece ao ser humano condições de responder com decisão própria, consciente e livremente assumida, a sua vocação de transformar o mundo e construir a comunidade humana, personalizando-se e abrindo-se para a transcendência, como explicação definitiva de seu existir”. Para uma Pastoral da Educação, Estudos da CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, n. 41, São Paulo, Paulinas, 1986. p. 17.



Aqui nota-se exatamente o reverso da medalha em relação à autoconsciência da alegria do dever cumprido. Nota-se, nestes casos de omissão, a *autoconsciência do desprazer de não ter levado adiante e de não ter completado o compromisso com a sociedade*. Dar-se conta do dever e fugir dele causa, em última análise, mais sofrimento do que enfrentá-lo com todas as aflições que ele acarreta. Assim como a decisão é o coroamento da liberdade, assim o compromisso é o melhor fruto da decisão.

Por isso o amor é a motivação que confere um sentido humanizador ao esforço e à luta. O desencanto, a desilusão e o afastamento levam ao amargor solipsista da vida. Sílvia, numa carta, aponta a Floriano simultaneamente a urgência, a base e a atmosfera do compromisso social: *“Não pode existir verdadeiro amor no coração dum homem que se exilou da família humana.”*<sup>329</sup>

O compromisso social é a aceitação por parte da pessoa humana de realizar aquela tarefa a qual a sua autoconsciência indica que deve ser realizada em relação à sociedade. É dimensão humana de referência e de respeito à alteridade com tudo aquilo que ela traz de possibilidade, de desafio e de obrigação. A sociedade, por outro lado, é o campo mais complicado e mais enriquecedor para o exercício duma liberdade que, para ser genuína, deve ser comprometida. Compromisso social é a resultante que converge na pessoa humana tanto a precisão do outro, quanto a oblatividade em relação ao outro, cada uma destas tendências trazendo chances e laços, trazendo propostas e deveres na contextura da reciprocidade.

## 2 TEMAS ELUCIDATIVOS DO COMPROMISSO

*“Se um homem sem eira nem beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é para quem tem dinheiro”.* (OC1, p. 94).

Embora EV não atribua a si mesmo, como escritor, o dever de apresentar fórmulas para o bom andamento da sociedade, ele, contudo, não cessa de reafirmar a necessidade de uma consciência política e social:

---

<sup>329</sup> OA3, p. 871.



Se por um lado acredito na necessidade de todos os escritores e artistas terem uma consciência política e social que os torne responsáveis, por outro estou cada vez mais convencido de que não cabe ao romancista apresentar soluções para as crises econômicas, políticas e sociais em que nos debatamos.<sup>330</sup>

No entanto, a confiança na construção dum mundo novo é sempre reavivada:

Sim – concluía Tônio. Ali estava a solução. Aceitar o desafio da Fatalidade e entrar na luta. Não havia nenhum sentido na rendição e no abandono. Era preciso vencer e idéia da morte e da derrota, acreditar na possibilidade de construção dum mundo de beleza e bondade, apesar de toda a lama, de toda a miséria, de toda a dor.<sup>331</sup>

Para confirmar e elucidar o fato de que o homem livre e decidido é aquele que se compromete com o seu povo e sua gente, passamos agora a apresentar algumas realidades em que o homem concretamente se encontra envolvido. Os pensamentos de EV sobre estas questões podem iluminar muito a caminhada do Rio Grande e do Brasil no momento presente e no futuro. EV refletia profundamente sobre a nossa maneira de ser, sobre a nossa maneira de conviver, sobre a nossa cultura. Enfim, por que não buscar e aproveitar de suas idéias, de suas análises, de suas críticas, de suas denúncias, de suas intuições e de sua farta documentação sobre nossa história?

## 2.1 A DESIGUALDADE SOCIAL

EV não deixa nunca em paz a liberdade daquele que não quer ter olhos abertos ao fato gritante do contraste social e humano. A análise de realidade é contundente, é repetida e não deixa o leitor descansar. Não é possível permanecer impassível e sossegado, primeiro porque o tema é sempre trazido à reflexão; até nas ocasiões mais inesperadas surge a questão da miséria e do envolvimento do homem livre dentro desta problemática. Segundo: o desafio se torna insistente porque EV, solertemente, anula as duas desculpas mais comuns:

---

<sup>330</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 317.

<sup>331</sup> Id. **O resto é silêncio**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1982, p. 406.



a desculpa do assistencialismo para manter a desigualdade e a desculpa de recurso a Deus para manter a consciência em paz<sup>332</sup>.

A desigualdade social é como um sinal vermelho, permanentemente ligado, *a indicar que algo está profundamente errado na construção da sociedade e, portanto, nas decisões e no exercício da liberdade humana*. A desigualdade social é um alarme que soa sem parar; muitas vezes o homem prefere tapar os ouvidos ou desligar o alarme em lugar de corrigir o rumo de seu compromisso social. Vejamos o teor deste alarme ou sinal vermelho em algumas frases ou fatos, que chamam a atenção. Já o Velho Maneco Terra, pai de Ana Terra, percebia o contraste entre os ricos e os pobres: “Em Porto Alegre... só valia quem tinha um título, um posto militar ou então quem vestia a batina. Esses viviam à tripa forra. O resto, o povinho andava mal de barriga, de roupa e de tudo.”<sup>333</sup>

A diferenciação abissal que existe entre a situação de uns e de outros é esclarecida pela palavra: “o resto”. O “resto” está ali, mas existe como se não existisse. Não pode ser negado, mas tende a ser ignorado. O “resto” não interfere, não tem importância, não sabe, não influi, quando visto a partir do sistema daqueles que o consideram “o resto”. O exemplo da alimentação, “tripa forra” para uns e “mal de barriga” para outros, vem a indicar que o contraste é real não apenas teórico, engloba toda a existência e não apenas uma dimensão. De propósito EV explicita: “mal de barriga, de roupa, de tudo”. Até a força de requerer os seus direitos lhe é negada, conforme esta constatação: “Se um homem sem eira nem beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é para quem tem dinheiro.”<sup>334</sup>

O “fora”, o “pontapé” mostram a exclusão de muitos num mundo onde o bem trajado é recebido com um “pode entrar!” Onde se diz “aquele abraço” somente para o parceiro de bem-estar. A expressão “terra é para quem tem dinheiro” insinua claramente a acumulação que é outra causa de desigualdade social. A acumulação crescente de quem já tem “dinheiro” e que receberá

---

<sup>332</sup> Este recurso será tratado num item especial dentro desta mesma parte (Critérios).

<sup>333</sup> OC1, p. 94. Em “Caminhos Cruzados” Erico expõe este problema: “O dinheiro está mal distribuído no mundo: uns têm demais, outros têm de menos; uns tomam banho em champanha, outros morrem de fome. (...) Mas o sentimento que os ricos despertam em João Benévolo (desempregado) é de admiração e de inveja. Uma inveja passiva de quem sabe que nunca, por mais que faça e pense e grite, poderá atingir aquelas culminâncias de felicidade e de conforto”. In: VERISSIMO, Erico. **Caminhos Cruzados**. 27. ed. Porto Alegre: Globo, 1985, p. 47.

<sup>334</sup> OC1, p. 94.



“terras”, enquanto os “sem eira nem beira” sentirão ainda mais a sua discriminação. E o conflito entre as pessoas, lugar privilegiado para a liberdade revelar sua direcionalidade, o conflito vem desmascarar a “razão” do mais forte: “Era claro que quando havia uma questão entre esses *graúdos e um pobre-diabo, era sempre o rico que tinha razão.*”<sup>335</sup>

Mais tarde, já na florescente vila de Santa Fé, o autor faz um diagnóstico de sociedade a partir das presenças numa reunião do Clube local. Resultado? A desigualdade.

Cel. Jairo – E se eu lhe disser que vossa História está toda escrita, em magnífico resumo, na face e nas vidas das gentes que hoje se acham no reveillon do Comercial? E se eu vos assegurar que neste clube se agita uma espécie de microcosmo do Rio Grande? Ali estão dois representantes do clã pastoril, os senhores de terras e gados (...) Dois senhores feudais. (...) São eles que fazem os intendentess, delegados, deputados, senadores, presidentes de Estado (...). Em suma: é a classe que governa. Ao redor dela vive, ou melhor, vegeta a massa dos servos da terra.

Ten. Rubim – Como é natural e desejável.<sup>336</sup>

Examinemos mais detidamente esta passagem. Primeiro vem a constatação de desigualdade social. Há os senhores que são poucos, até podem ser numerados: “dois do clã pastoril – dois senhores feudais”. Abaixo deles está “a massa” que nem vive, apenas vegeta e não pode ser identificada como poucos dominadores. Depois da constatação há um juízo de valor sobre a desigualdade, emitido pelo Tenente Rubim – sabidamente um adepto de Nietzsche – apoiando a segregação: “como é natural e desejável”. “Natural”: o que vale a dizer que a própria natureza faria os homens serem tão diferentes na classificação social; daí decorreria o direito de quem domina, dominar sempre. “Desejável”: significa que o esforço e a organização da sociedade se destinariam a realçar o domínio de uns sobre outros, a fazer com que a discriminação continuasse e fosse cultivada como um valor. É a suposta liberdade de uns com o direito de causar a escravidão de outros.

Há outro recurso da narrativa que deixa o leitor em permanente estado de questionamento. Trata-se da narrativa *que perpassa toda a história da cidade de*

---

<sup>335</sup> OR1, p. 155. A citação nem de longe abrange todo o trecho referente e esta análise das diferenças sociais. Conferir em OR1, p. 134-137 e 155-157.

<sup>336</sup> OR1, p. 155.



*Santa Fé* azucrinando todos os principais agentes sociais interessados na cidade. É a presença dos *bairros pobres* – *Barro Preto, Sibéria e Purgatório* – em contraposição com os setores ricos da cidade. Trazemos, com exemplo, o trecho em que Rodrigo, ao voltar para Santa Fé, se dá conta da pobreza:

O trem diminuiu a marcha ao entrar nos subúrbios de Santa Fé. (...) Rodrigo olhava para os casebres miseráveis do Purgatório (...) e aqueles ranchos de madeira apodrecida, cobertos de palha ou capim.<sup>337</sup>

Diante do fato, Rodrigo já se propõe assistencialmente a modificar o panorama de injustiça. “Quanta miséria – repetiu Rodrigo (...) prometia a si mesmo ser médico dos pobres (...). Faria visitas constantes às populações do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria.”<sup>338</sup>

Outra faceta que não deixa passar desatendido o contraste da miséria é a contundência com a qual ela irrita e desassossega os bem situados.

(Rodrigo) tinha pena, isso sim, (...) era, porém, uma pena temperada de impaciência, uma piedade sem calor humano (...). Por mais que se esforçasse, não podia amar aquela gente e era-lhe *constrangedor* ficar com aqueles miseráveis por muito tempo, na mesma sala, a sentir-lhes o cheiro, a ver-lhes as caras terrosas, algumas das quais duma fealdade simiesca.<sup>339</sup>

Este pequeno texto é eloqüente porque traz a verificação do fato da distância social entre o rico e o pobre: “aqueles miseráveis” traz a relação de pena, de repugnância, de impaciência, de falta de amor por parte daquele que domina. Traz, outrossim, o aguilhão do questionamento que vai fincando na consciência do abastado: “é-lhe *constrangedor*”, tornar-o impaciente, irritadiço e não o deixa à vontade. O aguilhoamento contínuo e inquiridor exercido pelo pobre, por sua simples presença, incita Rodrigo a levar em conta esta realidade, senão por amar o bem comum, pelo menos por motivos em grande parte

---

<sup>337</sup> OR1, p. 69. É interessante observar como EV descreve longamente a permanência e o aumento dos bairros marginalizados: OR1, p. 69-70 e outros.

<sup>338</sup> OR1, p. 69-70.

<sup>339</sup> OR2, p. 367. Para aprofundar uma postura de reconhecimento da alteridade veja-se, por exemplo, LEVINAS, Emanuel. **Totalidad e Infinito**: ensayo sobre la exterioridad. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 201-233. DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1980, p. 22-63. Nesta perspectiva também ZIMMERMANN, Roque **América Latina, o não-ser**. Petrópolis: Vozes, 1987.



eleitores. Nestas circunstâncias ele adere à proposta da construção da sociedade levando em conta a voz dos oprimidos:

Diremos sem eufemismos ou meias palavras que este hebdomadário (A Farpa) se propõe, antes de mais nada a ser a livre tribuna dos oprimidos contra o arbítrio do direito em oposição à força, de fraternidade contra o banditismo.<sup>340</sup>

A expressão “oprimidos-opressores” indica virtualmente que a desigualdade social não é um dado que está aí simplesmente por si mesmo ou pela intervenção dum destino desconhecido. A desigualdade é fruto duma certa maneira de relacionamento entre uns e outros pontos do binômio. A desigualdade é, portanto, fruto de uma determinada maneira de decidir e de ser livre. Tal vontade de domínio gera um descompasso tão grande entre os seres humanos que até depois da morte, no cemitério, está selada esta realidade. EV finca estilhas aguçadas e irônicas no couro dos prepotentes quando flagra o contraste até mesmo entre os túmulos:

E esse jazigo destacava-se com tamanha *imponência no meio daquelas sepulturas quase rasas*, que era como se até depois de mortos os Amarais, famosos por serem homens altos e autoritários, *continuassem a dominar os outros*, a falar-lhes e *dar-lhes ordens* de cima de seus cavalos.<sup>341</sup>

Outro episódio que ajuda a constatar o abismo entre ricos e pobres é a amizade entre Sílvia e Alicinha.

Minha mãe – conta Sílvia no seu Diário – era viúva e muito pobre. Cresci entre nossa meia-água e o Sobrado. O casarão das Cambarás com todos os seus moradores, divertimentos e confortos, me fascinava.<sup>342</sup>

O comportamento tímido e respeitoso de Sílvia desenha-lhe uma imagem humilde e, sob este ponto de vista, atraente:

---

<sup>340</sup> OR1, p. 219.

<sup>341</sup> OC1, p. 184. Tal ostentação e jactância dos abastados em cima dos pobres é ironicamente retomada no livro “Incidente em Antares”: “Para vós, o importante é que a festa continue, *que não se toque na estrutura*, não se alterem os estatutos do clube onde os privilegiados se divertem. A canalha que não pode tomar parte na festa e se amontoa lá fora no sereno, envergando a triste fantasia e a trágica máscara da miséria, essa deve permanecer onde está (...). E por isso pagais a vossa polícia para que ela vos defenda no dia em que a plebe decidir invadir o salão onde vos entregais às vossas danças, libações, amores e outros divertimentos”. VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. 27. ed. Porto Alegre: Globo, 1985, p. 344-345.

<sup>342</sup> OA3, p. 905.



Apesar de vir todos os dias ao casarão, nunca entrava sem primeiro bater. Como a batida de seus dedos frágeis fosse quase inaudível, às vezes a criaturinha ficava um tempão à porta à espera de que alguém a visse ou ouvisse e gritasse: “Entra, Silvinha”<sup>343</sup>

Ao contrário desta meiguice sem imposições, surge a prepotência de Alicinha: “Ao dar pela presença de Sílvia, Alicinha – que a trata com a *superioridade* duma menina mais velha e *mais rica* (...)”

O texto continua, mas aqui interessa particularmente o inciso que fala da riqueza de Alicinha e de sua conseqüente superioridade, o que equivale a dizer que há desigualdade social flagrante entre as duas. “Tudo quanto ela (Alicinha) possuía era o que podia haver de melhor e mais belo no mundo: vestidos, sapatos, brinquedos (...)”<sup>344</sup>

EV ressalta ainda mais este relacionamento desigual: “Sílvia ficava sentada, imóvel e silenciosa, até que a outra (...) voltava-se para ela e, *como uma senhora que dá uma ordem à criada*, dizia ‘Vamos!’ Sílvia seguia a amiga como uma sombra.”<sup>345</sup>

Além da desigualdade manifestada neste modo de relacionamento, irrompe espontaneamente a pergunta: por que será que quem tem mais elevado nível econômico julga-se, em geral, quase automaticamente, não só senhor das coisas, mas também das pessoas? O certo é que Alicinha se sente como “uma senhora que dá ordens à sua criada”. O pensamento acomodador da quase inviabilidade de uma sociedade sem tantos contrastes, vem corroborar a existência das desigualdades.

O senhor também é moço – dirige-se o magistrado a Rodrigo – mas um dia há de aprender que todas as sociedades são regidas por preconceitos e normas milenares, e que ir contra eles é o mesmo que dar murro em ponta de faca.<sup>346</sup>

Que preconceitos seriam esses? Num artigo dum jornal de Santa Fé está escrito: “Aqui não existem preconceitos de raça, classe ou de dinheiro. O que vale para nós é a qualidade pessoal do indivíduo.”<sup>347</sup>

---

<sup>343</sup> OA1, p. 151.

<sup>344</sup> *Ibid.*, p. 151.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 151.

<sup>346</sup> OR1, p. 135.

<sup>347</sup> OR1, p. 134.



Mesmo assim são desmascaradas injustiças e desigualdades que sorrateiramente são aceitas e tranqüilamente praticadas. É o caso dum Cervi, que foi aceito num clube local somente quando conseguiu um melhor escalão social. “É que o Cervi deixou de ser remendão para ser comerciante, passou a vestir-se melhor, *subiu de categoria social*.”<sup>348</sup>

Conclusão: é evidente em nossa terra acentuada desigualdade social. EV trata de desmascará-la e tirar-lhe o véu da fatalidade para que ela se apresente como o palco da liberdade e da decisão do homem. Não deve ser, em última análise, a desigualdade a mandar no homem, mas o homem na desigualdade. Se o homem perdeu o domínio, ele não está sendo livre, deverá recuperar o seu lugar de pessoa compromissada voluntariamente com o máximo crescimento de todo o ser humano. *A verdadeira natureza da liberdade no seu relacionamento com os demais não é a “liberdade de cada um fazer o que quer”, mas é uma liberdade indestrutivelmente ligada e compromissada com a estrutura da sociedade solidária.*

## 2.2 ENTENDIMENTO

EV afirma ter “um horror invencível à violência”<sup>349</sup>.

Será que ainda há pessoas que fazem guerra só pelo motivo de guerrear? Pode ser que haja pessoas assim por não terem evoluído para uma nova etapa de entendimento e fraternidade. Poderia, também, acontecer que haja indivíduos assim guerreiros, porque o espírito belicoso faria parte integrante da natureza humana. Se isto se comprovasse, seria necessário dizer não somente que “ainda há” homens assim, mas dever-se-ia concluir que sempre os haverá. Dever-se-ia, ainda, concluir que a condição de “não-guerreiro” seria a condição de quem não desenvolveu todas as dimensões naturais, entre as quais estaria incluída a violência. A tese de EV é de que *o homem nasceu para o entendimento e para a paz*. Se ele faz guerra pelo prazer ou pelo impulso incontido de guerrear, se ele se torna cruel e sanguinolento é porque sofreu um processo de deseducação e de desumanização. Se ele precisa reagir com violência, é porque já foi

---

<sup>348</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>349</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 311.



violentado. Veja-se esta frase: “Não dê confiança a este primário. O Bio (Toribio) é um homem sem idéias nem ideais. Gosta da guerra pela guerra. É um bárbaro.”<sup>350</sup>

Para a construção da nova sociedade, a radicalização no julgamento das pessoas não traz bons resultados e não é conforme a justiça. É o que afirma, em outras palavras, Maria Valéria a Licurgo:

Maria Valéria – Peça trégua. Diz que sua mulher vai ter um filho. Os maragatos compreendem.

Licurgo – Os maragatos são uns cobardes.

Maria Valéria – Não são. O senhor sabe que não são. O senhor sabe que eles são tão bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente só que tem idéias diferentes.<sup>351</sup>

Neste diálogo procura-se uma base de entendimento com os que são simultaneamente adversários, expondo um problema que está acima do litígio: a vida de uma criança. “*É a mesma gente*”: *esta frase é lapidar*, indicando que todos são iguais, com qualidades e defeitos. O progresso se fará pela aculturação e não pelo fechamento. São bem-vindas e até necessárias idéias diferentes para que a pessoa não fique enrodilhada na rotina sua de cada dia.

Por outro lado, é bem valorizado o gesto compreensivo de José Lírio (Liroca), que é federalista a comando de Alvarino Amaral, mas não atira nos republicanos, mesmo tendo ocasião de fazê-lo, porque são conhecidos e amigos:

Passou a noite a ver os republicanos no Sobrado (...). Ele, Liroca, nem teve coragem de atirar. Teve, isto sim, vontade de gritar: ‘Andem ligeiro! Levem água pras crianças, pras mulheres! E dêem lembrança pra Maria Valéria.’<sup>352</sup>

---

<sup>350</sup> OA3, p. 690. Quanto ao processo de deseducação, EV traz esta passagem de Floriano contra a apologia das guerras: “Tudo isso é irracional, uma deformação, um reflexo condicionado, um resultado da educação *defeituosa* que tivemos e que nos prepara para a aceitação passiva das guerras como uma fatalidade”. (OA2, p. 570)

<sup>351</sup> OC1, p. 11. Em outra passagem Fandango afirma: “Licurgo vive dizendo que os maragatos são bandidos. Mas qual! Todo mundo sabe que há gente boa e ruim dos dois lados” (OC2, p. 661).

<sup>352</sup> OC2, p. 470-471. Antes disso, José Lírio “viu um homem à janela da água-furtada. Reconheceu Licurgo. Teve uma vontade danada de gritar: ‘O Curgo! Então como vai a coisa por aí?’” (OC2, p. 470).



## 2.3 NÃO-VIOLÊNCIA

Sílvia, no seu diário, critica os iniciadores da violência, mesmo que seja por motivos considerados muito bons. Por aí se percebe que a predisposição não pode nunca ser de violência. A premeditação da violência traz em si subentendidos dois motivos pouco humanos. O primeiro motivo, da parte do promotor de um projeto, é de que ele é tão superior, exclusivo e prepotente que tem força para realizar o plano com ou sem o consentimento dos outros. O segundo é o julgamento de que o outro não vai ser acessível ao diálogo e que, portanto, o único recurso será dominá-lo pela força. A violência provém, nestes casos, dum preconceito em relação ao outro: ou ele é fraco ou ele não está à altura do diálogo. O violento admite, escondidamente, que está sem a razão e que o outro não entende de “razão”. Todas essas ponderações subjacentes ao ato violento vêm demonstrar uma depreciação do homem como tal na sua participação nas decisões. Vamos ao texto: “O mal de nossas revoluções é que elas começam com a violência, para imporem um ideal, mas depois o ideal fica esquecido e permanece apenas a violência.”<sup>353</sup>

É importante aqui a palavra “começar”, indicando que a violência, neste exemplo, entra logo como primeiro argumento, ou como o instrumento mais comum e habitual para conseguir alguma coisa. *A humanização, sem deixar de lado a coragem, tende a descartar a violência.* Qual será a coragem mais construtiva para a humanidade? Será aquela bravura alimentada por mitos e façanhas de guerra? Ou aquele brio alimentado pelo exemplo de heróis não-violentos? Será a coragem de um Átila ou a coragem de um Gandhi?

Toríbio – Compare esta nossa revoluçãozinha mixe com a de 93. Naquele tempo, sim, se brigava de verdade, morria mais gente, não andava um fugindo do outro. Maragatos e pica-paus iam pra coxilha para matar ou para morrer.

Rodrigo – Bom – disse – acho que isso é um sinal de que nossa gente se humaniza.<sup>354</sup>

“A gente se humaniza” revela o passo novo dum grupo humano em que, sem deixar a tradicional ousadia e coragem, assume a vida com energia, mas

---

<sup>353</sup> OA3, p. 920.

<sup>354</sup> OA1, p. 303.



sem violência. Uma “fraqueza da violência” – se assim falar se pode – é o fato de que ela tende a se diluir e a chegar a uma nova síntese de união superior. Decisões políticas e sociais, hoje antagônicas, amanhã poderão encontrar um elo de união. Verifica-se uma superação das antigas rivalidades para um reencontro de visão mais ampla, de amizade mais experimentada, de objetivos mais comunitários. Tal decantação e purificação de posturas sociais, à primeira vista intransigentes, acontecem no interstício entre a revolução de 1923 e a de 1930: “Hoje os inimigos de ontem estavam de braços dados, lenços brancos, verdes e vermelhos amarrados num só nó de amizade.”<sup>355</sup>

Mas por que a união muitas vezes é procurada e entendida só depois da briga e da separação? É que no momento de decidir dentro dum quadro de referências, fatos levam a tomar atitudes que podem ser imperfeitas e até unilaterais. Mais tarde, o quadro de referências para a decisão é diferente e o panorama se abre para outras caminhadas e canseiras do homem em busca de sua realização. Desta maneira, já que, segundo EV não é construtivo começar pensando em violência, não será construtivo pensar em provocação. O próprio Licurgo, ferrenho defensor do Sobrado, instrui o filho Rodrigo sobre o assunto:

Quem está com a boa causa não precisa ofender ninguém. O seu jornal deve ser um jornal de princípios e não de ataques pessoais. Não provoque os outros sem necessidade. (...) Temos direito de escrever o que pensamos e de lutar pelas nossas idéias. Mas não devemos ofender os outros.<sup>356</sup>

Volta o pensamento de não encetar nenhum processo que irá certamente desembocar em violência, qual seja o costume de atacar, ofender, provocar. A provocação tem por fito o contragolpe de outrem para, de certa maneira, justificar as medidas contra ele. A provocação e ofensa são os piores caminhos para o entendimento. Eles revelam um tipo de liberdade fraco na transcendência e forte na imanência. *A ação provocadora tem por fim não o crescimento do outro mas o engrandecimento do próprio poder e comando imanentes ao ego subdesenvolvido.* A ofensa procura o próprio engrandecimento, mas o realiza

---

<sup>355</sup> OA3, p. 638. Numa cerimônia simbólica da “Missa Crioula”, chimangos e maragatos amarram os lenços num mesmo nó para significar a união restabelecida e a reconciliação sempre desejada.

<sup>356</sup> OR1, p. 220-221.



apenas ao inverso. Por isso, o encontro de pessoas desarmado de orgulhos, ofensas e quizílias é o mais corajoso momento do ser humano.

EV analisa longamente o “batismo de fogo” de Floriano na primeira vez que vai lutar com seu pai no ataque à intendência. Floriano não atira contra um conhecido em defesa do pai que é Rodrigo. Este é o fato. Vamos analisar porque ele não atira: será por medo ou covardia? Será por ser contrário a toda a violência? Será por que conhecia o Te. Bernardo, a pessoa que estava ameaçando seu pai? Será por que, inconscientemente, quisesse que o pai fosse morto, apoiando, assim, a própria mãe? Rodrigo interpreta nestes dois sentidos: “covardia” e “ligação afetiva com a própria mãe”. Covardia: “Vai-te embora – gritou – vai para baixo das saias de tua mãe, maricas! Vai, covarde! Vai, galinha! Não és meu filho!”<sup>357</sup>

Ligação afetiva com a própria mãe:

Rodrigo a Flora – Acho que já sabes do comportamento HERÓICO do teu filho... Portou-se como um verdadeiro covarde. Se a coisa tivesse dependido só dele, a esta hora eu estaria morto. É o que vocês ganham com esses mimos que dão ao Floriano.<sup>358</sup>

Mas, além desta interpretação intempestiva do momento, é preciso ver que o próprio Rodrigo refaz o julgamento sobre seu filho. Floriano é um personagem riquíssimo em suas observações, vivências e atitudes de modo que, de maneira alguma, ele pode ser considerado por estas frases do pai. Num contexto mais amplo de “O Tempo e o Vento”, com este episódio EV quer “desmitificar” a figura do gaúcho valentão e propor uma nova sociedade de não-violência. Esta é a própria interpretação de Floriano, em momentos de revisão de sua vida.

*Eu detestava a violência e a brutalidade, mas não era insensível às seduções do heroísmo. Orgulhava-me de minha condição de homem civilizado, incapaz de exercer violência contra meus semelhantes. Gostava de me imaginar dotado desse tipo de fibra de cristão das catacumbas, (...) a coragem de resistir à agressão sem agredir (...). No entanto, na hora de dar provas concretas da legitimidade desses sentimentos e princípios, eu descobrira que não podia agüentar a pecha de covarde.*<sup>359</sup>

<sup>357</sup> OA3, p. 681. É esta atitude do pai que vai marcar a vida de Floriano. O encontro reconciliador entre pai e filho é analisado no item: Pontes de união e amizade.

<sup>358</sup> OA3, p. 683-684. Não perca o diálogo entre Floriano e Roque Bandeira sobre este mesmo episódio, em OA3, p. 699-707 sem parar.

<sup>359</sup> OA3, p. 702.



É possível, pois, ser herói sem ser violento nem brutal. Tudo isto leva a crer que o fato de Floriano abster-se de atirar sobre o Tenente Quaresma não se explica pela covardia. A explicação se encontra na perspectiva duma sociedade com homens novos: fortes, sim; corajosos, sempre, porém não adeptos da violência<sup>360</sup>. Esta interpretação é reforçada pela reação das mulheres Maria Valéria e Flora. Elas vêem com outros olhos o “machismo guerreiro” e violento...

Rodrigo (que tinha sido ferido no ataque à Intendência) exibia o braço em tipóia como uma condecoração. Esperava que as mulheres fizessem algum gesto ou dissessem alguma palavra que traduzisse espanto ou pena. Nada disso, porém aconteceu. Ambas continuaram imperturbáveis. É o senhor do Sobrado, que contava uma bela cena – guerreiro ferido volta ao lar, a mulher encosta a cabeça no seu peito para chorar – ficou primeiro perplexo, depois decepcionado e por fim irritado com aquela indiferença.<sup>361</sup>

A resistência pacífica e silenciosa das mulheres indica que elas estão preparadas para um mundo de não-violência e que este mundo está mais de acordo com a maturidade do homem livre. O silêncio (“esperava... que dissessem uma palavra”) e a indiferença (“esperava... que fizessem algum gesto”) diante da aventura guerreira são sinais evidentes de desaprovação. Tanto assim que Rodrigo esperava o aplauso que não veio. Se não veio é porque, segundo elas, não era merecido. Rodrigo contava com o aplauso para a sua violência, tanto assim que ficou “decepcionado”. Ele não estava acostumado a um mundo com outro tipo de comportamento, por isso ficou “perplexo”. O pior é que ele não entendeu a mensagem e a modalidade nova de viver sem guerra, por isso ficou “irritado”. Um novo estilo de sociedade está em gestação: o mundo da não-violência: “As mulheres, porém, nada disseram, nada fizeram. *Derrotavam-no aos poucos com o silêncio*”.<sup>362</sup>

É um sinal da não-violência ativa.

---

<sup>360</sup> Até o Retirante, cão fiel do Tte. Bernardo, que foi assassinado, se torna um desmascarador da violência: “A cidade inteira começou a sentir a presença incômoda do animal, como duma espécie de consciência viva. O Retirante parecia estar pedindo contas à população pelo assassinio de seu amo” (OA3, p. 705). Ele não se acalmou com os maus tratos, mas rendeu-se contente aos afagos de Aderbal.

<sup>361</sup> OA3, p. 683.

<sup>362</sup> *Ibid.*, p. 684.



## 2.4 REAÇÃO CONSEQÜENTE

Chamamos aqui reação conseqüente, por dois motivos: primeiro, ela é *conseqüente porque surge como resposta a uma violência já existente*. Ela não é um projeto de iniciativa já direcionada para a violência. Ela segue, como contra-ataque às agressões já praticadas; ela segue, como atitude posterior a muitas outras tentativas de resolver diferentemente a questão. Segundo, ela é conseqüente, porque, neste sentido, apesar de tudo, parece que EV lhe dá razão de ser. A reação enérgica como última e única resposta à violência não é inconseqüente, mas, em casos extremos, pode levar a construir com mais eficácia e com mais profundidade um mundo melhor.

Depois da reafirmação, tantas vezes repetida, da não-violência, pareceria quase impossível que Erico admita situações que justifiquem até a reação dura e segura. É que a liberdade não é um compromisso medroso para salvar a própria pele, mas um compromisso corajoso de construir o bem comum. Arriscar a própria vida, visando a construir um bem para todos, quando este bem é ameaçado e destruído pode ser prova de grande liberdade. EV não chega nem de longe à exaltação da guerra; somente pondera se é lícito agüentar agressões sem ter outro meio de defesa a não ser contra-agredindo também. O domínio de Ricardo Amaral, atacado pelo Capitão Rodrigo, depois o domínio de Titi Trindade, atacado por Rodrigo: ambos estes domínios ditatoriais são considerados como violência já em andamento, são, no dizer de muitos (por exemplo, Mounier), uma injustiça institucionalizada. Logo, a ação contra estas situações injustas é diferente do que seria uma ação numa sociedade com características básicas de vigência da justiça.

Coronel Jairo – Se o senhor quer realmente servir sua terra, não é essa a orientação que deve dar à sua campanha. As ofensas pessoais não conduzem a parte nenhuma, a não ser à violência e à destruição. O que precisamos é construir e não destruir.

Rodrigo – Eu pretendo também construir, Coronel. O senhor acha possível plantar alguma coisa útil num terreno cheio de ervas daninhas? O que estou fazendo é arrancar estas ervas. É duro, perigoso e cruel, mas necessário.<sup>363</sup>

---

<sup>363</sup> OR1, p. 253.



A justificativa da ofensa e do “arrancar duro, perigoso e cruel” se encontra no fato de que o terreno já está “cheio de ervas daninhas”. O “necessário”, atribuído ao arrancar, é porque não há outro jeito de plantar: “o senhor acha possível plantar?” A aspereza de agir é admitida tão somente como último recurso e como antídoto ao mal já reinante naquela localidade. Continuando no mesmo tom, ainda dentro da mesma realidade, Rodrigo não se contém:

Mas que devo fazer se uma cobra venenosa entra no meu jardim? Segurar a jararaca candidamente (...) e beijar-lhe a boca? Écrasez l'infâme, isto sim, pau na cabeça dela. O Titi Trindade é a jararaca do meu jardim. E, no fim das contas, é necessário que os bons sejam também fortes e tenham coragem de *ser violentos e até cruéis quando esta violência e esta crueldade forem necessárias para o bem-estar da comunidade.*<sup>364</sup>

Nesta opinião, que não deixa de ser discutível, aparece um terceiro motivo para a rispidez que não vale por si só, mas somente quando acoplado aos outros. Significa que, juntando, numa dada situação, as três condições: injustiça flagrante já em andamento, emprego de meios violentos só depois de esgotados todos os outros recursos, luta pelo bem-estar da coletividade, juntando estas três condições – repito – pode-se estar próximo a justificar o uso da violência. Muitas vezes a transformação é impossível sem ruptura porque com as boas intenções e com as tentativas pacíficas não se chega ao objetivo maior. Quem é beneficiário dum sistema de injustiça, já embutida em toda a estrutura social, tende a preservar as suas conquistas, tende a cozinhar em banho-maria toda a tentativa de mudança. Mudança? Que seja e permaneça meramente superficial. Quem é favorecido tende até a aceitar e a incentivar alteração meramente decorativa para que, perdendo o tempo nessas coisas, as pessoas não venham a organizar um processo de mudança mais profunda, no empenho de reconstruir os alicerces do sistema vigente.

Por isso, na luta contra o poder estabelecido do Titi Trindade, há uma procura de “evitar que a história azedasse”<sup>365</sup> para não chegar à violência e à ruptura. No entanto, pelo transcorrer dos acontecimentos, chega a transparecer que esta era a única maneira de resolver a questão:

---

<sup>364</sup> *Ibid.*, p. 228.

<sup>365</sup> *Ibid.*, p. 237.



Murmurou Joca Prates – Nós queríamos evitar que esta história azedasse...  
 - Pode até correr sangue – reforçou Pedro Teixeira.  
 Rodrigo Sorriu.  
 - Sangue? *Há muito tempo que corre sangue impunemente neste município.*<sup>366</sup>

Estas expressões esclarecem o nosso intuito de compreender quando a energia dum ação chega a admitir a energia. É claro que estamos dentro do assunto, porque o EV utiliza a expressão “correr sangue”, o que significa violência ao extremo, indica violência em todas as dimensões. Mas Rodrigo estriba a sua virulência invectiva com palavras e atos contra o Trindade, porque o município já vinha sendo tratado com crueldade e tiranias: “Há muito tempo que corre sangue impunemente neste município”. O advérbio “impunemente” é também muito importante. Ele faz saber que *a violência continuava dominando porque não havia nenhuma reação vigorosa contra ela*. A violência autojustificada requer uma resposta à altura de conseguir impugná-la. Uma colocação mais direta ainda neste sentido encontra-se na reconstrução dum diálogo entre um tal Prof. K., do Departamento de Filosofia da Universidade (EUA) e o nosso já conhecido Floriano. Antes, Floriano se dá conta dos horrores da guerra: “Nada mais estúpido e sem sentido que falar sobre o Romantismo na literatura brasileira nesta hora em que morrem milhões de criaturas humanas na mais medonha guerra da História.”<sup>367</sup>

Depois, Floriano é interpelado pelo Professor nos seguintes termos:

E diante de tudo isso, meu caro Cambará, você continua pacifista? Claro, também participo de seu horror à violência, mas acho que há momentos como este que agora estamos vivendo e sofrendo, em que é absolutamente necessário empregar a violência, para conseguir que sobrevivam na face da terra certos princípios (e entre eles o da própria não-violência) que são essenciais à nossa vida de homens civilizados.<sup>368</sup>

Dispensamos, no momento, perguntas que vêm logo à mente, tais como: Por que EV coloca esta idéia na boca de um americano? E por que na boca de

---

<sup>366</sup> *Ibid.*, p. 237. No texto seguem-se os exemplos da violência estabelecida.

<sup>367</sup> OA3, p. 872.

<sup>368</sup> *Ibid.*, p. 875. De modo semelhante, a repressão e a violência já estabelecidas como direito, facilmente julgam violentas as pequenas reações. É Juvenal quem diz a Bento Amaral: “É muito bonito pro filho do Cel. Ricardo se fazer de valentão... (quando a gente tem pai alcaide e miles e miles de capangas)... Porque neste povoado e em muitas léguas em roda dele, *quem arranhar o dedo mindinho de vosmecê não escapa com vida*” (OC1, p. 230.).



um professor de Filosofia? Por que esta idéia na conclusão de um brasileiro? Será que há povos e povos, uns mais aptos à comunhão, outros mais prontos para a violência? Será que o povo brasileiro introjetou um espírito “pacifista” ajudando, sem saber, a manter a prepotência dos violentos poderosos?

Quando a não-violência é virtude, e quando é fraqueza? Chegamos, então, à conclusão de que EV, mesmo que não seja de modo algum adepto da violência, lança, contudo, a hipótese de que há ocasiões em que a reação firme é desejável e necessária para o bem comum da sociedade.

- Por fim trazemos um texto que pode ser interpretado duplamente, conforme o sentido que preenche a palavra “feliz”. No famoso duelo entre Bento Amaral e o Capitão Rodrigo, este foi tomado da seguinte sensação: “Sentiu que a raiva o fazia feliz.”<sup>369</sup>

Tomamos a palavra “raiva” como violência porque na hora do duelo ela se exterioriza violentamente. Ou ele estava feliz porque exibia a sua belicosidade e seus instintos de crueldade como um simples desafio e como um mero afirmar de sua supremacia; ou, ele estava feliz porque sabia que sua luta era imbuída duma finalidade construtiva, sentia que estava em jogo não somente o seu prazer mas o bem da comunidade através da queda do domínio dos Amarais. É difícil distinguir este e outros componentes que concorrem misturados numa ação concreta, mas podem-se perceber as duas tendências de esclarecimentos.

## **CONCLUINDO:**

EV propõe sempre o entendimento, quando este é difícil propõe a não-violência ativa. Em casos extremos de crueldade continuada, estabelecida e permanente, a resistência enérgica pode ser exercida, quando se constitui no último e único recurso.

---

<sup>369</sup> OC1, p. 234.



### 3 ATITUDES DESTRUTIVAS DO COMPROMISSO SOCIAL

*“Tenho de aprender que não podemos entregar às máquinas eletrônicas a solução dos problemas de relações humanas” (OA3, p. 878).*

#### 3.1 O ASSISTENCIALISMO

Embora já acenado no discorrer sobre a liberdade, não podemos deixar de elencar aqui o paternalismo ou assistencialismo. Com efeito, tão obstinadamente como é encontrado em nossa história, tão repetidamente recebe a crítica mordaz de EV. É um mal corrosivo tanto para quem o exerce como para quem o aceita.

Penso – escreve Sílvia no seu diário – em iniciar na cidade algum movimento com o fim de melhorar a vida de nossos marginais, mas as esposas de nossos comerciantes e estancieiros acabam transformando tudo em ‘festas de caridade’ oportunidade para exibirem seus vestidos e terem seus nomes nos jornais. Tudo isso me desencoraja e faz recuar.<sup>370</sup>

A percepção de Sílvia lhe aguça a sensibilidade no sentido da construção duma sociedade melhor, mas os métodos utilizados para isso não lhe agradam, porque não estão de acordo com a dignidade livre da pessoa humana. Exibição para uns, opressão para outros. No entanto, ela incorre noutro erro: “tudo isso me faz recuar”; tal recuo acontece, mesmo que apresente em tese aquele caminho que ela tem como acertado para a situação: “Não é com CARIDADE que se vai conseguir melhorar a vida dessa pobre gente *mas com uma reforma social de base.*”<sup>371</sup>

De contraponto com a menção deletéria do paternalismo, surge a vontade de acorrer a atitudes de construção em profundidade, passando do mero assistencialismo para mudanças *estruturais*: “reforma social de base”. Para elucidar mais a mentalidade paternalista, EV relata que Rodrigo

(...) sentia-se um pouco culpado daquilo (do fato duma criança do bairro Sibéria ter morrido de frio), pois não havia levado avante seus projetos de assistência aos pobres. (...) Naquela

---

<sup>370</sup> OA3, p. 920.

<sup>371</sup> OA3, p. 920. A reforma social da base faz parte da verdadeira caridade. A “caridade” descrita nestas páginas se refere àquilo que muitas vezes vem acontecendo de modo paternalista.



semana levou ao Barro Preto, ao Purgatório e à Sibéria carroças cheias de sacos de feijão, milho, arroz, batata – gêneros que distribuiu entre os necessitados, com entusiasmo e generosidade mas sem o menor método.<sup>372</sup>

Nota-se a sensibilidade através do peso na consciência (sentia-se um pouco culpado), que é circunstancial, logo, resolvido circunstancialmente e ocasionalmente, “*naquela semana...* distribuiu com entusiasmo, *mas sem o menor método*”. A chamada de EV se faz violenta. É do jeito de don Pepe, o pintor espanhol d’O Retrato, que foi convidado a ajudar na distribuição dos alimentos. A expressão supõe a distinção entre a genuína caridade e o assistencialismo, sem, contudo, tentar “doirar a pílula”:

O espanhol trabalhou com os amigos sob protesto murmurando a cada passo: ‘*Eso no es la manera de resolver los problemas sociales. Eso es humilhante. La fétida caridad cristiana! La pútrida generosidad burguesa!*’<sup>373</sup>

A mãe de Sílvia, pelo ângulo da pobreza, sente na carne o desajuste de receber as “sobras”: “Sempre que Alicinha (rica, filha de Rodrigo) me dava um dos seus vestidos ou um par de sapatos já usados, mamãe olhava para essas coisas e murmurava: ‘*É triste a gente viver das sobras dos ricos*’”.<sup>374</sup>

O dar e o receber na liberdade e na dignidade humana deve ser com base nos valores da justiça e da amizade, não com base na ostentação e domínio duma classe sobre a outra. Noutro livro de EV, o exibicionismo de D. Dodô merece páginas de sátira. A mulher doente, recebendo a ajuda: “(...) sabe que quando esta senhora perfumada for embora no seu automóvel de luxo, a vida da casa há de continuar como sempre: sujeira, miséria e doença.”<sup>375</sup>

Volta aqui a sensação de inutilidade duma ajuda como se costuma dizer de “pára-quedas”: “a vida da casa há de continuar como sempre”. Ressaltam-se as diferenças que são crônicas e que são mantidas: “senhora perfumada” em contraste com o “bafio de porão” da casa pobre<sup>376</sup>. Sob o manto do protecionismo, quase sempre se esconde o desejo de aparecer, de ganhar o elogio, a admiração, o louvor e até a gratidão daquele que foi ajudado. Nem isso

---

<sup>372</sup> OR2, p. 379.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 379.

<sup>374</sup> OA3, p. 906.

<sup>375</sup> Em VERISSIMO, Erico. **Caminhos cruzados**. 27. ed. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 50.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p. 48.



D. Dodô consegue. A senhora, que recebeu a ajuda, “não chega a ficar contente, nem mesmo consegue sentir gratidão”<sup>377</sup>. Através destes exemplos percebemos que o assistencialismo “puro e simples” não só não constrói uma nova sociedade, antes dificulta e retarda a sua consecução.

### 3.2 REDUÇÃO DO HUMANISMO AO PROGRESSO TECNOLÓGICO

Dentro do horizonte de valorização da pessoa humana, EV não perde nenhuma ocasião de mostrar que o desenvolvimento integral da pessoa não pode ser desnaturado, reduzido ao progresso e à tecnologia. Tal redução desvirtua o crescimento do homem todo e desajuda a construção duma sociedade mais perfeita. O crônico e dilacerante problema do contraste entre ricos e pobres não é solucionado pelo progresso meramente material:

Novas geografias entram pela casa. O Sobrado se universaliza. Há também um progresso dentro do tempo. (...) Sim. Era tudo muito bonito. Santa Fé recebia aquelas expressões do progresso mecânico, *mas havia ainda seres humanos que morriam de frio e de fome* no Barro Preto, no Purgatório e na Sibéria.<sup>378</sup>

O vocábulo com significação adversativa “mas” indica a quebra do sonho segundo o qual o progresso econômico *ipso facto* responderia cabalmente a todas as exigências de realização social. E a existência de seres humanos nas condições das favelas é um sinal evidente da insuficiência dum progresso unilateral. É bem por isso que Roque Bandeira fecha a discussão, na página seguinte, com esta sentença: “Todo mundo sabe que o *progresso* não é uniforme... e que *não tem coração*”.

Depois que EV escreveu, a história vem confirmar ainda mais claramente que os germes da destrutividade estão muito presentes na ânsia do progresso apenas tecnológico e financeiro.

O Capital acende uma vela a Deus e outra ao diabo. Se a transação lhe for financeiramente vantajosa, o homem de negócios será capaz de vender ao pior inimigo a arma com que este amanhã o poderá matar.<sup>379</sup>

---

<sup>377</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>378</sup> OA2, p. 515.

<sup>379</sup> OA3, p. 877.



Revela-se nesta atitude o lado mesquinho da pessoa quando deixa de lado a inteireza do ser humano para incrementar uma parte só: “transação financeiramente vantajosa”. Esta maneira de proceder, além de mutilar a pessoa na sua interioridade, ainda lhe é ameaçadora de morte e destruição: “a arma com que este amanhã o poderá matar”. Referindo-se aos americanos do norte – mas em ampla visão a todas as pessoas – EV leva Floriano a concluir: “*Tendes de aprender que não podemos entregar às máquinas eletrônicas a solução dos problemas de relações humanas.*”<sup>380</sup>

Aqui se percebe distintamente ser a pessoa humana ser uma abrangência muito além do horizonte compreendido pelo progresso, ainda que seja eletrônico. É um erro entregar o que é mais – “problemas de relações humanas” – para serem equacionados pelo que é menos – “máquinas eletrônicas”. Maior erro e mais destrutivo do que a entrega da liberdade para outra pessoa é a entrega para qualquer máquina mesmo sendo muito perfeita. A razão e o coração do homem têm mistérios desconhecidos pela máquina. Daí o arremate, reafirmando o caráter deletério do reducionismo da pessoa ao mero progresso externo: “(Tendes de aprender) *que uma pessoa é mais que uma ficha perfurada; e que o amor nada tem a ver com a estatística.*”<sup>381</sup>

Tais considerações lembram a linha personalista da antropologia em que o primado do ser-pessoa caracteriza a compreensão global do homem em detrimento de todos os outros componentes coadjuvantes da realização da pessoa, seja tomados singularmente seja em conjunto. Sempre humanista, EV declara-se evidentemente contra o progresso unívoco e materialista.

### 3.3 A BELICOSIDADE

“Por que será que o gaúcho acaba sempre por transformar seus jogos e divertimentos em simulacros de guerra?”<sup>382</sup> Esta indagação sobre o espírito guerreador dos habitantes sulinos do Brasil insinua a suspeita de que tal mentalidade não seja conatural à pessoa nem seja completamente sadia,

---

<sup>380</sup> *Ibid.*, p. 878.

<sup>381</sup> OA3, p. 878.

<sup>382</sup> OR2, p. 454.



sobretudo quando comparada com a de outras populações e culturas. Com esta pergunta e com as ponderações seguintes, EV procura fazer ver que a atitude de fácil beligerância é nociva em relação a uma sociedade melhor. Tão nociva como a tendência guerreira é o orgulho de possuir tal tendência, fato verificável muitas vezes. Por isso, Erico expõe o que pode levar a este comportamento: “Deve ser porque o Rio Grande começou com um acampamento militar e seus habitantes passam mais da metade da vida de armas na mão.”<sup>383</sup>

A origem do gosto pelos simulacros de guerra é de ordem ocasional e circunstancial (acampamento militar) de maneira que a beligerância sempre acesa não é necessariamente proveniente da própria natureza humana. EV não deixa escapar nenhuma oportunidade para comentar os horrores, tristezas e prejuízos da guerra, tanto em âmbito local, quando coloca em questão a jactância lutadora do gaúcho, quanto em escala mundial, quando verbera os exploradores que enriquecem com a produção e venda de armas.

(José Lírio) soltou um suspiro que parecia ter saído do fundo do seu peito, mas também do fundo do peito dos mortos da revolução e das profundezas da própria terra que comera a carne dos mortos daquela e de todas as outras guerras – um suspiro sacudido e prolongado, doloroso como um gemido.<sup>384</sup>

O gemido profundo de José Lírio revela o quanto a guerra fere, prejudica e estraçalha com a pessoa humana, mostrando assim como é destrutiva toda a agressividade. E a frase: “Êta mundo velho sem porteira”, que José Lírio repete: “(...) era a sua maneira de protestar contra um mundo sem coerência, sem bondade, sem justiça e sem Deus.”<sup>385</sup>

A expressão “mundo velho sem porteira” quereria ser conclusiva do assunto, mas ao mesmo tempo é aberta à totalidade do mistério do mundo e do homem sem possibilidade de cercá-lo, de retê-lo, de examiná-lo, de compreendê-lo, ou seja, é “sem porteira”. A indecifrabildade se faz mais angustiante porque ela encerra não somente coisas boas mas também coisas ruins. Se a alegria

---

<sup>383</sup> OR2, p. 454. As viagens, as observações e as leituras de EV lhe conferem ampla visão crítica sobre os habitantes do Rio Grande do Sul. A análise não é somente de louvação, mas de procura das causas que levam a tais ou tais comportamentos. Depois de elencar algumas deficiências dos gaúchos Roque Bandeira conclui: “E como é que procuramos compensar estas deficiências? Com gritos, com ameaças truculentas, com patas de cavalo” (OA3, p. 855).

<sup>384</sup> OC1, p. 8.

<sup>385</sup> *Ibid.*, p. 8.



exultante tende a descobrir as causas do regozijo, a dor lancinante tende a descobrir as causas do sofrimento. Tanto uma como a outra se enraízam no mistério onde o olho não alcança, o microscópio não atinge e a razão não identifica nem distingue. A malignidade devastadora da guerra ataca vários setores da vida da humanidade. Atinge a razão e desafia o conhecimento porque o mundo é “*sem coerência*”. Destrói os esforços da vontade e pressiona o comportamento ético porque é um mundo “*sem bondade*”. Desmobiliza o espírito de entendimento e convivência desferindo golpes mortais contra a sã política e contra a sociedade: “mundo *sem justiça*”. Desautoriza o apelo absoluto à partilha e à fraternidade que tem suas raízes na fé, na crença e que leva a humanidade a conviver numa possível “civilização do amor”: “*mundo sem Deus*”. Ora, este mundo assim combalido e corroído até os alicerces merece o protesto sentido de José Lírio<sup>386</sup>.

Ana Terra não somente protesta, mas, muitas vezes, ergue a voz contra as guerras. Ela representa a chamada à lógica dentro dum mundo, que perdeu o juízo. Numa das lutas, na epopéia da formação do Rio Grande, um mensageiro anuncia sorridente: “- Agora todos esses campos até o Rio Uruguai são nossos!”<sup>387</sup> Qual será a reação de Ana Terra?”

Ana Terra sacudia lentamente a cabeça mas sem compreender. Para que tanto campo? *Para que tanta guerra?* Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. (...) Os estancieiros aumentam as suas estâncias. As mulheres continuam esperando. Os soldados morriam ou ficavam aleijados.<sup>388</sup>

É claramente percebida a dimensão negativa e destruidora da guerra: do ponto de vista físico: morte ou ferimento por toda a vida; do ponto de vista da diferença de usufruto: “os estancieiros aumentam suas estâncias... os soldados morriam ou ficavam aleijados”. Por isso Ana Terra não se conforma e questiona como que a procurar na imensidão uma resposta para o seu coração: “e seu olhar perdeu-se vago sobre as coxilhas”<sup>389</sup>.

---

<sup>386</sup> Sobre este assunto veja-se: CHAGAS, Wilson. **Mundo velho sem porteira**. Porto Alegre: Movimento, 1985, 141 p.

<sup>387</sup> OC1, p. 144.

<sup>388</sup> *Ibid.*, p. 144.

<sup>389</sup> OC1, p. 144.



O ânimo beligerante dos homens rio-grandenses é ressaltado novamente (e novamente por Ana Terra) por ocasião do recrutamento, onde o filho de Ana Terra é escalado para a guerra.

Seus olhos (de Ricardo Amaral) brilhavam quando se falava em guerra.

- Faz muitos anos mesmo que a gente não briga. Já era tempo.<sup>390</sup>

Diante dele mesmo se aproxima Ana Terra para solicitar a dispensa do seu filho:

Ana Terra – Seu Marciano disse que o menino (Pedro) tem que marchar também...

- E acrescentou rápida, a medo – “para guerra” – como se esta última palavra lhe queimasse os lábios.

Ricardo Amaral – E que tem isso? Pois ele não é homem? (...) Vosmecê volte para casa. Volte e não conte para ninguém que veio me pedir para dispensar seu filho. Não conte que é uma vergonha.<sup>391</sup>

É que Ricardo Amaral via a guerra sob outro prisma, diferente daquele do coração de Ana em relação ao seu filho Pedro Terra. E, a partir de sua experiência sofrida, ela mesma desabafa com esta análise certa e contundente contra os malefícios da guerra: “*Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que ela não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para ficar aleijado brigando com castelhanos.*”<sup>392</sup>

“Tinha criado o filho” significa o esforço que Ana Terra assumiu de conquistar para alguém todas as condições de viver feliz. Nestas condições construtivas de vida, estão excluídas as guerras: “não” para morrer na guerra. Mas a análise de Ana Terra não parou aí. Não ficou somente na negativa. Tentou *desvendar para quem serviam os incitamentos de guerra:*

Guerra era bom para homens como o Cel. Amaral e outros figurões que ganhavam como recompensa de seus serviços medalhas e terras ao passo que os pobres soldados às vezes nem o soldo recebiam.<sup>393</sup>

---

<sup>390</sup> OC2, p. 140.

<sup>391</sup> OC1, p. 141-142.

<sup>392</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>393</sup> OC1, p. 142. Vale retomar o comentário do botânico francês: “Os habitantes da capitania do Rio Grande estão de tal modo habituados ao militarismo e ao ar carrancudo dos oficiais, que *não acreditam em que uma pessoa simples e honesta possa ter importância*” (OC1, p. 153).



Com este pensamento, Ana Terra vai além do argumento anterior baseado no seu sentimento de mãe e incursiona nos meandros do edifício social, onde o jogo de interesses, mais que o bem comum, determina as atitudes da pessoa humana. Em conseqüência disso, um desabafo como este de Ana Terra é o desabafo mais abafado do mundo.

Para permanecermos em companhia das marcantes figuras femininas de “O Tempo e o Vento”, lembremos algumas passagens de Maria Valéria:

Licurgo – Guerra é guerra... (...) Milhares de pessoas têm morrido nesta revolução por causa de suas idéias. A vida de uma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias.  
Maria Valéria – O seu orgulho, por exemplo.<sup>394</sup>

Os pretensos motivos de guerra – orgulho, neste caso – além de serem em si um elemento desqualificador, ainda causam danos irreparáveis porque passam por cima da pessoa humana: “a pessoa não é tão importante”. O estilo brioso e dramático com que EV narra os episódios das revoluções poderia levar a entender que ele apóia semelhante atitude. A realidade, porém, é totalmente contrária: ele tem horror à guerra. Na revolução de 1923, Erico aponta dois detalhes que fazem refletir sobre a insensatez da luta armada. Primeiro, a narração da guerra em contraponto com a natureza: “Em contraste com aquele espetáculo de violência e absurdo (a guerra) o céu era de um azul puro e alegre, e a brisa fria que soprava do sudeste trazia uma fragrância orvalhada e inocente de manhã nova.”<sup>395</sup>

Segundo, a sensação que perdura: sujeira, tristeza e culpa:

O combate, não lhe causara nenhum medo (a Rodrigo), mas sim, uma exaltação que, cessado o fogo se transformara em asco e tristeza. Não se sentia com coragem de entrar em casa naquele estado. Tinha a impressão de que era um pesteador: não queria contaminar a mulher e os filhos com a sordidez e a brutalidade da guerra.<sup>396</sup>

A casa, o lar, o aconchego representam o crescimento normal e pacífico da pessoa, que vem a ser desmanchado e envenenado pela prática de arruaças

---

<sup>394</sup> *Ibid.*, p. 162. Repassando as lembranças de vida, “Maria Valéria sempre lamentara que os homens não tivessem juízo para resolverem as suas questões – as políticas e as outras – sem duelos ou guerras” (OA1, p. 290).

<sup>395</sup> OA2, p. 328.

<sup>396</sup> OC1., p. 328.



e guerras. O mundo internacional – não só os lares – está eivado de sentimentos armamentistas que comprovam a maldade da guerra:

Vocês vão ver... agora que terminou a Guerra e as fábricas americanas deixaram de receber grandes encomendas de armas e munições, milhões de operários vão ficar sem trabalho. Então o *remédio será criar e alimentar o medo de uma nova guerra*, a fim de que se justifique novo aceleração da produção bélica...<sup>397</sup>

Aqui está um tema de dimensões mundiais onde se concentra o poder da liberdade (tratada anteriormente) ligado ao compromisso de construir o mundo. A recaída para a destruição sempre acontece quando a decisão se inclina para o armamento como o conseqüente acirramento da belicosidade.

Pedro Terra – Tenho pena é desses soldados dos Amarais que morreram e foram enterrados de cambulhada num valo, sem caixão sem nada (...) Muitos ninguém sabe direito como se chamavam (...) Foram enterrados como cachorros.

Juvenal – É a guerra.

Pedro Terra – Eu só queria saber quantas guerras mais ainda tenho que ver.<sup>398</sup>

Como este, podem-se repetir às dezenas os lances em que EV insiste no seu repúdio à guerra como sendo malversação da liberdade e, portanto, destrutiva do bem social. Vejamos como ele conclui este diálogo de Juvenal e Pedro Terra: “Um quero-quero soltou o seu guincho agudo e repetido que deu a Pedro Terra uma súbita vontade de chorar.”<sup>399</sup>

O pranto de um homem forte e imperturbável mostra o quanto é indizível a calamidade da guerra. Calamidade esta que é simbolizada pelo grito estridente do quero-quero, o sentinela dos pampas. Só quem conhece o grito desta ave imagina o quanto de pungente se finca no coração do vivente que experimenta os desmazelos horrendos da guerra.

---

<sup>397</sup> É o comentário de Eduardo em OA1, p. 217. Parece um vaticínio. Vejam-se hoje os dados estarrecedores sobre a corrida armamentista.

<sup>398</sup> *Ibid*, p. 308.

<sup>399</sup> OC1,,p. 308.



## 4 ATITUDES CONSTRUTIVAS DO COMPROMISSO SOCIAL

Não teria sentido a liberdade se os caminhos de construção fossem totalmente barrados. Na saga da formação do Rio Grande percebe-se, dramaticamente, a luta entre as idéias e ações construtivas para suplantar o desmoronamento que se mantém como constante ameaça. A ruína está sempre à espreita e se instala na primeira fissura que houver, procurando desintegrar a harmonia do crescimento humano. Alguns pontos construtivos poderão iluminar ainda mais o pensamento do Autor sobre a liberdade no compromisso social.

### 4.1 A INICIATIVA

Não há construção de edifício social sem a tentativa de edificá-lo. O desenvolvimento não vem por si ou pela lei da inércia e da indolência. Reafirma-se aqui o binômio que perpassa as obras de Erico, em especial “O Tempo e o Vento”, ou seja, *a tensão entre os membros atuantes e os meros espectadores do desenrolar da História*. É neste ponto que se concentra o sentido da liberdade e a força da decisão humana. Deparamos, por exemplo, em Floriano, com a procura de orientar até mesmo o instinto agressivo e guerreiro para uma finalidade construtiva. “Esse instinto agressivo pode ser dirigido num bom sentido *construtivo*, tanto no plano individual, como no social. *Pelo menos devemos TENTAR isso.*”<sup>400</sup>

A palavra “construtivo” serve de base para o título deste item, em que se propugna a liberdade do homem no decidir construtivamente a sua vida social. A formação de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil, sempre é analisada por este fio condutor e esta esperança: a construção duma sociedade digna da pessoa humana. “Tentar”: este vocabulário é colocado em grifo para significar a sua importância. Qual será a sua importância? Antes de mais nada o sentido que ele tem de iniciativa, de rompimento do marasmo, indicando a noção vigente, implícita ou explicitamente, em toda a ação: a esperança de que chegue a bom termo, que se realize, que construa algo de novo e melhor.

---

<sup>400</sup> OA2, p. 571.



Por outro lado, o termo: “tentar”, acrescido pelo reforço anterior: “pelo menos tentar”, vem trazer ao pensamento a possibilidade do insucesso, da frustração. Esta débâcle se configura muitas vezes na história, quando o ser humano, mesmo atuando com esforço, se encontra diante de situações de destruição. É como que o mistério em torno do qual gerações e gerações se debruçam para desvendar a chave da descoberta a fim de abrir as portas dum mundo sem ambigüidade. É o labirinto no qual a pessoa humana está metida e que sempre apresenta duas faces: o sorriso e a dor, o otimismo e o pessimismo, a construção e a destruição. A liberdade pode se tornar tão insistente que se arvora num individualismo. Este perigo real, numa concepção de liberdade mais pendente para um tipo liberalizante, quer ser desfeito pela abertura social de tantos personagens verissianos<sup>401</sup>. Um certo panorama do homem tentando construir uma nova sociedade pode ser depreendido daquilo que Rodrigo se propõe a não ser. O caminho é por exclusão e, em geral, por vias de comparação. “Jamais se entregaria ao desânimo e à rotina.”<sup>402</sup>

Este defeito não tardou a lhe acometê-lo quando se declarava “desiludido”, mas não deixa de propor a idéia preponderante de quem deseja construir. “Jamais seria um maldizente municipal como o Cuca Lopes.”<sup>403</sup>

Criticar e espalhar mexericos não contribui para o bem comum porque não ultrapassa o espírito inquiridor dos fatos para chegar a uma efetiva ingerência nos acontecimentos. “Jamais seria um indolente inútil como o Chiru Mena.”<sup>404</sup>

Claro está que EV ironiza sobre todos estes propósitos, mas, através de sua ironia, chega-se onde ele quer desembocar: fotografar os tipos sociais que não contribuem em nada para despertar e animar os que desejam construir. “Inútil”: este adjetivo, neste caso, não se contrapõe ao direito da pessoa de ser o

---

<sup>401</sup> A construtividade simultânea e intercomunicante do homem no campo individual e social pode ser iluminada por esta consideração: “Ontologicamente ‘tutto individuo e tutto persona’ l’uomo si rivela altresì ‘tutto individuale e tutto sociale in ordine al suo rapporto con la società (...) La persona individua si realizza nella società senza ridursi ad esso e la società è costituita da individui, senza per questo assorbirli indifferenziatamente in si stessa”, in: “CARMAGNANI, Rossana; PALAZZO, Antonio. **Mediazione Culturale e Impegno político in Sturzo e Maritain.** Milano: Massimo, 1985, p. 46. Tradução: “Ontologicamente ‘todo indivíduo e toda pessoa’ o homem se revela também todo individual e todo social em relação com a sociedade. (...) A pessoa individualizada se realiza na sociedade sem reduzir-se a ela, e a sociedade é constituída de indivíduos sem, por isso, absorvê-los indiferenciadamente em si mesma”.

<sup>402</sup> OR1, p. 129.

<sup>403</sup> OR1, p. 129.

<sup>404</sup> *Ibid.*, p. 129.



que ela é e não o que ela produz. Não se trata de uma produtividade meramente numérica e externa. Trata-se da irradiação das potencialidades individuais para um bom clima de realização coletiva e comunitária. O preenchimento do prazer de ser de cada pessoa não se configura num usufruto individualizado e cortado do relacionamento social. Para Floriano:

Estava tudo bem. E estava tudo mal. Sua inquietude e a impressão do desastre iminente perduravam. Seria tudo por causa dos boatos de revolução que andavam no ar? Não era apenas isso. Atormentava-o a idéia de não ser ninguém, de não fazer nada.<sup>405</sup>

O fato de dar-se conta do abismo existente entre o dever de tentar fazer algo e o “não fazer nada” é manifestado pelo tormento e pela angústia. Se não houvesse este dever “estaria tudo bem”, mesmo sem o cumprimento do convite de sair da ambigüidade para a construtividade. No entanto, uma vez ciente do seu compromisso, “estava tudo mal”, isto é, estava de acordo com as falsas atitudes que levam ao desastre. A atitude construtiva vincula o “ser” e o “fazer” porque, normalmente, um se interpenetra no outro. Na dinamicidade histórica do devir não há um sem outro, de maneira que Erico lembra que ambos, “ser” e “agir”, estão em verdadeiro desenvolvimento quando animados pela criatividade. Quem não faz por merecer e espera da “bondade” dos outros, acaba traindo a sua própria personalidade. É construtiva a atitude de tomar as iniciativas necessárias para a realização pessoal e social.

#### 4.2 SUPERAÇÃO DO PROVINCIANISMO

Entre as grandes antinomias que a condição do homem padece, uma delas sem dúvida é o paradoxo de ter de se transcender para se realizar. Bendita antinomia! Um dos grandes propósitos de Rodrigo, no seu ímpeto de construir Santa Fé, foi o de não se restringir à própria Santa Fé. É necessário que a autoconsciência não se transforme em egocentrismo e que o amor à própria terra não se torne um bairrismo. “(Rodrigo) não esqueceria nunca que o mundo não terminava nos limites do município de Santa Fé.”<sup>406</sup>

---

<sup>405</sup> OA3, p. 628.

<sup>406</sup> OR1, p. 129.



No entanto é necessário ter um lugar onde viver, conviver e trabalhar: “Cada homem tem, sim, seu porto, O dele, Rodrigo Terra Cambará era Santa Fé, onde lançara profundamente a sua âncora.”<sup>407</sup>

A abertura para enxergar a realidade sob a luz duma visão mais ampla se refere não somente a lugares, mas tem por finalidade chamar a atenção para a aceitação de novas idéias de progresso. É que o perigo de fechamento se faz sentir fortemente diante da insegurança frente às novas maneiras de pensar e de viver que se afiguravam no Rio Grande, na passagem da sociedade agro-pastoril para a era industrial. Um exemplo de tal fechamento se evidencia no caso acontecido antes da fundação de Santa Fé: trata-se do homicídio de Pedro Missioneiro, perpetrado pelos irmãos de Ana Terra, a mando do pai. O modo apressado, progressivamente concatenado e cruelmente estarrecedor com que EV narra o episódio demonstra, por si só, quanto o autor desautoriza e condena tal procedimento. Procedimento este, que é feito até por homens chamados “homens de bem”, mas reconcentrados em si mesmos, apoiados no comando egocentrista e amarrados a costumes locais dum mundo fechado, agressivo, sem diálogo. Comportamentos hermeticamente cerrados, como que em conserva imutável, sem a mínima interlocução com as partes interessadas não contribuem para a paz e para o entendimento. “Seus irmãos eram assassinos. Nunca mais poderia haver paz naquela casa. Nunca mais eles poderiam olhar direito uns para os outros.”<sup>408</sup>

“Olhar direito uns para os outros” vem a significar a presença do outro, a alteridade, onde sua valorização vem quebrar o isolamento, o egocentrismo e a auto-suficiência. “Uns para os outros” significa a linguagem do relacionamento interpessoal, que inaugura uma sociedade onde o mútuo respeito e a recíproca valorização dão a tônica do entendimento e do contentamento. Tal não acontece quando a voz do outro é abafada e quando o problema próprio é supervalorizado: “A honra, a honra, a honra! – dizia Ana com voz rouca, agarrando com força os ombros da mãe. A honra, mãe. Ele vai me matar.”<sup>409</sup>

---

<sup>407</sup> *Ibid.*, p. 129. Erico se inspira no poeta Lamartine, citando-o e contraditando-o: “L’homme n’a point de port, le temps n’a point de rive: il coule, et nous passons!”

<sup>408</sup> OC1, p. 106.

<sup>409</sup> *Ibid.*, p. 106.



“A honra” representa aqui não a defesa de um quadro objetivo de valores mas a autodefesa contra possíveis acusações dos outros. Tal atitude caracteriza uma volta sobre si mesmo e uma vivência de mundo em que o eixo é centrado sobre si mesmo. Deste cuidado cioso da própria honra e do próprio nome brotam atitudes desumanas em relação ao outro: “Para Maneco Terra a filha estava morta e enterrada: não tomava conhecimento de sua presença naquela casa.”<sup>410</sup> Semelhantemente, os irmãos de Ana Terra: “(...) quando voltaram... ouviram choro de criança na cabana (choro de Pedrinho, filho de Ana), mas não perguntaram nada nem foram olhar o recém-nascido.”<sup>411</sup>

Pode parecer de somenos importância, mas não é por nada que Erico aponta o egocentrismo como uma reação imediata, quase automática. Por mais que o homem esteja aberto aos acontecimentos mundiais, ele percebe quase que instintivamente, e em primeiro lugar, a repercussão dos fatos em relação a ele mesmo. Em relação ao seu bem-estar, aos seus desejos, aos seus planos.

- Rebentou a guerra na Europa! (...)  
- Adeus, viagem a Paris! – exclamou Rodrigo sentando-se, prostrado, numa cadeira.<sup>412</sup>

Antes da crueldade objetiva da guerra, Rodrigo sentiu as conseqüências da guerra em relação aos seus caprichos e à sua vontade. Tudo indica que ele ficou “prostrado” na cadeira, não pelos seus sentimentos de dor por causa da guerra, mas por causa do cancelamento de sua viagem a Paris. Só depois de maior reflexão, secundada pelo diálogo com o Cel. Jairo, é que os horizontes se tornam menos egocêntricos e mais socializados: “A conflagração vai ser geral. As bestas apocalípticas andam de novo às soltas. Pobre humanidade!”<sup>413</sup>

O termo “humanidade” vem recuperar a verdadeira preocupação do homem sensível à construção duma nova sociedade. Deste modo, a virtude maior da maturidade é a abertura à peculiaridade e ao crescimento do semelhante. Note-se, de novo, um exemplo de Ana Terra. Se ela fosse doentamente apegada seria bem admissível que ela se lamentasse pela separação da cunhada Eulásia. Eulásia se casa de novo e sai de junto de Ana

---

<sup>410</sup> *Ibid.*, p. 106.

<sup>411</sup> *Ibid.*, p. 106.

<sup>412</sup> OR2, p. 439-440.

<sup>413</sup> *Ibid.*, p. 440.



Terra exatamente quando o filho de Ana Terra estava longe, na guerra. Mas Ana Terra não pensa em si, nem no seu sofrimento, nem na sua solidão. Ela pensa e deseja o bem de Eulásia e Rosa: “*O principal é que vosmecês vivam direito e que a Rosinha tenha quem cuide dela. Assim, Eulásia e a filha mudaram-se para outro rancho. E Ana Terra ficou sozinha em casa.*”<sup>414</sup>

A lamentação seria um jeito de chamar atenção sobre si mesma. E o exagerado apego à Eulásia, - que haveria no caso de Ana Terra não deixá-la partir – seria fruto dum egoísmo inimigo do crescimento.

A sensibilidade de Sílvia não deixa de tecer considerações sobre as atitudes construtivas de Bento na sua capacidade de colocar-se a serviço de todos:

Eta Bento velho! Pau para toda a obra tanto em tempo de paz como em tempo de guerra. Pedia pouco, dava muito. Era parco de palavras, sóbrio no comer e no beber. (...) Qual seria o segredo daquele homem? Onde as fontes daquela tremenda vitalidade, daquela *incorruptível capacidade de ser amigo, de servir, de manter-se fiel?*<sup>415</sup>

Referente ao bairrismo ou também, egocentrismo, ambos têm em comum o fechamento em si mesmos e ambos recebem sempre de novo pulsações da realidade que os fazem eclodir. Já no final do segundo volume do “Solo de Clarineta” EV escreve, citando H. Marcuse: “A realidade humana é um sistema ‘aberto’. Nenhuma teoria (...) pode impor-lhe uma solução.”<sup>416</sup>

#### 4.3 PONTES DE UNIÃO E DE AMIZADE

Dentro das atitudes e momentos construtivos para a sociedade não poderíamos deixar de lado a amizade. Não são poucos os exemplos de profundo entendimento que criam entre as pessoas a atmosfera de confiança, do desenvolvimento de aptidões e qualidades. Iniciamos lembrando a amizade que

---

<sup>414</sup> OC1, p. 143.

<sup>415</sup> OA3, p. 773. Seria o caso de lembrar que tanta bondade servil, ótima em si mesma, pode ser usada e explorada por amigos, insinceros ou por patrões ladinos. Bento, no entanto, é bem esperto porque faz uma pergunta felina a Rodrigo, quando este chega a queimar a bandeira do Rio Grande na festa de estabelecimento do Estado Novo: “Mas carecia mesmo queimar a bandeira do Rio Grande?”.

<sup>416</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 318. v. 2.



se formou entre o Pe. Lara e o cap. Rodrigo. Ambos, meio a contragosto, aceitaram crescer a partir da experiência do outro, mesmo apresentando visões muito diferentes e até contrastantes sobre os mais diversos assuntos:

Por fim o vigário confessou:

- Quer que eu lhe diga uma coisa. Gosto de vosmecê. Pode ficar certo disto. Gosto.

- Pois me alegre, vigário, me alegre.<sup>417</sup>

O relacionamento social construtivo passa pela confiança e aceitação do outro, sem o mundo seria insuportável. Os tempos áureos vividos por Rodrigo – antes de sua corrupção nos quadros do governo – eram bafejados pelo apoio dos outros, o que lhe facilitava o desejo de realizar grandes coisas: “A certeza de ser querido, admirado, dava-lhe uma cálida e reconfortante sensação de confiança em si mesmo e na vida, um comovido desejo de ser bom, de fazer coisas grandes e belas.”<sup>418</sup>

O apoio intersubjetivo constrói a base e dá colorido a toda a personalidade. Não somos frutos somente da materialidade em evolução, nem somos resultado dum cálculo lógico ou duma compreensão exata da idéia de ser. Somos afeitos a ser o que somos, a aceitar e a assumir aquilo que queremos ser, através da mediação do outro, com o qual palmilhamos os caminhos da existência. Também não nos contentamos em sermos joguetes bem encaixados duma engrenagem social, em que a máquina toma o lugar da pessoa, em que ninguém é de verdade “querido” e “admirado”. Este sentido humano a ser recuperado pelo homem de hoje é sempre de novo apresentado por EV e está na base não só da iniciativa para a construção duma nova sociedade (“fazer coisas grandes e belas”), mas também é componente essencial dum ritmo permanente da realização adequada da sociedade. Mais. A união das pessoas pode ser um fator de pressão social para poder ter voz ativa na condução dos rumos da justiça. Marco Lunardi manifestava sua insegurança diante das ordens de Titi

---

<sup>417</sup> OC1, p. 206. Um dos diálogos perfeitos entre o padre Lara e o capitão se encontra em “O continente”, p. 197- 206.

<sup>418</sup> OR1, p. 75.



Trindade. Rodrigo lhe sugere: “Dependia de vocês *todos se unirem* e falar grosso.”<sup>419</sup>

“*Falar grosso*” significa conquistar um espaço, conseguir fazer ouvir a sua voz e seus direitos. Isto acontece quando a pessoa está alicerçada numa sólida confiança de segurança intersubjetiva e de clarividência da situação. Tal união é de todos, portanto requer uma grande qualificação da linguagem intercomunicativa. A união depende de todos (“*todos se unirem*”) mas a desunião depende de um só. Todos são necessários para unir, enquanto que chega um só para desunir. Tendo um que desmancha o elo da corrente, opositor se acha com o poder na mão.

O confronto diante das lutas sociais, pelo menos a longo prazo, vem a exigir uma base de segurança pessoal que, nestes próximos dois exemplos, assume nuances diferentes. O primeiro exemplo é o da amizade e troca de idéias entre Roque Bandeira e Floriano. Desta troca de idéias surge o segundo exemplo: a procura de entendimento entre Floriano e seu pai, Rodrigo. Começemos por este último.

Roque Bandeira – Entendam-se como seres humanos. Manda pro diabo o código do Sobrado. Abra o coração para o Velho. Mas abra também as tripas, sem medo. Se for necessário, primeiro insultem-se, digam-se nomes feios, desabafem: numa palavra limpem o terreno para o entendimento final. O importante é que depois fiquem os dois, um diante do outro, psicologicamente despídos, nus como recém-nascidos. Estou certo de que nesta hora algo vai acontecer, algo tão grande como existir ou morrer...

Floriano – Ou nascer de novo – completa Floriano.<sup>420</sup>

O aspecto da presença e da importância do outro com pleno direito à alteridade é ressaltado pelas expressões: “um diante do outro” e “entendam-se com seres humanos”. A diafaneidade e coerência de ser e dizer o que cada um é vêm indicada com fortes frases, tais como: “abra o coração”, “abra as tripas”, “desabafem”. Tais expressões indicam que as pessoas estão unidas totalmente, visceralmente umas às outras. Que esta abertura de um para outro seja o que há

---

<sup>419</sup> OA2, p. 394. Esta maneira de ver a união entre as pessoas não contradiz mas completa a amizade de cunho mais interpessoal. Aquela sem esta corre o risco de permanecer intimista. Esta sem aquela corre o risco de ser apenas demagógica.

<sup>420</sup> OA2, p. 394.



de mais importante e decisivo na vida depreende-se do fato de se concluir assim: “vai acontecer algo tão grande como existir ou morrer... ou nascer de novo”.

O encontro intersubjetivo quanto mais pleno possível é o que mais preenche as aspirações da pessoa na vibração de seu existir. Tal satisfação profunda se prolonga em atitude construtiva para com toda a família humana. A pessoa, uma vez compreendida, passa verdadeiramente a ser pessoa. A realização mais radical e decisiva da existência humana não consiste somente na insistência da reflexão individual, nem apenas na admiração da natureza infra-humana, nem na busca de valores abstratos e impessoais, nem na transformação técnica e científica do mundo, mas consiste, isto sim, no fato de que o homem é interpelado e compreendido como pessoa humana por outro ser humano, na palavra, no amor, na ação. Aí está o “existir ou o morrer”.

Depois de averiguar a importância da abertura e do entendimento entre Floriano e Rodrigo, passemos a relatar a amizade entre Roque Bandeira e Floriano. Seu significado profundo é atestado pelo próprio Floriano: “Tive esta noite uma longa e para mim proveitosa conversa com o Bandeira, o agente catalisador, o provedor de catarses, o carminativo espiritual.”<sup>421</sup>

Sem dúvida, EV quer reafirmar a relevância do inter-relacionamento gratuito para a construção do homem novo. Além disto, nas entrelinhas, o modo com que Roque Bandeira mantém o diálogo nos ajuda a *distinguir o genuíno conselheiro-amigo do falso conselheiro-explorador*. O primeiro serve por servir. O segundo finge ajudar para poder dominar. Do contexto e do desenrolar de todo o diálogo<sup>422</sup>, podem-se enumerar as seguintes qualidades do conselheiro-amigo:

- é profundo na visão das coisas sem contudo ser arrogante nem exclusivista;
- já lutou, já sentiu a dureza da vida, já venceu e já curtiu incompreensões, mas ele não se queixa das amarguras e, nas vitórias, não atribui o sucesso exclusivamente a si;

---

<sup>421</sup> OA2, p. 399. Sabe-se que muitas pessoas procuravam orientação junto de Erico Verissimo tanto para a profissão, quanto para a vida. No dizer de todos, ele foi bom amigo, mentor e conselheiro.

<sup>422</sup> OA2, p. 376-393. Importante diálogo que inicia junto à figueira e vai terminar na Confeitaria Schnitzler. Outros momentos privilegiados de diálogo: a conversa do médico Carl Winter com Juvenal (OC2, p. 406-409), com Bibiana (OC2, p. 418-423) e com Bolívar (OC2, p. 444-453).



- sabe escutar, mesmo quando estaria planejando outros afazeres (Roque Bandeira várias vezes fez ver que estava com fome, mas continuava escutando);

*Erico atribui grande valor ao diálogo, à amizade, à busca de orientação das pessoas em meio aos diversos dramas e em meio às grandes indagações do ser humano na sua trajetória na terra. Sempre que tal orientação interpessoal é qualificada, há um incremento na construção de uma sociedade melhor. A ausência de amizade e de diálogo ou a falsidade no aconselhamento sempre levam à constatação de um desserviço para com a sociedade<sup>423</sup>. A análise da realidade é fria quando não condimentada pela comunicação amigável entre as pessoas. A ajuda é meramente funcional e técnica quando não animada na colaboração. Não há construção da sociedade, portanto, nem objetivo da vida sem a aceitação do outro.*

Não devia estar analisando meu irmão dessa maneira mas sim procurando ACEITÁ-LO tal como ele é. Sim, e amá-lo. Principalmente amá-lo. A ele e a todos os outros. Talvez seja esse o caminho da minha... (Até em pensamentos lhe soa falsa a palavra SALVAÇÃO). *Construir pontes e outros meios de comunicações entre as ilhas do arquipélago – não será mesmo o supremo objetivo da vida?*<sup>424</sup>

Desta frase de Floriano concluímos: O amor faz a síntese concreta entre o saber e o agir. Para a construção da pessoa e da sociedade nela melhor que pontes de união e amizade onde as pessoas não se distanciam, mas se comunicam e convergem para um sentido único de realização.

---

<sup>423</sup> Observe-se mais um exemplo da valorização do diálogo na amizade entre C. Winter e Bibiana. A amizade é clima, é ambiente, é espaço, é encontro onde pensar juntos a vida. A observação da realidade, os comentários, as propostas, a mútua valorização, o esperar a hora de cada um se abrir, a sinceridade, o amigável confronto de opiniões, tudo isso presta uma indispensável contribuição ao ser humano para lhe sustentar a identidade, para lhe temperar a liberdade e para situá-lo na sociedade. A idade, a vida, a morte, a paz, a guerra, a briga entre Luzia e Bibiana, o sentido da existência, é o dia-a-dia que vai sendo lembrado, revisto e repassado a dois (OC2, p. 649-654).

<sup>424</sup> OA2, p. 560. “Construir pontes”: Junto com o nosso mundo de análise é preciso construir o mundo de síntese: “construir pontes”. Neste intuito se concentram grandes esforços da Filosofia da Linguagem.



## 5 CRITÉRIOS PARA UMA ADEQUADA AÇÃO SOCIAL

*“Falando sério, me parece que a solução estará numa sociedade realmente baseada no princípio de que não há nada mais importante do que a criatura humana, sua dignidade e seu bem-estar” (OA1, p.224).*

A pessoa, nas diversas alternativas do compromisso social, não age normalmente só por intuição, mas busca referências para a decisão. Os pontos de referência, enquanto examinados, comparados, sopesados, inter-relacionados, se constituem nos critérios de decisão e ação. O homem, além disso, quando decide e age, em geral, não é a primeira vez que o faz. A memória serve-lhe de poderoso adjutório no sentido de reter lembranças práticas e de conservar critérios de julgar que, na hora oportuna, emergem e se apresentam para serem utilizados. Assim a pessoa humana vai formando e se formando através de critérios para agir. Nos acontecimentos do Rio Grande e do Brasil, EV cuida de analisar o compromisso social das figuras humanas aí envolvidas. Desta análise, mesmo que Verissimo não os chame assim, colhem-se critérios que podem enriquecer o estudo sobre a liberdade comprometida no desenvolvimento da sociedade. Completando, pois, a visão do compromisso social, é de grande importância apresentar alguns critérios para uma ação adequada do homem na sociedade, procurando, assim, diminuir-lhe a ambigüidade e incentivar-lhe a eficácia construtiva.

### 5.1 PRIMEIRO CRITÉRIO: AGIR SEM ESPERAR SOLUÇÕES EXTRATERRENAS

Teria negado EV a Providência? Às vezes, parece que sim, dada a dificuldade de harmonizar a ação do homem e a ação de Deus. Analisando o conjunto da obra de Erico, não se percebe a negação de um Deus Providente - mas, *notando bem – conquanto que a idéia ou a existência desse Deus Providente, não venha abafar, inibir ou desincumbir o homem de sua tarefa.* Pretendemos reforçar o valor antropológico e cultural do homem quando engajado, atuante, propugnador da justiça e do bem comum. Ressaltamos, pois, que não é tanto a afirmação dum Deus Providente, mas principalmente a maneira



com que é explicada e vivida a relação com Deus, numa linha providencialista, que atrapalha, anestesia e até destrói a atuação verdadeiramente consciente, corajosa e inovadora no campo social. O fato de não entender tudo sobre o relacionamento Providência-Ser humano, não deveria levar a negar a Providência para “facilitar” a compreensão. O fato de não fazer nada no campo social não deveria levar a uma afirmação de que a Providência faz tudo, para facilitar ao homem de sua inércia uma explicação. Maria Valéria, trazendo a herança dum passado harmônico, ao assistir o desmantelamento do Clã Cambará, volta naturalmente ao sagrado para reencontrar a síntese perdida.

Maria Valéria tirou o toco de vela do castiçal, inclinou-se e cravou-o no chão.

- Pra que é isso? – perguntou Floriano.

- Uma promessa para o Negrinho do Pastoreio.

A velha ergueu a cabeça e fez um sinal na direção do Sobrado.

- É pr'aquela gente achar o que perdeu.<sup>425</sup>

Maria Valéria quer recuperar a imagem, a paz, o bom relacionamento entre as pessoas numa visão sacra das coisas, simbolizada na vela, na promessa, na lembrança do Negrinho do Pastoreio. Floriano já vive num outro mundo, onde impera o cientificismo e onde o antropocentrismo tem grande cotação. Entre o reviver o passado, eliminar o “sagrado”, medeia um amplo espaço em que o homem moderno e pós-moderno podem repensar, através de experiências sempre novas, todas as dimensões do sentido de sua vida. Esta atitude de não viver alienado na compreensão das coisas é sempre renovada. Veja-se esta frase do Cel. Jairo ao padre Astolfo: “A vossa fé diz respeito às coisas e às almas do outro mundo ao passo que estamos precisando duma fé que ponha em ordem as coisas e a gente DESTE mundo.”<sup>426</sup>

O grifo (“DESTE mundo”) esclarece a tônica intraterrena da procura de ordem e solução para os problemas. Mesmo que o autor utilize a palavra “fé” (“fé

---

<sup>425</sup> OR2, p. 611. Ao apresentar este critério não pretendemos descrever e distinguir quais são, nem se são verdadeiras, nem como agem as entidades sobrenaturais. Usamos o termo “soluções extraterrenas” de maneira abrangente, para significar toda e qualquer força mágica ou entidade sobrenatural sob o ângulo da sua interferência na liberdade do homem ao construir a sua sociedade.

<sup>426</sup> OR2, p. 538. EV critica muitas vezes e energicamente, não o sentimento religioso, que ele respeita, mas os seus desvios repressivos e anti-humanos. Critica também os que oprimem e comandam através de teorias religiosas que favorecem aos dominadores, “usando” até da credulidade das pessoas.



que ponha ordem às coisas”) colocando o homem como o artífice último e completo de seu mundo. O que volta a aparecer nesta frase: “A humanidade necessitava e necessita ainda hoje duma doutrina de caráter geral, uma doutrina social e religiosa capaz de constituir um regime para esta nossa época desencantada.”<sup>427</sup>

Com diálogos curtos, às vezes, EV flagra e colhe a facilidade com que muitas pessoas apelam para um esquema e um paradigma teocêntrico das coisas do mundo. Enquanto outras pessoas, mais inseridas no dia-a-dia, pendem automaticamente para a valorização do trabalho do homem.

O marista sorriu-lhe dizendo:

- Enfim chegamos, com a graça de Deus.

- De Deus e do maquinista – completou Maneco Vieira.<sup>428</sup>

Entrando, de relance, no mérito da questão que aborda a existência e a atividade conjunta entre causa primeira e causas segundas, EV constata a real e concreta participação do homem nos acontecimentos e realizações: “De Deus e do maquinista”. Além disso, Erico não contrapõe, antes sugere uma certa mútua complementaridade entre a ação de Deus e a do homem. Não diz “corrigiu”, mas “*completou*” Maneco Vieira. O “completo”, o integral, o inteiro, na construção da sociedade é a co-participação de ambas as presenças: humana e divina. Mas como, na prática, o mundo das soluções sacrais vem quase sempre à tona, e vem quase sempre encolher o ímpeto do homem inserido na história, EV julga necessário lembrar que esta visão é muito parcial, incompleta, e insiste no critério de agir sem esperar soluções extraterrenas.

Quanto a esta “colaboração” entre Deus e o homem no que se refere à construção duma ordem social não existe somente a disjuntiva do “sim” ou do “não”. Para maior esclarecimento, enumeramos quatro posições que incidem no pensamento e na ação do homem.

a) O mais radicalmente naturalista é o posicionamento que sustenta o seguinte: o homem, somente, através de suas capacidades e de sua

---

<sup>427</sup> OR2, p. 537. No que se refere à omissão do empenho para as coisas deste mundo, o Concílio Ecumênico Vat. II, da Igreja Católica, afirma “a mensagem cristã não desvia os homens da construção do mundo nem os leva a negligenciar o bem de seus semelhantes, mas antes os obriga mais estritamente por dever a realizar tais coisas”. In: Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”. **Compêndio do Vaticano II**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 178.

<sup>428</sup> OR1, p. 69.



instrumentalização, conduz a própria história, não havendo nada de bom ou de ruim além daquilo que o próprio homem prepara e realiza. Esta linha nega diretamente a colaboração dum Ser Supremo ou de outras forças sobre-humanas. Neste caso a liberdade do homem seria absoluta e o seu abandono nas mãos da divindade seria impossível.

b) O posicionamento naturalista prático ou não se preocupa com a “colaboração” de Deus ou tem muitas dúvidas sobre ela. Não discute e nem sabe certo se existe a interferência “do Alto” mas, na prática, não conta com ela. Não sonha com a possibilidade – embora futurível – de que Deus “dê uma mãozinha” para ajudar o homem a ser feliz e a construir o futuro. Liberdade? Relativa. Abandono? Nulo.

c) O terceiro posicionamento se caracteriza pela certeza de que a ação de Deus é importante e decisiva na história, no ser humano, mas não prescinde da ação importante e decisiva do homem. Homem e Deus decidem os caminhos da História, através duma liberdade vinculada da parte do homem e absoluta da parte de Deus. Deus deixa ao homem, no que atinge a sua autoconstrução, tudo o que, segundo a natureza de ambos, é possível deixar. O homem tem caminho aberto, através de sua liberdade, de construir o máximo por si mesmo, menos aquilo que ele por natureza não consegue. Por exemplo: o homem, na sua liberdade, não tem força para criar o mundo, mas tem força de transformá-lo. O ser humano não “inventou” a água, mas é encarregado da gestão dos recursos hídricos. Há uma ação supercriatural e uma ação criatural. Deus apresenta ao homem a liberdade fundamental; o homem tem a seu encargo a decisão de agir de modo ligado e livre. Liberdade? Relativa. Abandono? Condicional.

d) Num quarto posicionamento – o providencialista – a ação de Deus é tão grande, abrangente, decisiva e determinante que o homem não precisa agir, pensar, inovar, defender seus direitos e lutar. A realização vem “de mão beijada”, sem a colaboração ou com uma ação apenas apagada em relação ao papel do homem no mundo. Liberdade? Nula. Abandono? Total.

Trazendo estas quatro propostas, fazemos saber que Floriano se inclina para a primeira alternativa, especialmente nesta sua afirmação:

Não expressei ainda em nenhum livro a convicção que tenho de que o homem *por seus próprios meios, sem contar com o apelo*



*de forças sobrenaturais*, pode melhorar a sua vida e a de seus semelhantes na terra.<sup>429</sup>

Esta frase, no entanto, delimita o campo de ação em que o homem pode e deve agir, sem esperar o concurso do sobrenatural: “melhorar a sua vida e a de seus semelhantes na terra”. Silencia, portanto, a existência ou a interferência do divino em outros planos ou em outras dimensões que porventura existirem. Neste sentido, Floriano se inclinaria para o terceiro posicionamento, acima referido, em que se descarta a passividade e se atribui ao homem a construção da nova sociedade. O Irmão Toríbio lembra: “Segundo Bernardo, o maior pecado de todos é o pecado contra a esperança. Não devemos matar essa flor tão rara na aridez da nossa época.”<sup>430</sup>

A esperança indica que o homem se lança para a construção de algo novo e bom, sem o que não haveria élan para o compromisso. O que se pergunta é *donde nasce, como se mantém e a que aspira a esperança?* Por uma força intrínseca e renovadora da própria natureza de cada ser humano? Ou pela confiança na interferência do Onipotente ou dum Ente Superior que venha realizar o que o homem ansiosamente aspira? Para obviar o perigo duma “esperança mágica”, duma esperança de conto de fadas, Roque Bandeira pondera:

Repito que temos de nos habituar a tomar nossas *decisões sem contar com a ajuda divina* e sem pensar no castigo ou no prêmio, numa outra vida. Nossa vida é aqui e agora. Esse tal radiograma Western que vocês vivem esperando do Altíssimo nunca chega.<sup>431</sup>

A insistência de EV parece advir da observação de que, na vida real, as pessoas estejam tão acostumadas a esperar acomodadas a ajuda sobrenatural, que são assim até mesmo inconscientemente. É por este motivo que o pensador Roque Bandeira sugere que o hábito adquira orientação diferente: “*Temos de nos*

---

<sup>429</sup> OA3, p. 944. O Cap. Rodrigo não nega a confiança em Deus, mas recrimina o imobilismo errôneo daí proveniente: “É que esses caboclos aprendem na luta dura desde pequeninos. Não podem confiar em Deus e ficar parados”. (OC1, p. 206).

<sup>430</sup> OA3, p. 943.

<sup>431</sup> *Ibid.*, p. 943. Pergunta-se: como pode haver um critério de agir sem levar em conta um Ser Superior, se, como vimos na primeira parte, Deus é o fundamento da liberdade? Sim, Deus é o fundamento da liberdade como um dom, ou seja, na sua “dadidade”, mas é o próprio homem que é o fundamento da orientação do exercício da liberdade, que a decisão. Deus, destarte, pode não ser negado como força criadora, mas pode não ser solicitado, pelo menos explicitamente, como instância referencial da decisão.



*habituar* a tomar as decisões sem contar com a ajuda divina”. É bom substituir o hábito providencialista pelo hábito de assumir plenamente as decisões para as realidades do mundo. Deste modo pode-se, inclusive, aceitar a presença de Deus, *que não confirme a resignação histórica e que não justifique uma acomodação nada combativa diante das injustiças e das escravidões.*

Licurgo traz outro motivo para afirmar a ação do homem como titular pleno de seus atos. Se a ação fosse toda de Deus, o homem não teria nem mérito nem demérito. E o pior: dos males quem teria a “culpa” seria Deus mesmo. Licurgo filosofa: “Este mundo parece andar mesmo sem governo. Não há bom senso, não há justiça. Pessoas direitas sofrem; canalhas gozam. Inocentes pagam pelos pecadores. Nem sempre o justo e o bem triunfam.”<sup>432</sup>

Se os males são atribuídos ao homem, a ele deve ser também atribuída a capacidade de fazer o bem. Se esta capacidade lhe é totalmente retirada, o homem não seria livre e nem poderia ser acusado de injustiça. Segue, então, a conclusão de que é critério do compromisso social atribuir ao homem a construção da sociedade, vencendo os males e incrementando os empreendimentos positivos.

Mais uma razão de não esperar tudo de Deus, de saber que são os homens que têm em mãos a escolha e a decisão das coisas é o fato de que grupos de idéias divergentes e de facções beligerantes, todos, querem ter Deus de seu lado. Mas se o mesmo Deus estivesse incentivando ao mesmo tempo grupos antagônicos em guerra, como se poderia conhecer a sua unidade? Ou há lutas entre forças superiores inimigas entre si, incorporadas em guerreiros, *ou as ações divergentes e beligerantes provêm da escolha livre do homem*, sendo ele responsável pela caminhada histórica das civilizações do globo terrestre. “Mesmo quem observar a Revolução com cuidado achará difícil dizer de que lado está Deus.”<sup>433</sup>

---

<sup>432</sup> OC2, p. 470. O autor não fala sobre isso, mas a partir do princípio autodecisório, será um falso critério atribuir toda a maldade do mundo a um ente sobrenatural, malévolos e destruidor, princípio de todo o mal. Isto invalidaria e, conseqüentemente, desculparia o homem do seu compromisso.

<sup>433</sup> OC2, p. 470. Trata-se da Revolução de 1893 entre federalistas e republicanos.



## CONCLUINDO:

O compromisso social não pode conviver com o providencialismo. É necessário que o homem tenha diante dos olhos o critério de que a ele, à sua liberdade, à sua decisão é atribuída a construção da nova sociedade. É necessário que o homem se habitue a assumir a sua tarefa com empenho pessoal. Tal critério destrói o paternalismo e conduz a decisões significativas no campo social.

### 5.2 SEGUNDO CRITÉRIO: VALORIZAR O PASSADO SEM SE FIXAR NO TEMPO

A dialética universal da transmutação histórica entre o inovar e o conservar apresenta em “O Tempo e o Vento” aspectos locais, próprios e merece muita atenção do Autor. Notamos um primeiro núcleo de preocupação em torno da permanência da figura do gaúcho diante da vinda de outras populações e diante da industrialização. Um segundo núcleo de preocupação, num substrato mais profundo, reside na dúplice ocorrência de mudança social. Mudança social mais facilmente identificável à primeira vista, mas menos radical, é aquela que consiste na simples mudança ou troca de *hábitos ou manifestações externas* dum grupo humano. A mudança mais radical, menos comentada, menos percebida é aquela que se realiza na dimensão dos *valores subjacentes e básicos* duma sociedade. Como valorizar, então, o passado sem se fixar no tempo? Eis o comentário do guasca Maneco Vieira diante da descoberta do aeroplano: “Pois é. Onde se viu homem voar? Deus fez o homem para andar com os pés na terra ou então montado no lombo de um cavalo. Voar é para passarinho.”<sup>434</sup>

Até Deus é lembrado para comprovar o costume de manter os hábitos consuetudinários. O que será que leva o homem a apegar-se tanto ao passado? Será a experiência de desumanização que muitas vezes acompanha as mudanças e as novidades? Será a inclinação natural à inércia ou à estereotipia?

---

<sup>434</sup> OR1, p. 52. Nesta distinção entre manifestações superficiais e valores subjacentes para fins de conhecimento dum grupo social que, a nosso ver, calha perfeitamente com a idéia de EV, nos inspiramos em DE AZEVEDO, Marcelo Carvalho. **Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação**. São Paulo: Loyola, 1985.



Será a crença implícita de que tudo volta “na mesma”, nos moldes dum “eterno-retorno” cíclico? Será o medo inconsciente da perda do poder que, em novas condições, passaria às mãos de outros? Será a insegurança diante do declínio de manifestações tradicionais e periféricas? Ou será medo de que com a queda das manifestações externas e com a queda de símbolos consagrados irão decair também os verdadeiros valores subjacentes a tais símbolos e a tais manifestações?

Estas ou semelhantes perguntas irão se constituir em focos de inspiração para um critério amadurecido de ação social em meio à mudança. O critério que iluminará as questões e as soluções se direciona no sentido de não se apegar tanto ao passado como que numa fixação, nem arrojá-lo para o futuro com meras mudanças epifenomênicas sem pensar nos valores subentendidos e, talvez, por isto mesmo, mais decisivos. *O que importa, pois, não é nem o passado pelo passado nem a mudança pela mudança. O que importa é o passado pelas lições e a mudança pelos valores.* Ambos se historicizam através de manifestações externas que deverão passar pelo crivo do genuíno contributo para a dignidade da pessoa humana.

O advento de grandes mutações econômicas, técnicas e industriais vem caracterizar uma nova conjuntura: Rodrigo argumenta com Toríbio:

Representas o Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heróico, sim, não há dúvida, mas selvagem e retardatário. (...) Sou também pela manutenção das tradições de honra e de coragem de nossa terra. Mas também sou pelo progresso. Um dia o automóvel vai desbancar o cavalo.<sup>435</sup>

O tempo passado evidenciou valores a preservar, como “o Rio Grande heróico” ou como as “tradições de honra e coragem”. Estes valores deverão permanecer, mesmo deixando a moldura do quadro, isto é, “um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo”. É neste sentido que o progresso e o automóvel vão “desbancar o cavalo”.

---

<sup>435</sup> OR1, p. 108. Cada forma de sociedade, ao mesmo tempo que se encarna, se limita; ao mesmo tempo que se realiza, se limita. Portanto, clama por superação. Quem não tem uma escala de valores e quem não faz revisão de sua validade acaba caindo no fanatismo que é a absolutização da parcialidade.



O critério de não se ater às expressões do pretérito reforça grandemente a afirmação da liberdade, no sentido de *que o homem não é um ser condenado à repetição*, mas é um ser capaz de criatividade. Aliado a isto, relaciona-se a busca de valores com o compromisso social. *O compromisso social é com a pessoa humana e seus valores, sem estar preso aos fenômenos superficiais, preteríveis, duma determinada época.* No entanto, o cuidado de não apagar os valores junto com o demudamento das manifestações externas será sempre requerido. Mas a atenção e o cuidado não deverão se transformar em medo e estagnação. Dentro deste universo passível de mutações está a realidade do Rio Grande com suas expressões, suas verbalizações, seus símbolos, suas palavras. Dentro disso, para EV, a adequada ação de progresso consiste, entre outras coisas, em desmistificar a intocabilidade das próprias crenças, palavras e expressões. Ficar-lhes preso significa estacionar no tempo.

Nosso comportamento político e social (...) tem sido muitas vezes condicionado pela mitologia e por nossos hábitos verbais. Quando nos vemos diante dum problema que exige habilidade técnica, política ou diplomática, viramos centauros e metemos as patas.<sup>436</sup>

“Habilidade” vem a indicar concretamente a dimensão da ação dentro duma sociedade, com chances de empenho e criatividade. “Comportamento... condicionado” aponta para o exagerado papel que exercem os influxos mitológicos e as expressões do passado. Tais realidades “de antanho” são representadas pelo termo “centauro”, indicando a figura intrépida de super-homem atribuída ao gaúcho. Veja-se, continuando esta linha de pensamento, que uma coisa é a coragem, outra coisa são as múltiplas formas que a relembram e a fenomenologizam.

No Rio Grande – continua Floriano – há gente que ainda permanece na ilusão de que possuímos o monopólio da coragem e da ousadia do Brasil. Daí expressões como “centauro dos pampas”, “monarca das coxilhas”, “fazer uma gauchada”, etc.<sup>437</sup>

---

<sup>436</sup> OA3, p. 863. Acompanhar o debate sobre o gaúcho e suas verbalizações épicas que ocupa as páginas 860-865.

<sup>437</sup> OA3, p. 861. Nem todo o mito induz necessariamente à mistificação. Mas o cultivo de certos mitos pode ser ocasião de engano e de pouca abertura ao desenvolvimento quando neles se vê mais a roupagem do que a mensagem.



A coragem, a altivez e a audácia, estas, sim, devem permanecer. São valores mesmo que se modifiquem as palavras, ou os sinais, ou os símbolos que as transmitem. Unir, cimentar e cristalizar o significado num só sinal leva a regredir no tempo, leva a não se abrir aos tempos novos que apresentam novas formas de reviver as grandes vivências de significado de uma população. Este ponto de vista é novamente destacado por Floriano: “Queremos (...) fazer o gaúcho apear desse cavalo simbólico no qual está psicologicamente montado há mais de dois séculos.”<sup>438</sup>

“Há mais de dois séculos” indica que há uma permanência exagerada de conservação dum símbolo, enquanto ligado a um determinado conteúdo: “psicologicamente montado”. Mais fácil seria ou, talvez, até bom seria se o homem, na sua história, não precisasse mudar, que os símbolos e palavras, uma vez formados, sempre tivessem sua validade. Contudo, já que o devir é inevitável, é preciso cultivar o critério de não se apegar demasiadamente às expressões do passado, sob pena de parar no tempo e, ainda por cima, de esvaziar o genuíno conteúdo das expressões e dos símbolos. Surge, inevitavelmente, a pergunta: não será tal modo de ver e de agir um desprezo, uma destruição dos valores de um povo? Terêncio, em nome dos muitos, põe a questão:

É estranho que logo um escritor aí esteja a desprezar, a atacar os símbolos, as metáforas e os mitos. Como seria possível gerarem-se e manterem-se civilizações sem os símbolos? Como poderia o homem transmitir a cultura aos seus descendentes, através de séculos, sem os símbolos?<sup>439</sup>

A interrogação tem sentido se o enfraquecimento do símbolo vem trazer uma derrocada do significado do símbolo. O que Erico procura, no entanto, não é nem a destruição do símbolo e muito menos a destruição do significado do símbolo. O que se procura, com o fito de melhorar a própria ação na sociedade, é, isto sim, desfazer as amarras aprisionantes e cristalizadoras entre um símbolo e uma realidade. Diante de novas situações, um símbolo, petrificando um significado, ou um significado fossilizado por um símbolo, ambos não ajudam o homem a progredir desimpedidamente. Por isso, Floriano rebate: “O perigo

---

<sup>438</sup> OA3, p. 863.

<sup>439</sup> OA3, p. 862.



começa quando o povo toma ao pé da letra, como verdades absolutas, os símbolos e metáforas políticas e sociais engendradas com o interesse imediato de quem os emprega.”<sup>440</sup>

Um outro erro, em que pode incorrer aquele que se baseia em expressões consagradas, em frases feitas ou em formulação de símbolos como “verdades absolutas”, é o de não conhecer a face concreta e atual da realidade. “Existem gaúchos que não conseguem examinar o Rio Grande e sua gente objetivamente, quero dizer sem VERBALIZAÇÕES ÉPICAS.”<sup>441</sup>

A atitude criteriosa consiste em tentar, nos diversos momentos da ação, dar-se conta dos novos tempos e agir sem o atrelamento ao passado. Quanto ao passado especificamente, ater-se à consonância com os verdadeiros valores, conteúdos, vivências, significados, sem absolutizar as suas manifestações passageiras e circunstanciais.

### 5.3 TERCEIRO CRITÉRIO: DEFENDER A LIBERDADE

De tudo quanto já se afirmou sobre a liberdade, é fácil concluir agora que um dos critérios básicos de ação na sociedade é o valorizar, respeitar, defender e incrementar a liberdade de cada um. Qualquer atitude de compromisso social que se afasta deste critério fundamental não corresponde à natureza do homem, logo é fadada, dum lado, ao mandonismo e, de outro lado, à escravidão. Antes de salvaguardar e defender a liberdade quando atacada, é necessário apoiá-la e assumi-la ao irromper fortemente da própria constituição do ser humano. Conta EV que Rodrigo, antes de sua desfiguração, “(...) sentiu necessidade de encher a vida com algo de belo e grande.”<sup>442</sup>

---

<sup>440</sup> *Ibid.*, p. 862.

<sup>441</sup> *Ibid.*, p. 861. Nesta nota transcrevo mais uma parte do diálogo, cujo teor é fácil de perceber: Terêncio: “-É assustador! – exclama. Os senhores destroem tudo (...). Se nós, os gaúchos, jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra? Floriano: - Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que é nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade. Terêncio: - Mas o que é que o Senhor chama de REALIDADE? Floriano: - O que somos. O que temos. E não vejo porque isso deva ser necessariamente menos nobre, menos belo ou menos bom que essas fantasias saudosistas do gauchismo com que procuramos nos iludir e impressionar os outros”. (OA3, p. 863-864).

<sup>442</sup> OA2, p. 501.



Esta autoconsciência de poder ser o centro da escolha e da atuação de “algo belo e grande” deve receber clima propício para despertar e crescer. Sem perceber e sentir tal “necessidade” a pessoa dificilmente poderá preencher a vida de sentido e realização, dificilmente poderá exercer a sua liberdade, tantos são os empecilhos que tentam abafá-la. A liberdade a ser valorizada como critério de ação social inclui esta abertura a possibilidades novas, porque o homem, através de sua autoconsciência e autoposse, é um ser insatisfeito com as limitações do “já-realizado”, e é um ser em busca da ultrapassagem de seus limites. Quem não cultiva esta dimensão da liberdade na sua atuação social, facilmente declinará das qualidades fundamentais de ser livre para deixar-se dominar pela estagnação e pela monotonia. Tal senso de inutilidade é o primeiro passo para entregar-se na mão dos outros e repassar a própria identidade ao mando do grupo. Daí que o próprio Rodrigo, dentro da volubilidade humana, experimenta a desvalorização de si mesmo e de sua capacidade de ser livre. Ser livre, portanto, é antes de mais nada, conseguir dar o passo da indiferença em relação à vida. É aceitar a briga e assumir a peleia da existência. Sem este estado de espírito a pervagar e dirigir toda sua atuação, falta ao homem um critério imprescindível de compromisso social. Este critério, as mais das vezes, não é explicitado, mas sempre suposto, subjacente e atuante a toda a construtividade do homem na história. Sem este requisito acontece a retração:

Sua vida: - achava (Rodrigo) – esvaziara-se de todo o conteúdo. Não encontrava estímulo para nada (...) O que mais lhe entediava era a falta de imprevisto, a mediocridade daquela vidinha! (...) No fim de contas – concluía Rodrigo – a pessoa indispensável nesta casa não sou eu, mas Flora. Posso morrer sem fazer a menor falta.<sup>443</sup>

Tirante a grande dose de narcisismo, tirante ainda a comichão de belicosidade, que transparece no contexto desta frase, podemos, sem dúvida, colher a idéia de que conformar-se é a mesma coisa que retroceder e cair na mediocridade, no quietismo e na abulia. Passamos agora para a consideração de Floriano que vem manifestar o apreço de EV pelo critério do respeito à liberdade

---

<sup>443</sup> OA2, p. 440. O homem é um ser interessante: ele mesmo se ataca, ele mesmo se defende. Qual dos “dois” será mais forte? O atacante ou o defensor?



pessoal. Aferimos que no regime ideal para a sociedade, não pode faltar, de maneira nenhuma, a liberdade de cada um:

Florianópolis – Posso te adiantar que o regime ideal seria um socialismo humanista: o máximo de socialização com o máximo de liberdade individual. (...) Esse sistema deveria não só conseguir uma democracia social como também preservar a democracia política, sem o que terá destruído exatamente aquilo que todos nós queremos salvar: a liberdade, a identidade e a dignidade do homem.<sup>444</sup>

A palavra “liberdade” ocorre duas vezes quando Erico quer explicitar o sistema ideal para a sociedade. Concluímos, então, que seria um critério totalmente falso deixar de lado, ou mesmo deixar em segundo plano, a liberdade do homem. No entanto, como a liberdade não é completa sem o compromisso social, assim também o critério de valorizar sempre a liberdade não é completo sem a perspectiva do bem comum.

#### *5.4 QUARTO CRITÉRIO: SERVIR AO BEM COMUM*

O desenrolar dos feitos da história em “O Tempo e o Vento” testemunha o quanto a pessoa humana facilmente é levada a conceder privilégios a alguns, prerrogativas a outros e vantagens a determinados grupos. Com isto, muitos podem permanecer desfavorecidos ou até mesmo excluídos da consideração e dos direitos mais elementares. A confusão, as distorções, a ambigüidade e a anfibologia do indivíduo o arrastam, infelizmente, com maior probabilidade para a exploração do que para a justiça. É neste clima que EV volta a repisar no critério do bem comum sempre que alguém se disponha a fazer algo na construção do edifício social. Pareceria desnecessário lembrar, cada vez, que o critério do “bem ao alcance de todos” seja imprescindível. No entanto, é uma das insistências mais úteis visto que, por querer ou sem querer, o homem esquece ou não

---

<sup>444</sup> OA2, p. 600. Esta frase é tão importante que voltará a ser examinada para estabelecer os próximos critérios. Sobre o critério da liberdade e da decisão pessoal se manifestou o Concílio Ecumênico Vaticano II, na Declaração “Dignitatis humanae” concernente à liberdade religiosa. Na introdução lê-se: “Da dignidade da pessoa humana tornam-se os homens do nosso tempo sempre mais cômicos. Cresce o número dos que exigem que os homens em sua ação gozem e usem de seu próprio critério e de liberdade responsável, não se deixando mover por coação, mas guiando-se pela consciência do dever”. In: **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1982. n. 1533. p. 559.



consegue praticar o discernimento primário da proporção dignificante de igualdade de condições para todos.

O bem comum é, pois, o sinal concreto que permite reconhecer se a atuação social é apropriada, conveniente e justa. Quando o conjunto das condições sociais possibilita a realização de todos, é sinal de que a nascente de tais condições leva em conta a sensata perspicácia da satisfação do bem comum. Se a orientação da liberdade é o compromisso e se o compromisso não deve ser individualista, conclui-se que a única direção coerente do exercício da liberdade é o seu desdobramento numa criteriosa atmosfera de bem comum. As freqüentes invectivas verissianas contra as ditaduras de todos os matizes têm por base o critério de que o acesso aos bens deve ser igual para todos, o que as ditaduras com suas preferências, com suas discriminações e com sua concentração do poder não conseguem realizar. Na questão da Reforma Agrária, EV desmascara a acumulação de posse e a concentração de terras nas mãos de poucos. A denúncia e a sátira mordaz às atitudes avidamente concentradoras e elitistas brotam de uma concepção profundamente socializadora dos recursos de uma nação, isto é, brota da mentalidade de que as conquistas devem ser acessíveis à sociedade inteira<sup>445</sup>.

A repetida e “indesejável” presença dos bairros da miséria denota a preocupação de EV em trazer a público que o critério do bem comum não é considerado e não é obedecido pelos habitantes de Santa Fé. Indesejável é a presença da miséria em dois sentidos. Primeiro, em si mesma e por aqueles mesmos que a padecem. Segundo, é indesejável e indesejada porque vem incomodar, questionar a acomodação, o desinteresse em reformas estruturais por parte dos que podem exercer influência na organização e na construção da nova

---

<sup>445</sup> Note-se que Erico não é adepto do socialismo científico, o qual, para atingir o bem comum, estatiza todos os meios de produção. O bem comum é parâmetro permanente, mas há outras maneiras de concretizá-lo. Uma reeducação social e ética, dentro da democracia, aliada ao aperfeiçoamento das leis no sentido do humanismo: eis um caminho aberto para a sociedade. Não tratamos aqui de analisar os diferentes sistemas de governo ou de organização social, o que estaria mais à feição da Sociologia, e, mesmo sob o ângulo da Filosofia Política, alongaria demais nosso trabalho. Farto material neste sentido o leitor encontrará nos livros “O Tempo e o Vento”, “O Prisioneiro”, “O Senhor Embaixador” e “Incidente em Antares”, todos de Erico Verissimo e indicados na bibliografia. Nesta pesquisa, como é sabido, nos atemos à trilogia “O Tempo e o Vento”, analisamos o compromisso social como conteúdo, como decorrência, como complemento da liberdade madura e da decisão realista.



sociedade. Quando Rodrigo vai ver de perto a favela da Sibéria – havia morrido de frio uma criança – ele se deparou com o seguinte quadro:

Santo Deus! Ali estavam mulheres feias e entanguidas, muitas delas aleijadas e quase todas com grandes olhos de tísicas; homens guedelhudos, cujas barbas escuras e intensas faziam ressaltar a palidez doentia dos rostos (...) Crianças sem infância, com caras de fetos ou de bugios, outras de ventre intumescido pela opilação.<sup>446</sup>

Além de notar-se por esta descrição que Rodrigo examina a realidade como quem está fora dela, nota-se que a realidade também lhe atinge. Faz perceber que tal situação incrimina os “ricaços de Santa Fé”: “Mas qual! Viviam insensíveis às desgraças alheias, passavam sempre de largo por aquela miséria.”<sup>447</sup>

Mas Rodrigo, diante da situação conflitando com o seu egocentrismo, é tocado pela graça do critério do bem comum e nota que “(...) andava demasiadamente absorto na *fruição feliz de sua própria vida*, de seus prazeres e de seus êxitos.”<sup>448</sup>

Um egoísta não pode deixar de pensar e garantir primeiro o seu mundo, seu êxito, seu reino. Mas o advérbio de qualificação “demasiadamente” indica que tal fruição de si mesmo não é o último critério e nem o critério absoluto, isto porque o critério último e absoluto não pode ser “demasiado”. Logo, não sendo a “fruição absorvente de si mesmo” um critério absoluto de comportamento social, há que encontrar um outro critério. Este outro critério é o bem comum. Ainda mais. Se o critério, digamos assim, individualista pode ser julgado como “demasiado”, é sinal que o critério que o julga é superior, é mais importante, é mais conveniente para a sociedade. Conclui-se que o critério de salvar a liberdade pessoal só tem sentido quando correlacionado e orientado pelo critério do bem comum. O bem comum não tolhe os passos da liberdade como compromisso.

Licurgo já aprendia desde moço, certamente pela osmose do ambiente ao contentamento pela posse individual das coisas: “Licurgo sentia inflar-se-lhe o peito numa sensação de orgulhoso contentamento. Isso às vezes chegava a tirar-

---

<sup>446</sup> OR2, p. 379-380.

<sup>447</sup> *Ibid.*, p. 380.

<sup>448</sup> *Ibid.*, p. 379.



lhe o fôlego. Os MEUS campos, os MEUS peões, a MINHA cavahada, o MEU gado...”<sup>449</sup>

A partir desta experiência, constata-se que um povo acostumado a sentir-se feliz tão somente com o acúmulo dos domínios individuais (“MEUS...MEUS...MINHA”), dificilmente sentirá o regozijo da partilha e do bem comum. No “mundo novo” do Padre Alonzo, apesar dos erros da teocracia<sup>450</sup>, deverá vigorar o critério do bem comum, assim expresso: “Todas as criaturas tinham (teriam) direito a oportunidades iguais.”<sup>451</sup>

A oportunidade, por outro lado, deverá ser aproveitada. O desprezo à informação e participação tende a aumentar o “mal comum”.

Rodrigo – Estou aflito por saber o que está se passando por este mundo velho.

Maria Valéria – Por quê?

Rodrigo sorriu. Segundo a filosofia de sua madrinha ‘o mundo não é de nossa conta: que cada um cuide da sua vida e deixe a dos outros’.<sup>452</sup>

“Deixar a vida dos outros” no sentido que eles possam decidir e agir com liberdade, sim. Mas que todos possam agir desvinculados do compromisso social, não. Que alguns possam tomar decisões que digam respeito ao bem comum, que digam respeito à comunidade, sem consulta, sem conhecimento, sem canais de participação para os outros, é uma prática que logo ou aos poucos se desprenderá do critério de bem comum e cairá no sorvedouro pantagruélico da cobiça.

Resta-nos, ainda, retomar a frase já citada no critério anterior e examiná-la agora sob o prisma do bem comum. “Floriano: - Posso te adiantar que o regime ideal seria um socialismo humanista: o máximo de socialização com o máximo de liberdade individual.”<sup>453</sup>

A concretização da sociedade aqui descrita exige que a pessoa humana seja muito mais qualificada do que a atual. Ela consiste num modo de viver onde a liberdade individual seja um dos bens do bem comum. O bem, que é a liberdade, quando não é comum a todos, arrisca atropelar o compromisso. É o

---

<sup>449</sup> OC2, p. 502.

<sup>450</sup> Em parte analisados neste capítulo. Vide primeiro critério.

<sup>451</sup> OC1, p. 40.

<sup>452</sup> OR1, p. 197-198.

<sup>453</sup> OA2, p. 600.



que se verifica amplamente na ambigüidade atual que cerca o homem e suas vivências. Por isso o “socialismo humanista” exigiria uma reeducação. Seria um ser humano capaz de entretecer plenamente e harmonicamente a sua identidade livre com uma atuação social comprometida. Por isso Erico chama de “máximo”: “máximo de socialização com o máximo de liberdade individual”. Por isso, também, EV utiliza a palavra “com”. Poderia parecer que há um sem outro, mas na verdade não se completa o homem sem os critérios entrelaçados. A palavra “com” não se refere somente à socialização e à liberdade, ele se refere também à palavra “máximo”. Quer dizer que não há “máximo” de uma coisa quando não é acompanhado do “máximo” da outra. Não há o “máximo” de liberdade individual sem o “máximo” de socialização. Não há “máximo” de socialização se não há correlativamente o “máximo” de liberdade.

De todas estas colocações sobre o bem comum como critério para a atuação na coletividade, alguém poderia objetar que é muito vago; que cada um o explica segundo seus interesses; que é uma quimera irrealizável; que não adianta mencioná-lo, tantas são as pressões e tão fortes as violências por ele sofridas. A tudo isto podemos retrucar que, se existem tantas posições em torno deste critério, se existe tanta vontade de manobrá-lo, é nisto que se evidencia, ainda mais a sua basilar importância. Tendo presente o critério do bem comum, amplia-se o conceito de liberdade no sentido do compromisso social e amplia-se o bem comum incluindo nele a necessária participação livre. Mas, perguntamos ainda, na luta diária da vida, quando possa haver colisão entre dois critérios, qual deles é prioritário? Onde apelar para uma solução? *A dignidade do ser humano é causa e efeito da harmonia entre sua liberdade e sua participação social.* Assunto para o próximo critério.

##### 5.5 QUINTO CRITÉRIO: RESPEITAR E PROMOVER A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

As raízes mais profundas do ser humano precisam voltar sempre a recompor a sua dignidade, dadas as fugas, dados os limites, dadas as pressões que sempre acontecem.



A dignidade, então, é o estado em que o homem vive em maior grau a plenitude dos critérios da sua grandeza. É o princípio existencial básico e indestrutível que lhe confere o direito à realização pessoal. No primeiro sentido, diz-se que o homem pode perder a sua dignidade. No segundo sentido, o homem jamais a perde porque é dele mesmo em qualquer circunstância. A dignidade se posta assim como origem e como ápice duma atuação social adequada e lhe serve de ponto de aferição em todo o seu desdobramento.

Se o homem tem uma natureza tal que não consegue harmonizar a sua liberdade pessoal com o bem social, então o homem seria inviável, estaria sempre em conflito antinômico consigo mesmo e não acertar a sua vida sobre a terra. Se, pelo contrário, o homem através de sempre mais acurada qualificação humanista consegue esta harmonia, então sim, ele corresponde ao parâmetro de sua dignidade; será agente e ao mesmo tempo fruto duma atuação social condizente com a sua natureza. A dignidade pode-se comparar com um nó que entrelaça no mesmo ser sua vicejante liberdade e seu vigoroso compromisso com a sociedade. O protesto do padre Alonzo, diante dos termos do Tratado em Madrid, trocando os Sete Povos das Missões pela Colônia de Sacramento, tem como base a dignidade humana: “Por meio dum frio pedaço de papel. El Rei movia as trinta mil e tantas almas daquelas reduções como se elas fossem utensílios de pouco ou nenhum valor.”<sup>454</sup>

A comparação, ou no caso, a equiparação entre a pessoa humana (aqui chamada de “alma”) e um “utensílio” vem ferir a dignidade humana. O protesto a tal atitude revela que Alonzo tinha outro critério para solucionar aquele episódio. O texto revela que o ponto de referência para o Tratado de Madrid entre as Coroas de Espanha e Portugal está eivado de desrespeito à pessoa. Primeiro, emprega a expressão “movia” como se as pessoas fossem “móveis” de mero cuidado para o seu deslocamento espacial. Segundo, porque as medidas não

---

<sup>454</sup> OC1, p. 51. EV sempre reverbera contra o domínio do homem sobre o homem. Assim é apresentado Ricardo Amaral, o protótipo do prepotente: “chegou no cavalo alazão, muito teso, de cabeça erguida e um ar de monarca”. OC1, p. 136. O humanismo de EV, também por este ângulo, extrapola a simples esfera do humano como tal. Dentro do conceito verissiano de liberdade a condenação do domínio do homem sobre o homem é válida para todos, é permanente, é absoluta. Deste modo o respeito mútuo da dignidade do ser humano cai dentro duma lei *que não está à mercê do consenso dos homens e que não pode ser modificada por nenhum plebiscito*. Sendo assim, a afirmação universal e absoluta que o homem não deve dominar outro homem vem a exigir, pelo menos no seu bojo, a presença dum suporte absoluto para a liberdade e para a convivência do ser humano.



lhes favoreciam em nada, pelo contrário, os índios eram um campo de manobra para os interesses de outros grupos: “utensílios de pouco ou nenhum valor”. Eram como que instrumentos e meios para os interesses dos outros e para outros interesses.

Côncio de seu valor e de sua dignidade foi a atitude sobranceira de um dos negros durante a “festa” da Abolição da Escravatura no Sobrado:

Houve porém um deles, que entrou de cabeça erguida, olhou arrogante para os lados como num desafio, recebeu o título (de alforria) sem o menor gesto ou palavra de agradecimentos, fez meia volta e tornou a voltar para o quintal, impassível como um rei que acaba de receber a homenagem a que tem direito. Licurgo, acompanhou-o com o olhar furibundo. Era o João Batista!<sup>455</sup>

A comparação com um “rei” e a afirmação da “homenagem a que *tem direito*” sublinham que João Batista era bem consciente de sua dignidade e agia socialmente de acordo com ela. Talvez a maioria recebesse a manumissão como um fruto da “bondade” dos patrões. Segundo a visão social de João Batista, é preciso reverter esta idéia, por isso “recebeu o título *sem o menor gesto ou palavra de agradecimento*”. A atitude de João Batista teve logo a sua repercussão: “Licurgo acompanhou-o com o olhar furibundo”. Por que isso? Porque Licurgo não entendeu ou não quis entender o que o negro tinha entendido: a dignidade, que é de direito da pessoa humana, muitas vezes, em certa circunstâncias, deve ser mais conquistada do que agradecida. Ela não é favor nenhum de outro ser humano. Ela é co-natural a toda a criatura humana e deve ser sempre levada em máxima consideração em toda a atuação social.

A firme intransigência diante do desgaste corrosivo do homem é um alerta da dignidade. Quando Rodrigo voltou para Santa Fé, corrompido, na visão de muitos, pelos desmandos do poder, quem lhe resiste corajosamente é o próprio irmão, o aventureiro Toríbio.

Rodrigo – Às vezes um homem tem que transigir...

Toríbio – Eu sei. Transijo cem vezes por dia, com os outros e comigo mesmo, mas em pequenas coisas. Nunca transigi com a patifaria, com a opressão, com a ladroeira, com a mentira. Mas

---

<sup>455</sup> OC2, p. 630. Somente para registrar, relacionamos este João Batista, com Juca Cristo, o pobre que enfrenta Rodrigo. Será por mero acaso que EV lhes atribui nome parecido ao nome dos corajosos João Batista e Jesus Cristo?



pelo que vejo teu nariz já se acostumou com toda essa fedentina.<sup>456</sup>

A pessoa humana não pode deixar de levar em conta aquelas coisas que tocam de cheio a sua dignidade. A “patifaria”, a “opressão”, a “mentira” são atitudes que desservem à habilidade construtiva, porque não tomam em relevo a dignidade do homem, antes se prestam para o seu rebaixamento. O chamado à dignidade sempre latente, mesmo nos estados mais irreconhecíveis do ser humano, é expresso na tênue esperança de voltar atrás: “Mas pelo que vejo teu nariz já se acostumou com toda essa fedentina”. Aquele que está habituado a depor a sua dignidade, corre o risco de não perceber o perigo que o espreita. O risco de viver e de atuar sem critério. Nestes trechos de discussão sobre a era getuliana, os participantes indigitam a corrupção tanto de uns como de outros<sup>457</sup>. Palavras como tortura, suborno, empreguismo, nepotismo, omissão, desonestidade, banditismo, extorsão, panamás e negociatas são constantes das narrações dos eventos entre os homens. Uma frase daquele “hoje-em-dia”, que se repete no nosso hoje em dia: “Hoje em dia a palavra HONESTO tem entre nós um sentido pejorativo.”<sup>458</sup>

Depreende-se, então, que por falta de critérios surge a força da confusão. No apagamento da dignidade do ser humano tanto faz chamar o mal de bem e o bem de mal. Daí que “honesto tem sentido pejorativo”.

Neste exercício de bem ser e de bem operar, o homem não desejará cultivar um tipo de força que somente domina, nem almejará cultivar um tipo de bondade que mui docilmente seja dominada. Extraíndo alguns elementos que vão por conta do orgulho de Rodrigo – os pobres são objeto de altruísmo e benemerência dos grandes, o ditador enérgico e ao mesmo tempo bondoso será o “pai dos pobres” – há um exame interessante para o conhecimento da pessoa humana em relação ao critério da dignidade e consistência da própria identidade.

O tipo humano ideal, o supremo paradigma seria uma combinação de Napoleão Bonaparte e Abrão Lincoln. (...) O diabo é que *a bondade e a força* são atributos que raramente ou nunca se encontram reunidos numa mesma e única pessoa.<sup>459</sup>

---

<sup>456</sup> OA3, p. 823.

<sup>457</sup> Em especial em OA3, p. 730-745.

<sup>458</sup> OA3, p. 741.

<sup>459</sup> OR2, p. 312.



Deslocando – repito – esta observação para a direção das pessoas em geral, será útil focalizar as duas palavras: “bondade e força”. Na atuação social quem somente manifesta força tende a obumbrar a bondade e a perpetuar-se no mando. Quem, por outro lado, é um doce de bondade tende a desprezar toda a energia, tende a viver sem combatividade e até no passivismo. É pena que na maioria das pessoas tais “atributos raramente ou nunca se encontram reunidos”. Assim podemos entender a expressão “o diabo é que...”: é pena, infelizmente, é ruim que seja assim. Por outra: seria bom se fosse diferente, seria bom, estaria muito mais perto do “tipo humano ideal”, estaria muito mais identificado com o “supremo paradigma” se estas qualidades estivessem juntas na mesma e única pessoa. Seria bom se a pessoa tivesse uma forte bondade e uma bondade forte<sup>460</sup>. É neste contexto esperançoso do aperfeiçoamento do ser humano e da sociedade – apesar da ambigüidade – que retomamos a afirmação densa em que EV aponta para o critério unificador de todos os critérios: a dignidade humana.

Esse sistema (o socialismo humanista) deveria não só conseguir uma democracia social como também preservar a democracia política, sem o que terá destruído exatamente aquilo que todos queremos salvar: *a liberdade, a identidade e a dignidade do homem.*<sup>461</sup>

Embora a frase esteja no condicional “deveria”, não significa que a proposta seja fora de órbita, nem significa que seja inviável. Significa que ela ainda não é confirmada e dificilmente o será. O exercício para chegar à sua consecução será exatamente o de atentar para os critérios e ir assinalando os avanços. Se o homem, em qualquer modalidade de ginástica, não consegue mais superar as balizas, a melhor performance será obtida, não abaixando nem destruindo as balizas, mas aperfeiçoando o homem no seu aspecto físico. *Assim, na aferição do índice de qualidade do homem não se abaterão os critérios de seu desempenho, mas se reforçará toda a autoconsciência de sua dignidade para chegar à “performance” ideal.*

EV usa a expressão “salvar a dignidade” como que dando a entender que ela sofre ataques, injúrias e pressões. Estes ataques e pressões vão prejudicar

---

<sup>460</sup> Ser grande, imenso, sem ser dominador: eis um atributo para Deus. Deus é tão grande que não precisa dominar para demonstrar-se forte.

<sup>461</sup> OA2, p. 600. O compromisso social, como tal, já significa dignidade, porque desfaz o fatalismo e eleva o homem a construtor de sua história.



ou destruir, em última análise, o próprio homem: a “dignidade do homem”. É nisto, então, que o homem terá de estar atilado para o seu cuidado primeiro e para a sua tarefa essencial: pontualizar o seu caminho na vida pela referência à sua dignidade. Quem delude tal prazerosa vigilância está à mercê das flutuações e não tem por onde fundamentar as decisões de sua consciência. A dignidade, além do mais, é um critério válido para todos. Aí está o termo “todos”: “todos queremos salvar”. “Todos” significa também um apelo à unidade e a uma caminhada para construir o que é mais importante. Muito embora o próprio critério de dignidade assuma contornos diferentes, de acordo com a concepção que cada um tem de dignidade, mesmo assim, sempre apresentará algo em comum, sempre representará um esforço de superação das desavenças e um anseio de construção da paz.

Em longo debate, como quase sempre acontece numa “Reunião de Família”, são apresentadas atitudes em relação à dignidade humana no Brasil e, especialmente, nos regimes capitalista e comunista<sup>462</sup>. Uma tentativa de acordo vem, como sempre, de Floriano que retoma o critério da dignidade:

Atiramos contra o mesmo alvo – explica Floriano. – Só que de posições separadas e com frechas de cores diferentes (...) Mas, falando sério, me parece que a solução estará numa sociedade realmente baseada no princípio de que não há *nada mais importante que a criatura humana, a sua dignidade e o seu bem-estar*.<sup>463</sup>

O que importa, o que é “importante” é aquilo no qual se dá atenção ao realizar alguma coisa. “Nada mais é importante”: é aquilo que vai ser levado em conta em primeiro lugar e acima de tudo. Aí está a dignidade da criatura humana. EV nomeia aqui a importância da dignidade como “princípio”, o que é ainda mais básico do que critério, porque inspira toda a postura pela dignidade humana.

---

<sup>462</sup> OA1, p. 214-229.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 224. Sublinhando o critério básico da dignidade humana reportamo-nos ao discurso de EV na PUC, em 1956: “O escritor que agora vos fala coloca acima das conveniências político-partidárias, acima das doutrinas filosóficas, econômicas ou sociais, *a causa da dignidade do homem*, de seu direito a uma vida decente, produtiva e bela”. VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 4. v. 2. Será mera coincidência que as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006) indicam: promover a dignidade da pessoa, a construção da identidade pessoal e da liberdade autêntica? In: **Documento da CNBB**, n. 71. São Paulo: Paulinas, 2003. n. 64, p. 45.



A humana dignidade vem completar o elo de união entre a decisão e o compromisso; não pode ser esquecida nem diante da finalidade a conseguir, nem diante da situação a enfrentar. Partindo da dignidade, promovendo a dignidade, alcançando a dignidade, a liberdade do homem se afirma e se realiza. É aí, também, que as opções concretas encontram o seu habitat, sua seiva e seu sentido de existir.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos entrançar um encadeamento recapitulador que seja tanto lógico e temático como, principalmente, dinâmico e animador.

Em suma, como sente, como entende, como afirma EV a liberdade da pessoa humana?

- liberdade na sua *afirmação direta*: EV não deixa dúvidas quanto ao seu posicionamento de que a pessoa humana é livre, de que deve tratar-se e ser tratada como tal. A liberdade é uma experiência única e irredutível a qualquer outra realidade da vida.

- liberdade na sua *afirmação embutida*: o próprio fato, muitas vezes relembrado, de EV expor minuciosamente as fugas da decisão, as distorções e as pressões contra a liberdade evidencia que, no final de contas, a liberdade é uma prerrogativa essencial ao ser humano presente de modo obscuro em cada situação.

- liberdade na sua *afirmação contra o destino*: quem não guarda na lembrança as páginas vigorosas que contam a vitória de Ana Terra sobre a avassaladora tentação do destino fatalista? Assim a pessoa humana passa a estar consciente de sua historicidade e, através de sua liberdade, vai dar-se a conhecer, vai se manifestar não só por sua natureza, mas também por sua história.

- liberdade na *sensibilidade aos limites*: a dor, a angústia e a mágoa que o homem sente pungentemente ao perceber os seus limites de liberdade vêm a reforçar a idéia de quanto o homem aprecia esta mesma liberdade. A sensação dolorida de limite é, ao mesmo tempo, a afirmação da grandeza da liberdade como também o apelo de crescimento e de superação.

- liberdade na *afirmação do fundamento*: o homem verissiano sente como sua primeira identidade a enérgica liberdade. Entretanto, o homem sabe que a liberdade fundamental que ele vive não é, originariamente, projeto dele mesmo, mas provém de Outro. Deste modo, a liberdade do homem se baseia num fundamento-garante, que não a diminui, mas ainda a estabelece, acompanha e plenifica. O conceito de liberdade em EV tão somente se mantém de pé



admitindo como fundamento de sua origem, de seus apelos e de seu imperativo de responsabilidade, a presença de um Absoluto.

- liberdade na *afirmação dos valores*: não só na aparência das coisas, não na superfície dos acontecimentos, nem no capricho arbitrário do homem, encontra EV motivos suficientes de especificação da liberdade, mas nos valores basilares que, hermeneuticamente, vão sendo descobertos, refletidos e escolhidos, preenchendo, assim, com sentido a vida humana. A afirmação dos valores reconfirma a existência, o desempenho e o sentido da liberdade.

- liberdade na *afirmação do compromisso*: à primeira vista poderia parecer que EV no seu hino à liberdade quisesse entendê-la como que desprovida de toda a decisão definitiva, de todo o empenho e de todo o compromisso. Nada mais falso do que isso. Exatamente esta nossa tese clarificou este ponto apresentando o compromisso efetivo como o melhor fruto e o mais perfeito coroamento duma liberdade responsável e amadurecida.

Toda a afirmação vibrante e toda a compreensão conclusiva da liberdade em EV pode ser sintetizada segundo pontos interconexos e complementares:

- liberdade consiste na autoconsciência de *poder* realizar alguma coisa que se apresenta como possibilidade. Este é o princípio ontológico e fundante de toda a operação que culmine com a decisão da vontade.

- juntamente com o leque das possibilidades conscientes, a liberdade consiste na autoconsciência de *dever* assumir pessoalmente uma responsabilidade. A decisionalidade não é nem fria nem neutra diante das possibilidades e das propostas, de maneira que ela sente a inescapável dimensão *ética* do compromisso diante de si mesmo e diante da construção da nova sociedade.

- Não seria conveniente que a liberdade, com a responsabilidade que a envolve, fosse um peso chato e insuportável para o homem. Logo, a liberdade, na sua ideal maturação, consiste na autoconsciência de *estar e de ser feliz* em assumir o compromisso que se sabe poder e dever assumir. Esta é a dimensão letificante da liberdade. É aí que a mesma e única autoconsciência se constitui em ser pessoa, se alegra numa sadia auto-estima e se expande numa gratificante convivência de fraternidade.



## BIBLIOGRAFIA

### Obras de Erico Verissimo

A fonte básica da tese é a trilogia “O Tempo e o Vento” desdobrada em “O Continente” (OC1 e OC2), “O Retrato” (OR1 e OR2) e “O Arquipélago” (OA1 OA2 e OA3), conforme expusemos nas Abreviações.

### Outras obras:

VERISSIMO, Erico. **Fantoches**. Porto Alegre: Globo, 1932. (Há uma outra edição fac-similada, comemorando os 40 anos de atividade do autor de 1972).

\_\_\_\_\_. **Clarissa**. Porto Alegre: Globo, 1933.

\_\_\_\_\_. **Caminhos cruzados**. Porto Alegre: Globo, 1934.

\_\_\_\_\_. **Música ao longe**. São Paulo: Nacional, 1935.

\_\_\_\_\_. **A vida de Joana D´Arc**. Porto Alegre: Globo, 1935.

\_\_\_\_\_. **Um lugar ao sol**. Porto Alegre: Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. **Olhai os lírios do campo**. Porto Alegre: Globo, 1938.

\_\_\_\_\_. **Viagem à aurora do mundo**. Porto Alegre: Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. **Saga**. Porto Alegre: Globo, 1940.

\_\_\_\_\_. **Gato preto em campo de neve**. Porto Alegre: Globo, 1941.

\_\_\_\_\_. **As mãos de meu filho**. Rio de Janeiro: Meridiano, 1942.

\_\_\_\_\_. **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1943.

\_\_\_\_\_. **A volta do gato preto**. Porto Alegre: Globo, 1946.

\_\_\_\_\_. **O continente I e II**. Porto Alegre: Globo, 1949. 1 pt.

\_\_\_\_\_. **O retrato I e II**. Porto Alegre: Globo, 1951. 2 pt.



\_\_\_\_\_. **Noite**. Porto Alegre: Globo, 1954.

\_\_\_\_\_. **México**. Porto Alegre: Globo, 1957.

\_\_\_\_\_. **O ataque**. Porto Alegre: Globo, 1958.

\_\_\_\_\_. **O arquipélago I e II**. Porto Alegre: Globo, 1961.

\_\_\_\_\_. **O arquipélago III**. Porto Alegre: Globo, 1962. 3 pt.

\_\_\_\_\_. **O senhor embaixador**. Porto Alegre: Globo, 1964.

\_\_\_\_\_. **O escritor diante do espelho**: in ficção completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1968. v. 3.

\_\_\_\_\_. **O prisioneiro**. Porto Alegre: Globo, 1967.

\_\_\_\_\_. **Israel em abril**. Porto Alegre: Globo, 1969.

\_\_\_\_\_. **Incidente em Antares**. Porto Alegre: Globo, 1971.

\_\_\_\_\_. **Um Certo Capitão Rodrigo**. Henrique Bertaso. Porto Alegre: Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1973.

\_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta II**. Porto Alegre: Globo, 1976. (A segunda parte é obra póstuma, tendo sido organizada por Flávio Loureiro Chaves).

NB. Nesta indicação bibliográfica não apresentamos os textos que Erico Verissimo escreveu para as crianças, nem os artigos e contos para jornais e revistas. Bibliografia pormenorizada encontra-se em:

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo**: realismo e sociedade. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981. p. 129-151.

LIMA E SILVA, Márcia de. Erico Verissimo: (1905-1975). **Revista Travessia**, Florianópolis, n. 11, p. 105-136, 1985.

Para os interessados no estudo e na pesquisa sobre o imortal autor de “O Tempo e o Vento” indicamos o Acervo Literário de Erico Verissimo, dirigido pela doutora Maria da Glória Bordini, Porto Alegre.



## **Livros e comentários sobre Erico Verissimo\***

ABREU, Maria Isabel. **Projeção anglo-americana de Erico Verissimo**. Georgetown: Universidade de Georgetown, [s.d.].

ANDRADE, Jorge. A liberdade será sempre a minha causa. **Revista Realidade**, São Paulo, n. 71, fev. 1972.

BACELAR, Armando. Ideologia e realidade em Erico Verissimo. In: **Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. p. 543-551.

BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: LPM, 1995.

\_\_\_\_\_; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento**: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CHAGAS, Wilson. **Mundo velho sem porteira**. Porto Alegre: Movimento, 1985.

CHAVES, Flávio Loureiro. (Org.) **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Erico Verissimo**: realismo e sociedade. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

\_\_\_\_\_. **Erico Verissimo**: o escritor e seu tempo. Porto Alegre: Pallotti, 1996.

CONTO, Antônio Luiz de. Porque não creio! Erico Verissimo. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, n. 4, p. 12-19, ago. 1971.

DINIZ NETO, Rui. O encantado arquipélago. **Revista do Globo**, Porto Alegre, n. 806, out. 1961.

ERICO Verissimo e o seu amor pela liberdade. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 nov. 1975.

ERICO Verissimo: 40 anos depois. **Revista Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul. 1973.

ERICO Verissimo: 80 anos. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 65, set. 1986. (Número dedicado a Erico Verissimo).

---

\* Dentro da vasta bibliografia de comentários, sobretudo no campo da literatura, nos limitaremos a livros e revistas que mais se aproximam do nosso intuito e do nosso tema.



ERICO Verissimo: (1905-1975). **Revista Travessia**, Florianópolis, n. 11, jul./dez. 1985. (Número dedicado a Erico Verissimo).

ERICO Verissimo: ficção completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, p. 721-748. v. 5.

FERNANDES, Célio Marques. **Erico Verissimo: o grande escritor**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976.

FRESNOT, Daniel. **O pensamento político de Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GONÇALVES, Robson Pereira. (Org.) **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria/RS: UFSM, 2000.

GONZAGA, Sergius. Erico Verissimo. **Letras Rio-Grandenses**, Porto Alegre, n. 6, 1986.

HOHLFELDT, Antonio. **Erico Verissimo**. Porto Alegre: Tchê, 1984.

HUMANO: nunca demasiado humano. **Revista Banas**, São Paulo, n. 1115, 1975.

LITERATURA e sociedade na ficção de Erico Verissimo. **Revista Cultura**, Brasília, n. 18, jul./set. 1975.

LOPES, Edward; CAÑIZAL, Eduardo PEÑUELA. O realismo intra-histórico de O Tempo e o Vento. **Revista de Letras**, v. 12, 1969.

LORENZON, Algir. **História de um contador de estórias**. Porto Alegre: Assembléia do Rio Grande do Sul, 1976.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985. p. 134-181.

MARTINS, Wilson. **O modernismo**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 292-296. (A Literatura Brasileira, v. 4).

MEDINA, Cremilda de Araújo. A posse de um continente literário. **Revista do Globo**, Porto Alegre, n. 895, mar. 1965.

MOREIRA, Sérgio Alves. O tempo e o vento. **Revista Nacional de Cultura**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 119, nov./dez. 1956.

O TEMPO e o Vento: fim. **Revista Visão**, São Paulo, 27 jul. 1962.



PICCHIO, Luciana Stegagno. **La letteratura brasiliana**. Milano: Sansoni-Accademia, 1972.

POMPERMAYER, Malori J. **Erico Verissimo e o problema de Deus**. São Paulo: Loyola, 1972.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1974.

PY, Fernando. Erico Verissimo. **Revista Cadernos Brasileiros**, Rio de Janeiro, n. 49, 1968.

RIBEIRO, Leo Gilson. Um corajoso solo de dignidade. **Revista Veja**, São Paulo, n. 282, 30 out. 1974.

ROCHE, Jean. O tempo e o vento: obra-prima de Erico Verissimo. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 1964.

SALLES, David. O tempo e o espaço. **Revista Universitas**, Salvador, n. 15, dez. 1976.

SILVEIRA, Paulo de Castro. **O humanismo na obra de Erico Verissimo**. Maceió: Cores, [s.d.].

STRIEDER, Inácio. Deus e a religião nas obras de Erico Verissimo. **Revista Vozes**, Petrópolis, v. 59, n. 5, maio 1965.

STUDART, Heloneida. Erico Verissimo: um solo de liberdade. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1234, 13 dez. 1975.

UM Fantástico Verissimo. **Revista Visão**, São Paulo, 31 dez. 1971.

### **Dissertações sobre Erico Verissimo:**

#### ***De Licenciatura:***

SANTOS, Maria de Lourdes Henrique dos. **Em torno dos personagens de O Tempo e o Vento. Dissertação em Filosofia Românica**. Monografia (Faculdade de Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 1970.



***De Mestrado:***

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade.** Mestrado em Letras. Dissertação (Faculdade de Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1976.

FRESNOT, Daniel. **O aspecto político de Erico Verissimo.** Dissertação - Université de Paris III, 1975.

LUFT, Lia. **Clarissa: diacronia de um estilo.** Dissertação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1975.

***De Doutorado:***

OLLIVIER JR., Luis L. **Synchrony, amalgam and communion: Erico Verissimo's O Tempo e o Vento as a symbolic complex.** Tese – The New México University, Albuquerque, 1973.

PRADE, Helga. **O Continente de Erico Verissimo: uma análise contrastiva entre a língua portuguesa, alemã e inglesa.** Tese (Geistwissenschaftlichen Fakultät) - Universidade de Salzburg, Salzburg, 1979.

RUSSO, David T. **Erico Verissimo's two faces of life.** Tese – St. Louis University, St. Louis, 1968.